

Revista extensão

Pró-Reitoria de
Extensão

UF
B
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

22ª EDIÇÃO VOL1
JULHO DE 2022

dossiê



CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: diretrizes, metodologias e experiências

Entrevista com a
Professora Dr^a Olgamir
Ferreira, presidente do
FORPROEX e decana de
extensão da UnB, sobre a
curricularização da
extensão

PÁG. 09

Educação popular, ciências
humanas e o trabalho de
extensão com agentes de
movimentos sociais, um
projeto desenvolvido na
Universidade Federal
da Bahia

PÁG. 78

Extensão universitária em
Comunidade Indígena:
diálogos e saberes
ancestrais, um relato de
experiências em tempo de
pandemia,
Manaus-Amazonas

PÁG. 135

Revista Extensão. 22ª edição, vol. 1 (julho, 2022) - Cruz das Almas, BA:
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão, 2022
Semestral

ISSN: 2236-6784

e-ISSN: 2764-5878

1. Extensão Universitária - Periódicos. I. Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão.

CDD 378.81

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que
sejam citadas as fontes.

Allows reproduction in published information, provided that
sources are cited.

Pede-se permuta./ We ask for exchange.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

RUA RUI BARBOSA, 710, CENTRO, CRUZ DAS ALMAS - 44.380-000, BAHIA, BRASIL

REITOR

Fábio Josué Souza dos Santos

VICE-REITOR

José Pereira Mascarenhas Bisneto

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Tatiana Ribeiro Velloso

COORDENADORIA DE CULTURA E UNIVERSIDADE (CCU)

Paula Alice Baptista Borges

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E AÇÕES COMUNITÁRIAS (NUEDAC)

Daiane Loreto de Vargas

Tábata Figueiredo Dourado

Míriam da Silva Ferreira

EDITORAS-CHEFES

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)

Paula Alice Baptista Borges, Dra. (UFRB)

EDITORA EXECUTIVA

Míriam da Silva Ferreira (UFRB)

COMITÊ EXECUTIVO

Daniele Pereira Canedo, Dra. (UFRB)

Míriam da Silva Ferreira, Esp.(UFRB)

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

Sergio Luiz Bragatto Boss, Dr. (UFRB)

Daiane Loreto de Vargas, Dra. (UFRB)

Maria da Conceicao de Menezes Soglia, Dra. (UFRB)

Paula Alice Baptista Borges, Dra. (UFRB)

Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins, Dra. (UFRB)

ESTAGIÁRIA

Jessica Duart da Silva, discente do CETEC/UFRB. (NUEDAC/UFRB)

CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Tatiana Ribeiro Velloso, Dra. (UFRB/Brasil)
Ana Rita Santiago, Dra. (UFRB/Brasil)
Custódia Martins, Dra. (UMINHO/Portugal)
Juan A. C. Rodriguez, Dr. (UACH/México)
José Alberto Pereira, Dr. (IPB/Portugal)
Odette González Aportela, Dra. (UH/Cuba)

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Sandrine Souza, Ma. (UFRB)

EDITORAÇÃO E CAPA

Míriam da Silva Ferreira, Esp. (UFRB)

PROJETO GRÁFICO

Renata Machado Gomes, Esp. (ASCOM/UFRB)

EDITORES/REVISORES DE TEXTO

Claudia Feio da Maia Lima, Dra. (UFRB)
Lélia Maria Sampaio Santana, Ma. (UFRB)
Rafael dos Reis Ferreira, Dr. (UFRB)
Rogelma Maria da Silva Ferreira, Dra. (UFRB)
Solange Maria Soares de Almeida, Dra. (UFC)

AVALIADORES AD HOC DA 22ª EDIÇÃO, ANO 2022.1

Adriana Barni Truccolo (UERGS/RS)
Aisiane Cedraz Moraes (UEFS/BA)
Alexsandro da Silva Marques (UFBA/BA)
Álvaro de Souza Maiotti (UFABC/SP)
Ana Paula Tatagiba Barbosa (UERJ/RJ)
Anderson Cezar Lobato (UFMG/MG)
Antonio Carlos Duarte Ricciotti (UNIR/RO)
Antonio Jeovane da Silva Ferreira (UNILAB/CE)
Antonioni Afonso (UFBA/BA)
Caio César Costa Santos (UFS/SE)
Carla Alves Barbosa (UFRB/BA)
Carla Salomé Margarida de Souza (UFG/GO)
Christiane Andrade Regis Tavares (UNEB/BA)
Clotilde Assis Oliveira (UFRB/BA)
Daiani Ludmila Barth (UNIR/RO)
Diego Fernandes Coelho Nunes (IFBA/BA)

Dijane dos Santos Ferreira (UFSC/SC)
Eduardo Reis Dourado (UFBA/BA)
Eleonice de Fátima Dal Magro (UNIR/RO)
Eliane dos Santos Almeida (UNB/DF)
Ewerton Batista Duarte (PUC/SP)
Fabia Faria da Silva (UFU/MG)
Fabiana Santos Costa (UNISANTOS/SP)
Fábio Junio da Silva Santos (USP/SP)
Fabio Paiva de Souza (UFRJ/RJ)
Fabrício Tonetto Londero (UFN/RS)
Francieli Tozatti Ficagna (UFSC/SC)
Francisca Moraes da Silveira (UFPA/PA)
Gabriela Cunha Corrêa Freitas de Oliveira (UFSJ/MG)
Graciliana Garcia Leite (UFSCAR/SP)
Guilherme de Andrade Ruela (UFJF/MG)
Helena Moraes Cortes (UFRB/BA)
Henrique Luis da Silva Santos (UESB/BA)
Ilda Cristiana Lima de Sousa (U.Porto/Portugal)
Isabela Fernanda Azevedo Silveira (UFBA/BA)
Izaquiel Arruda Siqueira (UFPE/PE)
Izolda Maria Batista (PUC/SP)
Jasilaine Andrade Passos (UFBA/BA)
Jefferson Duarte Brandão (UFRB/BA)
Jose Arikapú Junior (UNIR/RO)
Josefa Eugênia Tenorio Tavares (UNIVASF/PE)
Juliana de Oliveira Ramadas Rodrigues (CEFET/RJ)
Jussara Linhares Granemann (UCDB/MS)
Karine Franklin Assis (UFMG/MG)
Kelly Cristina Atalaia da Silva (UFRB/BA)
Lara Toledo Cordeiro Ottoni (UFBA/BA)
Luciana Canário Mendes (IFNMG/MG)
Luzinete de Souza Oliveira (IFES/ES)
Mailson Santos Pereira (UNEB/BA)
Marcelo da Cunha Matos (UFRJ/RJ)
Márcia Farsura de Oliveira (PUC-MG)
Marcos de Souza Machado (UFBA/BA)
Maria Adriana Skeff de Paula Miranda (UFRJ/RJ)
Maria da Conceição de Menezes Soglia (UFRB/BA)
Michell Pedruzzi Mendes Araújo (UFG/GO)
Miria Alves da Silva (UFBA/BA)
Oniye Nashara Siqueira (UNAERP/SP)

Patricia Lima Pereira Peres (UERJ/RJ)
Patrícia Modesto da Silva (FEEVALE/RS)
Patrícia Pizzigatti Klein (UFRJ/RJ)
Paula Magda da Silva Roma (IFSULDEMINAS/MG)
Paulo Roberto Ribeiro Morais (IFBA/BA)
Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto (UNIFA/RJ)
Ramon Pereira Lopes (UFRB/BA)
Rita de Cassia Dias Pereira de Jesus (UFRB/BA)
Rodrigo da Silva Lucena (UFBA/BA)
Sara Jane Cerqueira Bezerra (UNEAL/AL)
Sônia Maria Oliveira Cavalcanti Marinho (UFRB/BA)
Tatyanne Maria Pereira de Oliveira (UFPI/PI)
Teófanos de Assis Santos (UFBA/BA)
Tiago Oliveira Motta (UFRB/BA)
Valéria dos Santos Nascimento (IF Baiano/BA)
Vandeilton Trindade Santana (UNEB/BA)
Wendry Maria Paixao Pereira (UNITAU/SP)
Yasmin Saba de Almeida (UFRGS/RG)

ÍNDICE

- 09** EDITORIAL POR TATIANA VELLOSO
- 10** ENTREVISTA: EXTENSÃO PASSA A SER OBRIGATÓRIA NOS CURRÍCULOS DE GRADUAÇÃO EM 2023

DOSSIÊ CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: DIRETRIZES, METODOLOGIAS E EXPERIÊNCIAS

- 17** INSERÇÃO CURRICULAR DA EXTENSÃO: RELATO DA CÂMARA DE EXTENSÃO DO CCJE/UFRJ & O CASE DE DISCIPLINAS MISTAS DE ENSINO-PESQUISA E EXTENSÃO
- 23** CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM UMA UNIVERSIDADE INTERIORIZADA E INTERNACIONALIZADA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS INSTITUCIONAIS
- 32** OFICINAS TEMÁTICAS DE CIÊNCIAS COMO ESPAÇO PARA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA

ARTIGOS

- 46** REPENSANDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CAMPO DE PÚBLICAS A PARTIR DE UM CENÁRIO DE ISOLAMENTO SOCIAL: O CASO DO PRINAGEM MODALIDADE REMOTA EM LUMINÁRIAS-MG
- 60** ESCORPIONISMO NO MUNICÍPIO DE CRUZ DAS ALMAS- BAHIA: ESTRATÉGIAS E AÇÕES NA FORMAÇÃO DE AGENTES MULTIPLICADORES
- 70** EDUCAÇÃO POPULAR: SAÚDE E CIDADANIA EM TEMPOS DE PANDEMIA – PROJETO VIDA E SAÚDE
- 78** EDUCAÇÃO POPULAR, CIÊNCIAS HUMANAS E O TRABALHO DE EXTENSÃO COM AGENTES DE MOVIMENTOS SOCIAIS
- 91** RESGATE VIRTUAL - ROBÓTICA EM AMBIENTE SIMULADO

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

- 99** CONTOS, CAUSOS, HISTÓRIAS... ENCANTAMENTO DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO
- 108** GRUPO DE APOIO PSICOSSOCIAL À PESSOAS TRANS NA PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE AJUDA MÚTUA
- 115** I BALCÃO DE ORIENTAÇÃO JURÍDICA: JUSTIÇA SOCIAL E CIDADANIA EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS, BAHIA

- 122** A (RE)SIGNIFICAÇÃO DAS AÇÕES EXTENSIONISTAS NO CAMPO DA ALIMENTAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE DOIS PROJETOS DE EXTENSÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19
- 129** REFLEXÕES SOBRE SEGURANÇA PÚBLICA E CORPOS NEGROS: QUANDO UM CORPO NEGRO TOMBA, NÓS TOMBAMOS JUNTOS
- 135** EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM COMUNIDADE INDÍGENA: DIÁLOGOS E SABERES ANCESTRAIS, UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM TEMPO DE PANDEMIA, MANAUS- AMAZONAS
- 142** LIGA ACADÊMICA DE ANÁLISE DE DADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS - LAADCS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
- 150** CICLO DE LEITURA "LEIA PARA VIVER!" (2021)
- 157** SOLIDÃO, ESTRATÉGIAS DE CUIDADO À SAÚDE DO IDOSO E O ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL EM TEMPOS DE PANDEMIA

EDITORIAL

A Revista EXTENSÃO da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em julho de 2022, lança a 22ª edição com o *Dossiê Curricularização da Extensão: Diretrizes, Metodologias e Experiências*. Essa edição traz reflexões sobre a inserção da Extensão nos currículos, de acordo com a Meta 12.7, do Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024), que articula Programas e Projetos de Extensão universitária nas áreas de grande pertinência social nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação.

Essas reflexões estão presentes na entrevista com Olgamir Ferreira Amâncio, Decana de Extensão da UnB, Presidenta do FORPROEX Nacional e Coordenadora do COEX/ANDIFES (2021/2022), nos relatos de experiências da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no contexto de uma universidade interiorizada e internacionalizada, e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na relação com a Câmara de Extensão e no caso de disciplinas Ensino – Pesquisa e Extensão; e do artigo da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) que discute as oficinas temáticas de ciências na formação inicial de professores de Química.

A inserção da Extensão nos currículos dos cursos de graduação possibilita a formação por meio do diálogo entre a universidade e outros setores da sociedade, na produção de conhecimentos indissociáveis com o Ensino e sua relação com a Pesquisa e com as Políticas Afirmativas. Essa formação tem implicação em contribuir com o cumprimento da missão da universidade de enfrentamento de desafios das questões sociais, através do respeito à diversidade de saberes e de culturas nos processos educativos, científicos, artísticos, culturais e tecnológicos.

Os artigos que estão nessa edição apresentam as diretrizes da Extensão Universitária, em sete áreas temáticas: a interação dialógica; a interdisciplinaridade e interprofissionalidade; a indissociabilidade entre a Extensão, o Ensino, a Pesquisa e as Ações Afirmativas; impacto na formação acadêmica; e impacto na transformação social.

Na linha temática da Educação, são quatro artigos que tratam da extensão universitária no cenário de isolamento social; na relação com os agentes de movimentos sociais; no encantamento da oralidade dos contos, causos e histórias geracionais e nas ações de uma Liga Acadêmica. Ainda na Educação, em interface com a linha temática de Tecnologia e Produção, apresenta-se a Robótica em ambiente simulado.

Na linha temática da Saúde, são quatro artigos que se destacam com experiências da extensão universitária na excepcionalidade da pandemia da COVID-19; de reafirmação da importância da Ciência e da Tecnologia e da promoção do bem-estar psíquico, social e físico de preservação das pessoas e da vida. Tratam de experiências da educação popular em tempos de pandemia, de um grupo de apoio psicossocial que promove ajuda mútua na transpandemia, de estratégias de cuidado à saúde do idoso e da (re)significação no campo da alimentação infantil. Na interface da Saúde com a linha temática de Trabalho, um relato de experiência em tempos de pandemia, de um povo indígena de Manaus – Amazonas a partir de diálogos e de saberes ancestrais.

E nas linhas temáticas de Trabalho, Direitos Humanos e Justiça e Arte e Cultura, respectivamente, com as experiências das estratégias na formação de agentes multiplicadores em Cruz das Almas – BA, mediante ao “escorpionismo”; do Balcão de Orientação Jurídica, em Santo Antônio de Jesus – BA e das reflexões sobre segurança pública e corpos negros e do Ciclo de Leitura.

Uma edição que apresenta experiências das ações de extensão universitária que expressam diversidades e riquezas. Essas experiências garantem a presença da universidade nos territórios de maneira dialógica, na concepção da educação emancipadora, base essencial para a implementação da Curricularização da Extensão. Assim, a inserção da Extensão nos currículos dos cursos de graduação, possibilita o processo formativo na relação entre saberes que contribuam com a construção de conhecimentos implicados com a realidade, a partir de metodologias participativas e de compromissos éticos, em Defesa da Democracia e da Justiça Social.

Em sua trajetória, a Revista EXTENSÃO tem se constituído em um espaço que contribui para a formação acadêmica, a partir da relação da universidade com outros setores da sociedade, reafirmando a importância da Educação Crítica, da Universidade Pública, do Sistema Único de Saúde (nosso tesouro), da Ciência e da Tecnologia em defesa incondicional da vida! Traduz nossas Esperanças por melhores dias!

Excelente Leitura!

Tatiana Velloso

Pró-Reitora de Extensão da UFRB



Professora Dr^a Olgamir Amancia Ferreira, presidente do FORPROEX e decana de extensão da UnB.

ENTREVISTA

EXTENSÃO PASSA A SER OBRIGATÓRIA NOS CURRÍCULOS DE GRADUAÇÃO EM 2023

Por Sandrine Souza

Em cumprimento ao Plano Nacional de Educação - PNE (2014-2024), as universidades públicas e privadas devem destinar, no mínimo, 10% do total da carga horária do currículo da graduação para atividades de extensão. O prazo para reformulação do currículo se encerra em dezembro deste ano.

A curricularização da extensão tem natureza política, cultural, científica e interdisciplinar, orientada para a democratização da universidade a partir da reforma dos currículos de graduação. Neste processo, cabe a cada universidade, na relação com os seus territórios identitários, construir o percurso institucional para incluir a extensão no currículo, levando em conta as especificidades das áreas de conhecimento.

Na prática, a partir da curricularização da extensão, os(as) estudantes universitários de qualquer curso vão experimentar vivências em comunidades, convivendo com demandas reais da sociedade no seu percurso formativo. A extensão deixa de ter caráter complementar e passa a integrar a formação universitária, como o ensino e a pesquisa. O objetivo desta mudança é garantir uma formação universitária mais cidadã, ética e solidária, respaldada no tripé constitucional: ensino-pesquisa-extensão.

A extensão universitária prevê a produção de conhecimento engajado e comprometido com a transformação social, dentro de uma dinâmica de relacionamento dialógico com as demandas da sociedade. A partir da extensão, as universidades cumprem, de fato, a sua função social.

Para falar sobre os desafios e possibilidades da implementação da extensão nos currículos de graduação, a Revista Extensão convidou a Profa. Dr^a Olgamir Amancia Ferreira. Presidenta do Fórum de Pró-Reitores de Extensão, Decana de Extensão da UNB, coordenadora do COEX/ANDIFES, e extensionista há mais de 15 anos, a professora Olgamir Amancia fala dos indicadores para avaliação da curricularização e destaca a necessidade de uma política de estado para financiamento da implementação da extensão no currículo.

Confira a entrevista!

"A convivialidade com outros setores da sociedade permitem o conhecimento da cultura e a produção de conhecimento engajado, vinculado à realidade, ou seja, oportuniza que a instituição universitária cumpra a sua função social. "

Revista Extensão - Professora Olgamir, compartilha com a Revista Extensão como tem sido a sua trajetória na extensão universitária.

Professora Olgamir - Como professora da educação superior, atuo como coordenadora de projetos de extensão há mais de 15 anos, com os temas de educação ambiental e direitos humanos. Sempre defendi a formação integral dos sujeitos, a formação crítica e transformadora voltada para a emancipação humana. Nesse sentido, uma formação acadêmica interessada, vinculada às demandas da sociedade, pautada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Não há como realizar esse processo formativo sem a extensão. Em 2016, assumi, na Universidade de Brasília, a tarefa de gerir a extensão, no cargo de Decana de Extensão da UNB, que é o mesmo que Pro-reitora em outras universidades, tornei-me então, membro do Forproex. Em 2018, fui eleita coordenadora da região Centro Oeste e passei a compor a coordenação nacional do Fórum. Ainda nesse período, representando a UNB, passei a compor a Comissão Permanente de Extensão da Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM). Em 2019, fui eleita vice presidenta do Forproex e assumi também a coordenação do COEX/Andifes. Em 2020, fui eleita presidenta do Forproex, tarefa que assumo até o momento, assim como continuo coordenando o COEX/Andifes.

Revista Extensão - O que demarca a extensão universitária? E qual a importância da relação da universidade com outros setores da sociedade?

Professora Olgamir - O que demarca a extensão é a dialogicidade, a interação para além dos limites da universidade reconhecendo que há outras formas de conhecer e que a interação entre conhecimento científico e populares, com envolvimento concreto de estudantes com grupos populacionais diversos, possui caráter transformador, impacta a sociedade externa e interna à universidade. Outra característica fundamental é o potencial de ruptura da extensão em relação ao modelo fragmentado, não dialético, tão presente nas instituições de educação superior. A convivialidade com outros setores da sociedade permitem o conhecimento da cultura e a produção de conhecimento engajado, vinculado à realidade, ou seja, oportuniza que a instituição universitária cumpra a sua função social.

"A curricularização da extensão ou inserção curricular da extensão é um processo Acadêmico, de natureza política, cultural, científico e interdisciplinar que objetiva a democratização da universidade."

Revista Extensão - O que é a curricularização da extensão? E de que maneira possibilita o cumprimento da missão institucional da universidade?

Professora Olgamir - A curricularização da extensão ou inserção curricular da extensão é um processo Acadêmico, de natureza política, cultural, científico e interdisciplinar que objetiva a democratização da universidade. Persegue a construção de um novo lugar da educa-

ção superior, tornando-a comprometida com um projeto de desenvolvimento inclusivo para o país. Efetivamente implica na ruptura com a fragmentação, com o modelo catedrático, autoritário, verticalizado e consolida a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

"...fazer com que a universidade se aproprie da epistemologia sobre extensão desenvolvida nestes mais de 30 anos pelo Forproex, é o grande desafio no atual contexto."

Revista Extensão - É perceptível que a comunidade acadêmica ainda tem dúvidas sobre o que é extensão universitária e suas diretrizes. Isso pode impactar na inserção da extensão nos currículos?

Professora Olgamir - Certamente que há ainda muitas dúvidas sobre o que concebemos como extensão universitária, até porque antes da concepção dialógica em vigor prevaleceu concepções pautadas na relação unilateral universidade-sociedade. Concepções que entendiam que o conhecimento válido é o produzido pela academia e que cabia a esse espaço do saber definir o que produzir e aplicar o resultado unilateralmente para os grupos populacionais em diferentes territórios. Sem conhecer os fundamentos e as diretrizes da concepção dialógica de extensão, que permeiam a política nacional de extensão e que é a base para a resolução 7, do PNE(2018), corremos um sério risco de continuar atuando de forma fragmentada e nos orientando por concepções de extensão de caráter mercantil ou assistencialista, que estão longe de se constituírem como atividade acadêmica. Penso que para a implantação da inserção curricular da extensão, superar essas incompreensões que

limitam e desqualificam a extensão e a remetem a "qualquer coisa" que se faça e que não se encaixa na caixinha do ensino ou da pesquisa, é determinante. Reconhecê-la como dimensão acadêmica imprescindível à qualificação profissional, conhecer os fundamentos que a caracterizam tais como a dialogicidade, a interdisciplinaridade, a interação transformadora com os sujeitos internos e externos à universidade reconhecendo-os como produtores de conhecimentos e a indissociabilidade extensão, ensino e pesquisa. Ou seja, fazer com que a universidade se aproprie da epistemologia sobre extensão desenvolvida nestes mais de 30 anos pelo Forproex, é o grande desafio no atual contexto.

Revista Extensão - Quais são os caminhos percorridos, na reformulação dos PPCs, pelas Instituições de Ensino Superior para inserir a extensão no currículo?

Professora Olgamir - Não há um caminho único, porque cada universidade possui características próprias e, sustentadas em sua autonomia, forjam o seu projeto de desenvolvimento institucional que é base para a proposta de inserção curricular da extensão, assim como os fundamentos e diretrizes da extensão. Mas, em geral, as instituições procuram trabalhar de forma articulada com os demais setores da universidade, por meio de comissões e construção de planejamento com a efetiva participação da comunidade acadêmica. As normativas de caráter conceitual e de orientações político-pedagógicas, assim como as de caráter operacional (aplicação e adequação aos sistemas de gestão), são construídas e acompanhadas por comissões conjuntas do ensino de graduação e da extensão, com largo apoio da pesquisa. Isso expressa o entendimento que esta é uma tarefa de toda a universidade, pois este processo implicará em transformações estruturantes, ou seja, na mudança de paradigma de universidade.

Revista Extensão - O FORPROEX possui indicadores para avaliar os impactos da política de curricularização da extensão?

Professora Olgamir - Sim, o Forproex tem estudos bastante aprofundados sobre a avaliação da extensão. A partir da criação do Fórum em 1987, iniciam-se as reflexões sobre a extensão e a necessidade de se criar processos avaliativos capazes de apreender a complexidade dessas atividades, que não podem ser reduzidos a indicadores de ordem meramente quantitativa. Em 1999, foi criado um GT, posteriormente transformado em Comissão Permanente de Avaliação, que promoveu, a partir de amplo debate e das experiências desenvolvidas nas diferentes instituições, a sistematização de 58 indicadores de avaliação, que foram posteriormente melhor qualificados e reduzidos a 52. Estes indicadores foram organizados em 5 dimensões, quais sejam: política de gestão; infraestrutura; plano Acadêmico; relação universidade e sociedade e produção acadêmica. Em 2019, na expectativa de assegurar uma leitura mais aproximada da extensão no território nacional, após amplo debate dos pro-reitores e pro-reitoras de extensão, deliberou-se por priorizar 15 entre os 52 indicadores que compunham o banco de dados. Em 2020, o diálogo sobre os indicadores se intensificou, passando a compor também as discussões com o Tribunal de Contas da União (TCU) no âmbito dos estudos feitos pelo Tribunal para avaliação de gestão e desempenho das IFES. Nesse contexto, tendo o COEX/Andifes, como porta-voz dessa interlocução com o TCU, o Forproex apresentou os 15 indicadores priorizados anteriormente. Em decorrência desse processo, aprovou a indicação de 5 destes 15 indicadores, que passaram a ser referência prioritária para avaliação da extensão nas universidades da base do Fórum. O esforço em construir indicadores próprios, assim como o diálogo em diferentes esferas certamente repercutiu sobre a recente deci-

são do TCU, expressa no Acórdão n. 461, publicado em 9 de março/22, no qual 08 (oito) dos 15 indicadores apresentados pelo Fórum foram acolhidos no texto como referenciais para a avaliação de desempenho e gestão das Universidades Federais.

"Não há um caminho único, porque cada universidade possui características próprias e, sustentadas em sua autonomia, forjam o seu projeto de desenvolvimento institucional [...] é uma tarefa de toda a universidade, pois este processo implicará em transformações estruturantes, ou seja, na mudança de paradigma de universidade."

Revista Extensão - Muitas ações de extensão demandam investimento financeiro em atividades, deslocamentos, aquisições de materiais. Há alguma previsão de fomento para as ações de extensão curricularizadas?

Professora Olgamir - Com a inserção curricular da extensão, esta atividade finalística, conforme definido pela Lei 9394/96 (LDB), assume centralidade, deixa de ser atividade opcional, de alguns poucos, e torna-se atividade obrigatória na educação superior em pelo menos 10% do currículo dos cursos de graduação. Nessa perspectiva, a partir de 2023, conforme define a Resolução 7, CNE todo estudante que ingressar na educação superior em algum momento de sua trajetória acadêmica terá que fazer atividade de extensão em pelo menos 10% dos componentes curriculares de seu curso, isso implica no necessário financiamento, não por meio de editais que estimulam concorrên-

cia, contempla uns em detrimento de outros, mas por uma política de estado. Nesse sentido, o Forproex tem entabulado discussões com a Andifes, por meio do Colégio de Extensão da Andifes (COEX), com a Abruem e com o MEC, por meio da Secretaria de Educação Superior (SESU), na expectativa de assegurar o financiamento da extensão. Essa é a ação prioritária em relação ao financiamento, mas, paralelamente, outras iniciativas têm sido tomadas como o diálogo com as Fundações de Amparo à Pesquisa em diferentes localidades, mostrando a potencialidade da extensão na organização da pesquisa, o que tem oportunizado o surgimento de diferentes editais por meio destas instituições.

"...implica no necessário financiamento, não por meio de editais que estimulam concorrência, contempla uns em detrimento de outros, mas por uma política de estado."

"Como professora da educação superior, atuo como coordenadora de projetos de extensão há mais de 15 anos, com os temas de educação ambiental e direitos humanos. Sempre defendi a formação integral dos sujeitos, a formação crítica e transformadora voltada para a emancipação humana."





Capa: Míriam Ferreira | Foto: freepik

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: DIRETRIZES, METODOLOGIAS E EXPERIÊNCIAS

INSERÇÃO CURRICULAR DA EXTENSÃO: RELATO DA CÂMARA DE EXTENSÃO DO CCJE/UFRJ & O CASE DE DISCIPLINAS MISTAS DE ENSINO-PESQUISA E EXTENSÃO

EXTENSION CURRICULUM INSERTION: A BRIEF REPORT OF THE EXTENSION CHAMBER OF CCJE/UFRJ & THE CASE OF THE GPDES

Renata Bastos da Silva

Doutora pela Universidade de São Paulo (USP), professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, renatabastos@ippur.ufrj.br

Sandra Becker

Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) do Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID), smbtav@gmail.com

RESUMO

O relato diz respeito à criação de disciplinas mistas de ensino-pesquisa e extensão, para graduandos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Como exemplo, as autoras apresentam um *Case*, relacionando as instâncias administrativas, normatizações e os processos didático-pedagógicos envolvidos para implantar, no curso de graduação em Curso de Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social – GPDES, uma disciplina mista intitulada Introdução à Pesquisa e Extensão. Bem como, salientamos a criação da Câmara de Extensão no âmbito do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, CCJE da UFRJ. O objetivo do texto é compartilhar e historiar o processo realizado para tal, assim como ressaltar a importância do tripé universitário ensino-pesquisa e extensão para a manutenção de experiências discentes e docentes tanto em termos teóricos e metodológicos, de forma a permitir a reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública brasileira.

Palavras-chave: Pedagogia. Disciplina mista. Universidade pública.

ABSTRACT

The report concerns the creation of mixed teaching-research and extension courses for undergraduates at the Federal University of Rio de Janeiro. As an example, the authors present a *Case*, relating the administrative instances, regulations and the didactic-pedagogical processes involved to implement, in the undergraduate course in Public Management for Economic and Social Development - GPDEE, a mixed discipline whose theme is the Brazilian and Hispanic literary cultures. The authors aimed, with the text, to share and history the process carried out for this, as well as to emphasize the importance of the teaching-research and extension university tripod for the maintenance of students and professors experiences both in theoretical and methodological terms, in order to allow the reaffirmation and materialization of the ethical and solidary commitments of the Brazilian Public University.

Keywords: Pedagogy. Mixed discipline. Public university

INTRODUÇÃO

Como desdobramento da Declaração Mundial sobre Educação para Todos, aprovada pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia, que ocorreu entre o dia 5 e 9 de março de 1990, acolhemos em nossa Lei das diretrizes e bases da educação nacional (LDB) - lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no artigo 87, inciso primeiro, a elaboração, com diretrizes e metas para os dez anos seguintes, do Plano Nacional de Educação (PNE).

Assim, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) publica a resolução do Conselho de Ensino de Graduação - CEG - nº 02/2013, elaborada no âmbito desse conselho. A referida resolução segue o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, previsto no art. 207 da Constituição Federal de 1988, a concepção de currículo definida na LDB/1996; bem como, acompanhando a Meta 23 do PNE (2001-2010) que indica a reserva mínima de dez por cento do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no país, para a atuação dos estudantes em atividades de extensão (Lei Federal 10.172/2001) e a Meta 12.7 do atual PNE (2014-2024), Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014.

Com o objetivo de compartilhar a história do processo realizado na UFRJ para regulamentar o registro e a inclusão das atividades de extensão nos currículos dos cursos de graduação de nossa instituição, vamos nos valer de alguns documentos publicados no Boletim da UFRJ, os quais contextualizam nossa história. O primeiro desses documentos que regulamenta o registro e a inclusão das atividades de extensão nos currículos dos cursos de graduação da UFRJ, é a resolução, já mencionada acima, nº 02/2013, aprovada no CEG no dia 05 de junho de 2013.

Como desdobramento da resolução CEG Nº 02/2013, foi concebida a resolução CEG nº 03/2014 a qual possibilitou a criação e implantação de disciplinas que integram conteúdo misto de ensino-pesquisa e extensão em um curso de graduação.

Não obstante, em nossa proposta de credi-

tação de extensão para o Curso, da UFRJ, de Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social – GPDES - curso de graduação que faz parte do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR) - nos baseamos nessas resoluções do CEG/UFRJ, órgão deliberativo em matéria didática e pedagógica, já mencionadas acima. Distinguimos o artigo 2º, da resolução CEG 02/2013, que estabeleceu as atividades de extensão universitária como um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promova a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade, executadas sob a forma de Programas, Projetos, Cursos, Eventos e Disciplinas.

A respeito das disciplinas foi publicada a, já aludida, resolução CEG nº 03/2014 que autoriza a criação e inserção de disciplinas de natureza mista nos currículos dos cursos de graduação.

Portanto, tendo como base tais normas e, como também, a resolução CEG nº 04/2014 acrescida dos debates e deliberações firmados na reunião de colegiado do GPDES realizada em 20 de março de 2017, elaboramos a proposta de disciplinas mistas a serem criadas para a partir do período letivo de 2017.2.

O objetivo era adequar o curso à resolução CEG 04/2014, prioritariamente, no que trata seu artigo 7º:

O cumprimento da carga horária prevista no artigo 1o desta Resolução terá caráter facultativo para o aluno, até março de 2017, quando os efeitos da aplicação da Resolução 02/2013 e dessa própria resolução deverão ser avaliados. Parágrafo Único: Excetua-se do caráter facultativo determinado no caput, as disciplinas e RSCs definidos como de extensão ou de natureza mista (teóricas/ extensão) inseridos como obrigatórios no percurso formativo definido na grade curricular de cada curso. (UFRJ). Resolução CEG 04/2014, p. 13)

Cabe aqui informar que se entende como aula teórica, a exposição ou discussão pelo docente de conteúdos curriculares. Por sua vez, o trabalho prático é qualquer tipo de trabalho didático realizado pelos discentes na presença dos professores, por exemplo, trabalhos de laboratório, seminários, exercícios executados

em sala de aula.

Quanto às disciplinas do tipo teórica/extensão, ou seja, aquelas cujos conteúdos teóricos definidos na sua ementa, compreende-se que estejam integrados às atividades/ações caracterizadas como de extensão nos termos da resolução CEG 02/2013.

No caso das disciplinas do tipo teórica/prática/extensão, são aquelas constituídas por conteúdos teóricos e suas aplicações em trabalhos práticos, definidos na sua ementa, que estejam integrados a atividades caracterizadas como de extensão nos termos da resolução CEG 03/2014.

Para inserção no currículo de disciplinas de natureza mista dos tipos teóricas/extensão e teóricas/práticas/extensão, é necessário o registro prévio na Pró-reitoria de Extensão (PR5) da UFRJ do Projeto/Programa de extensão ao qual tais disciplinas estejam vinculadas, conforme previsto no art. 2º da resolução CEG 03/2014:

Art. 2º - A inserção de que trata o artigo anterior deverá estar indicada nos e integrada aos Projetos Pedagógicos dos cursos. §Único - As disciplinas integrantes dos diversos currículos poderão ser transformadas em disciplinas de natureza mista de qualquer dos quatro tipos, respeitando-se o disposto no caput. (UFRJ. Resolução CEG 03/2014, p. 12)

Por outro lado, como um desdobramento da resolução da Câmara de Educação Superior, do Ministério da Educação (MEC), nº 7, de 18 de dezembro de 2018, que institui as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que regulamentou o PNE (2014-2024), no âmbito do CEG a UFRJ aprovou a resolução CEG nº 06/2018, da qual destacamos:

§3º Não serão computadas frações de crédito
PARÁGRAFO ÚNICO: O trabalho escolar equivalente em atividade de extensão corresponde a um total de 15 horas por atividade, a serem computadas quando da conclusão do curso. (UFRJ. Resolução CEG 06/2018, p. 15)

Por conseguinte, as atividades de extensão, mesmo que realizadas em disciplinas, são computadas como horas de atividades, e não

como frações de crédito como nas disciplinas curriculares de ensino.

Desta forma, no âmbito do GPDES foi integrada ao seu currículo a disciplina Introdução à Pesquisa e Extensão, disciplina de natureza mista, oferecida atualmente no primeiro período, com o objetivo de ambientar o discente à tríade ensino-pesquisa- extensão.

Então, mediante nossa experiência, a criação de uma ou mais disciplinas mistas de ensino-pesquisa-extensão, congrega o propósito de otimizar a popularização do conhecimento acadêmico da relação entre as culturas da sociedade dessa maneira, alcançar outro objetivo tão relevante quanto, que é contribuir para a formação continuada de discentes e docentes interinstitucional, bem como oferecer a comunidade externa a nossa UFRJ, a possibilidade de se aproximar e participar da realização das ações de extensão que objetivem o diálogo direto com a sociedade e atenda suas demandas sociais, culturais, científicas e políticas.

METODOLOGIA

Ao entendermos que é papel da Universidade oferecer à sociedade a democratização de nossas pesquisas, salientamos a significância dos atores sociais que participam das ações de extensão, pessoas inseridas nas comunidades societárias e envolvidas com temas republicanos e democráticos. Deste modo, para que a interação dialógica contribua nas direções indicadas é necessária a aplicação de metodologias que estimulem a participação e acesso ao conhecimento, colocando em relevo a contribuição de atores não-universitários em sua produção e difusão, na nossa experiência os atores que trabalham e estudam na comunidade escolar. Aqui nos referimos a ação de extensão, a qual coordenamos, *Encontros Internacionais: os brasileiros entre outros hispanos*, realizada entre a parceria entre os institutos da UFRJ, IPPUR e o Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID) com o Instituto Cervantes do Rio de Janeiro (COMUNICA EXTENSÃO PODCAST, 25 de Jan, 2022).

Definimos dentre as diretrizes que devem orientar a formulação e implementação das

ações de pesquisa e extensão universitária, as que tratam da interação dialógica, da indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão e, ainda, do impacto na formação do discente são as bases de nossa metodologia e avaliação. Importante ressaltar que concerne à diretriz interação dialógica orientar o desenvolvimento de relações entre universidade e setores sociais, marcadas pelo diálogo e troca de saberes bem como operando uma grande aliança com movimentos, setores e organizações sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Há algum tempo, - mais precisamente, ao longo de 2018 - a coordenação de extensão do GPDES/IPPUR, vinha contribuindo para a organização, junto à Decania do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) e a pró-reitoria de extensão da UFRJ, os primeiros passos para a gestão da Coordenação Acadêmica de Extensão e Pesquisa, no ano de 2018 que já estava em curso. A partir de então coube pensarmos a extensão em conjunto, congregando coordenadores de extensão dos institutos e faculdades que compõem o CCJE. Ato subsequente, em dezembro de 2018, como resultado de nossas discussões, iniciamos as realizações dos ajustes à governança desta coordenação e a implantação da Câmara Acadêmica de Extensão e Pesquisa (CAExp) do CCJE, uma das prioridades da gestão de nossa Decania (gestão 2018-2022).

A Câmara de Extensão é a instância política da Decania do CCJE, de caráter deliberativo, presidida pela Coordenação de Extensão e Pesquisa, e composta pelo respectivo representante de cada Unidade Acadêmica/Órgão Suplementar desta Decania. Deste modo, a CAExp foi criada integrando as representações das unidades do CCJE. Em 19 de dezembro de 2018 tiveram início as atividades, ações e objetivos da CAExp/CCJE, na qual a coordenação de extensão do IPPUR tem assento permanente como os demais integrantes do CCJE: IRID, Faculdade Nacional de Direito (FND), Instituto de Economia (IE), Faculdade de Ciências Contábeis e Administração (FACC) e a COOPEAD (Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração).

No correr do tempo, a coletividade acolheu a indicação da entrada dos Conselheiros do recém-criado Conselho de Extensão Universitário da UFRJ (CEU), baseando-se no papel desses de tratar de questões do CCJE relativas à extensão universitária, junto àquela instância superior.

Dentre às demandas prioritárias da CAExp foram estabelecidas a atualização da página eletrônica no site do CCJE, a integralização da carga horária nos currículos de graduação e a normatização da Câmara com vistas ao efetivo funcionamento a partir de março de 2019.

Por outro lado, as atribuições da Câmara de Extensão (CAExp) são representar a Decania do CCJE junto à PR5 (pro-reitoria de extensão da UFRJ); contribuir, dentro de suas possibilidades, para a implantação de ações e atividades extensionistas junto ao CCJE e à UFRJ; orientar e capacitar as Coordenações de Extensão de cada Unidade Acadêmica/Órgão Suplementar do CCJE; emitir pareceres, analisar propostas e projetos; regulamentar e supervisionar a normatização interna; apreciar recursos de decisões dos Conselhos das Unidades Acadêmicas/Órgão Suplementares do CCJE, quando atenderem aos critérios de admissibilidade.

Eram metas iniciais e estamos mantendo, ao longo do tempo, a disposição para o esforço conjunto em prol da Extensão/CCJE/UFRJ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que uma disciplina mista que contemple o tripé universitário ensino-pesquisa e extensão, bem como a criação da Câmara de Extensão (CAExp) do CCJE contribui para alcançarmos a melhor organização e oferecimento de nossos estudos científicos acadêmicos à sociedade em geral. Somamos assim esforços para democratizar as ações da nossa universidade e alcançar o maior número possível de segmentos sociais, culturais, científicos e políticos que compõem a nossa república democrática.

Em particular em nossa ação de extensão *Encontros Internacionais: os brasileiros entre outros hispanos*, na qualidade de docentes, entende-

mos que, a partir da democratização do conhecimento sobre essa temática, capacita nossos discentes do GPDES e de outros cursos de graduação da UFRJ, pois, estes, ao se defrontarem com o mundo das coisas reais, perceberão a concretude da dificuldade de acesso à cultura literária em razão da diversidade de nuances envolvidas. Seguindo o pensamento freiriano,

entendemos que isso possibilitará resultados enriquecedores às experiências discentes e docentes tanto em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que permite a reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da universidade pública brasileira.

REFERÊNCIAS

COMUNICA EXTENSÃO PODCAST. O brasileiro entre outros hispanos. Entrevistada: Profa Renata Bastos da Silva. Entrevistadora: Letícia Mercier. Locução e roteiro: Ana Carla Galante e Letícia Mercier. Local: Produtora: pró-reitora de extensão da UFRJ, 25 de janeiro de 2022. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3HH2HyMu255GNg4paZP7bj?si=LMPWbdTGSFKo0ZvuWHi6yg> Acesso em: 30 de janeiro. 2022.

CRISTOFOLETTI, Evandro Coggo. SERAFIM, Milena Pavan. Dimensões Metodológicas e Analíticas da Extensão Universitária. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e90670, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623690670>. Acesso em: 30 de janeiro de 2022.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 30 de janeiro de 2022.

_____. **Resolução nº 12, 30 de maio de 2019**. Criação do Conselho de Extensão Universitária. In: Diário Oficial da União – seção 1. Nº 105, segunda-feira 3 de junho de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

BRASIL. **LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em 30 de janeiro de 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018**. Disponível em: <https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/images/LEGISLACAO/CNE---Resoluo-n-7-de-18-de-dezembro-de-2018.pdf>. Acessado em 30 de janeiro. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Resolução CEG Nº 02/2013. In: **Boletim da Universidade Federal do Rio de Janeiro Número 24** - 13 de junho de 2013. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2013/24-2013.pdf>. Acesso em: 30 de janeiro. 2022.

_____. Resolução CEG nº 03/2014. In: **Boletim da Universidade Federal do Rio de Janeiro Número 49** - 4 de dezembro de 2014. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2014/49-2014.pdf>. Acesso em: 30 de janeiro. 2022.

_____. Resolução CEG nº 04/2014. In: **Boletim da Universidade Federal do Rio de Janeiro Número 49** - 4 de dezembro de 2014. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2014/49-2014.pdf>. Acesso em: 30 de janeiro. 2022.

_____. Resolução CEG nº 06/2018. In: **Boletim da Universidade Federal do Rio de Janeiro Número 44** - 1º de novembro de 2018. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2018/44-2018.pdf>. Acesso em: 30 de janeiro. 2022.

_____. Centro de ciências jurídicas e econômicas. Decania. Portaria nº 636, de 29 de janeiro de 2019. Câmara de Extensão do CCJE. In: **Boletim da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Números 6 - 7 DE FEVEREIRO DE 2019. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://ccje.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/06/Boletim-6-2019-Portaria-636.pdf>. Acesso em: 30 de janeiro de 2022.

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM UMA UNIVERSIDADE INTERIORIZADA E INTERNACIONALIZADA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS INSTITUCIONAIS

CURRICULARIZATION OF SCIENCE OUTREACH IN A DEURBANIZED AND
INTERNATIONALIZED UNIVERSITY: INSTITUTIONAL CHALLENGES AND
EXPERIENCES

Eduardo Gomes Machado

Doutor em Sociologia. Professor Associado da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Colaborador Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: eduardomachado@unilab.edu.br

Ricardo César Carvalho Nascimento

Doutor em Antropologia. Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: ricardonascimento@unilab.edu.br

RESUMO

Este relato apresenta aspectos da experiência institucional de plena implantação da curricularização da extensão na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), destacando as ações efetivadas em 2021, a partir da Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX). Nessa busca de implantação, apresentam-se vetores de organização e atuação institucional, bem como os desafios vivenciados a partir da atuação da PROEX em diálogo e construção conjunta com a comunidade acadêmica. Entende-se que este relato potencialmente fomenta diálogos críticos e reflexões que podem gerar *insights*, além de fortalecer as dinâmicas em construção.

Palavras-chave: Extensão. Curricularização. Universidade.

ABSTRACT

This report presents aspects of the institutional experience of full curricularization implementation of science outreach in the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), highlighting the actions actualized in 2021, by the Outreach, Arts and Culture Pro-Rector's Office (PROEX). In this path of implementation, we present vectors of institutional operation and organization, as well as the challenges experienced there, proceeding from the operation of PROEX, in joined construction and dialogue with the academic community. We believe this report may promote dialogues and reflections that might generate insights, promote critical dialogues, and strengthen the dynamics under construction.

Keywords: Science outreach. Curricularization. University.

INTRODUÇÃO

Este relato apresenta as experiências de curricularização da extensão efetivadas na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em 2021, a partir de um lugar muito específico, a Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX). Assim, serão apresentados os principais processos em construção e os desafios vivenciados. Nesse sentido, as experiências relatadas envolvem a condução, no âmbito da gestão, do processo integrado de curricularização da extensão na UNILAB, e não experiências em cursos específicos. Além disso, considerando o escopo do relato, cabe destacar que não serão apresentadas a diversidade de agentes e as múltiplas vozes presentes nas situações, tampouco atividades e relações cotidianas no processo de curricularização.

Inicialmente, serão apresentados elementos do contexto, no qual as experiências foram vivenciadas, relatando-as, em seguida, e pontuando reflexões, nas considerações finais. Os dados foram coletados a partir das próprias experiências vivenciadas. Espera-se que o relato possa instigar reflexões e gerar *insights*, diálogos e potenciais melhorias no processo.

O CONTEXTO E ALGUMAS REFERÊNCIAS

A UNILAB é uma universidade federal criada em 2010 e implantada a partir de 2011. Situa-se no Nordeste brasileiro: no Ceará e na Bahia. Possui *campi* nas cidades de: Redenção e Acarape, na região do Maciço de Baturité, na fronteira com a Região Metropolitana de Fortaleza, a aproximadamente 60 km da capital do estado do Ceará; e na cidade de São Francisco do Conde, na fronteira entre a Região Metropolitana de Salvador e a região do Recôncavo Baiano, a aproximadamente 90 km da capital baiana. Nesse contexto, foram vivenciados os desafios que acompanham a implantação de uma instituição tão complexa como uma universidade federal interiorizada, marcada por

dinâmicas iniciais de constituição de uma cultura institucional, setores e equipes, procedimentos de trabalho e normas. Mas os desafios são ainda maiores se for considerado que a UNILAB é uma das duas únicas universidades federais brasileiras, dentre as 63 em funcionamento e as seis em implantação, que apresenta, desde sua criação, estrutura e missão institucional, caráter internacionalizado com foco nos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), particularmente os africanos.

No semestre letivo de 2020.2, finalizado em setembro de 2021, a Unilab possuía 4.573 discentes em 24 cursos de graduação, sendo 3.394 brasileiros e 1.179 estrangeiros – 653 de Guiné-Bissau, 391 de Angola, 49 de Moçambique, 46 de São Tomé e Príncipe, 36 de Cabo Verde, três do Timor-Leste e um da Itália¹. Havia, portanto, 25,8% dos discentes de graduação originários de outros países, além de dezenas de discentes quilombolas e indígenas. Configura-se, portanto, um contexto institucional marcado por densa e complexa diversidade social, considerando-se as clivagens identitárias de classe, raça, etnia, nacionalidade, gênero, sexualidade, geração, religiosidade, ideologia, entre outras.

Trata-se de uma universidade popular, composta por discentes que são migrantes temporários (SUBUHANA, 2005, 2007). Apenas para exemplificar, Guiné-Bissau possui mais de 30 etnias, com dezenas de línguas maternas, além do crioulo guineense e do português, e variadas tradições artísticas e culturais. Os discentes brasileiros, ao mesmo tempo, originam-se de centenas de pequenas e médias cidades, localidades e áreas rurais, e metrópoles. A UNILAB apresenta-se, portanto, como um lugar potente, marcado por confluências e encruzilhadas, consideradas as diásporas e a vinculação da instituição à democratização da educação superior, ao enfrentamento ao racismo e à cooperação internacional com foco no Sul Global (HELENO, 2014, MENEGHEL; AMARAL, 2016).

O ano de 2021 também é relevante para a his-

¹Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiY2Q1MDA0Y2EtMDZlOS00OGMxLWJmZGQ0tMjE4M2M0NzJhN2Ixliwid-C16ljkwMjlkZGNILWFmMTItNDJiZS04MDM3LTU4MzEzZTRkYzVkdMSj9&pageName=ReportSection>. Acesso em: 22 jan. 2022.

tória da UNILAB pela consulta paritária para escolha da reitoria pela comunidade acadêmica. Esta elegeu e empossou a primeira reitoria da instituição, após dez anos de pró-temporalidade. Como parte desse processo, em julho de 2021, uma nova gestão assumiu a Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX) da UNILAB e iniciou o planejamento das ações de curricularização da extensão.

Cabe indicar que essa nova gestão assumiu, no contexto da pandemia da COVID-19, todos os desafios sociais, sanitários e institucionais que o momento propunha. Foi desafiada a lidar, diante da realidade pandêmica, com a virtualidade das ações de extensão junto às instâncias institucionais, aos grupos e às equipes extensionistas e aos agentes da sociedade civil e política.

Também cabe considerar o diálogo com referências e marcos da extensão, o que vem sendo construído por vários agentes sociais e acadêmicos, destacando-se o Fórum de Pró-Reitorias de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) como agência relevante na defesa e no fortalecimento da extensão no Brasil. Entende-se que a inserção curricular da extensão, compreendida não somente como processo quantitativo, senão como processo de alinhamento do projeto pedagógico curricular de cada curso às epistemologias, teorias e práticas extensionistas, abre espaço para dinamizar a incorporação ativa das referências a seguir indicadas.

A extensão busca gerar impactos positivos na formação discente, considerando questões acadêmicas e profissionais, envolvendo conteúdos e dinâmicas curriculares, processos pedagógico-didáticos e metodologias de ensino e aprendizagem inovadoras e socialmente significativas. Requer também o envolvimento de agentes externos à universidade, priorizando concepções teórico-práticas horizontalizadas, participativas, democráticas e cooperativas. E, nesse sentido, aponta para o enfrentamento conjunto de demandas, situações problemáticas e questões sociais em múltiplas dimensões e escalas, vivenciadas por segmentos sociais específicos.

Esse enfrentamento conjunto e o necessário viés educacional vinculado à extensão se fortalecem através das múltiplas e complementares formas que essa pode assumir, considerando particularmente programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços, fomentando a geração de processos, inovações, resultados e produtos variados. Nesse sentido, também se evidencia a importância de promover interlocuções efetivas entre extensão, ensino e pesquisa, buscando abrir caminhos para firmar a indissociabilidade.

A extensão detém necessário compromisso com a democracia e a cidadania, entendendo que pode instigar e apoiar mudanças acadêmicas e sociais significativas. E, desse modo, a extensão e a universidade assumem compromissos ético-políticos com a construção de uma realidade social mais igualitária, humana, na qual a transformação social se constitui em um movimento contínuo. Nesse sentido, cabe aqui trazer as reflexões de Santos (2018, p. 9), liderança quilombola, quando inscreve a contracolônização na agenda das universidades, afirmando:

Mas nós também estamos discutindo a contracolônização. Para nós, quilombolas e indígenas, essa é a pauta. Contracolônizar. No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contracolônização.

Evidencia-se, assim, como a extensão e a universidade podem e devem fortalecer o reconhecimento, respeito e valorização da diversidade de cosmologias, epistemologias, estéticas, sociabilidades, éticas e políticas existentes, considerando particularmente agentes historicamente vulnerabilizados e subalternizados, e fomentando interlocuções densas e complexas com esses agentes.

RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO

A seguir, são apresentados aspectos das experiências institucionais efetuadas na UNILAB.

Em agosto e outubro de 2020, foram publicadas as portarias de instituição do grupo de trabalho responsável por propor a política de creditação da extensão curricular da UNILAB – Portarias GR n. 328, de 10/08/2020, e GR n. 433, de 16/10/2020 (UNILAB, 2020) –, com representações dos técnico-administrativos, discentes, unidades acadêmicas e pró-reitorias. Oito meses depois, foi aprovada, no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNILAB, a Resolução CONSEPE/UNILAB n. 81, de abril de 2021 (UNILAB, 2021a), que aprova a reedição, com alterações, da Resolução CONSEPE/UNILAB n. 8/2019, de 18 de junho de 2019 (UNILAB, 2019), que dispõe sobre as normas das atividades de extensão universitária e estabelece as diretrizes gerais que norteiam as ações de extensão da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

A inserção curricular da extensão foi inserida em um capítulo específico da Resolução CONSEPE/UNILAB n. 81, intitulado “Da curricularização da extensão”, entre os artigos 25 e 44, incorporando as propostas geradas pelo grupo de trabalho. No art. 27, estipulam-se quatro formas de curricularização da extensão nos projetos pedagógicos dos cursos:

I - ações de extensão diversas (programa, projeto, curso, evento e prestação de serviço), devidamente cadastradas na Pró-reitora de Extensão, Arte e Cultura; II - programa de extensão das Unidades Acadêmicas e Especiais, devidamente cadastrados na Pró-Reitora de Extensão, Arte e Cultura; III - disciplinas mistas com previsão da carga horária de extensão como parte das respectivas disciplinas; IV - componente curricular denominada Componente Curricular Sociedade e Universidade (CCSU), a qual deverá ser planejada e organizada pela Pró-Reitoria

de Extensão, Arte e Cultura e Pró-Reitoria de Graduação. (UNILAB, 2021a, p. 10)

Três meses depois, em julho de 2021, uma nova gestão, da qual os autores fizeram parte², assume as atividades da Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX). Inicia-se então um processo de conhecimento da equipe, apropriação das normas e dinâmicas de trabalho e planejamento preliminar da curricularização da extensão.

Ao assumir o processo nesse momento, passou-se a entendê-lo como um desafio e uma oportunidade. Um desafio por considerar a construção da sensibilização e do envolvimento da comunidade acadêmica, em sua diversidade, e dos setores institucionais – núcleos docentes estruturantes, colegiados de curso, conselhos de unidades acadêmicas, pró-reitorias, diretoria de tecnologia e informação e coordenação de controle acadêmico, efetuando um processo participativo e democrático, com protagonismo ativo, integração processual, sequencialidade e cumulatividade nas ações e dinâmicas efetivadas. Entende-se, assim, que se estava diante de uma oportunidade de – ativamente e de modo público, democrático e continuado – discutir o caráter, o lugar e a importância da extensão acadêmica para a universidade e a sociedade. Reconstruindo as próprias percepções e imaginários sobre a extensão, buscando consolidá-la enquanto academicamente central e não subalterna, em associação com o ensino e a pesquisa.

Ao mesmo tempo, percebeu-se a necessidade de sistematizar e avaliar informações sobre o que os cursos de graduação da instituição já tinham feito e/ou estavam fazendo em relação à curricularização da extensão, entendendo, inclusive, que, desde 2017, já havia iniciativas de curricularização da extensão em alguns cursos.

Nesse contexto, foi elaborado e compartilhado um questionário no *Google Forms* com as coordenções de cursos de graduação, coletando informações concretas sobre a situação em cada curso. O formulário foi aberto pela equipe da PROEX, na última semana de julho de 2021, e

² Os autores foram Coordenadores de Extensão e Assuntos Comunitários e de Arte e Cultura da PROEX – Unilab até o início de abril de 2022.

ficou disponível para respostas até o final de agosto de 2021. Foram obtidas 18 respostas. Foi possível, então, produzir a *Cartografia da Curricularização da Extensão na UNILAB*, publicada em dezembro de 2021. A cartografia nos permitiu perceber uma diversidade muito grande de situações nos diferentes cursos de graduação, o que reforçou a importância da constituição de uma Comissão de Implantação da Curricularização e de uma Agenda da Curricularização.

Outra percepção importante envolveu a centralidade do caráter educacional que atravessa a plena implantação da curricularização da extensão, considerando, inicialmente, três vetores. Primeiro, há dúvidas, ainda, na universidade, sobre o que é e como se faz extensão. Nem todos os docentes, discentes e técnicos têm experiência teórica, metodológica e prática com ações de extensão, cabendo fomentar uma dinâmica formativa para promover a incorporação teórica e prática de referências/disposições vivenciais, dialógicas e horizontalizadas, fortalecendo a atuação de grupos e equipes extensionistas. Segundo, há dúvidas, também, sobre a própria curricularização da extensão, sendo difícil para alguns colegas – docentes, discentes e técnicos – entender do que se trata, como fazer, e refletir sobre seus potenciais efeitos e implicações. Terceiro, esse processo detém relevância no reposicionamento institucional, acadêmico, curricular, pedagógico-didático, simbólico e social da extensão na universidade. Nesse sentido, trata-se de fomentar diálogos públicos sobre qual o lugar e a importância, para quem, para quem e como fazer extensão. Mas também se trata de instigar reflexões sobre quais os resultados e produções que podem ser gerados; como promover interfaces com sistemas e políticas públicas e fomentar a geração de alternativas ao desenvolvimento, incluso inovações e tecnologias; e, como fortalecer a associação com ensino e pesquisa.

Ao mesmo tempo, cabe indicar a diversidade e a relevância acadêmica e social das ações/processos de extensão efetivados a partir da UNI-

LAB, envolvendo múltiplos agentes universitários e da sociedade civil e política, como pode ser percebido através da Cartografia Temática da Extensão - 2021³, publicada em dezembro de 2021, e do Relatório de Acompanhamento de Projetos de Extensão de 2021⁴, publicado em janeiro de 2022.

Nesse contexto, entendeu-se que seria necessário construir formas coligadas e complementares de diálogo com a comunidade acadêmica, fomentando uma dinâmica formativa intensa e ampla, centralmente associada ao processo de inserção curricular da extensão e, ao mesmo tempo, valorizar as experiências já existentes, os processos em curso e os agentes com expertises significativas em extensão. Desse modo, as próprias reuniões foram realizadas imprimindo um caráter informativo e educacional – iniciadas no segundo semestre de 2021, com segmentos estudantis, direções das unidades acadêmicas e coordenações de cursos de graduação.

Também se efetuaram as Lives da Curricularização. No dia 10/11/21, foi realizada a I Live da Curricularização da Extensão, indicando-se a importância de conhecer o processo, divulgada através das redes sociais da PROEX e com transmissão pelo Canal PROEX do YouTube⁵:

Vamos entender o que é a curricularização da extensão e qual a sua importância para a formação acadêmica e profissional de cada estudante de graduação. Entender também como você pode participar da curricularização da extensão no seu curso. Vamos refletir sobre o lugar e o papel da extensão na Universidade e em cada curso de graduação. Vamos conversar sobre as formas que a extensão curricularizada pode assumir. Vamos dialogar sobre como a extensão pode fortalecer metodologias pedagógicas inovadoras, potencializando as relações entre a universidade e a sociedade. Também conversaremos sobre como a extensão pode incorporar conteúdos curriculares que impactem a trajetória de cada estudante.

A II Live da Curricularização ocorreu no dia 24/11/21, tendo como tema “Extensão e Currículo: experiências, potencialidades e desafios nos cursos de Agronomia, Enfermagem e

³Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/12/RELATORIO-CARTOGRAFIA-TEMATICA-DA-EXTENSAO-2021-compactado-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022.

⁴Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2022/01/RELATORIO-PIBEAC-E-COVID-CEAC-PROEX-2022-revisado-final-2-1.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

⁵Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCaWfo1cy_VamWZ_tG7abnSQ/videos. Acesso em: 30 jan. 2022.

Farmácia da UNILAB”. Houve participação de docentes apresentando variadas experiências extensionistas, inclusive de inserção curricular da extensão. A *III Live da Curricularização* ocorreu no dia 25/01/22, tendo como tema “Curricularização da extensão e notório saber: experiências e caminhos possíveis”, cabendo destacar que:

A curricularização da extensão e o notório saber de mestres e mestradas de artes, ofícios e cosmologias são dois processos estratégicos, que buscam promover a circulação e a produção de múltiplos conhecimentos, saberes e fazeres, impactando os processos educacionais na universidade e na sociedade. A inserção curricular da extensão pode ser um caminho que permita aos mestres e mestradas estarem presentes no cotidiano da UNILAB, inclusive lecionando em diferentes cursos de graduação. A live discute como essa articulação entre a curricularização da extensão e o notório saber pode fortalecer relações cooperativas e construções conjuntas entre universidade e sociedade; gerar interfaces com políticas públicas e alternativas ao desenvolvimento; fomentar estruturas, conteúdos e dinâmicas curriculares com vieses decoloniais ou contracoloniais; ampliar as interlocuções entre diferentes agentes, conhecimentos, saberes e fazeres, artes, ofícios e cosmologias; fortalecer conteúdos curriculares relevantes; e difundir dinâmicas e metodologias de ensino e aprendizagem inovadoras. (UNILAB, 2022, n. p.)

Como indicado anteriormente, a *Cartografia Temática da Extensão de 2021 e o Relatório de Acompanhamento da Extensão na UNILAB – Projetos 2021* revelam a potência da extensão já realizada na universidade, considerando uma diversidade de áreas de atuação e de grupos, equipes e unidades acadêmicas envolvidas, com resultados significativos. São particularmente potentes as áreas de saúde, educação e cultura, agregando 71 dos 90 projetos executados em 2021, através dos Editais PIBEAC e Temático COVID-19. Porém, se considerarmos a existência de 360 docentes e de 343 técnicos-administrativos em educação na instituição, percebeu-se, mesmo considerando os Vice-Coordenadores e os Colaboradores envolvidos, que uma parcela relevante dos servidores não participa dos projetos de extensão, e tampouco de outras ações de extensão. Isso evidencia a importância de dinamizar a formação para atuação extensionista – o que envolve um processo educativo teórico-prático –, bem

como o fortalecimento de apoio direcionado para os grupos e equipes extensionistas, através da disponibilização de espaços físicos e de outros recursos para capital e custeio, além das bolsas de extensão, arte e cultura.

Também considerou-se importante fortalecer uma dinâmica de produção científica associada à extensão, envolvendo livros, capítulos de livros, artigos, relatos, ensaios e outras produções, o que pode afetar positivamente a própria percepção da extensão, fortalecendo a compreensão de que a extensão também produz conhecimento científico relevante e consistente. Algo bastante importante para enfrentar eventuais preconceitos e discriminações, por vezes implícitos e não intencionais, mas reveladores de concepções que compreendem a extensão como inferior às outras atividades fins da universidade.

A inserção curricular da extensão requer a articulação entre diferentes setores da universidade, particularmente a Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX), a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), a Coordenação de Registro e Controle Acadêmico (CRCA) e a Diretoria de Tecnologia de Informação (DTI), considerando que atingem a consolidação dos Projetos Pedagógicos Curriculares (PPCs) dos cursos de graduação e o necessário desenvolvimento tecnológico associado, articulando, no mínimo, os módulos de extensão e de graduação do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA). Considerando, inclusive, que estava simultaneamente sendo vivenciado um momento de implantação plena do módulo de extensão do SIGAA na Unilab.

Nesse sentido, efetivaram-se múltiplos diálogos e reuniões envolvendo esses setores da universidade, incluindo: a construção conjunta de parâmetros e orientações, da estrutura e dos caminhos adequados para a inserção curricular da extensão no SIGAA; a construção de instruções normativas; a instituição da Comissão de Implantação da Curricularização da Extensão e da Agenda da Curricularização da Extensão; e as definições envolvendo a construção do Componente Curricular Sociedade e Universidade (CCSU).

No decorrer do processo, percebeu-se o de-

safio de conciliar as temporalidades de diferentes setores e instâncias universitárias, de modo a confluirmos para um processo integrado, sequencial e cumulativo. Aqui, emerge a importância da Comissão de Implantação da Curricularização e da Agenda da Curricularização. Quanto a essa Comissão, entendeu-se ser importante constituir uma instância de participação democrática, com representações dos setores envolvidos, das unidades acadêmicas e das representações discentes, construindo compromissos mútuos que permitissem uma agilidade na socialização de informações e na construção e difusão de conhecimentos consistentes e significativos. Fomentou-se, assim, uma dinâmica de intermediação das demandas, qualificando o apoio aos cursos e a resolução das dificuldades, dúvidas e questões que foram emergindo no processo, promovendo uma instância de partilha de experiências e de discussão, geração de proposições e construção conjunta das decisões. Por fim, instigou-se e apoiou-se a organização interna no âmbito de cada unidade acadêmica, promovendo a integração entre cursos e a sensibilização discente, com o fomento à participação.

Fomentando a diversidade e a autonomia das instâncias e, ao mesmo tempo, promovendo um processo integrado de curricularização. Nesse contexto, entendeu-se essa Comissão como uma instância de articulação entre os setores institucionais envolvidos, os discentes, as unidades acadêmicas, os cursos e os setores da UNILAB, exercendo um papel fundamental de intermediação, quando necessário. Buscando, assim, acompanhar os processos de discussão e construção/atualização da curricularização da extensão nos núcleos docentes estruturantes e nos colegiados de curso, tendo em conta que são instâncias responsáveis por conceber e sugerir mudanças nos projetos pedagógicos curriculares dos cursos.

Ademais, compreendeu-se ser importante a construção de uma Agenda da Curricularização, considerando a diversidade dos agentes envolvidos no processo, cada um com atribuições e competências específicas, com a existência de graus de compreensão e desenvolvimento dos trabalhos diversos. Essa agenda indica processos e atividades que compõem a curricularização da extensão, definindo os pe-

ríodos de realização para cada conjunto deles, permitindo, assim, a integração dos processos e atividades e a visibilização pública e transparente das responsabilidades e competências, fomentando uma dinâmica de prestação de contas e acompanhamento do processo.

Ao mesmo tempo, percebeu-se a necessidade de consolidar as instruções normativas existentes, fortalecendo a orientação aos agentes institucionais, na escala dos procedimentos técnico-administrativos cotidianos, detalhando aspectos regulados pela Resolução CONSEPE/UNILAB n. 81.

Também cabe relatar que, no dia 11 de fevereiro de 2021, foi aprovada a Resolução do Notório Saber da UNILAB, Resolução CONSEPE/UNILAB n. 53 (UNILAB, 2021b), que aprova a criação da certificação em notório saber em artes, ofícios e cosmologias tradicionais e regulamenta a expedição do certificado no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). A Resolução afirma no Art. 2:

O título de Notório Saber em Artes, Ofícios e Cosmologias Tradicionais poderá ser concedido, nos termos desta Resolução, a pessoas não detentoras de título acadêmico, de graduação e de pós-graduação, desde que comprovem destacada experiência e atuação em, pelo menos, uma das linguagens ou áreas dos saberes e culturas indígenas, quilombolas, de comunidades de terreiro, de comunidades de agricultores e extrativistas, agrupamentos rurais e urbanos em torno de tradições populares, entre outras tradições brasileiras e da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), em especial os africanos. (UNILAB, 2021b, p. 01)

Ademais, a certificação em Notório Saber em Artes, Ofícios e Cosmologias Tradicionais, permitirá aos Mestres e Mestras serem convidados para participar de programas, projetos e atividades de ensino, pesquisa ou extensão; encaminhar projetos que digam respeito à sua área de conhecimento; e ser contratado como professor visitante (UNILAB, 2021b, p. 03).

Considerando essas referências, entendeu-se ser estratégico associar a curricularização da extensão e a política de notório saber da Unilab. A proposta concreta para essa articulação, a ser formalizada institucionalmente, através de aprovação no Conselho de Ensino, Pesqui-

sa e Extensão (CONSEPE), envolveria a criação do Programa de Extensão Inovadora em Notório Saber. Esse Programa criaria condições para que mestres e mestrados certificados efetivassem ações de extensão curricularizadas em articulação com os projetos pedagógicos dos cursos de graduação, envolvendo diferentes artes, ofícios, cosmologias, epistemologias, conhecimentos, experiências e saberes-fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios para efetivar a curricularização da extensão no contexto da pandemia da COVID-19 e de uma universidade criada há pouco tempo, onde tudo ainda está, em certa medida, se fazendo, se agregam à própria complexidade do processo de inserção curricular da extensão. Cabe destacar os desafios gerados pela virtualidade da extensão no contexto pandêmico, em contraponto ao exercício da extensão que se faz, a princípio, nos encontros comunitários, nas relações grupais, nas visitas às comunidades e às instituições, na experiência do olho a olho. Sem dúvida, a pandemia impactou bastante o contexto institucional cotidiano, desafiando cada pessoa, as equipes e os setores da Universidade.

Nesse sentido, ao relatarmos as experiências vivenciadas, percebemos como elas foram, aos poucos, e, sucessivamente, intuídas, projetadas, avaliadas e redirecionadas, quando necessário, inclusive através da agregação de outras iniciativas, ações e estratégias.

Cabe indicar que nem tudo depende da Pró-Reitoria, posto, inclusive, que esta não deve assumir atribuições e competências que concernem aos demais setores e instâncias da universidade, como os núcleos docentes estruturantes, os colegiados dos cursos de graduação, os conselhos de unidades acadêmicas, as representações discentes, a PROGRAD, a DTI, a CRCA e a própria comunidade acadêmica. Apesar disso, entendeu-se o lugar central que cabe à PROEX, enquanto gestora que conduz o processo, buscando sensibilizar e integrar agentes, processos e ações, funcionando, em certa medida, como uma agência intelectual mobilizadora, corroborando para que seus agentes e parceirosensem o caminho durante o próprio caminhar.

Nesse sentido, cabe destacar a importância da equipe da PROEX, particularmente dos técnico-administrativos e dos terceirizados, às vezes invisíveis à comunidade acadêmica, mas imprescindíveis ao fortalecimento da extensão, da arte e da cultura na Unilab e à plena implantação da curricularização da extensão. Considerando, ainda, que as demais tarefas e atividades da PROEX não param e precisam ser efetivadas continuamente. E salientando, também, uma dinâmica de fortalecimento e de inovação própria a uma gestão recente – particularmente, a primeira gestão eleita da universidade.

Avalia-se que, apesar dos desafios, a curricularização da extensão institui uma grande oportunidade para repensar, consolidar e desenvolver a extensão nas instituições de educação superior, inclusive de modo inovador. Nesse sentido, para além de um processo formal ou quantitativo, a curricularização pode: 1) fomentar o desenvolvimento das propostas pedagógico-curriculares dos cursos de graduação, inovando estratégias, dinâmicas pedagógico-didáticas, conteúdos curriculares e relações com diferentes agentes sociais; 2) impactar a formação acadêmica e profissional discente, rearticulando a extensão com os objetivos e com os perfis dos egressos que compõem as propostas pedagógicas dos cursos; 3) ampliar a participação da Universidade no enfrentamento aos problemas e desafios sociais em diferentes escalas, fomentando interfaces extensionistas com os sistemas e políticas públicas e com a geração de alternativas ao desenvolvimento.

Porém, cabe indicar que a efetivação dessas potencialidades, virtualmente postas em cena pela curricularização da extensão, depende, sempre e a cada momento, das decisões tomadas pela instituição. E, desse modo, há sempre o risco da curricularização ser efetivada de modo formal e restrito, sem verdadeiramente promover mudanças efetivas nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação e sem impactar o lugar da extensão na Universidade.

Para finalizar, agradecemos aos editores e pareceristas da Revista Extensão, pelas contribuições ao relato, às equipes da PROEX e à comunidade acadêmica da UNILAB.

REFERÊNCIAS

HELENO, Maurício Gurjão Bezerra. O lugar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) na política externa do governo Lula (2003-2010). **O Público e o Privado**, n. 23, p. 109-127, jan./jun. 2014.

MENEGHEL, Stela; AMARAL, Joana. Universidades internacionais na contracorrente. As propostas da UNILA e da UNILAB. **Universidades**, n. 67, p. 25-40, jan./mar. 2016.

SANTOS, Antônio Bispo. Somos da terra. **Piseograma**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, 2018.

SUBUHANA, Carlos. Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais. **Imagário**, v. 13, n. 14, p. 321-355, 2007.

SUBUHANA, Carlos. **Estudar no Brasil: Imigração Temporária de Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **“Curricularização da extensão e Notório Saber: desafios e caminhos possíveis” é tema de live promovida pela Proex, no dia 25 de janeiro, às 18h. 2022**. Disponível em: <https://unilab.edu.br/2022/01/19/curricularizacao-da-extensao-e-notorio-saber-desafios-e-caminhos-possiveis-e-tema-de-live-promovida-pela-proex-no-dia-25-de-janeiro-as-18h/>. Acesso em: 30 jan. 2022.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Política de Creditação da Extensão Curricularizada da UNILAB: Portarias GR n. 328, 10/08/2020 e GR n. 433, 16/10/2020**. Redenção: UNILAB, 2020. Disponível em: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/04/Anexo-da-Resolucao-Consepe_Unilab-no-81-2021-Politica-de-creditacao-da-extensao-curricularizada-da-Unilab.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Resolução n. 8/2019/CONSEPE, de 18 de junho de 2019. Redenção: UNILAB, 2019**. Disponível em: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/06/Resolu%c3%a7%c3%a3o-n%c2%ba-08-2019-Normas-da-Extens%c3%a3o.pdf?_ga=2.37171497.825017595.1643585487-1755026433.1641846085. Acesso em: 30 jan. 2022.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Resolução CONSEPE/UNILAB n. 81, de 20 de abril de 2021**. Redenção: UNILAB, 2021a. Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/04/RE04381.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Resolução CONSUNI/UNILAB n. 53, de 16 de dezembro de 2021**. Redenção: UNILAB, 2021b. Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/12/Resolucao-Consuni-Unilab-no-53-de-16-de-dezembro-de-2021.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

OFICINAS TEMÁTICAS DE CIÊNCIAS COMO ESPAÇO PARA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA

THEMATIC SCIENCE WORKSHOPS AS A SPACE FOR EXTENSION CURRICULARIZATION IN THE INITIAL TRAINING OF CHEMISTRY TEACHERS

Assicleide Silva Brito

Doutora em Educação em Ciência – Universidade Estadual de Feira de Santana
assicleidebrito@gmail.com

Marcelo Alves Lima Junior

Mestrando em Ensino de Ciência – Universidade Federal Rural de Pernambuco
marcelojnpg@gmail.com

Eva Bárbara Sá Teles

Licencianda e Bacharel em Química – Universidade Estadual de Feira de Santana
Evabarbara21@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar que relações os acadêmicos de um curso de Licenciatura em Química construíram com as ações extensionistas desenvolvidas por eles em uma componente curricular, no planejamento e execução de Oficinas Temáticas de Ciências (OTC) para a Educação Básica. A pesquisa foi organizada dentro da abordagem qualitativa para compreender os sentidos das experiências vivenciadas. As informações coletadas foram interpretadas por meio da Análise de Conteúdo. Participaram do estudo 36 acadêmicos. Com a análise percebe-se, nos relatos escritos, que as ações desenvolvidas contribuíram para aproximar os futuros professores da docência, fortalecer a relação Universidade-escola; e, contribuir com a relação entre conhecimentos científicos e populares a partir da contextualização das temáticas.

Palavras-chave: Popularização da ciência. Extensão Universitária. Ensino de Ciências. Formação Inicial.

ABSTRACT

The present work aims to identify what relationships the academics of a Licentiate in Chemistry course built with the extension actions developed by them in a curricular component, in the planning and execution of Thematic Science Workshops (OTC) for Basic Education. The research was organized within the qualitative approach to understand the meanings of the lived experiences. The information collected was interpreted through Content Analysis. Thirty-six academics participated in the study. With the analysis, it can be seen, in the written reports, that the actions developed contributed to bring future teachers closer to teaching, strengthen the University-school relationship; and, contribute to the relationship between scientific and popular knowledge from the contextualization of the themes.

Keywords: Popularization of Science. University Extension. Science Teaching. Initial Formation.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária pode trazer importantes contribuições à sociedade quando compartilha conhecimentos e dialoga com os diferentes campos sociais, culturais e históricos. Ela, também, pode fomentar a relação Universidade-sociedade, proporcionando bem-estar e melhoria da qualidade de vida das pessoas. Muitos autores defendem que a extensão universitária não deve ser vista apenas sob uma perspectiva assistencialista, mas que deve fazer parte da Universidade, englobando o ensino e a pesquisa. A extensão deve proporcionar a construção de saberes tanto pelos acadêmicos universitários quanto pelos estudantes da Educação Básica, associando a teoria científica com a prática cotidiana do mundo real (JENIZE, 2004; CALIPO, 2009; RODRIGUES et al., 2013).

A associação das funções ensino, pesquisa e extensão constitui-se em fator desencadeador do processo de ensino. Os conhecimentos já produzidos, ao serem colocados em prática, evidenciam lacunas, que se transformam em problemas para pesquisa, que retornam ao ensino sob a forma de novos conhecimentos, que serão adotados pela extensão e, assim, sucessivamente, num movimento constante e interativo entre as três funções. O conhecimento ganha significado quando se pergunta pelo processo de sua produção e pelo seu significado na vida social, através de questões emergentes da prática, ação possibilitada pela função da extensão (MAZZILLI, 2011).

Os princípios da integração ensino-pesquisa, teoria e prática que embasam a concepção de extensão como função acadêmica da Universidade, evidencia que ela se torna indispensável na qualificação do professor, no intercâmbio com a sociedade e na formação do aluno, pois passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento. A extensão universitária deve funcionar como uma via de mão dupla, em que a Universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade, que deixa de ser passiva no recebimento das informações e passa a ser participativa, crítica e construtora dos possíveis modos de

organização e cidadania e a Universidade também aprende com o saber dessas comunidades (SCHEIDEMANTEL; KLEIN; TEIXEIRA, 2004; RODRIGUES et al., 2013).

A Universidade pode ainda envolver professores e estudantes de forma dialógica, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica e, assim, planejar e executar as atividades de extensão, respeitando e não violando os valores e culturas dessas comunidades (SCHEIDEMANTEL; KLEIN; TEIXEIRA, 2004; RODRIGUES et al., 2013). Pode-se citar como vantagens da extensão:

- (i) conhecimento da realidade da comunidade em que a Universidade está inserida;
- (ii) prestação de serviços e assistência à comunidade;
- (iii) fornecimento de subsídios para o aprimoramento curricular e criação de novos cursos;
- (iv) fornecimento de subsídios para o aprimoramento da estrutura e diretrizes da própria Universidade na busca da qualidade;
- (v) facilita a integração ensino-pesquisa-extensão;
- (vi) possibilita a integração Universidade-comunidade;
- (vii) possibilita a comunidade universitária conhecer a problemática nacional e atuar na busca de soluções. (SCHEIDEMANTEL; KLEIN; TEIXEIRA, 2004, p. 2).

Além dessas vantagens, a extensão universitária, também, se constitui um espaço para construção da identidade profissional de professores durante sua formação na licenciatura, pois na integração entre ensino e pesquisa, a extensão é vista como uma das atividades próprias da Universidade para promover experiências e trocas de conhecimento na integração Universidade-sociedade.

Poucas pessoas têm acesso aos conhecimentos gerados nas Universidades e que a extensão universitária é um importante passo para a democratização do acesso a esses conhecimentos. A extensão universitária torna-se um espaço importante para a formação acadêmica das Licenciaturas, para as ações assistencialistas à sociedade, para o intercâmbio de saberes e informações entre a Universidade e a escola básica, construindo conhecimento, senso crítico e cidadania (SCHEIDEMANTEL; KLEIN; TEIXEIRA, 2004; RODRIGUES et al., 2013).

Assim, o presente trabalho aborda ações e reflexões sobre atividades extensionistas desenvolvidas por acadêmicos do curso de Licenciatura em Química em uma Universidade Estadual da Bahia para dialogar com a comunidade escolar sobre Ciência e Química. As atividades tiveram início em um componente curricular com objetivo de desenvolver oficinas de Ciências/Química para estudantes da Educação Básica. Hoje, essas ações são parte de um projeto de extensão que busca aproximar a linguagem e conhecimentos da Ciência na escola através de Oficinas Temáticas de Ciências (OTC). Defende-se, assim, condições para que a formação do estudante não fique restrita aos aspectos técnicos, formais e passe a contemplar seus aspectos sociais e políticos, promovendo a conscientização crítica.

As OTC surgem como uma alternativa dentro da extensão universitária para concretizar a relação Universidade-escola, cujo movimento favorece a interação professor-aluno. Dentre as atividades que compõem essas oficinas cabe destacar: textos de divulgação científica, modelos químicos, simulações, vídeos, músicas e experimentação que podem ser recursos pedagógicos com ações de caráter práticos, que favorecem a curiosidade e a aprendizagem dos estudantes da Educação Básica.

As estratégias utilizadas nas OTC podem ser promissoras ações para aproximar os acadêmicos universitários com os estudantes da Educação Básica, pois permitem a interação entre professor e estudantes de forma que osicineiros¹ possam acompanhar e direcionar o desenvolvimento do grupo. As oficinas são espaços que possibilitam, dentre muitos outros, que os estudantes se sintam motivados a manifestarem suas ideias, dificuldades conceituais e seus entendimentos a partir da contextualização social dos conhecimentos químicos na experimentação (MARCONDES, 2008).

As oficinas podem facilitar a articulação entre os conhecimentos científicos, sociais, políticos contribuindo para o desenvolvimento de algumas habilidades, tais como argumentação, enfrentamento de situações problemas, controle de variáveis, trabalho em grupo e outras. Além

disso, elas podem incentivar uma compreensão mais aprofundada e contextualizada sobre a disciplina de Química, de modo a ficar mais perceptível as relações entre Ciência e sociedade, compreender as interações dos conhecimentos científicos com os aspectos sociais, culturais, históricos e aprofundar as reflexões sobre os fenômenos sociais (MARCONDES, 2008).

Assim, o presente trabalho teve como objetivo identificar que relações os acadêmicos de um curso de Licenciatura em Química construíram com as ações extensionistas desenvolvidas por eles em um componente curricular, no planejamento e execução de Oficinas Temáticas de Ciências (OTC) para a Educação Básica.

METODOLOGIA

O referido trabalho tem como caráter uma pesquisa qualitativa no nível descritivo e explicativo por proporcionar um contato direto do pesquisador com o ambiente investigado para descrever uma riqueza de informações pessoais, acontecimentos, opiniões e significados que as pessoas dão as coisas e a vida a partir do processo vivenciado e das experiências adquiridas. Nesse sentido, o caráter qualitativo decorre das descrições pessoais obtidas no contato direto do pesquisador com os sujeitos da investigação e da análise e interpretação dos relatos dos participantes de forma intuitiva (LUDKE; ANDRÉ, 2013).

O campo de pesquisa é uma Universidade pública da Bahia tendo como público-alvo 36 acadêmicos do terceiro semestre e dois monitores do Curso de Licenciatura em Química. Os dados foram coletados durante o ano de 2019, fruto das ações do projeto de extensão e passado pelo comitê de ética. Foram utilizados os planos de ensino, roteiros das oficinas e relatos escritos produzidos pelos acadêmicos a partir da elaboração e execução de oficinas na Educação Básica, dentro de um componente curricular.

Durante a produção dos relatos, os acadêmicos foram convidados a contarem suas

¹ Nos utilizamos da expressão *icineiros(as)* na compreensão de sujeitos – professores, estagiários, monitores e outros profissionais – responsáveis pela docência em uma oficina.

experiências com a OTC e suas reflexões sobre a aproximação Universidade-escola para a formação inicial de professores. Os relatos escritos foram propostos por darem um caráter mais natural e espontâneo, ao passo que favorece maior liberdade ao participante discorrer sem ter que, necessariamente, responder uma questão pré-definida, tornando as declarações mais válidas por possibilitar ao informante maior abertura para expressar as suas concepções e visões e ao pesquisador perceber como pensam os seus entrevistados (GIL, 2008).

Descrevemos, neste trabalho, o processo de desenvolvimento das oficinas de forma a reivindicar esse caráter formativo que passam os acadêmicos na licenciatura para aproximar-se do seu futuro ambiente de trabalho. Desde o processo de levantamento das temáticas e conteúdos a serem abordados até a busca por estratégias de ensino e elaboração dos roteiros para registros das interações professor-aluno, apropriação por parte dos estudantes da linguagem, escrita e compreensão dos conceitos científicos, além de avaliar a própria prática enquanto futuros professores. Em seguida, analisou-se os relatos escritos para verificar a relação com as atividades extensionistas, as OTC e com a escola básica.

As execuções das oficinas envolveram a parceria entre professor do componente curricular da Universidade, monitores, coordenação ou direção e professores das escolas públicas do ensino médio. As reuniões eram realizadas semanalmente com os monitores, acadêmicos e professor responsável. Não existia atribuição de bolsa, por se tratar de uma atividade extensionista em um componente curricular. Inicialmente, foi realizado o contato e estudado o interesse das instituições de ensino pelas oficinas, tanto professor da Universidade quanto monitores vão até as escolas apresentarem as propostas, explicar como funciona as OTC e organizar um calendário para execução. Cada professor da escola fica responsável por organizar a inscrição de suas turmas e a escola parceira ajuda na disponibilidade de espaço e alguns materiais. Os grupos de oficinairos vão até as escolas para desenvolverem as oficinas que duram em média 4 horas.

A partir das informações apresentadas nos relatos, a análise foi realizada através da categorização (LUDKE e ANDRÉ, 2013), onde são escolhidos alguns conceitos primários retirados dos referenciais teóricos para a criação de categorias conceituais. Essas categorias serão utilizadas para fazer uma sistematização e organização dos dados, agrupando partes do material com mesmas unidades de significação em uma mesma categoria conceitual, sem, portanto, perder de vista a compreensão global dos dados da pesquisa. A criação das categorias e sua organização em classes e eixos foram estruturadas de acordo com a Análise de Conteúdo. As respostas foram organizadas em eixos e categorias com suas respectivas frequências para compreender as relações apresentadas pelos acadêmicos com o objeto de estudo (BARDIN, 2015). Com o objetivo de manter o sigilo dos informantes, utilizou-se a simbologia inf. A, inf. B, inf. C para nomeá-los.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS OFICINAS TEMÁTICAS DE CIÊNCIAS (OTC)

O processo de construção das OTC se originou em um componente curricular que tinha como atividade final desenvolver oficinas para estudantes da Educação Básica. Cada grupo de acadêmicos tinha que desenvolver suas oficinas com temáticas de Ciências relacionadas com o cotidiano da região. Na elaboração, os acadêmicos tinham que desenvolver um plano de ensino e um roteiro. Tanto plano de ensino quanto roteiro envolviam a elaboração dos objetivos, a construção de estratégias de ensino voltadas a participação ativa dos estudantes nos questionamentos da temática e atividades para apropriação dos conceitos.

Durante a construção dos objetivos, dever-se-ia levar em consideração uma visão crítica da contextualização sobre o aspecto mais amplo da oficina, pois a temática tinha que permear toda a oficina na busca por compreender o fenômeno estudado. A oficina seria um espaço

de relação com acadêmicos e estudantes entre a Ciência com os aspectos sociais, culturais, tecnológicos, ambientes e científicos para uma compreensão mais aprofundada da importância da Ciência. Os objetivos foram divididos em geral, que deve trazer o tema e a abordagem de ensino a ser utilizada; e os específicos, que além de envolverem aspectos interdisciplinares, também inserem conteúdos científicos, contextualizando com questões econômicas, políticas, sociais, ambientais e tecnológicas (SILVA; MARCONDES, 2007).

Na metodologia das oficinas foram descritas as etapas necessárias para a problematização, construção e aplicação do conhecimento, a partir da organização dos três momentos

pedagógicos (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011). Sendo, o primeiro a problematização inicial, em que situações reais vivenciadas pelos estudantes são apresentadas em forma de questões a serem discutidas. O segundo seria a organização do conhecimento em que ocorre a busca de informações necessárias para o entendimento do problema a ser estudado. E, o terceiro com aplicação do conhecimento em que o estudante poderia reavaliar o problema inicial tendo como base os conhecimentos construídos na fase de organização e as discussões envolvidas durante todo o desenvolvimento da oficina (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011). A seguir, quadro 1 com a relação de oficinas ministradas.

Quadro 1 – Relação de oficinas ministradas

Nome da oficina	Objetivos	Quant. de estudantes
Baterias: Desde a primeira faísca!	Apresentar a história de criação da bateria e a química por trás dela de maneira lúdica e participativa.	22
De onde vêm as tintas	Demonstrar a relação das artes com a química através da confecção de tintas caseiras.	23
Produção caseira de álcool gel	Abordar questões relacionadas a vírus, bactérias e higiene trazendo o álcool gel como um importante recurso utilizado para a prevenção de algumas doenças.	21
Consumo Sustentável: será que estamos ajudando nosso planeta sobreviver	Discutir e desenvolver alternativas que possam ajudar a população utilizar de forma consciente a água e diminuir a quantidade de lixo descartado no dia a dia.	20
Meu herói favorito: o Supermercado	Levar a temática alimentação aos estudantes de forma rica e diferenciada, utilizando como objeto de estudo o supermercado, ambiente frequentado diariamente.	20
Aqui o seu lixo vira adubo.	Conhecer a importância da reciclagem dos resíduos orgânicos para o meio ambiente, transformando-os em um excelente adubo para as plantas, a partir da construção e manejo de composteiras (em recipientes).	12
Qual leite você bebe?	Compreender a importância do leite para a alimentação humana, trazendo aspectos da sua produção, dentro das suas causas e consequências ao organismo humano.	20
Aditivos em alimento	Conhecer os tipos de aditivos alimentares e sua função a partir de reconhecimento deles em embalagens de alimentos.	21
Alimentos - Desvendando o rango	Compreender a importância da alimentação equilibrada e saudável, e os principais componentes que constituem os alimentos (Carboidratos, Lipídios e Proteínas).	34

Veneno Invisível	Problematizar a produção de alimentos no Brasil destacando quanto ao uso excessivo de agrotóxicos e o uso de adubos orgânicos como uma alternativa para uma vida mais saudável.	22
Beleza Sustentável	Compreender a importância do uso de cosméticos sustentáveis para uma tomada de consciência frente a utilização dos cosméticos industrializados.	30
Hora do Chá - Conte sua História	Investigar determinadas plantas medicinais identificando o princípio ativo, suas funções e propriedades físico-químicas.	--

Fonte: Elaboração própria (2022).

Durante a oficina, os acadêmicos, ao abordarem os conteúdos de química, deveriam manter uma relação de orientação, abrindo espaços para discussão, interpretação e representação da realidade que será contextualizada. A partir de uma problemática que pode envolver a comunidade onde a escola está inserida, o cotidiano dos estudantes, a realidade escolar, o projeto político-pedagógico da escola, um bairro, de interesse da classe, da sociedade ou do professor e outros (SILVA e MARCONDES, 2007).

As oficinas sugeridas pelos acadêmicos envolvem tanto temáticas regionais quanto relacionadas a abordagem C-T-S-A (Ciência-Tecnologia-Sociedade-Ambiente). Durante as etapas de produção das OTC os próprios acadêmicos pensam nas temáticas de acordo com a região, temas atuais e contextualizados, refletindo nas aproximações dos estudantes com o tema. Em sua maioria, os temas são escolhidos por afinidades e por recursos disponíveis para realização das oficinas. Sempre são utilizados materiais alternativos, com pouco custo e que possam ser encontrados no cotidiano. Assim, algumas oficinas aprofundam as relações C-T-S-A e outras trazem apenas aspectos sociais e científicos. Os títulos das oficinas são pensados de forma a serem convidativos e são construídos pelos próprios acadêmicos sobre orientação do professor do componente curricular.

As OTC envolveram resoluções de situações problemas, que mobilizaram a busca de conhecimentos, trabalho em equipe, ação e re-

flexão, o emprego de materiais e estratégias adequadas e, às vezes, de improvisações. Além disso, abrangeram a contextualização de outras áreas do conhecimento e situações do dia a dia que contemplavam, principalmente, a área de Química, para que houvesse interação dos estudantes com o conhecimento científico. Esse planejamento ocorreu com a parceria entre o professor da Universidade, os monitores e os acadêmicos (oficineiros) da disciplina com o intuito de que os estudantes da Educação Básica pudessem construir seu próprio conhecimento a partir da compreensão do fenômeno e relacionar a Ciência com seu cotidiano. Buscou-se, também, obter uma reflexão crítica social do mundo e exercer melhor a cidadania a partir da aplicabilidade do conhecimento científico e da compreensão dos fenômenos (MARCONDES, 2008).

A abordagem do tema, além de incluir informações sobre o mundo físico, buscava relacionar com os conhecimentos que os estudantes poderiam possuir sobre o fenômeno, ou seja, tinha a finalidade de abranger uma perspectiva mais social, que considerava o conhecimento da realidade, julgamento e intervenção. Nesse contexto, os estudantes poderiam se tornarem capazes de elaborar suas próprias opiniões, a partir do ponto de vista a respeito dessa problemática e de suas implicações sociais, tecnológicas e ambientais e, assim, poder tomar alguma decisão, individualmente ou em grupo (SILVA; MARCONDES, 2007).

Como observado no quadro 1 foram realizadas 12 oficinas, cada uma desenvolvida, aproxima-

damente, por trêsicineiros e atendeu de 12 a 30 estudantes do Ensino Médio. Apenas a oficina “Hora do chá: conte sua história” não realizou sua execução, pois as escolas haviam decretado suspensão das aulas com o início da pandemia pela COVID-19. No total, foram atendidos, aproximadamente, 247 estudantes. Cabe expressar que os professores responsáveis pelas turmas puderam acompanhar o processo de execução.

Alguns desafios nesse processo de organização foram a construção das parcerias com as escolas da Educação Básica, pois para alguns professores a proposta é nova e precisam de tempo para entender a dinâmica das oficinas. O próprio processo de construção por parte dosicineiros é inovador, pois precisam de tempo para se apropriarem das estratégias de ensino, da construção dos objetivos, da apropriação dos conceitos e da contextualização da temática na oficina.

A RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS COM OTC E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA

Após o desenvolvimento das oficinas, os acadêmicos foram convidados a escreverem um relato sobre o processo de produção e execução, destacando tanto aspectos gerais do seu processo de formação quanto contribuições para a sua formação enquanto futuros professores. Com a análise dos relatos foram construídos eixos, categorias e subcategorias que representam os sentidos e relações apresentados por esses estudantes nesse processo formativo.

Foram identificados os eixos Contribuições para a Educação Básica (12 inferências), Experiência em sala de aula (11 inferências), Trabalho em equipe (07 inferências), Apropriação de conhecimento (07 inferências), Desenvolvimento da oficina (07 inferências) e Desafios encontrados (06 inferências) (Quadro 2)

Quadro 2: Reflexões dos acadêmicos sobre a participação nas OTC

Eixos	Categorias	Freq.	Freq. Total
Trabalho em Equipe	Comunicação	02	07
	Flexibilidade	02	
	Cooperação	02	
	Respeito aos prazos	01	
Apropriação de conhecimento	Relação com o cotidiano	04	07
	Temática	02	
	Forma geral	01	
Contribuições para a Educação Básica	Participação dos alunos	06	12
	Divulgar conhecimento	03	
	Relação com a escola	01	
	Visão sobre a escola	01	
	Desmistificar a Química	01	
Experiência em sala de aula	Primeira experiência em sala de aula	06	11
	Práticas de ensino	02	
	Visão sobre a escola	01	
	Dificuldades	01	
	Visão sobre educação	01	
Desafios encontrados	Controle de sala	02	06
	Dificuldade devido à pandemia	02	
	Dificuldade no planejamento	01	
	Visão negativa da Química	01	

Desenvolvimento da oficina	Interação professor-aluno	03	07
	Contextualizar o conteúdo	02	
	Relação com a linguagem	01	
	Organização do experimento	01	

Fonte: Elaboração própria (2022).

O eixo Contribuições para a Educação Básica teve maior frequência em relação aos demais e identificou-se como categorias: participação dos alunos (06 inferências), divulgar conhecimento (03 inferências), relação com a escola (01 inferência), visão sobre a escola (01 inferência) e desmistificar a Química (01 inferência). Nesse eixo, os acadêmicos expressam suas contribuições para a Educação Básica no sentido de favorecer, com o trabalho desenvolvido nas oficinas, uma maior participação dos alunos nas atividades práticas e explicações conceituais. “[...] foi possível olhar nos alunos o entusiasmo por estar fazendo algo fora da rotina da escola”, diz Inf. O. Como a oficina tem um caráter prático e busca de seus participantes uma ação ativa em todo o processo – os momentos são movidos por perguntas, textos, reportagens, jogos e atividades experimentais –, é possível observar nos relatos dos acadêmicos esse movimento dos estudantes.

Um ponto interessante de ressaltar foi o entrosamento dos alunos, que se mostraram interessados na oficina durante a maior parte do tempo, dando sugestões, fazendo e respondendo perguntas, realmente participando do momento (Inf. K).

Nesta construção, compreende-se que a contextualização tem seus níveis de criticidade, pois não basta apenas relacionar com o cotidiano ou usá-la como estratégia metodológica de ensino de conceitos disciplinares. Pensa-se na contextualização como momento de reflexão crítica e interativa sobre situações reais e existenciais para os estudantes, permitindo o trabalho com os significados e atribuição de sentidos (SANTOS, 2007; 2011). Não se pode pensar o ensino por meio de um conteúdo específico limitado a exemplificação, mas trazer temáticas com fenômenos culturais, científicos, sociais, políticos que partam de uma situação problema a ser investigada, estudada, analisada e explicada na oficina. O ensino dialógico (FREIE, 2015) consiste na relação entre

os sujeitos (professores e estudantes) mediados pelo objeto estudado (tema, conteúdo ou fenômeno) para a problematização e compreensão dos conteúdos abordados na oficina. Durante a realização das oficinas de Ciências pode-se utilizar diferentes recursos didáticos que favoreçam o diálogo e a interação entre professor e estudante, por exemplo, experimentação, jogos didáticos, textos, reportagens, vídeos, imagens ou materiais.

Pode-se notar que o acadêmico percebe que seu papel era divulgar conhecimento (03 inferências). Destaca contribuições como:

Então, acredito que eles adquiriram novos aprendizados e entenderam que existem outros métodos que podemos utilizar para higienizar os fios. Arelado a isso, perceberam que o conceito de limpeza não está necessariamente relacionado à espuma em excesso, mas a forma em que massageamos o couro cabeludo (Inf. F).

Pode-se desenvolver, por meio das oficinas, discussões de temas da Ciência/Química para o ambiente escolar, trabalhando a relação dos conhecimentos da Ciência e dos saberes populares no ambiente escolar, mostrando que essas ações podem ser importantes veículos de popularização e divulgação da ciência e recursos necessários na educação. Busca-se, com a realização das oficinas, desenvolver ações que possibilitem incentivar a popularização da Ciência.

Outras categorias apresentadas com menor inferência foram relação com a escola (01 inferências), em que um acadêmico apresenta uma boa afinidade ao chegar na escola tanto da equipe da escola quanto dos estudantes; visão sobre a escola (01 inferência), onde observa-se uma mudança das concepções do acadêmico sobre a escola: “Depois dessa experiência percebi que a escola pode ser um espaço para diversos projetos como dentre outros a oficina, que foge do método tradicional de

ensino e promove uma maior interação e participação do aluno” (Inf. C). E, outra categoria foi desmistificação da Química (01 inferência), que está relacionada ao papel do oficinheiro em permitir um novo olhar sobre a Química, pois nem tudo que tem Química é ruim, mas através da temática e das oficinas as visões dos estudantes sobre a Química e a Ciência podem ser aprofundadas na compreensão de aspectos positivos e negativos nessa relação da Ciência com a sociedade.

No segundo eixo, *Experiência em sala de aula* (11 inferências), a categoria com maior frequência foi primeira experiência em sala de aula (06 inferências). A maioria dos acadêmicos que cursaram o componente curricular são do terceiro semestre de curso e para eles essa é a primeira experiência em sala de aula enquanto oficinheiros-professores. Eles expressaram que essa primeira experiência foi positiva por aprender sobre planejamento, estratégias de ensino, aprofundamento conceitual e aproximar-se da escola.

A execução da oficina foi a minha primeira experiência em sala de aula, imaginava que seria difícil, manter os alunos concentrados nas dinâmicas, porém o plano de aula foi muito bem pensado, deixando os alunos ocupados a todo momento, sempre tendo que participar, seja de forma escrita, ou oral e, também prática; facilitando muito o nosso trabalho (Inf. B).

Como pode-se observar nesse relato, os oficinheiros, durante e após execução das oficinas, têm a oportunidade de refletirem sobre a dinâmica de interação com os estudantes e avaliar suas experiências enquanto futuros professores. Além de ser um momento de primeira experiência em sala de aula, também, foi o momento de conhecer práticas de ensino (02 inferências), pois ao observar outros colegas e se prepararem para a execução das oficinas, esses acadêmicos conheceram estratégias que ajudaram na realização das atividades. Alguns outros citaram de forma geral mudanças nas visões sobre a escola (01 inferência), dificuldades (01 inferência) e mudanças nas visões sobre educação (01 inferência).

Os eixos *Trabalho em equipe* (07 inferências), *Apropriação de conhecimento* (07 inferências) e *Desenvolvimento da oficina* (07 inferências) tive-

ram a mesma frequência. No *Trabalho em equipe*, apareceram as categorias comunicação (02 inferências) tanto no aspecto positivo quanto negativo. Tiveram grupos que conseguiram ter uma boa comunicação para a realização do trabalho em equipe e outros à falta dessa comunicação atrasou e dificultou o planejamento da oficina. Outra categoria foi a flexibilidade (02 inferências), onde alguns acadêmicos dizem que outras atividades como disciplinas, emprego e algumas obrigações dificultaram encontros entre o grupo, mas as redes sociais ajudaram no desenvolvimento do trabalho. Outro elemento importante do trabalho em equipe foi a cooperação (02 inferências), pois através da relação construída pelo grupo, os acadêmicos conseguiram trocar ideia e rever suas dificuldades e corrigir alguns erros. E, o respeito aos prazos (01 inferência), também foi um elemento citado nos relatos, pois para um acadêmico a falta de cooperação e comunicação dificultou o cumprimento dos prazos para entrega do plano e roteiro da oficina.

Em *Apropriação do conhecimento* (07 inferências) observou-se a categoria relação com o cotidiano (04 inferências), em que os acadêmicos puderam fazer relação da temática com os conceitos e aspectos sociais e culturais abordados nas oficinas. Os acadêmicos precisaram estudar aspectos da Ciência, da cultura, da história, da tecnologia e da sociedade a partir de fatos atuais para saber contextualizar os conhecimentos abordados. Nesses estudos, eles puderam aprofundar sobre a temática estudada (02 inferências), como diz o Inf. A: “Todas as informações abordadas para mim foram novas, pois já tinha ouvido falar sobre agrotóxicos, porém não com tanta obrigatoriedade e muito menos que o Brasil é o maior usuário do mundo”. E, um acadêmico apresentou de forma geral (01 inferência) esse aprendizado: “Essa oficina me proporcionou muito aprendizado, pois não conhecia os assuntos. Aprendi alguns assuntos mais a fundo”, diz Inf. M.

Já no eixo *Desenvolvimento da oficina* (07 inferências) os acadêmicos destacaram outros aprendizados durante o processo de elaboração das oficinas. A categoria com maior inferência foi interação professor-aluno (03 inferências), que

traz reflexões sobre a importância da relação professor e aluno durante o processo de ensino e aprendizagem. As estratégias de ensino como atividades experimentais investigativas, reportagens, debates e jogos permitiram essa interação e diálogo entre os participantes. Em seguida, aprenderam a contextualizar o conteúdo (02 inferências), construir uma relação entre a linguagem científica e a linguagem popular, relação com a linguagem (01 inferência), e, entender a importância de testar os experimentos e demais atividades antes da execução da oficina para que o professor possa estar preparado para eventuais ocasiões que possam surgir, em organização do experimento (01 inferência).

Eles também abordaram alguns desafios encontrados ao longo de todo o processo, que envolveram aspectos individuais e externos. Em controle de sala (02 inferências), dificuldade no planejamento (01 inferência) e visão negativa da Química (01 inferência), alguns acadêmicos destacaram como desafio – por ser a primeira experiência em sala de aula – a dificuldade de ter autoridade em organizar a turma, de trabalhar as concepções negativas de alguns estudantes sobre a Química e de organizar uma proposta que fosse interessante para eles.

O maior desafio dessa oficina foi superar o barulho, que eu acredito que seja uma espécie de barreira criada pelos alunos, pelo fato de não nos conhecermos ou de a oficina não ter trazido tudo aquilo que eles esperavam, mas isso é

um aprendizado também, uma experiência, no futuro quando eu for planejar possíveis aulas ou até mesmo oficinas, saberei que tenho que tentar ao máximo inovar, trazer fatos novos, como experimentos, por exemplo (Inf. E).

A inserção de ações extensionistas dentro do componente curricular favoreceu a aproximação dos futuros professores com o ambiente de trabalho. As atividades desenvolvidas por meio da elaboração e execução de oficinas temáticas possibilitaram aprofundamento teórico científico, pedagógico e buscou atender as demandas escolares referentes ao ensino de química, levando um ensino mais contextualizado. Essesicineiros saíram da Universidade para se aproximarem da sociedade levando temáticas científicas e dando espaço para que temas sociais da região também virassem saberes acadêmicos.

Apenas dois acadêmicos não conseguiram chegar à etapa de execução da oficina, pois tiveram dificuldades com o trabalho em equipe e cumprir os prazos de planejamento. Foram atravessados pela pandemia (02 inferências), e não conseguiram desenvolver pela suspensão das aulas presenciais.

No mesmo relato foi solicitado que osicineiros escrevessem quais as contribuições do processo de construção e desenvolvimento das oficinas para a sua formação inicial enquanto futuros professores de Química. Suas reflexões também foram organizadas em eixos, categorias e subcategorias (Quadro 3).

Quadro 3: Contribuições da OTC para a formação inicial em Lic. Em Química

Eixo	Categorias	Subcategorias	freq.	freq.	fr. total
Contribuições para a formação inicial	identificação com a docência	---		01	22
	Planejamento da oficina	trabalho em equipe	01	03	
		interação professor-aluno	01		
		Planejamento	01		
	Relação com a escola	recepção positiva	02	03	
		realidade dos alunos	01		
	Contribuição da disciplina	relação com a sociedade	01	06	
		relação com conhecimento e atitudes	01		
		iniciação à docência	04		
	Satisfação pessoal	---		03	
Experiência docente	relação com os alunos	01	05		
	saber fazer	04			
Ser professor	Papel do professor	alfabetizar cientificamente	01	01	

Fonte: Elaboração própria (2022).

Na categoria contribuição da disciplina (06 inferências) os acadêmicos destacam a importância do componente curricular para a formação. Como a atividade extensionista foi organizada dentro de uma disciplina chamada Química e Sociedade e teve como produto o desenvolvimento das OTC, observou-se que boa parte das contribuições estão voltadas a oportunidade de ter essa experiência no início do curso. Eles destacaram na subcategoria iniciação à docência (04 inferências) que o desenvolvimento das oficinas nas instituições foi a primeira experiência em sala de aula enquantoicineiros-professores:

A experiência como um todo foi enriquecedora para nós, enquanto estudantes de licenciatura, pois a grade curricular do nosso curso apenas nos propicia momentos como esse no final do curso e esta é uma experiência que eu acredito que deva ser desenvolvida durante todo o curso (Inf. R).

Além disso, destacaram que a disciplina contribuiu para relacionar os conceitos e temas com o contexto social, relação com a sociedade (01 inferência). Eles puderam buscar uma relação dos conhecimentos e as atitudes a serem desenvolvidas dentro do processo de ensino e aprendizagem (01 inferência).

Alguns trabalhos na literatura apontam a necessidade dos professores terem como ponto de partida, para os processos de elaboração dos conhecimentos escolares, as ideias prévias dos estudantes (SANTOS, 2007; CHASSOT, 2014; FREIRE, 2015). O papel da linguagem é de transformar a prática da sala de aula numa prática dialógica. Significa dar voz aos estudantes, para expressarem suas visões de mundo e ao mesmo tempo contemplar as vozes do cotidiano e dos contextos sociais e tecnológicos onde a Ciência se materializa, através da construção do discurso científico na sala de aula.

Para os acadêmicos o desenvolvimento das oficinas foi um momento de experiência docente (05 inferências) que favoreceu a relação com os alunos (01 inferência) e permitiu compreender esse processo de saber fazer (04 inferências).

Esse contato com a escola e com os alunos foi muito enriquecedor, pois além de transferirmos nosso conhecimento, aprendemos em muitos aspectos e conseguimos relacionar essa temática

com o currículo (CTSA) Ciência-Tecnologia-Sociedade-Ambiente, pois ambos estão interligados e presentes na sociedade (Inf. F).

Além de ser um momento de experiência docente por causa do contato com a escola, os estudantes e o saber-fazer, a etapa de planejamento da oficina (03 inferências) também foi importante por promover o trabalho em equipe (01 inferência), para pensar a interação professor-aluno (01 inferência) e para aprender sobre planejamento (01 inferência), como afirma o Inf. D: "Aprendi que planejar uma oficina envolve muito mais do que o processo de planejamento mecânico e conteudista e torna-se necessário pensar também na interação professor-aluno".

A categoria relação com a escola (03 inferências) destaca que esse momento de aproximação com a escola foi muito importante para esses acadêmicos no início do curso. Observa-se que as categorias iniciação à docência, experiência docente e relação com a escola reafirmaram, em diferentes etapas do desenvolvimento das OTC, o quanto esse momento de contato com a escola, os estudantes e colocar em prática todo o planejamento da oficina foi marcante para osicineiros. Reforça-se o quanto essa experiência no início do curso é importante para os acadêmicos irem pensando sobre a prática profissional, nesse caminho contínuo e permanente de identificação ou diferenciação com a atividade docente.

Percebe-se nas subcategorias recepção positiva (02 inferências) e realidade dos alunos (01 inferência) que os acadêmicos conseguiram construir uma relação positiva com os estudantes e com a escola, pois foram bem recebidos. Puderam conhecer a dinâmica da escola e a realidade dos interesses dos estudantes na sala de aula. Outra categoria, satisfação pessoal (03 inferências), boa parte dosicineiros se sentiram realizados pelo trabalho desenvolvido.

Ao longo da etapa de execução das oficinas, que o papel do professor (01 inferência) é de alfabetizar cientificamente (01 inferência) (SANTOS, 2007). Percebe-se o papel dos professores na promoção da divulgação científica em sala de aula, aproximando os estudantes da Ciências a partir da problematização com as temáticas sociais. Ao longo da oficina, os es-

tudantes têm oportunidade de acercar-se da linguagem científica que busca compreender os fenômenos sociais, ambientais e culturais. A linguagem assumida nessa perspectiva tem um papel constitutivo na elaboração conceitual, que é uma forma de construção histórico-cultural do conhecimento. A inter-relação entre linguagem e o mundo dos fenômenos e teorias é questão básica no ensino de conceitos científicos e a construção do entendimento está, portanto, relacionada com as muitas formas como as vozes (livros, professor, alunos, experiências do cotidiano, linguagem científica, etc.) entram em contato e se dialogam, possibilitando a construção dos conhecimentos escolares (SANTOS, 2007; CHASSOT, 2014).

Com o processo de planejamento e execução das oficinas houve possibilidades de identificação com a docência (O1 inferência) por parte dosicineiros:

Diante de tudo isso, toda essa mistura de emoções (nervosismo, um certo medo, ansiedade e a sensação de dever cumprido, alívio), eu concluo que nosso trabalho, do nosso jeito, saiu não só o que esperávamos, mas além disso. No momento em que alguns dos jovens relataram da importância da oficina em suas vidas eu me maravilhei (como se a ficha tivesse caído – existiram pessoas ali que realmente se identificaram com o conteúdo). Então, eu acredito que conseguimos alfabetizar cientificamente uma pequena parcela daquela comunidade escolar e que alfabetizar cientificamente na prática não é fácil, pois existirão aquelas pessoas desatentas e que muitas vezes se recusarão a aprender, o que não é culpa delas, cada um de nós reage a uma situação de maneira diferente. O que se pode fazer é buscar cada vez mais meios de trazer a essa parte da sociedade o conhecimento. Diante disso, eu pude enxergar que a escola é o principal meio de tentar realizar essa exposição de conhecimento e que apesar de toda a bagunça é ali que eu quero estar, sinto que é o meu lugar, com centenas de jovens a todo vapor, curiosos e dispostos, do seu jeito, a mudar o mundo através do conhecimento (Inf. E).

É no contexto da importância da construção dos conhecimentos escolares a partir do diálogo entre os conhecimentos do cotidiano e científico e da necessidade de repensar os cursos de formação de professores, colocando o acadêmico em contato e refletindo a complexidade da realidade escolar, que se observa a importância de tais atividades desenvolvidas

de forma extensionista em um componente curricular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas observa-se que os acadêmicos estabeleceram muitas relações positivas com as atividades extensionistas desenvolvidas por meio das OTC na Educação Básica. Nas categorias observa-se a aproximação com a docência; aprofundamento dos conhecimentos científicos e pedagógicos; interação com a escola, professores e estudantes da Educação Básica; promoção da alfabetização científica com as oficinas temáticas; mudanças nas visões sobre a interação professor-aluno em sala de aula; desenvolvimento do trabalho em equipe; reflexão sobre a aproximação Universidade e escola; e, ponderações sobre as mudanças curriculares nos cursos de formação inicial de professores.

Desse modo, busca-se a ampliação dessas ações extensionistas com a criação de projeto de extensão, além da sua continuidade no componente curricular. Entende-se que sem a contribuição efetiva dos acadêmicos, professores e monitores jamais essas ações teriam alcançado seus objetivos. Assim, considera-se a continuidade das ações desenvolvidas e avaliação das suas contribuições para formação dos acadêmicos, monitores, professores e demais estudantes em futuros trabalhos, além do aprofundamento dos estudos na área de Educação em Ciência e Extensão Universitária.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 2015.
- CALIPO, D. **Projetos de extensão universitária crítica**: Uma ação educativa transformadora. Campinas, 2009. Base de dados do Scielo. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000390135>> Acesso em: 20 ago.2020.
- CHASSOT, A. **Para que(m) é útil o ensino?**. 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.
- DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de ciências**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 197 p.
- JENIZE, E. **As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária**. 2004. Disponível em: <<https://www.monografias.com/pt/trabalhos-pdf901/as-praticas-curriculares/as-praticas-curricu-lares.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013. 112 p.
- MARCONDES, M. E. R. **Proposições Metodológicas para o Ensino de Química**: Oficinas Temáticas para a Aprendizagem da Ciência e o Desenvolvimento da Cidadania. **Em Extensão**, Uberlândia, V. 7, 2008. p. 67-78
- MAZZILLI, S. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da Universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Rbpae**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 205-221, ago, 2011.
- RODRIGUES, A. L. L.; et al. Contribuições da Extensão Universitária na Sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**. Aracaju, V. 1, n.16, 2013. p. 141-148.
- SANTOS, W. L. P. Contextualização no ensino de Ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. **Ciência & ensino**, vol. 1, número especial, nov. de 2007.
- SANTOS, W. L. P. Significados da educação científica com enfoque CTS. In: SANTOS, W. L. P.; AU-
LER, D. (org.). **CTS e educação científica**: desafios, tendências e resultados de pesquisas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.
- SCHEIDEMANTEL; S. E.; KLEIN, R.; TEIXEIRA, I. T. A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte** – 12 a 15 de setembro de 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Direitos/Direitos5.pdf> Acesso 17 de janeiro de 2022.
- SILVA, D. P.; MARCONDES, M. E. R. (org). **Oficinas Temáticas no Ensino Público**: Formação Continuada de Professores. Material produzido pelo Grupo de Pesquisa em Educação Química (GEPEQ) do Instituto de Química, da Universidade de São Paulo. São Paulo, Secretaria de Educação: FDE, 2007. 108p.



Capacitação em Escorpionismo realizada na Biblioteca Municipal em novembro de 2021 e direcionada aos agentes comunitários de saúde. Cruz das Almas-Ba. **Foto:** Autoria do artigo "*ESCORPIONISMO NO MUNICÍPIO DE CRUZ DAS ALMAS- BAHIA: ESTRATÉGIAS E AÇÕES NA FORMAÇÃO DE AGENTES MULTIPLICADORES*" (2021).

ARTIGOS

REPENSANDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CAMPO DE PÚBLICAS A PARTIR DE UM CENÁRIO DE ISOLAMENTO SOCIAL: O CASO DO PRINAGEM MODALIDADE REMOTA EM LUMINÁRIAS-MG

RETHINKING THE UNIVERSITY EXTENSION IN THE PUBLIC AFFAIRS FROM A SCENERY OF SOCIAL ISOLATION: THE CASE OF THE PRINAGEM REMOTE MODE ON LUMINÁRIAS-MG

Gabrielly Fernandes Ribeiro

Bacharel em Administração Pública pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: gabriellyfr.ap@gmail.com

Gustavo Costa de Souza

Doutor em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPED/IE/UFRJ). E-mail: gustavocosta@ippur.ufrj.br

RESUMO

Este trabalho analisa uma experiência de extensão universitária no Campo de Públicas através do estudo de caso do Programa de Internato em Administração e Gestão Municipal (Prinagem). O projeto foi executado por uma equipe de graduandos, professores e pós-graduados da Fundação João Pinheiro e da Universidade Federal de Lavras, com o objetivo de auxiliar na resolução de algumas demandas do município de Luminárias-MG, Brasil. Por meio de reuniões online e estudos diagnósticos, as soluções foram construídas em colaboração com a equipe técnico-administrativa municipal. O produto final foi uma cartilha de cursos para servidores públicos de diversos setores e novas avaliações de desempenho para atender às demandas. Na primeira parte, o artigo contextualiza a importância das atividades de extensão na vida acadêmica e profissional, bem como suas consequências no meio social, apontando os desafios trazidos pela pandemia de Covid-19. Assim, trata-se da formação do graduando como extensionista, de suas visões e interpretações dos problemas públicos, em contraposição aos dos servidores públicos e da interação desses atores para o alcance das soluções. Destaca a disseminação do conhecimento acadêmico em uma perspectiva democrática de acesso e otimização de recursos econômicos e humanos na execução das atividades de extensão.

Palavras-chave: Extensão universitária. Capacitação continuada. Experiência profissional. Problemas públicos.

ABSTRACT

This paper analyses an experience of an university extension project on Public Affairs through the case study of the Internship Programme in Municipal Administration (Prinagem). The project was carried out by a team of undergraduates, teachers and postgraduates of the João Pinheiro Foundation and the University of Lavras, in order to assist in the resolution of some demands of the municipality of Luminárias, Brazil. Through online meetings and diagnostic studies, the solutions were constructed in collaboration with the municipal technical-administrative team. The final product was a booklet of courses for public servants of various sectors and new performance

evaluations to meet the demands. In the first part, the article contextualizes the importance of extension activities in academic and professional life as well as its consequences in the social environment, pointing out the challenges brought by the Covid-19 pandemic. Thus, it deals with the formation of the graduate as extensionists, their views and interpretations of public problems, in contrast to those of public servants and the interaction of these actors for reaching the solutions. It highlights the dissemination of academic knowledge from a democratic perspective of access and optimisation of economic and human resources in the implementation of extension activities.

Keywords: University Extension. Ongoing Training. Professional Experience. Public Problems.

INTRODUÇÃO

A adaptação em momentos críticos recai no ser como sendo algo necessário para que assim, possa executar suas atividades, sejam elas básicas ou intelectuais. O surgimento em dezembro de 2019, na cidade Wuhan - província de Hubei na China, de um novo vírus respiratório, relatado e classificado como SARS-CoV2, deu origem à pandemia da COVID-19 a qual foi a propulsora da mudança de hábitos ao redor do mundo, trazendo não apenas uma nova rotina de cuidados com a saúde, mas também em todos os outros setores, sejam eles pessoais ou profissionais.

Assim, as atividades realizadas de forma presencial foram suspensas ou realocadas para realização através de plataformas online. Realidade essa que também se aplicou ao cenário educacional, o qual foi um dentre tantos outros fortemente afetados nos últimos tempos, tanto pela pandemia quanto pelas novas possibilidades tecnológicas. Com as mudanças de condições mencionadas, a utilização de novas metodologias de aprendizagem ganhou espaço em todos os níveis educacionais, não obstante enfrentando a barreira imposta pela desigualdade de acesso tanto dos alunos quanto de profissionais da educação.

No caso das universidades, os métodos de ensino que puderam ser adequados foram ancorados principalmente nos recursos tecnológicos com conexão online, como plataformas já em uso ou existentes nas instituições e do uso de plataformas auxiliares, como por exemplo, as ferramentas de chamadas de vídeo do Google (Google Meet). A utilização desses recursos pode-se aplicar também nas atividades de extensão. Tais atividades vêm se expressando de diversas formas, pois mesmo que não estejam

permitidas ações presenciais, como em tempos comuns, os problemas sociais não pararam de crescer. Segundo Marques (2020) esses problemas só foram aumentando e com os novos desafios recentes propiciados pela pandemia, muitas perguntas surgem no percurso, tais como “o que fazer? Como ajudar? Como agir?”. Assim, a extensão figura como possível solução para diversos tipos de problemas. (MARQUES, 2020, p. 43)

É, portanto, nesse contexto de adaptação ao cenário pandêmico e mediante a urgência dos problemas que não se esgotam que o presente trabalho irá se desenvolver. Este apresentará não apenas as adaptações e desafios da extensão em tempos de crise, mas a expressará a partir de uma experiência prática. Tal é fruto do Programa de Internato em Administração e Gestão Municipal (Prinagem), o qual está atualmente em sua 11ª edição.

O presente artigo tratará da extensão no Campo de Públicas e seus desafios sob a ótica do trabalho executado no município mineiro de Luminárias-MG durante o período de janeiro a março de 2021, apresentando o caminho dos problemas e as soluções encontradas

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização do presente artigo foram usados alguns recursos metodológicos, os quais serão apresentados na sequência. Com base em Gil (2008), o presente trabalho terá caráter, quanto ao objetivo, de pesquisa exploratória com foco no estudo de caso; e quanto aos procedimentos técnicos utilizará da análise documental, tomando como base também a pesquisa bibliográfica para embasamento e tratamento do próprio estudo de caso, além da

observação participante dos autores.

A pesquisa exploratória permite maior familiaridade com o problema em questão, pois busca formas de explicitá-lo. Segundo Gil (2008), geralmente envolve o levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas relacionadas ao problema. Ainda, para o mesmo autor, a pesquisa exploratória costuma se desdobrar na forma de estudo de caso, levando em consideração suas características e peculiaridades na forma de construção.

A análise documental, segundo “[...] busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (LÜDKE *et al.*, 1986:38). Como documentos base utilizou-se dos formulários, planilhas e relatórios relacionados aos processos preparatórios do programa, bem como alguns dos processos de realização e pós-projeto, com o compilado das atividades realizadas ao final da proposta.

A décima edição do Prinagem, realizada no primeiro semestre de 2021, gerou um conjunto de documentos (pré, durante e pós-projeto, com dados obtidos a partir de formulários aplicados junto aos discentes e docentes participantes) para os oito municípios envolvidos. Entretanto, será utilizado apenas o que se diz respeito ao município de Luminárias, localizado ao sul de Minas Gerais.

Associadamente, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, por meio do levantamento das produções acadêmicas e relatos que estejam relacionados com a extensão no cenário pandêmico, trabalhos esses que discutem a temática através da visão extensionista em diversas áreas. Essas servirão como auxiliares na análise da situação bem como no próprio procedimento de análise das informações obtidas (Bocatto, 2006). A análise da bibliografia já existente forneceu uma base para o tratamento e análise das informações obtidas na pesquisa.

O tipo de pesquisa que norteou a execução deste trabalho foi a pesquisa participante. Para Gerhardt e Silveira, “[...] exemplos de aplicação da pesquisa participante são o estabelecimento de programas públicos ou plataformas políticas” (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 40), o que se encaixa no tipo de trabalho executado a

partir do Prinagem.

Complementarmente, a pesquisa ação, segundo Fonseca “[...] pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada [...] traz[endo] consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram” (FONSECA, 2002, p. 34-35 apud GERHARDT E SILVEIRA 2009). Desta forma, reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento dos próprios pesquisadores. Estas questões se espelham na própria prática extensionista, pois é a partir da reflexão dos problemas e das possibilidades que os projetos são criados e quando Fonseca (2002) fala sobre as modificações do conhecimento do pesquisador, na extensão, equivale ao complemento à formação profissional que se tem a partir das ações executadas.

Técnica relacionada aos pontos abordados, por fim, é a da observação participante. Esta, por sua vez, para Gerhardt e Silveira, “[...] ocorre pelo contato direto da pesquisadora com o fenômeno observado. Obtém informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 75). No caso do Prinagem, a resolução das problemáticas apresentadas pelas administrações municipais, além dos desafios impostos pela pandemia, designam-se como uma possibilidade de estudantes de graduação agirem tanto como observadores, mediante as situações advindas da própria realidade das prefeituras municipais, quanto como participantes, a partir de planos de ações ativos e diretos para resolver tais questões problemáticas.

EXTENSÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

O ambiente universitário se configura por ser um local de trocas de saberes e da construção humana e profissional de seus alunos. Para que essas trocas aconteçam é necessário que se pense sobre os pilares que a constituem. Para Sampaio (2004), a extensão universitária possui caráter transformador, o qual transforma o saber acadêmico em um bem público que todos

podem ter acesso, gerando também a possibilidade de se estabelecer parcerias com a sociedade para a construção de projetos sociais, estes com capacidade de resgate da dignidade da sociedade como um todo. Outro ponto que o autor traz sobre o papel da extensão é que tal serviria como uma espécie de “tempero ético”, este que concede “sabor de vida” ao ensino e à pesquisa. Para Sampaio (2004) apud Miguens e Celeste (2014), o ensino possui “sua vertente mais forte na socialização do conhecimento, a pesquisa tem sua vertente mais forte na produção do conhecimento e a extensão tem sua vertente mais forte na indagação sobre a relevância e a ética do conhecimento”.

Complementando a ideia, Demo (2001) afirma que a ação extensionista não pode ser restringida apenas no processo de transmissão de informações técnicas. Para além disso, ela necessita estar constantemente envolvida no processo de troca de saberes e isso ocorre não apenas no ambiente universitário, mas principalmente na comunidade, pois ambos passam a conversar e a servir como espaço de pluralidade de discussões e caminhos para a resolução dos problemas em questão, a partir do elo do compromisso social. Em tempos de isolamento social, pelas razões ocasionadas pela pandemia de Covid-19, a metodologia de se realizar a extensão universitária precisou se dirigir por outros caminhos.

A extensão, dentre suas características, possui a capacidade de se moldar às situações, ou seja, de se encaixar para se adequar às necessidades da sociedade. Com o avanço da pandemia essa característica se realçou, destacou-se dentre as demais, pois, segundo Tassoni *et al.*

[...] a prática de atividades extensionistas, de forma remota, na pandemia, trouxe diversos aprendizados, desafios e dificuldades a serem superados, e mostrou a capacidade de os estudantes, os professores e os serviços se reinventarem e buscarem o conhecimento através de meios alternativos. (TASSONI *et al.* 2020)

Para que as atividades pudessem ser readaptadas e reinventadas, visando superar os desafios e dificuldades mencionados, algumas modificações foram necessárias não apenas por parte dos extensionistas, mas também da comunidade, do público-alvo dos programas,

projetos, ações e afins realizados. Estes foram adequados de acordo com suas áreas e atuações. Um ponto em comum foi o aumento do uso das tecnologias de comunicação, principalmente das redes sociais e plataformas online.

O uso das redes sociais é destacado por Souza e Macedo (2020) como sendo essencial para a atualização do público com informações que sejam úteis e confiáveis, potencializando a capacidade que possuem de divulgação de informações. Ainda sobre esse tema, Rocha *et al.* (2020) apontam que as redes sociais podem exercer dois tipos de suporte para as atividades de extensão, sendo eles: técnico e educacional. A junção das duas modalidades de suporte permite, por sua vez, o auxílio na continuidade das atividades de extensão bem como as demais que podem usufruir desses meios.

A visão de Ricci *et al.* (2020) aponta que as ações extensionistas são mais “delicadas de serem totalmente suspensas” pelo fato de possuírem potencial de contribuição para com a prestação de diversos serviços durante o período pandêmico, seja através de seus programas e projetos ou de suas demais ações, possibilitando assim o atendimento e amparo para a parte da sociedade que ficou ou que teve sua vulnerabilidade intensificada nesse período. Nesse sentido, nas atividades extensionistas voltadas para projetos já existentes também houve a inserção de novas ideias e aplicações, essas voltadas para conter ou diminuir os impactos da pandemia em diferentes níveis e localidades, entretanto não foram todas as instituições que tiveram suporte e aporte para continuarem a executar suas ações.

Sobre a questão da educação à distância, Gusso *et al.* (2020), com base em Kaplan e Haenlein (2016), sugere que o desenvolvimento de atividades através do ensino remoto depende de planejamento para além da questão pedagógica, pois se estende para uma “oferta de uma estrutura informacional adequada, suporte técnico aos professores e estudantes, cuidadosas elaboração e entrega de materiais didáticos a serem utilizados nas aulas, e a alocação desses no ambiente virtual”. Além desses pontos, o autor também enfatiza a importância do apoio pedagógico aos alunos e o treinamento técnico contínuo voltado para as tecnologias

dos professores. Tal aparato também pode ser aplicado para as práticas extensionistas pois, sem um suporte técnico, uma equipe preparada e meios de executar as ações, a própria extensão em tempos de pandemia fica limitada. Segundo Garcia e Penteado (2011),

[...] o contínuo crescimento e o aprimoramento tecnológico da Internet e outras redes de computadores ampliam as possibilidades de compartilhar recursos e informações entre pessoas, grupos ou instituições distantes entre si, viabilizando interações e ações individuais ou coletivas [...] (GARCIA; PENTEADO, 2011)

O uso das tecnologias, em especial a internet, fortaleceu-se como ferramentas de apoio técnico para a execução das atividades de extensão no período pandêmico. Entretanto, mesmo sendo ferramentas auxiliares e facilitadoras, elas vieram acompanhadas por muitos desafios ao longo da execução do programa Prinagem. Mesmo compreendendo que a internet e suas plataformas são meios facilitadores para tais atividades, ela limita, de certa forma, o tempo de retorno por uma das partes envolvidas, o que ocorreu no programa em questão na relação entre as instituições de ensino e as administrações municipais.

Ainda sobre a questão das ações pensadas e executadas remotamente, os autores Baxto, Amaro e Mattar (2019) apresentam como maiores desafios de ações com enfoque educacional realizadas na modalidade à distância, resumidamente: a infraestrutura de acesso; suporte ao usuário (de ambas partes); estrutura das instruções; desenvolvimento profissional (com enfoque no corpo docente).

Pode-se identificar no caso estudado, que essas dificuldades se estendem para além do ambiente institucional da universidade e se ancoram também na própria organização da administração municipal com as questões externas e prazos combinados de repasses para com a equipe. No presente trabalho esses pontos serão abordados a partir da experiência do Prinagem, com foco no município de Luminárias-MG.

A EXPERIÊNCIA DO PRINAGEM

NA MODALIDADE REMOTA NO MUNICÍPIO DE LUMINÁRIAS-MG

A presente seção tratará sobre o caso da experiência do Prinagem no município de Luminárias-MG. Para compreender sobre a ação extensionista de assistência prestada ao município, a presente seção se subdivide em três partes, sendo a primeira direcionada para a compreensão do município em relação ao programa (abarcando desde sua inscrição até a exposição das demandas), perpassando no segundo subitem pelo desenvolvimento dos produtos elaborados para solucionar tais demandas e, por último, abordando os desafios que surgiram ao longo da ação de extensão.

CONTEXTUALIZAÇÃO E DEMANDAS

O Programa de Internato em Administração e Gestão Municipal (Prinagem) é uma iniciativa da Escola de Governo Prof. Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro (EG-FJP). Considerado como obrigatório na grade curricular da graduação de Administração Pública (EG-FJP), visa proporcionar aos graduandos e demais envolvidos, uma experiência de imersão na administração pública municipal através de atividades de assistência e resolução de problemas internos. Atividades similares ainda são pouco relatadas no Campo de Públicas (CP), entretanto programas como o Prinagem trazem à tona a necessidade de cursos do CP de realizarem atividades do tipo nas administrações municipais para que, além de proporcionar novas experiências vivenciais, enriquecer a formação profissional do graduando.

Considerando que a formação de futuros administradores públicos pode ser expandida para além do que se é dado em sala de aula, o Prinagem representa uma oportunidade ímpar, pois permite que discentes estabeleçam contato com os problemas públicos em suas diversas facetas e onde podem interferir durante seu processo formativo. Na administração pública há a possibilidade de se vivenciar grande parte das teorias estudadas em sala de aula, entretanto de forma a percebê-las no

ambiente em que estão inseridas, qual a raiz de sua problemática, suas peculiaridades em relação à localização e costumes, perfil de seus municípios e correlatos.

Visando a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, a possibilidade de vivenciar os problemas existentes nas prefeituras municipais, ou parte deles, por futuros gestores públicos, os quais são direcionados a pensar em soluções, o programa tem como propósito contribuir também para o fortalecimento da gestão municipal e permitir a inserção de estudantes na administração pública municipal.

Aprender na prática o que se é fundamentado teoricamente em espaços de ensino possibilita que se construa conhecimentos e habilidades de ação para além da sala de aula. A visão de Freire (2010) traz a reflexão acerca de se repensar a extensão como sendo um processo de formação universitária, esta que se dá, por sua vez, através de uma “pedagogia crítica” que possibilita, a partir dessas experiências, a construção de novos conhecimentos por meio da percepção do contexto social no qual estão inseridos e, conseqüentemente, de suas demandas.

No programa em questão, foram executadas oito edições presenciais e, contando com a que está em curso no momento da redação deste trabalho, três edições remotas. Dentre as onze, oito edições presenciais foram executadas exclusivamente pela EG-FJP e as demais foram realizadas em parceria com a Universidade Federal de Lavras – UFLA. Tal parceria expandiu a ideia e a necessidade de programas de extensão nesse âmbito para os estudantes de administração pública, mas também aumentou o alcance e possibilidades de parcerias entre as instituições e os municípios. A possibilidade de se construir redes de contato e de assistência é promissora, pois estende a capacidade de ação, parceria e de atuação em campo para os estudantes, além da própria interação e trocas com as prefeituras e graduandos de instituições diferentes.

O trabalho realizado no município de Luminárias-MG fez parte da décima edição, realizada de forma 100% remota, considerando desde

o ato de inscrição do município, as reuniões preparatórias de alinhamento de demandas e de planejamento de projetos para suprir suas necessidades, até a entrega e a realização da troca de experiências com participantes que atenderam outras prefeituras. O município em questão foi um dos que receberam as equipes participantes da décima edição. O critério de seleção dos municípios deu-se através de edital em que as prefeituras se candidataram por meio do preenchimento de um formulário disponibilizado na plataforma *Google Forms* e contou com a inscrição de 25 municípios mineiros, dentre os quais foram selecionados oito.

A décima edição foi programada e realizada em quatro semanas, considerando o período entre janeiro e fevereiro de 2021, e contou com a participação de nove discentes, dois docentes e dois assistentes da pós-graduação da EG-FJP e nove discentes, três docentes e um assistente da pós-graduação da UFLA. Para a realização do programa algumas atividades foram pautadas em entregas pré-estabelecidas, tais como: Pré-diagnóstico do município; Plano de Ação; preenchimento da Planilha de Acompanhamento semanal (por parte da equipe); Produtos acordados com as administrações municipais; e Relatório Final.

Para apresentar seus problemas o município pôde escolher entre treze opções para as demandas, podendo separá-las em demanda primária e demanda secundária, além do espaço para discorrer sobre as principais motivações para escolha como, por exemplo, a maior problemática enfrentada pela prefeitura dentro da opção escolhida. Dentre as onze, o município de Luminárias-MG selecionou como primeira demanda “apoio à processos de gestão de pessoas (diagnóstico de clima organizacional, apoio na elaboração de planos de cargos e salários)” e como segunda demanda “oferta de oficinas para servidores, secretários municipais, conselheiros de políticas públicas”.

Como motivação de escolha da primeira demanda pelo servidor representante da prefeitura municipal luminarense, fora apresentado que “em diagnósticos que estão sendo realizados pela equipe transição, percebe-se uma série de reclamações com relação ao setor de Gestão de Pessoas e, durante visita ao depar-

tamento, confirmou-se que medidas precisam ser implementadas para sua reformulação". Para a segunda demanda, a motivação também foi explicitada, apontando que "com a reformulação da equipe da atual administração, sua qualificação é imprescindível para a otimização dos serviços prestados pelo Poder Público Municipal". (respostas ao *Forms* 2021.1 Inscrições Municípios Prinagem - Luminárias-MG).

Percebe-se que ambas as motivações possuem ligação com a transição de administração, pois o período de inscrição abarcou o período pós-eleitoral municipal, o que ocasionou o trabalho com os novos grupos de servidores em grande parte das prefeituras assistidas. Como se pode depreender, a descontinuidade do serviço público é um problema que influenciou a escolha das demandas da prefeitura de Luminárias diretamente, com impactos não apenas na prestação dos serviços internos como também dos externos. Outro ponto complementar a esse é a necessidade das unidades públicas da profissionalização do servidor, o qual fica evidenciado na segunda demanda e em sua motivação.

Para compreender melhor esses fatores, bem como para que se encontrasse solução mais adequada para os problemas apresentados, foram realizados alguns encontros virtuais com o representante da prefeitura, bem como outra servidora. A fim de alinhar as expectativas de produtos a serem desenvolvidos, foram realizadas reuniões online para alinhamento das demandas de forma a deixá-las bem evidenciadas e passíveis de serem pensadas e criadas no período de duração do programa. Por fim, observou-se que ao longo desses encontros as demandas da Administração de Luminárias estavam primordialmente ligadas ao setor de Gestão de Pessoas, as quais foram distribuídas em três, sendo: avaliação de desempenho, redesigno de organograma do setor de RH e capacitação dos recursos humanos.

A estrutura da prefeitura e da Gestão de Pessoas tem por base de funcionamento a Lei Complementar nº. 20, de 02 de Março de 2009, especificada pela Lei Ordinária 1172/2012, alterada pela Lei Complementar nº. 38, de 22 de Agosto de 2017, a qual dispõe acerca da estrutura organizacional administrativa do Po-

der Executivo do Município de Luminárias. A Lei Ordinária em questão também especifica, com maior riqueza de detalhes, as funções exatas de cada um dos órgãos existentes na administração municipal. A Secção II do Capítulo III desta mesma Lei trata das funções da Coordenadoria de Gestão de Pessoas, diretamente subordinada à Secretaria Municipal de Administração e Finança e responsável pelas atividades de Gestão de Pessoas do município. Para compreender as relações de funcionamento estabelecidas pela Lei Ordinária nº1172/2012, alguns dos pontos mais importantes são:

A. O Art. 32 da referida Lei determina que os órgãos obedecerão um sistema de escalonamento hierárquico de dois níveis, o de Coordenadoria (Nível mais baixo) e o de Secretária (Nível mais alto).

B. O Art. 33 da referida Lei Complementar trata das classificações dos órgãos do Poder Executivo. São três categorias, sendo elas os órgãos de Assistência e de Assessoramento Direto e Imediato ao Prefeito, os Órgãos de Atividade Meio e os Órgãos de Atividade Fim.

C. Entre os órgãos de assistência estão a Assessoria Técnica e de Gabinete, Gabinete do Vice Prefeito, Controladoria Interna e Ouvidoria. Os órgãos de atividades meio são a Secretaria Municipal de Administração e Finanças e a Procuradoria Municipal. Os órgãos de atividades fim são a Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer; a Secretaria Municipal de Saúde; a Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico Sustentável; a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano; e a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social.

Desta forma, é possível inferir que o sistema de gestão de pessoas da Prefeitura Municipal de Luminárias possui uma coordenadoria própria, subordinada à Secretaria Municipal de Administração e Finanças. Estar subordinado à uma secretaria foi um ponto importante a ser analisado e considerado para se pensar as soluções para tais problemas. O funcionamento e as relações hierárquicas, com seus níveis de hierarquia e autonomia, foram importantes para se pensar algo que atendesse às expectativas e possibilidades, de acordo com as demandas

apresentadas. As soluções pensadas e apresentadas serão abordadas no próximo subitem desta seção.

DIRECIONAMENTOS E PRODUTOS DESENVOLVIDOS

Para que as demandas apresentadas fossem resolvidas, algumas ações foram realizadas. Assim, a primeira demanda foi direcionada, primeiramente, para a elaboração de um organograma dos cargos para ser aplicado dentro da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer - SEMEC. Entretanto, foi decidido que a equipe extensionista não iria realizar mais o redesenho do organograma do setor de Gestão de Pessoas de Luminárias. Tal mudança decorreu dos entraves técnicos de comunicação e de articulação com o município que, essencialmente, dificultaram a capacidade da equipe extensionista de redesenhar, com qualidade, a estrutura organizacional desse setor no curto período de tempo restante, o que influenciou diretamente no plano de ação da equipe.

Outro ponto que influenciou e fez com que a mudança permanecesse foi que, após o retorno com o envio do organograma da SEMEC identificou-se uma pequena quantidade de servidores que a compunham. Assim, entrou-se em consenso de que não seria viável de se realizar por duas motivações: tempo hábil de serviço e pelo andamento das demais entregas. Entretanto, visando contrabalançar a exclusão de uma das entregas mediante às demandas, elaborou-se uma nova Avaliação de Desempenho Individual (ADI) e um novo Plano de Metas, os quais foram construídos com base e sustentação técnica o suficiente para que pudesse ser adaptado e utilizado não somente na SEMEC, mas também em toda a estrutura organizacional da prefeitura municipal. Ambas avaliações foram acompanhadas de reuniões instrutivas para sua aplicação e avaliação modelo, a qual fora preenchida à título de exemplificação.

A Avaliação de Desenvolvimento Individual foi elaborada a partir da análise crítica e comparativa do último questionário da avaliação de desempenho individual vigente na SEMEC. O critério de escolha foi limitado, pois tal secretaria,

até o momento, era a única que dispunha de algum tipo de avaliação. Para a construção da nova avaliação também foram avaliados outros modelos de avaliação de desempenho individual, tanto em nível municipal quanto estadual, com exemplos dos estados de Minas Gerais e São Paulo. Assim, a reformulação completa do questionário levou em consideração alguns pontos e características da avaliação existente e para que fosse devidamente adequada, contou com: análise do porte do município e da quantidade de servidores para o tipo de avaliação a ser construída; pontos presentes na avaliação existente enviada pela gestão da prefeitura para estudo e análise; novos pontos a serem inseridos (levando em consideração elementos que contemplam diversas situações ao longo da execução do trabalho); sistema avaliativo mais amplo, que não se reduzisse à subjetividade na atribuição pontuações aos servidores; sistematização de pesos por temática com possibilidade de adaptação da secretaria de destino, segundo suas preferências; layout padronizado e atualizado e; aspectos institucionais e formais mais robustos (Relatório Final - Município de Luminárias-MG - 2021).

Por outro lado, o Plano de Metas foi elaborado com base apenas em exemplos de secretarias estaduais e com base na dimensão e necessidades do município, mesmo que não solicitado explicitamente tal veio como complementar à ADI. Este, por sua vez, configura-se como um sistema de avaliação do trabalho que visa a avaliar as atividades do servidor a partir das metas que foram traçadas por sua chefia imediata na realização de ações ou projetos. Sendo assim, ela poderá ser específica para as atividades desempenhadas, bem como possui espaço para a listagem do status da execução e os objetivos alcançados. Tal foi pensado visando que a ADI, mesmo que repaginada, abarcasse apenas os critérios avaliativos baseados em competências individuais, deixando, assim, as entregas de fato realizadas pelos servidores fora da avaliação geral (Relatório Final - Município de Luminárias-MG - 2021).

No intuito de resolver as demais pendências da segunda demanda, sobre oficinas para servidores, secretários municipais, conselheiros de políticas públicas, pensou-se uma forma de oferecer um repertório de cursos e oficinas de

forma que se encaixasse na rotina dos servidores e no orçamento da prefeitura. Pensando nesses fatores, se escolheu a plataforma de ensino online e gratuita ofertada pela Escola de Governos – EGOV, com certificação e orientação pela Escola Nacional de Administração Pública – ENAP. Tais cursos e oficinas ofertados na plataforma em questão são elaborados tanto pelas secretarias ministeriais federais quanto pela própria ENAP, como também contam com a colaboração de instituições correlatas a estas que ofertam cursos e oficinas, com temáticas específicas e por determinado período de tempo.

Assim, com base nos recursos mencionados, foi elaborada uma cartilha contendo um compilado de cursos de capacitação online, a qual foi subdividida em três partes: a) introdução do que se refere à plataforma e sua forma de trabalho; b) instrução sobre como realizar as etapas de inscrição no site, através de um documento em powerpoint elaborado e disponibilizado pela própria EGOV; c) instruções de inscrição nos cursos e emissão de certificados.

Dentre as possibilidades de escolha dos eixos dos cursos, alguns foram priorizados levando em consideração os maiores problemas por área da prefeitura, aplicação ampla nos setores, além de considerar o atual cenário pandêmico e os resultados obtidos pela análise dos indicadores durante a construção do pré-diagnóstico do município elaborado durante a realização do Prinagem. Desta forma, foram selecionados um total de 52 cursos distribuídos em treze eixos distintos, dos quais se destacam: Dados, Informação e Conhecimento; Educação e Docência; Gestão Estratégica; Gestão de Pessoas; Gestão de Políticas Públicas; Governança e Gestão de Riscos; Governo Digital e Transparência; Inovação; Logística e Compras Públicas; Orçamento e Finanças; Políticas Públicas Setoriais; Transferência de Recursos da União; Ética e Cidadania.

A escolha de uma plataforma online, gratuita e com certificação reconhecida foi uma forma de otimizar a aderência para além do custo, pois pelo fato de ser possível de realização individual elas também podem ser adequadas de acordo com o tempo disponível, níveis de ação e poderem ser realizadas no próprio ambiente

da prefeitura. Utilizar de ferramentas formativas na administração pública municipal acaba por abordar a questão da formação continuada dos funcionários. Para Pereira e Marques (2004), a capacitação vem como um “recurso estratégico para a modernização da administração pública brasileira e a conseqüente requalificação e reposicionamento dos seus servidores públicos”.

Além de incentivar a capacitação dos servidores, idealizou-se o contato com a plataforma como uma forma de trabalhar para além das capacidades dos servidores, incentivando também que se tenha a mescla necessária entre a teoria e a prática na gestão municipal, podendo auxiliar assim no desenvolvimento profissional dos servidores. Este direcionamento se aproxima muito do próprio princípio da extensão, que é do desenvolvimento profissional e troca com a comunidade.

As soluções encontradas para as demandas que foram apresentadas pela administração municipal foram acompanhadas por instruções, por parte da equipe, para que os servidores pudessem aplicá-las em seus setores. Um ponto em comum em todas é a adaptação, seja ela presente nas avaliações com as indicações de possibilidades de adaptações diversas por setor ou na cartilha de cursos, através do leque de cursos por cada eixo indicado, possibilitando assim que a administração adequasse o que fora pensado para elas de acordo com sua realidade.

Todavia, um detalhe importante a ser mencionado é que as propostas apresentadas ao município dependem não somente da qualidade do que se foi produzido mas também do interesse dos servidores em realizá-las. Seja preencher com honestidade e corretamente as avaliações ou realizar as capacitações, o interesse dos servidores é a peça chave para que tais soluções sejam realizadas. Detalhe a ser mencionado, no caso das capacitações, é que o único benefício a ser adquirido pelos servidores é propriamente a sua capacitação, visto que tais não estão vinculados em seus planos de carreira e, por tal motivo, não se revertem em benefícios salariais, apenas em benefícios imateriais com capacidade de melhorar e aperfeiçoar o serviço público prestado.

Assim, pensa-se que os produtos elaborados para as demandas apresentadas possuem grande potencial de guinar as atividades internas e externas da administração municipal luminarense para novos patamares, além de fornecer um estímulo aos servidores para aplicação dos novos conhecimentos adquiridos com os cursos. Pensando como elementos técnicos a complementarem e aperfeiçoarem as atividades executadas, se aceitos e executados podem trazer melhorias tanto no serviço prestado quanto no nível de formação e interação dos servidores.

DIFICULDADES ENCONTRADAS

Mesmo realizando as entregas previstas, a equipe extensionista que trabalhou no município em questão realizou as atividades mediante desafios e dificuldades na comunicação. De acordo com a planilha de acompanhamento da equipe, foi destacado que, no caso de Luminárias, o município não acompanhou adequadamente o desenvolvimento dos produtos e demorou muito para disponibilizar as informações necessárias, o que prejudicou todo o processo e, de certa forma, fez com que as entregas se tornassem sub-ótimas. Neste sentido, a equipe que se dedicou ao município indicou que seria interessante reforçar com os municípios a necessidade de realização de um acompanhamento ao mínimo semanal (com base no Relatório de Avaliação – Prinagem 10ª Edição – 2021).

Para a realização das atividades de forma 100% remota, o fator comunicação se demonstrou ser de extrema importância, não apenas para o contato inicial, mas, principalmente nas ações subsequentes. No caso específico do município de Luminárias, o fator comunicação influenciou diretamente deixando como principal desafio o de conciliar as entregas com os prazos, pois ao longo das quatro semanas alguns percalços impossibilitaram que as atividades pensadas no plano de ação fossem executadas em sua capacidade máxima, como mencionado no Relatório de Avaliação.

Dentre os principais desafios impostos pela extensão remota, o caso de Luminárias-MG expressou que sem a comunicação plena de

ambas as partes envolvidas, o andamento do programa corre risco de ficar estagnado e prejudicado. Neste sentido, o lugar de realização das atividades acaba sendo dificultado e com isso, as próprias demandas acabam sendo direcionadas para outros caminhos. De acordo com Diniz et al. (2020) "a localização e espaço favorável são elementos que facilitam a Universidade para realizar ações de extensão", logo quando há alguma falha, seja ela nas plataformas ou na própria relação entre as partes envolvidas, a própria ação extensionista é prejudicada e, conseqüentemente, o objetivo idealizado pela sua ação meio.

Segundo Viana *et al.*, "[...] o desenvolvimento de atividades de resposta rápida às condições impostas pelo COVID-19 tem sido um desafio devido à natureza da atividade educacional em que se requer planejamento, execução e avaliação das atividades." (VIANA et al. 2020, p. 343) O papel da internet no processo formativo é instrumental, ou seja, recurso meio que possibilita executar diversas atividades, entretanto nas condições remotas ele tem se tornado fundamental para a continuidade das atividades em seus diversos níveis, como mencionado pela autora. Neste sentido, cabe ressaltar que ao mesmo tempo que a internet se traça como ferramenta meio para a execução de diversas atividades ela, no caso específico abordado neste trabalho, também se vestiu como vilã, a qual influenciou diretamente para que os produtos acordados em primeiro momento fossem repensados e entregues. De acordo com

[...] pondera-se que a internet pode ser um [...] relevante instrumento educacional e informacional que confere alternativas tanto para o profissional planejar sua atuação quanto para abranger massivamente o público de seu interesse, desde que o mesmo já esteja incluso no universo digital. (GARBIN *et al.*, 2012 apud Antunes *et al.* 2020, p.16)

Mesmo exercendo o papel auxiliar no processo educacional e profissional, há muitas barreiras criadas pela própria interface remota. Exemplificando através do próprio caso do Prinagem, a demora de um retorno ou envio de documentos por parte da prefeitura, não comparecimento às reuniões de alinhamento e correlatos são pontos que prejudicam que o projeto seja executado em sua máxima capacidade de

ação. Entretanto, por serem as primeiras experiências de forma remota, podem agregar diversas aprendizagens e modificações para edições 100% remotas ou híbridas, em um futuro próximo.

Ainda sobre os desafios, o assunto relacionado à curricularização da extensão torna-se ainda mais importante como ponto de debate, realçando possíveis oportunidades ou desafios, perante as ações extensionistas realizadas de forma remota. Os autores Meló (2021), Gusso (2020) e Steigleder et al. (2019), tratam sobre a curricularização da extensão e os desafios que a circundam, para os autores que escreveram nos anos de 2020 e 2021 tal foi feita com base na intensificação de suas dificuldades decorrente a pandemia do novo Coronavírus. Para Meló “[...] a curricularização da extensão, que já representava um desafio para as instituições, tornou-se motivo para mais dificuldades e limitações durante a pandemia, principalmente em algumas regiões do Brasil” (MELÓ, 2021). Tal dificuldade de execução se apresentou mais presente em algumas regiões do país, seja ela decorrente por estrutura ou adaptação. Ainda para o autor, tal agravante “pode ser observado ao analisar o percentual das universidades públicas que continuaram com as ações de extensão durante a pandemia na região Sudeste, evidenciando nível inferior comparado ao percentual das universidades públicas do Brasil”, essas dificuldades foram mais visíveis no início da pandemia e foram se dissolvendo ao longo do tempo mediante planejamento e adaptação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo realizado de forma remota, o programa pode proporcionar a experiência de lidar com os problemas da unidade municipal bem como com os desafios impostos pela pandemia. Como exemplo temos a demora no tempo de resposta dos servidores, interação com os servidores e a própria convivência no espaço da prefeitura. Este problema, no entanto, deve ser entendido como algo natural por ser algo ainda muito recente e devido à necessidade de adaptação que todos os atores envolvidos estão passando neste momento de pandemia.

A despeito deste tipo de problemas, ainda existe a possibilidade de expansão do alcance das atividades extensionistas quando realizadas de forma remota. O exemplo do Prinagem trouxe outra perspectiva também para a necessidade de se ter um programa de extensão mais robusto no Campo de Públicas e abriu perspectivas para curricularização da extensão, pois ainda são poucas as oportunidades deste tipo para graduandos dos cursos que compõem o campo.

Neste sentido, o Prinagem trouxe uma nova perspectiva e oportunidades para que a experiência extensionista no CP também se tornasse realidade na UFLA. Mesmo que esteja limitado entre as duas instituições, tal abre um novo espaço para a aprendizagem e a troca de experiências entre as instituições e as administrações municipais.

Outro ponto observado é que o programa traz a reflexão sobre a possibilidade de expansão para novos tipos de projetos, podendo expandir-se para o monitoramento e acompanhamento das ações propostas pelas equipes, grau de aderência, transformações geradas e impacto interno e externo. Tais observações ficam explícitas pela necessidade de se acompanhar o que foi feito, se foram efetivas e, até mesmo, se foram aplicadas ou não. Assim, a experiência abre caminhos para novas práticas no campo da extensão para um futuro próximo, possibilitando assim a continuidade da assistência prestada aos municípios, além de outros trabalhos a serem pensados e elaborados juntamente às prefeituras.

Caso seja este um problema recorrente nas experiências com outras prefeituras, um aspecto que poderia ser pensado pela coordenação do programa é a preparação de produtos pré-elaborados, que superassem a dependência de resposta das prefeituras municipais, evitando-se, assim, atrasos no desenvolvimento das atividades. Por se tratar de um projeto de curta duração e devido à impossibilidade de se realizar presencialmente, a modalidade remota poderia ser mais efetiva, tomando-se a experiência de Luminárias, caso se conseguisse evitar tal dependência.

Embora realizar atividades de forma remota

tenha seus pontos positivos, deve-se considerar também os negativos e, nesses, enxergar brechas para aperfeiçoar e levar as ações extensionistas para mais espaços, ocupando não somente o papel social na resolução de problemas, mas também como uma prática inovadora. Como abordado por Tassoni et al. (2020), as ações extensionistas realizadas remotamente afloraram diversas capacidades, pois através das dificuldades e das limitações que novos aprendizados e práticas foram necessários para contornar ou amenizar os problemas.

A realização de três edições de forma 100% remota pode ser a porta para projetos futuros, esses podendo vir a serem realizados de

forma híbrida aumentando assim o alcance de prefeituras municipais atendidas, bem como otimizando as redes entre as instituições e as próprias prefeituras, abrindo portas para a continuidade da própria assistência realizada ao longo do programa, como também novos espaços de colaboração e trabalho. Tal ideia traz a necessidade de se encaixar a atividade extensionista como sendo privilegiada nos cursos do Campo de Públicas, pois tal se configura como sendo de extrema importância para a formação profissional, cidadã e humana de profissionais do Campo de Públicas, expandido sua visão e ideias construídas à partir das aulas teóricas para o campo prático, através das mais diversas experiências.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. H.; STRINGARI, F. B.; SANTANA, P. C.; GIRARDI, A. A. Extensão universitária em tempos de ensino remoto: relato de experiência do projeto vida saudável e bem estar. **Revista de Extensão e Iniciação Científica**, Reis, UNISOCIESC. 2020. Disponível em: <http://reis.unisociesc.com.br/index.php/reis/article/view/275/278>

BAXTO, W.; AMARO, R.; MATTAR, J. Distance education and the open university of Brazil: history, structure, and challenges. **The International Review of Research in Open and Distributed Learning**, 20(4), 2019. <https://doi.org/10.19173/irrodl.v20i4.4132>

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista Odontológica Univ. Cidade de São Paulo**, São Paulo, 2006, v.18, n.3, p.265-274.

BOCCATO, V. R. C. Demandas municipais - formulário de inscrição 10ª edição prinagem. **Gerência de Extensão e Relações Institucionais da Escola de Governo** - GERI-EG. Google Forms, 2021a.

DEMO, P. Lugar da extensão. In: FARIA, Dóris Santos (ORG.). **Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

DINIZ, E. G. M.; SILVA, A. M.; NUNES, P. H. V.; FRANCA, W. W. M.; ROCHA, J. V. R.; SILVA, D. V. S. P.; SANTOS, V. H. B. A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, 2020, v. 6, n. 9, p. 72999-73010.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE P. **Extensão ou Comunicação?** 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2010.

GARBIN, H. B. R.; GUILAM, M. C. R.; PEREIRA NETO, A. F. Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, n. 1, p. 347-363, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/YkMhNnj5m86mQ5QXtNsNdCs/?lang=pt>

GARCIA, T. M. R.; PENTEADO, M. G. Potencialidades e limitações do uso da Internet na organização da prática de ensino da matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, Campo Grande, MS, v. 4, n. 7, p. 39-53, jan./jun./ 2011.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. UFRGS Editora, 1ª edição: 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUSSO, H. L. et al. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **DEBATES & POLÊMICAS**. Educ. Soc. 41, 2020. <https://doi.org/10.1590/ES.238957>

KAPLAN, A. M.; HEANLEIN, M. Higher education and the digital revolution: about MOOCs, SPOCs, social media, and the cookie monster. **Business Horizons**, Indiana, v. 59, n. 4, p. 441-450, July-Aug. 2016. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2016.03.008>

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LUMINÁRIAS. **Lei ordinária nº 1172 de 2012**, seção II, capítulo III. Prefeitura Municipal de Luminárias – MG. Disponível em: https://luminarias.mg.gov.br/images/Leis/LEI_ORDIN%C3%81RIA_N%C2%BA_1172_2012.pdf

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986, p.38.

MARQUES, G. A extensão universitária no cenário atual da pandemia do COVID-19. **Revista Práticas em Extensão**. São Luís, v. 04, nº 01, 42-43, 2020.

MELÓ, C. B.; FARIAS, G. D.; NUNES, V. R. R.; ANDRADE, T. S. A. B.; PIAGGE, C. S. L. D. A extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, e1210312991, 2021 (CC BY 4.0). ISSN 2525-3409. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.12991>.

MIGUENS, S. A. Q. Jr.; CELESTE, R. K. Capítulo 13, a extensão universitária. **ResearchGate**. Agosto, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/253645827> acesso em 30 de Julho, 2021.

PEREIRA, M. F.; MARQUES, S. M. A importância da qualificação e capacitação continuada dos funcionários: o caso da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**. EnANPAD, 2004. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2004-gpg-0876.pdf>

PEREIRA, M. F.; MARQUES, S. M. Relatório de avaliação da 10ª edição do programa de internato em administração e gestão municipal – Prinagem. **Gerência de Extensão e Relações Institucionais da Escola de Governo - GERI-EG**. FJP, Belo Horizonte, 2021b.

PEREIRA, M. F.; MARQUES, S. M. Relatório troca de experiências 10ª edição prinagem. **Gerência de Extensão e Relações Institucionais da Escola de Governo - GERI-EG**. FJP, Belo Horizonte, 2021c

RIBEIRO, G. F.; PEREIRA, F. C.; CAMPOS, R. S.; MENEZES, L. G. Relatório final: município de luminárias-MG. 10ª edição do programa de internato em administração e gestão municipal – Prinagem. **Gerência de Extensão e Relações Institucionais da Escola de Governo - GERI-EG**. FJP, Belo Horizonte, Fevereiro, 2021b.

RICCI, E. C.; DIMOV, T.; CASSIAS, T. S.; DELLBRÜGGER, A. P. University experiences of occupational therapy in Brazil during the Covid-19 pandemic: Contributions and support in mental health for the population. **World Federation of Occupational Therapists Bulletin**, 76 (2), 75–77, setembro, 2020.

ROCHA, João V. R.; SILVA, D. V. S. P.; SANTOS, Victor H. B. A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, 2020, v. 6, n. 9, p. 72999-73010.

SAMPAIO, J. H. Política nacional de extensão: referenciais teórico-práticos para sua construção. In: Calderón AI, editor. **Ação Comunitária – uma outra face do ensino superior brasileiro**. São Paulo: Olho d'Água; 2004.

SOUZA, W. M. de; MACEDO, E. C. Extensão em tempos de pandemia: as redes sociais como veiculadoras de educação em saúde. **RAÍZES E RUMOS**, 2020, 8(2), 336–347. Disponível em: <http://seer.unirio.br/raizeserumos/article/view/10223>

STEIGLEDER, L. I., ZUCCHETTI, D. T.; MARTINS, R. L. (2019). Trajetória para a curricularização da extensão universitária: atuação do forext e diretrizes nacionais. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, 10 (3), 167-174.

TASSONI, D. S.; CAS, E. M.; OLIVEIRA, M. D.; POLL, F. A., ETGES, B. I. Desafios da extensão universitária em tempos de pandemia Covid-19: um relato de experiência. **Mostra de Extensão, Ciência e Tecnologia da UNISC**. Unisc, 2020.

VIANA, A. D.; SANTOS, J. P.; OLIVEIRA, M. S.; SOUZA, O. C. E. H.; SANTOS, R. B. R. Quarentenas: discussões virtuais interdisciplinares em tempos de quarentena. **Revista Extensão & Sociedade, Especial Covid-19**, v. 12, n. 1, 2020. Volume complementar - COVID-19.

ESCORPIONISMO NO MUNICÍPIO DE CRUZ DAS ALMAS- BAHIA: ESTRATÉGIAS E AÇÕES NA FORMAÇÃO DE AGENTES MULTIPLICADORES

SCORPIONISM IN THE MUNICIPALITY OF CRUZ DAS ALMAS- BAHIA: STRATEGIES AND ACTIONS IN TRAINING MULTIPLIER AGENTS

Amanda de Carvalho Santos Menezes

Graduanda de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFRB/ acamandacarvalhom@gmail.com

Luís Vinícius Sena dos Santos

Graduando do Bacharelado em Biologia da UFRB/ l.viniussena@gmail.com

André Caetité Ribeiro

Graduando de Agronomia da UFRB/ ribeirocaetiteandre@gmail.com

Karolina Oliveira Rocha Montenegro

Técnica da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas/ karolmontenegro@gmail.com

Jacqueline Ramos Machado Braga

Docente do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da UFRB/ jacquebraga@ufrb.edu.br

RESUMO

A produção de lixo e seu descarte inadequado resulta no surgimento de locais ideais para a proliferação de animais sinantrópicos peçonhentos, como os escorpiões. O Estado da Bahia tem registrado o maior índice de escorpionismo da Região Nordeste do Brasil, sendo este um problema de saúde pública ainda negligenciado. O presente estudo busca divulgar as estratégias e ações de Educação Ambiental na relação homem-lixo-escorpiões, como determinante do processo saúde-doença, no município de Cruz das Almas-BA, transformando agentes comunitários de saúde em agentes multiplicadores de conhecimento. As ações envolveram coletas a campo, distribuição de folders e atividade de capacitação de 200 agentes comunitários de saúde. Os resultados das atividades revelam a necessidade de articulação das ações formativas/educativas sobre a prevenção de acidentes escorpiônicos, a importante sensibilização sobre a convivência harmoniosa entre o ambiente e as demais espécies, e que o diálogo entre a Universidade, o poder público local e a comunidade resultam em um maior e mais efetivo impacto social sobre este tema.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Escorpiões. Extensão. Recôncavo baiano. Resíduos urbanos. Saúde Pública.

ABSTRACT

Waste production and its inadequate disposal results in the emergence of ideal places for the proliferation of venomous synanthropic animals, such as scorpions. The State of Bahia has registered the highest rate of scorpionism in the Northeast Region of Brazil, which is a public health problem still neglected. The present study aimed to disseminate Environmental Education strategies and actions in the man-garbage-scorpions relationship, as a determinant of the health-di-

sease process, in the municipality of Cruz das Almas-BA, transforming community health agents into knowledge multiplier agents. The actions involved field collections, distribution of folders and training activities for 200 community health agents. The results of the activities reveal the need for articulation of training/education actions on the prevention of scorpion accidents, the important sensibilization about the harmonious coexistence between the environment and other species, and that the dialogue between the University, the local public power and the community result in a greater and more effective social impact on this topic.

Keywords: Environmental education. Scorpions. Extension. Recôncavo baiano. Urban waste. Public health.

INTRODUÇÃO

Os escorpiões são artrópodes quelicerados terrestres, comuns nos trópicos e subtropicais dos cinco continentes, e que ocorrem em praticamente todos os ecossistemas pela sua capacidade de adaptação (ARANHA, 2015). Classificados como sinantrópicos peçonhentos, em geral são aracnídeos de hábito noturno, que podem ser encontrados vivendo sob pedras, madeira, troncos podres, enterrados em solo úmido ou na areia de regiões desérticas, habitando cavernas, ou mesmo ao longo de praias e na zona entre marés (RUPPERT; FOX; BARNES, 2005; OLIVEIRA *et al.*, 2010), tendo como predadores naturais macacos, quatis, seriemas, galinhas, corujas, anfíbios anuros e lagartos (PORTO; BRAZIL, 2010).

Ao longo do tempo, fatores como o crescimento desordenado dos sistemas urbanos e das fronteiras agrícolas no Brasil, resultaram no incremento do desmatamento, impactando o meio ambiente de maneira importante, e aumentando as chances de encontro entre homem e sinantrópicos peçonhentos (CORRÊA *et al.*, 2021). Os escorpiões coexistem no ambiente com os demais animais humanos e não humanos, mas infelizmente ainda existe uma visão antropocêntrica e instrumentalista, desconsiderando o papel ecológico desses aracnídeos (CORRÊA; SEIBERT, 2016). Ademais, o grupo dos escorpiões ainda é erradamente incluído, junto a outros aracnídeos, no domínio etnozoológico “inseto”, o que reflete a importância do estabelecimento de estratégias de Educação Ambiental (EA) e conservação da biodiversidade (COLOMBO; DE ALENCAR, 2017).

Considerando que os escorpiões são animais envoltos em lendas e mitos (AZEVEDO; ALMEIDA, 2017; FERRANTE, 2016), a percepção da população sobre os escorpiões é um reflexo da atual representação humana da natureza, da qual o homem se exime, por se colocar acima dela (SOUZA; SOUZA, 2005). Entretanto, os escorpiões representam um dos principais predadores de insetos e outros pequenos animais, muitos dos quais nocivos ao homem, sendo por isso, proibidas no Brasil a sua caça, apreensão, destruição e utilização, exceto para uso em pesquisas científicas, produção de soros e em casos de surtos de acidentes (CANTER *et al.*, 2008; PORTO; BRAZIL; LIRA-DA-SILVA, 2010).

Dá-se o nome “escorpionismo”, ao envenenamento causado por picada de escorpião ou ao quadro clínico decorrente do acidente escorpionico (CIRUFFO *et al.*, 2012). Infelizmente o escorpionismo ainda é um problema de saúde pública negligenciado no Brasil, com número crescente de casos de envenenamento e óbitos, principalmente nos centros urbanos, onde espécies oportunistas de escorpiões, como o *Tityus serrulatus* e o *Tityus stigmurus*, são responsáveis por acidentes graves (TORREZ *et al.*, 2019; VOLITZKI; GAGGINI, 2021).

O escorpionismo é um fenômeno resultante do processo de aceleração da urbanização e da falta de planejamento de políticas públicas, aliados à carência de ações que promovam a EA (SILVA *et al.*, 2021). A EA utiliza de vários conhecimentos para promover a compreensão dos mecanismos de interrelação natureza-homem em suas diversas dimensões, buscando induzir novas formas de conduta nos indivíduos para proteger e melhorar o meio ambiente

que os cerca (FERRARI; ZANCUL, 2014). A EA é instrumento e processo utilizados para mitigar a falta de informação, oferecendo alternativas relacionadas à proteção ao meio ambiente, respeitando sua complexidade e finitude, e o desenvolvimento econômico baseado em noções de sustentabilidade (GALLI, 2008). Desta forma, a EA atua como um processo educativo com atitudes pró-ambientais e sociais (AZEVEDO; ALMEIDA, 2017).

Todos os anos são relatados mais de um milhão de casos de acidentes causados por picada de escorpiões no mundo (EL HIDAN *et al.*, 2022). No Brasil, dados recentes mostram que o Estado da Bahia se destaca com o maior número de casos de escorpionismo da Região Nordeste (130.907), o maior número de óbitos por este agravo (234) e a maior taxa de mortalidade a cada 100.000 habitantes (1,58), sendo o líder no ranking nordestino (OLIVEIRA; CRUZ; SILVA, 2021). No município de Cruz das Almas, região do Recôncavo Baiano, conforme notícias de jornais locais, o fenômeno do escorpionismo tem preocupado tanto a população, quanto as autoridades, em função do crescimento do número de registros deste agravo (PORTAL CRUZALMENSE, 2021; SUL BAHIA, 2021; PORTAL GONGOGI, 2021; FORTE NA NOTÍCIA, 2021).

Tendo em vista o problema atual de escorpionismo no município de Cruz das Almas, pareceu relevante o desenvolvimento de estratégias de EA para os sujeitos envolvidos na visitação comunitária, a fim de minimizar os impactos dos acidentes escorpiônicos na saúde pública da população cruzalmense. Devido à emergente importância do fenômeno em questão, urge o diálogo entre a universidade e a comunidade que a cerca. Diante disso, o presente estudo busca divulgar as ações de EA desenvolvidas para os agentes comunitários de saúde do município de Cruz das Almas, para que atuem como multiplicadores do conhecimento sobre o tema escorpionismo na comunidade local assistida.

METODOLOGIA

As ações de EA previstas para o Projeto de Extensão “Bicho e o lixo: relação homem-lixo-

-escorpiões na perspectiva da Educação Ambiental e da Saúde”, desenvolvido no período de julho a dezembro de 2021, com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). As ações foram norteadas pelo método de pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa, apoiada na linha de abordagem teórico-metodológica ação-reflexão-ação.

O projeto foi desenvolvido em quatro etapas: 1. Estabelecimento da parceria com as Secretarias de Saúde e de Agricultura e Meio Ambiente do município de Cruz das Almas, visando expor a proposta de diagnóstico participativo em EA para o tema lixo-escorpiões, de acordo com o direcionamento metodológico sugerido por Brasil (2009), através do levantamento e sistematização de informações e a identificação dos cenários e desafios do tema proposto; 2. Coletas de espécimes de escorpiões, através de busca ativa em locais previamente mapeados como hotspots do município, utilizando técnicas de coleta como rolagem de rochas, remoção de madeira e entulho, remoção de cascas de árvores e de serrapilheira, como posterior identificação das espécies e sua manutenção no laboratório de Répteis e Anfíbios (RAN), do Setor de Biologia do CCAAB/UFRB; 3. Elaboração de folder informativo, posteriormente impresso pela Secretaria de Saúde, abordando conteúdos sobre o tema escorpionismo e o que fazer em caso de acidente; 4. Capacitação em Escorpionismo para os agentes municipais comunitários de saúde, realizado no auditório da Biblioteca Municipal, envolvendo palestra, distribuição do folder informativo e exposição das espécies de escorpiões que podem ser encontradas em Cruz das Almas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

COLETA DE ESCORPIÕES

Após a celebração de parceria com a Secretaria de Saúde do município de Cruz das Almas, iniciou-se a identificação de algumas áreas com maiores registros de escorpionismo, segundo dados fornecidos por este órgão municipal. Fo-

ram identificados maiores registros nos bairros do Inocoop, Suzana, Itapicuru e Tabela, incluindo o local do campus da UFRB (Figura 1), onde foram coletados o maior número de espécimes para o escorpionário (n=23).

Figura 1 - Local do Campus da UFRB onde os exemplares de *Tityus serrulatus* foram coletados. Cruz das Almas- Ba



Fonte: Autores (2021).

Segundo o IBGE, o município de Cruz das Almas, localizado na Mesorregião Metropolitana de Salvador, possui uma população estimada para 2021 de mais de 63.000 pessoas, e dados do último censo revelam que apenas 17,4% desta população possui esgotamento sanitário (IBGE, 2021; IBGE, 2012). O crescimento desordenado das cidades pode resultar em desequilíbrio ecológico para os escorpiões, como perdas de habitat e falta de abrigo (SANTOS *et al.*, 2014). No Brasil, o incremento da urbanização, o desequilíbrio ecológico e a ausência de políticas públicas de saneamento básico e de coleta e tratamento de resíduos sólidos, têm resultado na proliferação de animais peçonhentos como um sério problema de saúde pública (PHILLIPPI JÚNIOR; ROMERO; BRUNA, 2004).

O isolamento social e a prática do trabalho em casa, impostos diante do surgimento da pandemia de COVID-19, promoveram o aumento do volume de lixo produzido nas residências. Dados da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE), revelam que a quarentena e o isolamento social geraram no Brasil um aumento de 15% a 25% na quantidade de lixo residencial (GUIMARÃES, 2020). O ambiente doméstico é

o local mais propício aos acidentes escorpiônicos, considerando que este ambiente possui disponibilidade de alimento, quando o lixo se acumula ou é descartado inadequadamente, aliado à ausência de seus predadores naturais, sendo os grupos mais vulneráveis ao envenenamento, os trabalhadores da construção civil, crianças e pessoas que permanecem mais tempo em casa (SANTOS *et al.*, 2019).

O aumento da quantidade de lixo não é o único fator que promove o aumento dos acidentes escorpiônicos. Goicochea (2018) destaca que o manejo inadequado dos resíduos sólidos urbanos, os locais de destinação final do lixo e de resíduos de construção civil, a aglomeração de pessoas sem planejamento, e a proteção de áreas de interesse ambiental, promovem a sobreposição de uso do espaço entre homens e escorpiões, e por esta razão, são fatores que devem ser considerados nas tomadas de decisão dos gestores públicos.

Todo este cenário compõe o ambiente ideal para a reprodução e proliferação de escorpiões, considerando suas características de plasticidade ecológica e hábitos generalistas de alimentação (SANTOS *et al.*, 2019). É muito provável que o aumento dos casos de escorpionismo em Cruz das Almas esteja relacionado ao processo de urbanização desordenada, resultando no aumento dos resíduos sólidos urbanos (RSU) com destinação incorreta, um problema anteriormente já mostrado nos estudos de Nascimento e Lordelo (2014), e Santos (2016) neste município. Cunha (2018) afirma que as ações de EA no município de Cruz das Almas são realizadas pela Secretaria de Educação e pela Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, mas também existem iniciativas advindas da sociedade civil, como a Associação Cata Renda Ambiental, que atua na triagem de materiais recicláveis.

Segundo Szilagy-Zecchin *et al.* (2012), os espaços urbanos propiciam a proliferação de escorpiões uma vez que existem microclimas de habitação como galerias de esgoto, lixo e entulho, disponibilidade de alimento e a ausência de predadores naturais. Para as adversidades identificadas entende-se que, apesar de não ser citado diretamente, o escorpionismo está presente nos inconvenientes de saúde local

como consequência dos problemas com o lixo e entulho nas ruas, questões a serem resolvidas inicialmente por meio de ações que promovam o conhecimento acerca da dinâmica ambiental, as ações antrópicas e suas consequências.

Dentre os espécimes de escorpiões capturados em quatro sessões de busca ativa diurna, todos pertenciam à espécie *Tityus serrulatus* (escorpião-amarelo) (Figura 2). As coletas visaram identificar as principais espécies de escorpiões de ocorrência no município. Entretanto, apesar de haver registros de ocorrência de outras espécies como *Tityus stigmurus* (escorpião amarelo-do-nordeste) e *Tityus brasiliae* para Cruz das Almas (BAHIA, 2016; PORTO; BRAZIL; LIRA-DASILVA, 2010), estas não foram encontradas nas incursões a campo. Durante as sessões de busca ativa, não foram realizadas buscas noturnas em função da falta de garantias de segurança dos membros da equipe, especialmente nos bairros periféricos.

Figura 2 - Exemplares adultos de *Tityus serrulatus* coletados. Cruz das Almas- Ba



Fonte: Autores (2021).

PRODUÇÃO DE MATERIAL INFORMATIVO

Foi produzido um folder informativo (Figura 3) sobre escorpionismo e cuidados ao se acidentar, adaptando as informações às espécies que ocorrem no Recôncavo baiano. Este material foi distribuído durante a atividade formativa direcionada aos agentes comunitários de saúde de Cruz das Almas. Este material foi elaborado

para que se tornasse uma ferramenta de busca rápida e de leitura fácil sobre a temática, e que pudesse ser levado para as comunidades assistidas por estes agentes comunitários de saúde.

É importante salientar que a saúde pública não pode ser vista somente pelo viés da saúde ou pelo viés unicamente ambiental, pois se quisermos gerar sensibilização, mobilização e compromisso dos sujeitos, é necessária uma reflexão mais ampla sobre as práticas sociais, de modo integrado com um processo educacional embasado na ética, sustentabilidade e identidade ambiental (GOICOCHEA, 2018). Assim, são indissociáveis a problemática ambiental da problemática social, e o meio ambiente deve ser entendido como um sistema de elementos sociais e físico-bióticos integrados (MAZETTO, 2000).

Figura 3 – Folder informativo produzido e distribuído para os agentes comunitários de saúde durante o curso de capacitação em escorpionismo. Cruz das Almas-Ba.



Fonte: Autores (2021).

Goicochea (2018) considera o papel fundamental da EA para que as pessoas entendam a importância do meio ambiente em suas vidas, o pertencimento deste meio também para as outras espécies, e o papel ecológico que cada uma delas desempenha na manutenção do equilíbrio ambiental, sejam elas carismáticas ou não.

Infelizmente a visão utilitarista, antropocêntrica e fragmentada da natureza faz com que os animais peçonhentos sejam vistos como maléficos e desnecessários ao homem, sem ao menos conhecermos seus aspectos biológicos e ecológicos (BARBOSA, 2015).

Segundo Barbosa (2015), a EA deve ser trabalhada sob uma perspectiva crítica que contemple as dimensões dos conhecimentos, dos valores éticos e estéticos, e da participação política. Entretanto, observa-se que as práticas educativas são apresentadas destituídas de valores, contemplando apenas um modelo fragmentador e antropocêntrico voltado para a adequação às necessidades humanas. Por estas razões, a criação de iniciativas de EA voltadas para os animais peçonhentos e sua relação com a sociedade, podem ser transformadoras de uma realidade (SANTOS, 2009; BARBOSA, 2015).

CAPACITAÇÃO EM ESCORPIONISMO

Como ação de EA, realizou-se a Capacitação em Escorpionismo (Figura 4) que contou com a participação de 200 agentes comunitários de saúde, da Secretária de Saúde do município e representantes da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Cruz das Almas. Inicialmente houve uma palestra ministrada pela coordenadora do projeto, de forma a proporcionar conhecimento aos capacitados para o entendimento acerca das consequências das ações antrópicas sobre a fauna e flora locais; geração de resíduos sólidos; ecologia dos escorpiões; predadores naturais; prevenção de acidentes; primeiros-socorros em casos de picada; e desmistificação de crenças populares sobre estes animais.

Figura 4 – Capacitação em Escorpionismo realizada na Biblioteca Municipal em novembro de 2021 e direcionada aos agentes comunitários de saúde. Cruz das Almas-Ba.



Fonte: Autores (2021).

O segundo momento da capacitação foi o ponto alto do evento com a exposição de exemplares vivos e fixados de escorpiões que ocorrem em Cruz das Almas (Figura 5), visando aproximar os sujeitos do objeto de estudo tratado. A visualização dos exemplares através dos microscópios estereoscópicos (lupas) permitiu que os participantes conhecessem melhor a morfologia do animal e dirimissem diversas dúvidas sobre a sua biologia. Muitos participantes trouxeram relatos de acidentes que ocorreram consigo e com pessoas próximas, mencionaram o mito de criar galinhas para combater os escorpiões, dentre outras questões interessantes.

Além das informações sobre como evitar acidentes e primeiros-socorros, é importante a compreensão que apesar de existirem animais que podem trazer riscos à saúde humana, eles são importantes no ecossistema no qual estão inseridos e, caso o meio natural seja conservado, os riscos de acidentes consideravelmente diminuem. Assim, a EA deve ser baseada numa abordagem crítica, inovadora e política para que alcance a almejada transformação social (BARRETO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2009).

Nossas ações de EA, promovidas para combater ao escorpionismo, foram para além de ressaltar os cuidados com os resíduos sólidos gerados. A complexidade dos casos vai desde a falta de conhecimento a respeito da biologia do animal até o não conhecimento das ações

a serem tomadas em caso de ocorrência de acidentes. Além disso, sabe-se que existem diversos mitos e crenças a respeito dos escorpiões que são propagados e que são nocivos ao equilíbrio ecológico das espécies. Desta forma, as ações de EA para o escorpionismo devem, como ressaltado por Araújo *et al.* (2020), promover a desconstrução de visões equivocadas e reconstrução do conhecimento científico, para assim mantermos as estratégias de conservação das espécies e dos ecossistemas.

Figura 5 – Exposição de exemplares de escorpiões que ocorrem no município de Cruz das Almas durante a Capacitação em Escorpionismo para agentes comunitários de saúde. Cruz das Almas-Ba.



Fonte: Autores (2021).

Espécies sinantrópicas, como os escorpiões, constituem um sério risco à saúde pública, e por esta razão, nos locais onde são encontradas, é importante o estabelecimento de parcerias colaborativas entre universidades, gestores de saúde e de meio ambiente, de uma forma produtiva e de longo prazo (RAMIRES; NAVARRO-SILVA; MARQUES, 2011). O processo educativo sempre é um dos caminhos propo-

tos no enfrentamento da chamada “crise ambiental”, sendo visto como um possível agente de transformação. Entretanto, vale ressaltar que existem limites e possibilidades no processo educativo, já que sozinho não é suficiente para reverter os processos de degradação ambiental (BARBOSA, 2015; SANTOS, 2009). Assim, a criação de programas de EA sobre animais peçonhentos, direcionados à população, não devem apenas abordar conhecimentos relativos, mas também questões valorativas e ações políticas para que alcancem a transformação que almejam (BARBOSA, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Cruz das Almas tem apresentado problemas decorrentes do aumento de casos de acidentes escorpiônicos, preocupando moradores e autoridades locais. Ações de EA direcionadas aos agentes comunitários de saúde são de grande importância na disseminação do conhecimento sobre escorpionismo, considerando que são eles que visitam os moradores nas comunidades assistidas. Esta proximidade permite que estes sujeitos atuem como agentes multiplicadores do conhecimento, mitigando problemas que aflijam a população.

No presente estudo foi possível obter percepções e valores sobre os escorpiões em um município da região do Recôncavo Baiano, desmistificando estes animais, mostrando sua importância ecológica, e que a matança indiscriminada pode resultar em desequilíbrio ambiental e em consequências para o homem e outros animais. As ações continuadas de EA e saúde garantem mudanças perenes relacionadas às medidas de controle de sinantrópicos peçonhentos, permitindo a incorporação dessas medidas no cotidiano da população cruzalmense. Assim, com base nas ações de EA desenvolvidas, foi possível vislumbrar a ampla potencialidade de um projeto de natureza extensionista, considerando as possibilidades de intervenção no cotidiano e nas dimensões sociais, ambientais, culturais, e educacionais dos sujeitos, mostrando que é necessário o trabalho colaborativo e o diálogo entre Universidade, Poder Público e a sociedade civil na resolução dos problemas locais.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, C.O. **Modelagem de nicho ecológico de Tityus serrulatus Lutz & Mello, 1922 e Tityus stigmurus (Thorel, 1876) (Arachnida: Scorpiones)**. Dissertação Mestrado em Biodiversidade e Evolução. Universidade Federal da Bahia, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18312> Acesso em: 01 março 2021.
- ARAÚJO, C.C.; ARAÚJO, W.V.; FRANÇA, M.S.; PERIARD JUNIOR, W.F.; SILVA, K.R.A. Elaboração de uma cartilha ilustrada como estratégia de Educação Ambiental para a preservação do meio ambiente e medidas que devem ser adotadas em caso de acidentes com animais peçonhentos. **Revista Presença**, v.5, n.13, 2020.
- BAHIA. Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB). **Boletim Epidemiológico**. Vigilância de Escorpiões no Estado da Bahia, n. 4, 2016. Disponível em: http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Boletim_Entomologico_n04_Escorpioes_22junho2016.pdf Acesso em: 25 janeiro 2022.
- BARBOSA, T.C.D. **Educação ambiental e valores: um olhar para os animais venenosos**. 2015. 86 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/131721> Acesso em: 02 março 2021.
- BARRETO, K.F.B.; OLIVEIRA, C.R.P.; OLIVEIRA, I.S.S. O zoológico como recurso didático para a prática da Educação Ambiental. **Revista Faced**, v. 15, p. 79-91, 2009.
- CIRUFFO, P.D. et al. Escorpionismo: quadro clínico e manejo dos pacientes graves. **Rev Med Minas Gerais**, v. 22, n. Supl 8, p. S1-S48, 2012.
- COLOMBO, W.D.; DE ALENCAR, I.C.C. Escorpiões: um estudo de caso com alunos do Ensino Fundamental em escolas dos municípios de Santa Teresa e São Roque do Canaã, Espírito Santo, Brasil. **Bol. Mus. Biol. Mello Leitão**, v.39, n.1, p. 39-67, 2017.
- CORRÊA, Y.G.; RIBEIRO NETO, D.G.; DO NASCIMENTO, T.S.; NUNES, A.I.S.; SEIBER, C.S. Seres humanos, animais peçonhentos e ambiente: conhecimento prévio do público infantil. **Revbea**, v. 16, n. 6, p.31-51, 2021.
- CORRÊA, Y.G.; SEIBERT, C.S. A relação entre o ser humano e a arraia de água doce: duas faces de uma mesma moeda. **Ambiente & Educação**, v.21, n.1, p.173-194, 2016.
- CUNHA, F.C. Educação Ambiental: uma descrição das ações realizadas no município de Cruz das Almas (BA). **Revbea**, v. 13, n. 3, p.76-95, 2018.
- EL HIDAN, M.A. et al. Climate Change, Scorpion Ecology, and Envenomation: What Are the Links? In: **Research Anthology on Environmental and Societal Impacts of Climate Change**. IGI Global, 2022. p. 975-989.
- FERRARI, A.H.; ZANCUL, M.C.S. Meio ambiente e educação ambiental no Brasil: considerações a partir de diretrizes institucionais e de orientações pedagógicas. **Educação Ambiental em Ação**, 2014.
- FORTE NA NOTÍCIA. **Menino de 10 anos é picado por escorpião em Cruz das Almas**. Cruz das Almas, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://www.fortenanoticia.com.br/menino-de-10-anos-e-picado-por-escorpiao-em-cruz-das-almas/>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- GOICOCHEA, A.G.P. **Acidentes escorpiônicos: uma relação entre impactos ambientais e a presença de animais peçonhentos em áreas urbanizadas**. Trabalho de Conclusão de Cur-

so em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Grande Dourados, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/2747/1/AlbertoGuilhermePaesGoicochea.pdf> Acesso em: 24 janeiro 2022.

GUIMARÃES, S. Medidas de isolamento aumentam a quantidade de lixo doméstico e hospitalar. **Oeco**, 2020. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/reportagens/medidas-de-isolamento-aumentam-a-quantidade-de-lixo-domestico-e-hospitalar/> Acesso em: 03 março 2021.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População estimada**. Cruz das Almas: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cruz-das-almas/panorama> Acesso em: 25 jan 2022.

MAZETTO, F.A.P. Qualidade de vida, qualidade ambiental e meio ambiente urbano: breve comparação de conceitos. **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 12, n. 24, p. 21-31, 2000.

NASCIMENTO, C.S.; LORDELO, L.M.K. A percepção da comunidade sobre os resíduos recicláveis na cidade de Cruz das Almas (BA). **Revista de Educação Ambiental**, n. 50, 2014.

OLIVEIRA, B.H.S.; SILVA, A.K.M.; LIMA, I.C.S.; DE ALBUQUERQUE, H.N. Importância ecológica da escorpiofauna do Complexo Aluízio Campos. **Revista Brasileira de Informações Científicas**, v.1, n.1, p. 36-43, 2010.

OLIVEIRA, S.S.; CRUZ, J.V.S.; DA SILVA, M.A. Perfil Epidemiológico de Escorpionismo no Nordeste Brasileiro (2009 a 2019). **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.2, p. 11984-11996, 2021.

PHILIPPI JÚNIOR, A.; ROMERO, M.A.; BRUNA, G.C. Uma introdução à questão ambiental. In: PHILIPPI Jr, A. ROMERO, M.A.; BRUNA, G.C. Curso de Gestão ambiental. Barueri- SP: Manole, p.3-16, 2004.

PORTAL CRUZALMENSE. **Moradora alerta para o aparecimento de escorpião em Cruz das Almas**. Cruz das Almas, 08 ago. 2021. Disponível em: <http://www.portalcruzalmense.com.br/2021/03/moradora-alerta-para-o-aparecimento-de.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PORTAL GONGOGI. **Criança de 5 anos é picada por escorpião em Cruz das Almas**. Cruz das Almas, 16 mar 2021. Disponível em: <https://portalgongogi.com/crianca-de-5-anos-e-picada-por-escorpio-em-cruz-das-almas-cruz-das-almas/amp/> Acesso em: 20 jan. 2022.

PORTO, T.J.; BRAZIL, T.K.; LIRA-DA-SILVA, R.M. Scorpions, state of Bahia, northeastern Brazil. **Check List**, v. 6, n. 2, p. 292-297, 2010.

RAMIRES, E.N.; NAVARRO-SILVA, M.A.; MARQUES, F.A. Chemical control of spiders and scorpions in urban areas. In: **Pesticides in the Modern World-Pests Control and Pesticides Exposure and Toxicity Assessment**. IntechOpen, 2011.

RUPPERT, E.E.; FOX, R.S.; BARNES, R.D. **Zoologia dos Invertebrados: uma abordagem funcional-evolutiva**. 7. ed. São Paulo: Roca, 2005.

SANTOS, A.L.D; FEITOSA, S.B; MARTINS, I.S.S.; MORENA, D.D.S.M.; SEIBERT, C. S. Estudo retrospectivo dos acidentes por serpentes atendidos no hospital geral de Palmas – TO, no período de 2010 e 2011. **Desafios: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v.1, n.1, p.226-244, 2014.

SANTOS, J.R. **Educação ambiental e o trabalho com valores: olhando para os animais não humanos**. 2009. 160p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade

Estadual Paulista, Rio Claro. 2009.

SANTOS, M.C.S. **Panorama da situação dos resíduos de construção e demolição no município de Cruz das Almas/BA.** Monografia. Bacharelado em Ciência e Tecnologia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2016.

SANTOS, M.C.S et al. **Aspectos clínicos e epidemiológicos de acidentes escorpiônicos:** uma revisão integrativa da literatura. Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes-SEMPESq, n. 21, 2019.

SILVA, M.D.; DE ALMEIDA, P.M.S.; APRILE, F.M.; STOLARZ-DE-OLIVEIRA, J. Lixo e animais peçonhentos: a Educação Ambiental através de atividade de extensão em escolas como forma de prevenção de acidentes com animais peçonhentos. In: SILVA, M.E.D. (Org). **O meio ambiente e a interface dos sistemas social e natural.** Atena: Ponta Grossa, PR. 2021.

SUL BAHIA. **Menina de 10 anos é picada por escorpião em Cruz das Almas.** Valença, 13 maio. 2021. Disponível em: <https://www.sulbahia1.com.br/noticia/10925/menina-de-10-anos-e-picada-por-escorpiao-em-cruz-das-almas>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SZILAGYI-ZECCHIN, V.J.; FERNANDES, A.L.; CASTAGNA, C.L.; VOLTOLINI, J.C. Abundance of scorpions *Tityus serrulatus* and *Tityus bahiensis* associated with climate in urban area. **Indian Journal of Arachnology**, v.1, n.2, p.15-23, 2012.

TORREZ, P.P.Q. et al. Scorpionism in Brazil: exponential growth of accidents and deaths from scorpion stings. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 52, 2019.

VOLITZKI, E.; GAGGINI, M.C.R. Avaliação dos acidentes escorpiônicos no Estado de São Paulo. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v.4, n.6, p. 29-43, 2021.

EDUCAÇÃO POPULAR: SAÚDE E CIDADANIA EM TEMPOS DE PANDEMIA – PROJETO VIDA E SAÚDE

POPULAR EDUCATION: HEALTH AND CITIZENSHIP IN PANDEMIC TIMES - LIFE AND HEALTH PROJECT

Heleni Duarte Dantas de Ávila

Professora do Curso de Serviço Social e da Pós-Graduação em Política Social e Territórios (POSTERR) – UFRB. Dr.^a em Saúde Pública (ISC-UFBA). E-mail: heleniavila@ufrb.edu.br

Marcos Oliveira de Jesus

Assistente Social formado pela UFRB. Pós-Graduando em Política Social e Território (CAHL/UFRB) e Pós-Graduando em Direitos Humanos, Saúde e Racismo: a questão negra (DIHS/ENSP/Fiocruz). E-mail: marcos.oliveira@aluno.ufrb.edu.br

Michell de Jesus Santos

Discente da Graduação em Serviço Social da UFRB. E-mail: michelljss@gmail.com

Nádina Alves Souza

Discente da Graduação em Serviço Social da UFRB. E-mail: nadinanay@gmail.com

Wagner Souza da Encarnação

Discente da Graduação em Serviço Social da UFRB. E-mail: wagner.souza@aluno.ufrb.edu.br.

RESUMO

O presente trabalho é fruto de um Projeto de Extensão com discentes do curso de Serviço Social, do Centro de Artes Humanidades e Letras – CAHL, que tem por objetivo principal a comunicação em saúde, desmistificando notícias falsas acerca de cuidados em saúde. O projeto teve início com uma página em uma rede social, denominada ComunicaSUS. Como a página começou a receber muitas mensagens de discentes na faixa etária entre dos 15 aos 19 anos, a equipe do projeto resolveu ampliar as ações e estabelecer uma parceria com o Colégio Estadual da Cachoeira e realizar um minicurso debatendo questões sobre o SUS, controle social/democrático, dentre outros temas, sobretudo os de interesse dos estudantes. A proposta do curso foi bem aceita pela comunidade do Colégio. A metodologia utilizada no curso é baseada na proposta da educação popular em saúde, com debates a partir da realidade vivida pelos participantes. O curso está em fase de execução, mas, apesar disso, já pode ser visto alguns resultados significativos, tais como: aproximação dos discentes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio com a UFRB; interesse por conhecer as políticas sociais, em particular o SUS; defesa do SUS; dentre outros. Espera-se que novas turmas sejam implementadas e que estes discentes possam ser multiplicadores de outros grupos de formação.

Palavras-chave: Comunicação; Notícias falsas; Sistema Único de Saúde, Extensão Universitária.

ABSTRACT

The present work is the result of an extension project, with students of the Social Service course of the Centro de Artes Humanidades e Letras - CAHL, whose main objective is health communication, demystifying false news about health care. The project began with a page on a social network

called ComunicaSUS. As the page began to receive many messages from students aged between 15 and 19, the project team decided to expand the actions and establish a partnership with Colégio Estadual da Cachoeira and hold a mini-course debating issues about SUS, social control/ democracy, among other topics, especially those of interest to students. The course proposal was well accepted by the College community. The methodology used in the course is based on the proposal of popular education in health, with debates based on the reality experienced by the participants. The course is in the execution phase, but despite that, some significant results can already be seen, such as: approximation of students of elementary school II and high school with UFRB; interest in knowing social policies, in particular the SUS; defense of the SUS, among others. It is expected that new classes will be implemented and that these students can be multipliers of other training groups.

Keywords: Communication; Fake News; Unified Health System, University Extension.

INTRODUÇÃO

A Universidade Pública, durante a pandemia, vem reafirmando sua importante função como espaço de produção e difusão de conhecimento. As atividades de ensino não pararam, as pesquisas seguiram seu curso e a extensão foi responsável por manter viva a chama que liga a academia à sociedade e à comunidade.

As ações de Ensino, de Pesquisa e de Extensão devem caminhar juntas e interligadas. A Extensão possibilita a socialização do conhecimento adquirido por meio do Ensino e da Pesquisa fora dos muros da instituição de ensino, possibilitando um diálogo mais próximo com as necessidades da comunidade, contribuindo com a transformação e desenvolvimento local/ regional.

A Extensão Universitária deve levar em conta os saberes populares, promover o exercício da cidadania, garantir e defender os valores democráticos, pautada na equidade, através de projetos e programas. Segundo o sítio eletrônico da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)¹ :

Extensão Universitária é um processo educativo, artístico, cultural e científico promovido pelas universidades para estabelecer uma relação mais direta com outros segmentos da sociedade, dando retorno para a população com ações de ensino, pesquisa e extensão. É um modo de a universidade realizar e participar, em conjunto com outros setores da sociedade, de programas e projetos que promovam a superação das desigualdades sociais e o desenvolvimento regional e sociocultural. (UFRB, 2004).

Muitos são os desafios enfrentados pelas Universidades Públicas para execução e implementação das ações de extensão – que vão desde a falta de recursos financeiros, infraestrutura, dentre outros – o que prejudica a Universidade no cumprimento da sua missão social e utilitária perante a sociedade.

Um importante desafio que a Extensão tem pela frente é a sua Curricularização que, consoante a Resolução Nº 25/2021, do Conselho Acadêmico (CONAC) da UFRB: “Art. 3º Entende-se por Curricularização da Extensão a inserção da formação extensionista no Projeto Pedagógico do Curso de Graduação (PPC), com carga horária de, no mínimo, dez por cento do total de carga horária do Curso” (p. 3, 2021).

Apesar da existência da Resolução supramencionada, o processo de Curricularização da Extensão ainda não foi implementado em sua totalidade no âmbito da UFRB. Esta é uma ação urgente e necessária.

Compreendendo a importância da Extensão Universitária é que o projeto ora apresentado foi pensado. Destaca-se que o minicurso é um desdobramento de um projeto anterior denominado CMUNICASUS (Projeto aprovado para PIBEX), tendo como objetivo a comunicação em saúde, desmistificando notícias falsas acerca de cuidados em saúde, em especial os ligados à pandemia, que poderiam colocar em risco a saúde de toda uma coletividade.

O presente projeto foi pensado e está sendo executado por docentes e discentes do Curso de Serviço Social do Centro de Artes Humani-

¹ <https://www.ufrb.edu.br/portal/extensao> Acesso: 26 jan. 2022.

dades e Letras – CAHL.

A ideia inicial surge no contexto pandêmico e com todas as dificuldades advindas deste cenário, com necessidade de distanciamento social e outras medidas sanitárias necessárias à proteção da saúde de todos os envolvidos.

Neste trabalho, entretanto, será abordada a experiência da construção do curso intitulado “Saúde e Cidadania”, seguindo a metodologia da educação popular em saúde.

O texto está dividido nos seguintes tópicos: Introdução; Metodologia; Educação Popular em Saúde em tempos de pandemia; O ComunicaSUS como ferramenta de educação em saúde na UFRB, e, por fim as considerações finais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo que foi produzido durante a pandemia do novo coronavírus. Este trabalho é fruto do desdobramento de projeto aprovado em edital PIBEX², ComunicaSUS³, possuindo discentes bolsistas⁴ e voluntários, além de docentes do curso de Serviço Social.

A partir das ações desenvolvidas nos canais do ComunicaSUS (rede social – *Instagram*, podcast e outros) e através das mensagens recebidas no *Instagram* de discentes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, a equipe do Projeto de Extensão sentiu a necessidade de ampliar as ações através da realização de um minicurso que complementasse o projeto original.

Não obstante, a própria Pró Reitoria de Extensão – PROEXT, apresentou à coordenação do projeto a necessidade de estabelecer parceria com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, a fim de oferecer atividades complementares para as escolas estaduais da Bahia. Assim, a ideia que estava sendo gestada, foi de pronto acatada por todos os membros do grupo, buscando-se dialogar com o Colégio Estadual da Cachoeira, que foi bastante receptivo.

Nesse sentido, o minicurso sobre política de saúde, reforçando a premissa da saúde como direito de todos e dever do estado, foi pensado com a realização de seis encontros, com turmas de 30 a 35 discentes, com a faixa etária entre os 15 (quinze) aos 19 (dezenove) anos.

A metodologia utilizada na construção do curso e na sua implementação foi, prioritariamente, a Educação Popular em Saúde, atividade que prioriza os conhecimentos prévios de um povo, sua diversidade cultural na construção de novos saberes.

Para este projeto, além da metodologia da educação popular em saúde, também foram utilizados instrumentos da comunicação, buscando compreender os sujeitos envolvidos na transmissão das mensagens, como emissor e receptor.

Para embasar os conteúdos dos módulos, foram feitas buscas em livros de referência da área, cartilhas do Ministério da Saúde, artigos científicos, sítios eletrônicos de órgãos governamentais, grupos de pesquisa e Universidades. As atividades realizadas foram desenvolvidas, de acordo com as seguintes ações:

- 1) Formação da equipe envolvida;
- 2) Elaboração de cronograma de ações para a execução semanal das atividades;
- 3) Realização de reuniões periódicas com o grupo de discentes e docentes para debate teórico e avaliar as ações;
- 4) Contatos com a Secretaria de Saúde de Cachoeira e Colégio Estadual para realização do curso.

Reforça-se a ideia da utilização da Educação Popular em Saúde (EPS), na aplicação/execução deste projeto de extensão, compreendendo que:

A EPS colabora, portanto, de forma decisiva com o subsídio de bases teórico-metodológicas para a construção progressiva de caminhos e abordagens que ensejam a construção de um SUS

² Edital PIBEX 02/2021.

³ Objetivo do ComunicaSUS – estabelecer comunicação através dos instrumentos da educação popular em saúde, para informar acerca do direito à saúde e práticas saudáveis de vida, reforçando a ideia da consciência sanitária, particularmente em tempos de pandemia.

⁴ Os discentes bolsistas recebem recursos do Edital PIBEX 02/2021 e Edital Interno do Curso de Serviço Social – Edital SESO 01/2021/2022.

coerente com o enfrentamento solidário e coletivo dos vários fatores intervenientes no processo saúde-doença, seja do ponto de vista social, econômico, político, dentre outros. (CRUZ, 2018, p. 27).

Através da utilização da metodologia da Educação Popular em Saúde, os resultados estão sendo muito mais proveitosos, garantindo maior participação de todos os sujeitos envolvidos e a defesa do Sistema Único de Saúde – SUS.

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE EM TEMPOS DE PANDEMIA

A Educação Popular como práxis social é aquela que ocorre dentro e com os grupos populares; é determinada pela realidade e sua perspectiva é histórica. Desenvolve-se na sociedade para se contrapor ao projeto educacional dominante. Por isso, é adotada em diferentes contextos, principalmente pelos movimentos sociais.

O protagonista das ações de EPS deve buscar, no processo de aprendizagem das práticas, uma reflexão profunda e avaliação crítica a respeito das situações-limite de suas práticas, e conhecer quais caminhos podem ser construídos para superá-las. Isso deve ser pensado com o objetivo de qualificação e construção de alternativas para os principais desafios colocados no SUS (CRUZ, *et al.*, 2020).

O projeto tomou como base a lógica da educação popular, valendo-se do método Paulo Freire. Este método tem como premissa que o educador deve se despir de modelos arcaicos que em nada colaboram e, ao contrário, tendem a manter a hegemonia de poucos e o educando deve estar disposto a receber o conhecimento que lhe é transmitido – conhecimento este que agrega reflexão e traz consigo o ato de pensar acerca da realidade fazendo com que o educando repense sua situação e saia da zona de oprimido (FREIRE, 1978).

Para Freire, a palavra tem força transformadora, porém ela deve ser dialogada e construída através de vários saberes, cada participante desse processo deve ser sujeito ativo no ato pedagógico, a educação deve ser transforma-

dora, libertadora e não opressora. A lógica freiriana foi facilmente acolhida pelos movimentos sociais, em especial o Movimento da Reforma Sanitária e outros ligados à saúde, particularmente nas atividades de educação em saúde.

Em uma perspectiva histórica, é importante perceber os avanços conquistados pela luta organizada da classe trabalhadora, no final dos anos 70 e durante os anos 80, com o processo da redemocratização no Brasil e a possibilidade de construção de políticas sociais universais e com a participação da comunidade como, por exemplo, a política de saúde. O ápice de todo esse movimento foi a promulgação da Constituição Federal de 1988, que dentre outras afirmações importantes, traz em seu artigo 196 a saúde como direito de todos e dever do Estado.

Assim, a construção da Política de Saúde brasileira está baseada nos princípios e diretrizes da universalidade, descentralização, integralidade e participação da comunidade, com atendimento (materialização) através do Sistema Único de Saúde (SUS), cobrindo todo território nacional e sendo um modelo internacional de atenção em saúde (LIMA, N. T. e colaboradores, 2005).

O Movimento da Reforma Sanitária Brasileira (MRSB) foi constituído por ampla mobilização de segmentos populares, acadêmicos e outros, gerando uma adesão importante na sociedade. Este movimento pretendia uma mudança na forma de vida e na realidade das pessoas, compreendendo a saúde em sentido amplo, constituindo-se como um verdadeiro movimento contra hegemônico com as ações e serviços de saúde existentes até então. O MRSB, foi a expressão da indignação da sociedade frente às aviltantes desigualdades, a mercantilização da saúde (AROUCA, 2003) e, configurou-se como ação política consertada em torno de um projeto civilizatório de sociedade inclusiva, solidária, tendo a saúde como direito universal de cidadania. Assim, ante esta perspectiva política o diálogo do MRSB e a metodologia freiriana são fundamentais, particularmente com a participação da comunidade prevista no SUS.

O protagonismo dos movimentos sociais na conquista de saúde para todos, de forma

gratuita e de qualidade, não se findou com a construção do SUS, o movimento orgânico da sociedade brasileira pulsa em meio aos diversos ataques que a política social de saúde sofre diariamente. A relação entre movimentos sociais e a política social está entrelaçada pelas velhas e novas demandas que surgem no campo da saúde pública e coletiva. A partir das construções coletivas das Conferências Nacionais de Saúde (2004, 2008 e 2011), o Ministério da Saúde institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS) pela portaria 2.761 de 2013.

Art. 2º A PNEPS-SUS reafirma o compromisso com a universalidade, a equidade, a integralidade e a efetiva participação popular no SUS, e propõe uma prática político-pedagógica que perpassa as ações voltadas para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a partir do diálogo entre a diversidade de saberes, valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos e a inserção destes no SUS (BRASIL, 2013).

Nesse sentido, a Educação Popular em Saúde é considerada uma estratégia para enfrentar as demandas que atingem as populações, principalmente aquelas em situação de vulnerabilidade, através do diálogo ampliado com a comunidade evidenciando, também, a proteção e a valorização dos saberes tradicionais.

No final de 2019, iniciou-se na pandemia provocada pelo novo coronavírus, o Sars-CoV-2. Desde então uma série de medidas sanitárias vêm sendo estabelecidas pelas organizações de saúde, em especial a Organização Mundial de Saúde (OMS) com o intuito de diminuir os níveis de contaminação, consequentes aos casos graves, mortes e o colapso dos sistemas de saúde.

A Covid-19 apresenta-se como um grande desafio à saúde mundial, diante dessa situação, faz-se necessário criar mecanismos para controlar a propagação dessa doença, tal como; uso de máscaras eficientes, administração de vacinas, o rastreamento de contactantes, isolamento social, dentre outras. Nesse sentido, é de extrema relevância o debate sobre o direito

à saúde e a realização de práticas saudáveis, em especial aos cuidados à saúde em tempos de pandemia.

A metodologia da educação popular, proposta por Paulo Freire, tem como objetivo principal tornar os sujeitos protagonistas no processo de aprendizado, e, se tratando do âmbito da saúde, é de fundamental importância respeitar as particularidades de cada indivíduo, atentando para os seus modos de vida e condições de saúde. Nesse sentido, as informações não devem ser simplesmente repassadas, mas transmitidas através de diálogos estabelecidos de forma que todos os sujeitos se sintam imbricados no processo de construção e desconstrução de práticas, informações e saberes.

A Educação Popular em Saúde é forjada através de um posicionamento crítico, para uma educação com bases emancipatórias.

[...] para além das prescrições a respeito de hábitos e comportamentos ditos “saudáveis”, reconhecendo e partindo do ponto de vista popular para discutir o que é ter saúde. Sob um modelo de desenvolvimento e acumulação de riquezas excludente, ter saúde é, principalmente, garantir melhores condições de vida e trabalho. Com a pandemia as desigualdades e iniquidades, reforçadas pelo capitalismo, saltam de sua paulatina invisibilização, evidenciando, entre outras tantas coisas, a importância dos sistemas públicos e universais de saúde em sua forma ampliada, abrangendo o direito à moradia, a alimentação, a renda e ao trabalho, ao saneamento, ao lazer, e segue uma longa lista negligenciada nas sociedades neoliberais (ANPED, 2022⁵).

O grande desafio, com a necessidade de distanciamento social, é alcançar as pessoas para o trabalho da educação popular em saúde, as desigualdades para acesso a meios de comunicação também ficaram mais evidentes, os cursos, as reuniões, rodas de conversa, tiveram que ser reinventadas. Necessário se fez a utilização de meios mais acessíveis, como redes sociais e ter a ludicidade como carro chefe, ou seja, utilizar músicas, jogos, e outras atividades

⁵ <https://www.anped.org.br/news/educacao-popular-em-tempos-de-pandemia-todas-certezas-sao-provisorias-gt-06>. Acesso em: 29 jan. 2022.

em que todos os sujeitos possam ser inseridos e participantes.

EDUCAÇÃO POPULAR: SAÚDE E CIDADANIA NA UFRB

A Educação Popular (EP) é uma inspiração teórica e prática capaz de oportunizar o desenvolvimento de um agir com postura ética comprometida com ações de Promoção da Saúde em caráter ampliado, orientadas por dimensões críticas, sociais e políticas na compreensão do papel da saúde em comunidades populares e da intervenção social nesses espaços (VASCONCELOS; PEREIRA; CRUZ, 2008).

No contexto dominante atual de afastamento das realizações educacionais da realidade social e de seu tímido ou inexistente comprometimento com o sofrimento das camadas mais excluídas da população, a EP tem constituído uma oportunidade concreta de resistência e criatividade, apontando novos e prósperos rumos para a formação e seu compromisso com as lutas populares (CRUZ, p. 50-51, 2020).

Os movimentos sociais, a redemocratização e a aproximação dos técnicos da área de saúde com a população, foram elementos que aglutinaram os avanços na educação popular em saúde. A partir dessa conjuntura, a participação social e as práticas populares em saúde puderam ser percebidas sem dicotomias ou hierarquias, o saber médico é tão importante quanto o popular e ambos devem ser conectados (BRASIL, 2007).

Na atualidade, a Educação Popular em Saúde tem contribuído expressivamente para a organização comunitária das populações; a divulgação das formas de prevenção, cuidados e combate à Covid-19 e para combater a ignorância ideológica. Nesse sentido, a Educação Popular em Saúde é uma estratégia de autogestão popular em um contexto no qual se enfrenta não só a crise do coronavírus, mas também uma crise político-ideológica baseada em fake news e em negacionismo.

Outras articulações são importantes para a concretização da Educação Popular em Saúde e o combate à Covid-19, o comprometimento com a pesquisa e a divulgação científica das

Instituições de Ensino Superior (IES) são indispensáveis para o sucesso da articulação em rede entre as políticas sociais e a população, como por exemplo, a UFRB através do "Programa de Extensão de Acompanhamento e Enfrentamento à Covid-19" que se vincula às diretrizes da Educação Popular em Saúde nas propostas das atividades no período pandêmico. A UFRB vem mantendo o compromisso com a Ciência, a Pesquisa e a Tecnologia, buscando na comunidade interna e externa os diálogos necessários para criar estratégias de enfrentamento às demandas contemporâneas, acentuadas pela Covid-19.

De acordo com as informações disponibilizadas pela página "UFRB contra a Covid-19", cerca de 42 ações estão registradas no Programa de Extensão de Acompanhamento e Enfrentamento à Covid-19, algumas delas são: Série de vídeos #Empatia.Cahl.UFRB; Vozes unidas pela vida; Série de podcasts – Pandemia, vida e políticas públicas; Grupo de Pesquisa e Extensão COMUM com Live Debate "Realidade Social e Covid-19"; Boletim Covid-19 (Recôncavo); Projeto ComunicaSUS, e o minicurso Saúde e Cidadania que é vinculado ao ComunicaSUS.

O curso proposto neste Projeto de Extensão, que se encontra em fase de formação da equipe, formação das turmas, contatos prévios com equipe (docentes e discentes); realização de reuniões de mobilização junto à comunidade do Colégio Estadual da Cachoeira, tem como proposta as seguintes fases:

Primeiro Encontro – apresentação do curso, dos discentes e equipe envolvida; estabelecimento de pactos de condução das atividades; indicação de filmes e leituras para acompanhar os trabalhos – construção de história de vida;

Segundo Encontro – Módulo I: A história da política de saúde no Brasil – Resgatar o processo de construção das políticas de saúde a partir do conhecimento dos participantes;

Terceiro Encontro – Módulo II: Sistema Único de Saúde (SUS) – Conhecer as diretrizes do SUS, contextualizando-as à realidade de sua comunidade;

Quarto Encontro – Módulo III: Controle social no SUS – Discutir a percepção de participação

popular que os integrantes do grupo têm de acordo com suas vivências;

Quinto Encontro – Módulo V: SUS e Covid-19 – debater acerca da importância do SUS e aprofundar conhecimentos acerca da prevenção da Covid-19;

Sexto Encontro – Avaliação final e encontro de fechamento do curso

Não obstante, além da equipe ter estes encontros pré-definidos, vale salientar que eles podem ser modificados e adequados a depender da dinamicidade dos sujeitos envolvidos, ou seja, a base de todos os debates e dos conteúdos serão as histórias de vida e os cotidianos de cada participante.

Todos os encontros serão feitos semanalmente, sendo que todas as ações a serem desenvolvidas serão pactuadas com os envolvidos. Os conteúdos serão transmitidos pelos discentes (bolsistas e voluntários), com a coordenação dos professores envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto ComunicaSUS, que deu origem ao projeto do Curso Saúde e Cidadania, teve como objetivo estipular diálogo por meio dos instrumentos da educação popular em saúde, em direção ao direito à saúde e práticas saudáveis de vida, fortalecendo, assim, a percepção da consciência sanitária crítica, em especial nesse período que se apresenta através de demandas contemporâneas acentuadas pela pandemia da Covid-19.

Desta forma, o minicurso visa extrapolar as barreiras da Universidade e se aproximar principalmente dos jovens Estudantes do Ensino Fundamental II e do Nível Médio da cidade de Cachoeira-Ba. Temos como princípio a construção coletiva de nossos encontros, a partir do conhecimento de todos os presentes, da leitura dos textos e visualização de documentários, fomentando, assim, o debate e o aprendizado coletivo, tornando-se, ao mesmo tempo, material e produto do nosso trabalho.

Este projeto demonstra a importância da Ex-

tensão Universitária na UFRB, que contribui não somente para formação acadêmica dos discentes, mas também para sua formação social e humana, adentrando ainda espaços fora da academia, servindo como uma forma de integração com a comunidade e como devolutiva ao acolhimento que nós recebemos dela. Sendo assim, a Extensão é um dos elos entre a Universidade e a comunidade, estabelecendo uma relação mútua entre as partes.

Este projeto, que nasce de outro, chamado ComunicaSUS, tem como objetivo formar multiplicadores sobre a política de saúde brasileira e reforçar a saúde como direito de todos e dever do Estado, além da defesa do SUS. Trata-se, portanto, de uma atividade, ainda em fase de execução, e os resultados e considerações ora apresentados são preliminares.

No decorrer de todo o projeto, a equipe vivenciou a prática da produção coletiva, em uma atividade de extensão onde os envolvidos estão na condição de sujeitos ativos e não meros receptores de informações ou executores de atividades pré-determinadas pelo professor, todos os saberes são respeitados. O envolvimento e motivação de todo o grupo tem sido fundamental para a execução dos dois projetos, que possuem ações interligadas.

O grande desafio tem sido o distanciamento social, imposto pela pandemia do novo Coronavírus pois, sabe-se que a condição de acesso à informação e mesmo as atividades acadêmicas têm sido prejudicadas em função de equipamentos necessários à comunicação. Os discentes, na sua maioria, possuem poucos equipamentos, e mesmo os que possuem utilizam de forma compartilhada, o que impede a plena participação em atividades, sejam acadêmicas, de pesquisa ou de extensão, por isso a necessidade de se respeitar os tempos, os saberes e as condições de vida dos envolvidos.

Assim, com o intuito de garantir maior alcance das informações essenciais no que diz respeito à sua saúde, a utilização de estratégias lúdicas e audiovisuais permitiram o sucesso

da realização das postagens referentes a assuntos e a temas relevantes para a saúde da população em tempo de distanciamento social. Isso possibilitou que os usuários estivessem mais envolvidos, participando de todo o processo de troca de informações e tendo a oportunidade de interagir.

Com a realização/execução deste projeto de extensão, espera-se fortalecer a defesa do SUS e criar uma consciência sanitária, entre os jovens envolvidos e fortalecer as ações de extensão na UFRB.

REFERÊNCIAS

- AROUCA, A. S. **O dilema preventivista**. São Paulo: Unesp: Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- BRASIL. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Ministério da Saúde. Brasília, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n. 356, de 11 de março de 2020. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19) [Internet]. **Diário Oficial da União**, Brasília (DF), 2020 mar 12 [citado 2020 abr. 7]; Seção 1:185. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2761**, de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde - PNEPS-SUS. Brasília, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: 26 jan. 2022.
- CRUZ, P. J. S. C., SILVA, M. R. F. & PULGA, V. L. **Educação Popular e Saúde nos processos formativos: desafios e perspectivas**. Interface (Botucatu). 2020.
- CRUZ, P. J. S. C. org. **Educação Popular em Saúde: desafios atuais / organização Pedro José Santos Carneiro Cruz – 1 ed. – São Paulo: Hucitec, 2018.**
- FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed., São Paulo, Cortez/Instituto Paulo Freire, 123p. 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. ed. Paz e Terra, 1978.
- GOMES, L.B; MEHRY, E.E. **Compreendendo a educação popular em saúde: um estudo na gestão participativa das políticas de saúde**. PHYSIS. Revista Saúde Coletiva. V14. N.1, P.67-83. 2011.
- LIMA, N. T. e colaboradores. org. **Saúde e Democracia: história de perspectivas do SUS**. Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 15 - 59p. 2005.
- SANTOS, M, A. **Lutas sociais pela saúde pública no Brasil frente aos desafios contemporâneos**. Associação Brasileira de Ensino Universitário (ABEU-RJ), Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 233-240, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/sk3wMnW6NFQWWWNjQ3YNNrB/?format=pdf&lang=pt#:~:text=1%20O%20movimento%20sanit%C3%A1rio%20nasce,%C3%A0%20quest%C3%A3o%20da%20sa%C3%BAde%20coletiva>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- UFRB. **Resolução CONAC, N.25**, 13 de agosto de 2021.

EDUCAÇÃO POPULAR, CIÊNCIAS HUMANAS E O TRABALHO DE EXTENSÃO COM AGENTES DE MOVIMENTOS SOCIAIS

POPULAR EDUCATION, HUMAN SCIENCES AND EXTENSION WORK WITH SOCIAL MOVEMENT AGENTS

Mauricio Mogilka

Doutor em Educação, FE/UFBA; Professor da FE/UFBA. E-mail: mmogilka@ufba.br

RESUMO

Este artigo apresenta as características, a base teórica, os objetivos, a metodologia e alguns resultados do projeto de extensão “Educação, teorias críticas e processos emancipatórios”, desenvolvido na Universidade Federal da Bahia entre 2015 e 2021, na cidade de Salvador. O artigo mostra como o projeto estabeleceu, junto com os agentes sociais, as relações entre as ciências humanas e a educação popular; bem como mostra o valor das ciências humanas para os movimentos sociais, especialmente neste momento de luta contra a hegemonia fascista. O artigo tenta mostrar a urgência de se desenvolver com mais vigor atitudes, reflexões e prática mais complexas, pois enfrentamentos unidirecionais e simplistas têm sido absorvidos pelo sistema dominante, tanto em governos neoliberais como fascistas. O projeto se inspirou teoricamente no humanismo crítico, conforme aqui como uma grande abordagem e não como teoria específica. Dentro desta abordagem geral, a principal referência teórico-metodológica usada neste projeto de extensão foram as teorias latino-americanas da libertação. Como resultados qualitativos, o artigo apresenta as reflexões, desenvolvidas ao longo do projeto, sobre os conceitos de *conhecimento, realidade, espiritualidade e democracia participativa*.

Palavras-chaves: Extensão. Extrema-direita. Complexidade.

ABSTRACT

This article presents the characteristics, theoretical basis, objectives, methodology and some results of the extension project “Education, critical theories and emancipatory processes”, developed at the Federal University of Bahia between 2015 and 2021, in the city of Salvador. The article shows how the project established, together with social agents, the relationships between the human sciences and popular education; as well as showing the value of the human sciences for social movements, especially in this moment of struggle against fascist hegemony. The article tries to show the urgency of developing more complex attitudes, reflections and practices with more vigor, as unidirectional and simplistic confrontations have been absorbed by the dominant system, both in neoliberal and fascist governments. The project was theoretically inspired by critical humanism, as a broad approach rather than a specific theory. Within this general approach, the main theoretical-methodological reference used in this extension project was the Latin American theories of liberation. As qualitative results, the article presents the reflections, developed throughout the project, on the concepts of *knowledge, reality, spirituality and participatory democracy*.

Keywords: Extension. Extreme-right. Complexity.

A IMPORTANCIA DA FILOSOFIA E DAS CIÊNCIAS HUMANAS NO CONTEXTO DE ASCENSÃO DA EXTREMA-DIREITA

Este artigo apresenta as características, a base teórica, os objetivos e alguns resultados do projeto de extensão “Educação, teorias críticas e processos emancipatórios”, desenvolvido na Universidade Federal da Bahia entre 2015 e 2021, na cidade de Salvador.

O projeto pretendeu se constituir em um fórum permanente de desenvolvimento de agentes sociais¹, e assim contribuir para que a universidade pública realize a sua vocação potencial para ser um espaço de participação democrática². Ou seja, um local público onde as pessoas possam se reunir para debater idéias, dialogar sobre questões sociais e elaborar alternativas de ação, ao mesmo tempo que desenvolvem suas subjetividades e sua consciência crítica³. Nestes espaços, o debate pode frequentemente se estabelecer fora do controle do poder instituído, de tal forma que o logos coletivo seja poiético, isto é, capaz de gerar ação criativa e não rotineira. Deste modo, as coletividades podem gerar novos sentidos e novas soluções para as contradições sociais vividas no duro cotidiano capitalista, bem como novas formas de enfrentamento com os poderes conservadores.

Se revitalizados, estes espaços de participação democrática podem desempenhar um papel importante na luta contra diferentes formas de exclusão. Estes espaços podem se converter

em verdadeiros centros de imaginação social, onde se desenvolvam modalidades alternativas de interpretar e recriar as relações e as práticas sociais⁴. Através do exercício da imaginação social, as coletividades encontram um local e um momento para construir possibilidades de sociedades mais justas, humanas, igualitárias e éticas⁵, e descobrir quais seriam os caminhos e lutas para que estas sociedades sejam possíveis. Trabalhando com fundamento nas teorias políticas mais engajadas, os centros de imaginação social reúnem diferentes sujeitos, como educadores, artistas, acadêmicos e ativistas sociais, de modo a explorar possibilidades de reforma e de transformação em diferentes espaços sociais.

Para isto, neste projeto de extensão, a educação popular e seu enfoque complexo de política e de ação social foi um instrumento para compreendermos mais profundamente o momento que vivemos e contribuir para que os movimentos sociais superem os impasses em que estamos. Vivemos um contexto com forte avanço das forças neoliberais e mais recentemente, fascistas, e retrocesso nas pautas de cidadania. A complexidade se mostra como um imperativo para a transformação da realidade, e precisa ser incorporada mais profundamente pelo campo progressista. Enfrentamentos baseados em cosmovisões simplistas, reducionistas e hierárquicas, herdadas da própria modernidade, mesmo que progressista, tem sido dominados pela eficiente máquina política neoliberal.

Em função destas questões, um dos objetivos deste projeto foi estimular a imaginação criado-

¹ Agente social é entendido aqui como todo voluntário, militante, extensionista, profissional ou missionário que atua continua e sistematicamente com grupos populares; este é o agente social direto ou primário. O agente social secundário é aquele cujo trabalho impacta e é necessário ao trabalho dos agentes sociais primários: gestores da área social (estatal ou não-governamental); formadores de agentes sociais primários; pesquisadores de temas sociais, que produzem material teórico-analítico ou teórico-metodológico para o agente social primário; e profissionais que prestam assessoria a projetos e movimentos sociais.

² Democracia aqui refere-se aos processos e às propostas de democracia participativa e direta, e não à manutenção do modelo elitista e anti-participativo de democracia representativa dominante nas sociedades capitalistas; nem tampouco se refere no modelo supostamente participativo vigente nos regimes de socialismo burocrático, partidário e ultra-centralizado. Uma discussão sobre democracia participativa pode ser vista em Mogilka (2014, 2019, 2020, 2022). Na seção final deste artigo será apresentado um conceito de democracia participativa.

³ O desenvolvimento da consciência crítica é um dos fenômenos mais importantes na educação popular. Sendo complexo, não pode ser definido por um conceito apenas. Por isto poderíamos definir consciência crítica como aquela que: 1. Coloca discursos e práticas em questão, superando a ingenuidade; 2. Estabelece relações de causa e efeito; 3. Compreende amplamente e não apenas focalmente; 4. Busca a causalidade remota dos acontecimentos locais (pois consegue dar o salto do real empírico para o real estrutural); 5. Permite a tomada de consciência da situação real vivida pelo grupo.

⁴ Neste artigo, alternativo significa aquilo que não está ligado aos valores e às práticas de reprodução do capitalismo ou a outras propostas opressivas de qualquer natureza.

⁵ O significado de ética, aqui, não se resume a seguir regras, leis ou normas socialmente instituídas, mas diz respeito às ações e políticas que têm relação direta com o bem estar e os direitos de todos os seres humanos, e se pautam por este princípio em suas estratégias.

ra dos participantes, inclusive o mediador, para pensar os subsídios de um projeto de país para o Brasil. Obviamente o objetivo aqui é pensar este projeto fora dos marcos neoliberais, mas também superando os limites do pensamento da esquerda mais ortodoxa e verticalista, e sua enorme dificuldade de dialogar com o povo.

Neste último caso os projetos têm sido mais reativos ao neoliberalismo ou fascismo, do que propositivos. Ou então têm sido elaborados a partir de uma rígida leitura da teoria de estado marxista, e mais freqüentemente, leninista. Tais projetos tem pouca chance de responder aos dilemas atuais de uma América Latina marcada pela agenda excludente das políticas neoliberais, agora articuladas com a ascensão da extrema-direita.

Neste contexto, o ataque aos direitos é acompanhado por uma cruzada obscurantista contra a filosofia e as ciências humanas. Estas duas grandes atividades-linguagens, quando trabalhadas de forma crítica e não dogmática, oferecem abrigo, hospedagem, acolhimento e nutrição à consciência crítica. Esta por sua vez é sempre um perigo para sistemas políticos conservadores ou reacionários. Daí a importância de um projeto que tem como uma de suas finalidades a difusão e expansão da filosofia e das ciências humanas, a partir do olhar da educação popular, uma vez que para esta a consciência crítica é considerada um dos mais importantes elementos dos processos de libertação.

A filosofia foi colocada no papel de grande saber transcendental, acima do bem e do mal e acima das sociedades. Isto ocorreu desde o seu período grego, já que ela não foi uma criação europeia, mas provavelmente egípcia, e, portanto, norte-africana. Às elites gregas e romanas e depois, medievais, interessava que ela assumisse este papel metafísico.

Na modernidade o capitalismo faz um sequestro da filosofia, nunca completado. Além da continuidade da metafísica, agora na sua versão moderna, floresce um uso pragmático,⁶ instrumental-produtivo da filosofia, que perde

potência reflexiva e capacidade de questionamento da realidade. Sua expressão máxima no século 19 seria o positivismo, e nos séculos 20 e 21, o neoliberalismo.

Além destes dois problemas da filosofia sequestrada (excesso de transcendência e excesso de pragmatismo) a filosofia moderna é, no geral, eurocêntrica. A América Latina, a África e a Ásia quase não aparecem em suas análises. E excetuando poucas de suas linhas teóricas, como os *estudos culturais* e o *pensamento decolonial*, mesmo a pós-modernidade é majoritariamente eurocêntrica.

Foi com muita luta e com muito trabalho sócio-político que os movimentos decoloniais, a partir do pós-segunda guerra, estimularam o processo de desalienação de parte da filosofia e das ciências humanas produzidas no terceiro mundo. Daí surgiram os trabalhos vigorosos de autores como Enrique Dussel, Franz Fanon, Milton Santos ou Achille Mbembe, entre tantos outros.

Superando estas dificuldades colocadas acima, a filosofia e em especial o filosofar se colocam como potentes instrumentos de análise crítica da realidade, e também de fomento aos processos coletivos de transformação social, aqui neste projeto denominados de *processos emancipatórios*. Apropriada pelos oprimidos e pelos grupos que assessoram suas lutas coletivas, a filosofia e o filosofar passam a atuar em uma lógica externa à lógica do opressor, uma lógica da alteridade, uma lógica da exterioridade, ou uma *analética*, como diz Enrique Dussel.

Se a filosofia pode e tem sido usada para justificar a ordem vigente, ela é, inicial e potencialmente, uma ameaça ao instituído, pelo seu caráter questionador e pela reflexão radical que empreende. Não foi por acaso que as elites gregas condenaram Sócrates à morte. Elas deram um recado à elite intelectual que desenvolvia o filosofar em Atenas. A partir daí o filosofar ateniense terá sua potência instituinte atenuada, apesar de alguns trabalhos posteriores, como *A República* de Platão e *A Política* de Aristóteles.

⁶ Esta não é uma referência à corrente filosófica do pragmatismo norte-americano, que tem entre seus autores Peirce, James ou Dewey. A referência é ao pragmatismo capitalista: o exercício da consciência e do agir focados nos resultados prático-produtivos, sem questionar as implicações políticas, éticas ou sociais destes resultados. A racionalidade ligada a este tipo de postura tem sido chamada, desde os frankfurtianos, de razão instrumental.

Por outro lado, dificilmente alguém negará o valor das ciências humanas, quando trabalhadas criticamente, para se compreender a realidade social e potencializar processos emancipatórios. Não é por mera coincidência que o neoliberalismo e mais intensamente o fascismo, assim que chegam ao poder, passam a combater o exercício e a difusão das ciências humanas, especialmente nas suas abordagens mais críticas. Estamos presenciando isto fartamente no Brasil desde a posse do governo Bolsonaro (2019). A ameaça de redução de recursos para os cursos de ciências humanas no ensino superior é um claro exemplo.

A isto se soma a redução de carga horária das ciências humanas e da filosofia no ensino médio, na recente reforma do ensino básico do neoliberal governo Temer (2018). O medo que os conservadores e ultraconservadores tem das ciências humanas em especial, e de qualquer trabalho crítico em educação, de uma forma geral, também pode ser visto na tentativa de aprovar o projeto de lei chamado “Escola sem partido”, bem como no estímulo a que estudantes filmem e denunciem educadores que realizem algum trabalho crítico.

Mas quais seriam as relações entre a educação, e em especial a educação popular, e as ciências humanas? Estas relações se dão, no mínimo, de quatro formas diferentes e interligadas:

- 1) A educação popular, especialmente na sua linha dialética, é uma grande difusora das ciências humanas junto aos grupos populares, sem desqualificar outros tipos de saberes e culturas, inclusive os não-científicos.
- 2) A educação popular faz articulações ricas e complexas entre as ciências humanas e outros saberes e culturas, como a cultura popular, saberes tradicionais indígenas e africanos, arte, e mesmo conhecimentos considerados esotéricos, como o ioga, do-in, taoísmo, espiritualidade, PICS (práticas integrativas e complementares em saúde, já reconhecidas e adotadas pelo SUS como política pública em saúde no Brasil).
- 3) A educação popular faz conexões das ciências humanas com as questões prático-ético-políticas, tanto a nível empírico, vivencial como a nível estrutural mais amplo. Esta conexão do vivido com o estrutural, ou mediação, como diz

Marx, é um dos mais difíceis e importantes trabalhos da área social, seja em que paradigma crítico seja realizado, já que não é exclusivo da educação popular. Ela também é denominada de articulação *micro-macrosocial* em algumas linhas sociológicas, como o interacionismo simbólico ou escola de Chicago. Sem esta conexão é muito difícil entender a realidade nos seus aspectos mais amplos, e entender como o não-visível (as estruturas) marcam o visível, o vivenciado. É só a partir daí que podemos atuar sobre a causa das desigualdades sociais, que não estão apenas no nível empírico do real. Nas sociedades capitalistas, mesmo as pessoas integrantes classe média e da elite tem dificuldades para fazer estas conexões, pois elas dependem de habilidades mentais complexas, que não são inatas no ser humano, mas precisam de condições culturais propícias para sua estruturação. No caso da população estas dificuldades são ainda mais agudas, devido à deficiente escolaridade e uma mídia predominantemente alienante que dificultam esta estruturação.

4) A própria educação popular, como paradigma e não apenas como prática, está fundamentada em uma complexa articulação de saberes e experiências históricas, dentre as quais as ciências humanas jogam um papel fortíssimo, que precisa ser investigado com mais profundidade.

Do ponto de vista prático, as teorias das ciências humanas e da filosofia tiveram dupla entrada neste projeto de extensão:

- 1) Como instrumento de análise, de penetração no real, como radiografia do ser. Nesta função serviram para investigar, junto com os agentes sociais, a estrutura e a dinâmica dos processos de libertação. O que os constitui? Qual sua estrutura íntima? Porque surgem em certos contextos e não em outros? Que fatores são responsáveis pela sua emergência? Porque, mesmo havendo estes fatores em certos contextos, nem sempre surgem os processos de libertação? Como afetam as subjetividades envolvidas e em que medida dependem delas?
- 2) Como elemento de instrumentalização dos agentes sociais participantes do projeto. Ou seja, como ferramenta poético-política para potencializar os seus trabalhos e relações nos

diversos projetos e movimentos sociais em que atuam. Assim, intensificar o caráter libertador dos processos dos quais participam, ou quando não possuírem este caráter, estimulá-los a provocar esta emergência.

O PROJETO EDUCAÇÃO, TEORIAS CRÍTICAS E PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS: SEUS OBJETIVOS, METODOLOGIA E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Este projeto teve como um dos seus objetivos, contribuir para superar um dos maiores problemas do trabalho social na América Latina: as lacunas na formação teórica dos agentes sociais, inclusive dos agentes sociais secundários. E a teoria é um dos fatores possibilitadores da transição das práticas para práxis. Investir no desenvolvimento teórico dos agentes sociais secundários é investir na transformação da realidade, pois eles já estão engajados em práticas com a população.

Quando não estão diretamente nestas práticas, estão sempre em contato com os agentes sociais primários. Por isto o trabalho do agente social secundário, quando mais crítico, é vital para o aprofundamento e radicalização do trabalho dos agentes sociais primários, pois compartilham com estes últimos saberes e capacidades que a eles foi historicamente negado, especialmente nos países do terceiro mundo. O agente social secundário é como uma ponte entre os trabalhos na ponta dos serviços sociais e os locais onde estes saberes e capacidades são mais intensamente produzidos (universidades, centros de pesquisa, órgãos governamentais, etc.).

Nesta perspectiva, o desenvolvimento de agentes sociais secundários e o foco na ideia de formar multiplicadores, tão cara ao paradigma da educação popular, é uma das formas através das quais as forças progressistas das sociedades atuais contribuem para superar a divisão

social do trabalho. Ou seja, a rígida divisão, fundamental à manutenção das sociedades de classe, entre pessoas formadas para executar, produzir ações, obedecer, de um lado, e pessoas formadas para pensar, gestar, planejar, decidir, de outro.

Um outro objetivo deste projeto foi que os encontros se transformassem em momentos onde o grupo exercite o pensar o novo. Ou seja, pensar e ultrapassar os limites já conhecidos sobre o trabalho social e sobre as grandes questões sociais no Brasil e na América Latina. Assim os participantes encontram estímulos para compreender e deslocar estes limites, projetando o trabalho e os movimentos sociais para outra potência, outras fronteiras, outros patamares. Este projeto pretendeu então desenvolver um processo de conscientização-capacitação com agentes sociais secundários, ou agentes sociais primários que já possuem o desejo de ingressar na pós-graduação stricto sensu.

Por estes motivos o projeto aqui apresentado, Educação, teorias críticas e processos emancipatórios, pretendeu contribuir para que a universidade pública, neste caso específico a UFBA, possa expandir sua vocação para ser um desses espaços de participação democrática e de fortalecimento do trabalho social⁷. E o modo do projeto atuar nessa intenção é através da participação do seu coordenador-mediador, realizando rodas de conversa, cursos de extensão com agentes sociais que desejam ingressar em algum tipo de pós-graduação e assessoria a movimentos sociais.

O apoio teórico do projeto veio em parte das reflexões sociais e teóricas e da experiência social do coordenador do projeto, atuando como educador e trabalhador social desde 1985. Outro suporte importante deste projeto veio do humanismo crítico. Aqui este conceito é tomado para denominar uma abordagem ampla, e não apenas uma teoria. Assim, foram utilizados diferentes autores ou correntes, desde que possuíssem características do humanismo crítico. Tais características são:

⁷ Trabalho social é definido aqui como aquele que se volta para atender demandas públicas de setores da população, especialmente seus setores mais pobres. Envolve também processos de exclusão não necessariamente econômicos: exclusão étnico-racial, de gênero e sexualidade, geracional, cultural. Se desenvolve geralmente nos equipamentos das políticas públicas (CRAS, CREAS, CAPS, unidades básicas de saúde, escolas públicas), em ONGS, em movimentos sociais, em projetos de extensão universitária.

1. A centralidade do bem-estar de todos os seres humanos do planeta, na definição de políticas, finalidades e ações;

2. A crença na capacidade do ser humano, desde que encontre condições mínimas, se auto-governar coletivamente, não precisando de um poder externo para comandá-lo (classe dominante, tiranos, tecnocracia, religiões conservadoras; partidos);

3. A crença na capacidade do ser humano, ao se humanizar, desenvolver valores e formas de convivência solidárias, justas e identificadas com o bem comum e com as necessidades dos outros;

4. A ideia segundo a qual a realidade é transformável e não estática;

5. Trabalhar, na teoria e na prática, com os seres humanos concretos e não com uma essência abstrata e ideal de humanidade;

6. O princípio de que a transformação da realidade social é consequência da ação coletiva, e não de discursos, pensamentos ou afetos; contudo, as práticas humanas não se convertem em práxis sem o auxílio de discursos, ideias e afetos que transgridam de alguma forma o que está estabelecido pelo sistema opressor;

7. As teorias precisam contribuir na transformação da realidade, beneficiando a qualidade de vida dos setores populares nas sociedades contemporâneas; para atingir este engajamento, os teóricos precisam ser simultaneamente ativistas sociais, inseridos em algum projeto, comunidade ou movimento social com o qual se identifiquem; sem isto, fica comprometida a articulação teoria-prática-sensibilidade.

8. O humanismo crítico é otimista: um otimismo crítico e não ingênuo. Seus agentes políticos, diante das situações socialmente mais adversas, não se entregam ao pessimismo, negativismo ou fatalismo. Diante de tais situações se perguntam, junto com a população: “O

que podemos fazer para melhorar isto?”; “Como podemos superar e resolver este problema?”; Estes agentes sabem que o pessimismo, introjetado nos oprimidos, é um dos mais eficazes instrumentos do poder simbólico dominante. Se os oprimidos não confiam em suas próprias capacidades de práxis, isto permite uma enorme economia de energia por parte dos opressores.

Em função desses princípios, o suporte teórico precisou necessariamente fazer as associações entre o trabalho social e estruturas sócio-políticas, com um horizonte teórico mais extenso, em comparação com as correntes teóricas deterministas. Assim, podemos realizar as articulações citadas sem incorrer em perspectivas reducionistas, que estabeleçam uma hierarquia entre práxis e estruturas políticas: processos de libertação política não estão desvinculados do desenvolvimento pleno dos seres humanos, ou seja da humanização⁸. Isto é condição fundamental para que transformações efetivas na realidade sejam possíveis, e não se restrinjam aos aspectos econômicos ou políticos-estatais, produzindo, assim, novas formas de opressão.

Dentro desta abordagem geral, aqui denominada humanismo crítico, a principal referência teórico-metodológica usada neste projeto de extensão foram as teorias latino-americanas da libertação, ou seja, a educação popular, a teologia, a sociologia, a psicologia e a filosofia da libertação, a pesquisa participante, a ecopedagogia e o teatro do oprimido⁹. Estas teorias são utilizadas em uma grande quantidade de países do terceiro mundo. Contudo, ainda são insuficientes as oportunidades de capacitação para os educadores e ativistas sociais brasileiros terem acesso de forma intensiva e extensiva a estas teorias. A demanda é muito superior ao que as universidades têm oferecido. Ainda mais quando estas oportunidades têm caráter formativo e também de intervenção na realidade, como é a intenção deste projeto.

As idéias principais e as metodologias sugeridas

⁸ Humanização é entendida a partir de duas características: 1. O desenvolvimento do ser humano em todas as suas capacidades, dimensões e possibilidades, desde que não levem ao sofrimento ou opressão de si mesmo, de outros seres humanos ou outras formas de vida; 2. A obtenção do contexto social e cultural que permite o exercício pleno do ser humano em seus direitos e necessidades básicas, como moradia, saúde, trabalho digno, educação, cultura, direito à diferença.

⁹ Libertação do ser humano aqui significa: libertação de todas as pessoas de uma sociedade, de todas as carências materiais, a não ser aquelas que atingem a todos, indistintamente; libertação de todas as formas de opressão política, de todos os privilégios e, por extensão, das desigualdades sociais; libertação de todas as limitações de acesso à cultura, à saúde e à educação de qualidade; libertação da escravidão mental, representada por preconceitos de qualquer natureza e por ideologias que visam manter as pessoas, especialmente os trabalhadores, presos aos interesses de outros.

pelas teorias da libertação estão claramente na contra-corrente das forças políticas neoliberais e desumanizadoras da atual fase das sociedades capitalistas como a nossa. Trata-se de um pensamento libertário, profundo, amoroso, radical, mobilizador, revolucionário, decolonial. Suas contribuições são inestimáveis no campo da alfabetização, formação, intervenção social, auto-organização de comunidades. É imenso o seu valor para pensar as práticas sociais e as idéias que fundaram o que chamamos de Brasil e América Latina, que são a nossa origem, nosso caldo cultural e nosso horizonte de felicidade.

A educação popular, assim como as demais teorias da libertação, nasceu em plena modernidade, a partir do fim dos anos 50. Estas teorias-práxis agregaram importantes elementos emancipatórios da modernidade, como a consciência crítica e a democracia participativa. Contudo elas também incorporaram elementos que estão além da modernidade, que a ultrapassam e a desestabilizam: incerteza, indeterminação e complexidade, por exemplo. Elas também estão centradas na afetividade e na solidariedade como fundamentos da vida coletiva digna, rejeitando a competição e individualismo como orientadores da vida social¹⁰. No plano político as teorias da libertação apostam no basismo e na horizontalidade e não no dirigismo verticalista de vanguardas intelectuais ou políticas.

A metodologia do projeto pretendeu se constituir, no momento dos encontros, em um fórum de troca de experiências que permitam aos participantes vivenciar modificações subjetivas e elaborar novas percepções da realidade social e da prática. Desta forma, soluções e resultados que foram gerados em um projeto e local específico podem ser socializados e inspirar a solução de problemas em outros locais. Isto é importante pois ajuda a quebrar o isolamento que muitas vezes atinge os movimentos sociais e os projetos comunitários.

Os princípios metodológicos expostos acima se realizaram neste projeto através de dois tipos de atividades. O primeiro foram rodas de

conversa. Estas ocorreram em projetos de extensão e grupos de pesquisa da UFBA ou em projetos, organizações e movimentos sociais externos à universidade. O tema ou questão-problematizadora desse tipo de intervenção foi algum elemento da realidade que a equipe do projeto considere relevante para o seu desenvolvimento e para potencializar suas práticas. Este tema é escolhido pela equipe após os contatos iniciais e é informado duas ou três semanas antes do evento, para que possa ser preparado.

A princípio se pretendeu desenvolver temas ligados às seguintes questões mais amplas: 1. Ciência, pesquisa-ação e pesquisa participante; 2. Modernidade, pós-modernidade e ciência; 3. Ciência, positivismo e complexidade; 4. Modernidade, colonialidade e epistemologias do sul; 5. Contexto político atual no Brasil, ascensão da extrema-direita e a geração de alternativas.

Nesta forma de intervenção o planejamento, a busca dos projetos, os contatos, o processo de conhecer o projeto atendido, a própria intervenção, bem como os registros e sistematizações subseqüentes, todas estas atividades foram feitas pelo coordenador e mediador do projeto. Estas atividades, descritas mais detalhadamente, são as seguintes:

- 1º) Contatos iniciais com o projeto a atender, conhecendo o mesmo, seus fundamentos, seus objetivos e o público atendido;
- 2º) Negociação com a coordenação e com a equipe; definição da infraestrutura necessária ao evento; escolha da questão-problematizadora que será trabalhada; divulgação do evento;
- 3º) Realização de estudos teóricos para embasar a discussão da questão-problematizadora; fontes específicas desse estudo dependerão da questão escolhida pela equipe;
- 4º) Realização de estudos teórico-metodológicos para subsidiar a intervenção, especialmente em autores das teorias da libertação;
- 5º) Realização da própria intervenção, com a

¹⁰ Competição e individualismo são dois valores fundamentais da moral capitalista; os outros são: consumismo, alienação política e ética da esperteza. Sem a reprodução destes valores nas pessoas a base de sustentação subjetiva do capitalismo desaba (além da moral, os outros elementos que compõem o poder simbólico são a educação, a cultura, a mídia e a religião). Além do poder simbólico, os outros dois pilares de sustentação do poder burguês são o domínio da economia e o poder político.

participação da coordenação, equipe do projeto e outros agentes sociais convidados pelo projeto;

6º) Avaliação da experiência (quando possível com a participação da equipe do projeto); registro; sistematização para divulgação e para orientar as próximas intervenções.

A segunda forma de intervenção deste projeto se deu através de cursos de desenvolvimento de agentes sociais, sob a forma de cursos de extensão realizados na UFBA, geralmente com 40 horas de duração e 30 participantes por curso. Estes cursos foram realizados de forma participativa e dialógica. Todos foram realizados na própria UFBA, mas com uma participação alta de agentes sociais externos à instituição. A metodologia de trabalho se baseou no princípio de construir os conceitos e as soluções para a prática de forma coletiva, a partir das percepções iniciais do grupo.

A intenção foi, através destes cursos, efetivar um processo formativo pela discussão-reflexão-vivência a partir do fundamento da educação popular e suas interfaces com diferentes fenômenos da sociedade (movimentos sociais, marxismo, pós-modernidade, pensamento decolonial, cultura popular, ciência, ong's, estado, capital, neoliberalismo, fascismo, religião). Estes cursos reuniram diversos tipos de agentes sociais, promovendo uma ambiência de diversidade, mutualismo e troca de experiências. Sem rigidez e aberto às mudanças possíveis, a seqüência metodológica deste trabalho se deu de forma geral em quatro momentos:

1º) 1º Ciclo de rodas de conversa: com o grupo em círculo, cada agente social se apresenta, falando o nome e o movimento social ou projeto em que atua. O mediador lança então, para cada um, a questão-problematizadora: "O que você está estudando no momento? O que pretende estudar no mestrado? Já tem objeto de estudo definido?" Neste momento outros participantes entram no diálogo problematizador que se instaura, e o mediador começa a fazer as mediações dos temas que surgem com as questões teóricas, sociais e políticas mais amplas.

2º) 2º Ciclo de rodas de conversa: há um aprofundamento e ampliação das questões, sempre

em clima de diálogo; o mediador, com ajuda do grupo, procura situar a educação popular e os temas de pesquisa escolhidos por cada participante, no quadro geral das ciências humanas. Procura também sugerir teorias que possam dialogar com estes temas, e indicar PPG'S e linhas de pesquisa que talvez possam acolher os futuros projetos de mestrado dos participantes.

3º) Oficinas coletivas de construção de mini projetos de pesquisa: a turma é dividida em pequenos grupos de três ou quatro participantes; este grupos realizarão, com assessoria do mediador, mini-projetos de pesquisa com cinco páginas textuais, individuais mas discutidos coletivamente dentro do pequeno grupo: estes mini-projetos tem a estrutura básica de um projeto de mestrado, com exceção da metodologia, que não é solicitada; cada participante avançará o que for possível para si, não sendo cobrado um mini-projeto completo ao final do curso; o grau de motivação dos participantes é alto, mas alguns não conseguem completar o mini-projeto.

4º) Socialização de um dos miniprojetos de pesquisa: o mediador escolhe um dos miniprojetos, geralmente entre aqueles mais completos, maduros e férteis em mediações teóricas e políticas com a realidade atual; todos então recebem uma cópia e de novo em círculo, o projeto é lido em voz alta e pontuado por todos; qualquer participante, além de mediador, pode fazer comentários, perguntas e sugestões; o curso é então encerrado; qualquer um dos agentes sociais pode participar de outras edições do curso, aprofundando seu processo de capacitação, o que ocorre com frequência .

ALGUNS RESULTADOS QUALITATIVOS DO PROJETO

O projeto de extensão produziu resultados quantitativos, como publicação de artigos em revistas científicas, realização de rodas de conversa, cursos de extensão com agentes sociais e assessorias a projetos sociais ou a agentes sociais, individualmente, para capacitá-los ao ingresso na pós-graduação *strito-sensu*.

Contudo aqui, por limitações de espaço, serão apresentados apenas alguns resultados qualitativos. Mais especificamente, as reflexões sobre quatro conceitos que foram desenvolvidos no diálogo com os agentes e com os movimentos sociais: *conhecimento, realidade, espiritualidade e democracia participativa*. Eles não são novos nas teorias, mas na maneira como foram formulados no projeto são interessantes porque traduzem questões científicas ou filosóficas complexas para uma linguagem acessível aos movimentos sociais, tornando tais questões operacionalizáveis na prática da militância.

Além disso, a formulação destes quatro conceitos representa uma tomada de posição do coordenador-mediador do projeto em relação a eles. Sempre ressaltando contudo, que esta formulação específica é uma das alternativas possíveis, entre outras.

O primeiro destes conceitos é o de conhecimento. A longo da modernidade, que ainda estamos em parte vivendo, o conhecimento foi conceituado de diferentes formas. A forma mais dominante é a abordagem representacionista. Ou seja, o conhecimento é uma representação de um objeto real, distinguindo-se da opinião, da crença, da ideologia e da arte. Na sua forma mais extrema, esta representação é inquestionável, perdendo seus vínculos subjetivos, ideológicos e estéticos. Talvez a forma mais clara deste extremismo seja o positivismo.

Esta forma determinista de explicar o conhecimento sofrerá uma dura crítica, desde o século 19 (Nietzsche, por exemplo). Com o advento da pós-modernidade, a partir da década de 1980, esta crítica vai se generalizar, produzindo uma posição extrema oposta: não haveria uma diferença significativa entre conhecimento, opinião, ideologia e arte. Há muitas formas de representar os objetos da realidade, e qualquer uma pode ser válida. Tudo é relativo à perspectiva do observador-sujeito, nada é absoluto, inerente ao objeto, extra-subjetivo, pré-discursivo, extra-cultural. Não existem fatos, só interpretações, dizia Nietzsche.

Esta crítica tem o saudável efeito político de desestabilizar as formas rígidas, deterministas de representacionismo. Contudo, caiu no extremo oposto: o relativismo. Ao dissolver as

fronteiras, mesmo que relativas, entre conhecimento, opinião, ideologia e arte, dissolve os aspectos não-subjetivos e não-culturais do objeto. Tudo passa a ser uma criação subjetiva ou cultural: o mundo não existe sem a autorização-elaboração do sujeito. Se estabelece, assim uma nova forma, não-declarada, do antropocentrismo, ou um forte e dogmático estruturalismo lingüístico ou culturalista.

A relatividade tão importante para os movimentos sociais e para a democracia representativa, degenera em relativismo. Ao se dissolver os aspectos pré-discursivos do real, dissolve-se a relação sensível, corporal, com o mundo empírico, base inicial das reflexões que levam à compreensão das estruturas da realidade não-empírica, ou real-concreto. Ao afundar no pântano do relativismo, tudo passa a ser válido, inclusive o preconceito.

Assim o relativismo, ainda preso ao binarismo, produz o contrário do que desejava: o reforço do preconceito. Além disso tudo o relativismo é incoerente em si mesmo: um de seus lemas fundamentais, "tudo é relativo, nada é absoluto", é uma afirmação absoluta, e não relativa.

A posição assumida pelo coordenador do projeto foi uma posição intermediária entre representacionismo rígido e o relativismo. Uma posição relativa mas não relativista. Assim o conhecimento passa a ser entendido como uma representação do objeto, mas não uma cópia fiel. É uma representação relativa, que traduz e contém características do objeto representado, que estão nele e não dependem de nós: caso contrário, o conhecimento seria igual à opinião ou ideologia.

Por exemplo; quando a ciência afirma que as vacinas contra COVID-19 impedem, geralmente, mortes ou casos graves, mas não impedem a contaminação pelo vírus, isto não é opinião ou ideologia (no sentido de falsa consciência), mas conhecimento. Ou seja, uma forma de representação do real que é o resultado da relação corporal, sensível e reflexiva do ser humano como o objeto investigado, intensamente experimentado e testado.

Mas o conhecimento não é completamente objetivo. Características subjetivas e culturais interferem no compreender e desfrutar o co-

nhecimento, sem anular seus vínculos com o objeto representado. Por exemplo, a forma como uma pessoa alemã, brasileira ou angolana lida com os conhecimentos científicos sobre a vacina são em parte diferentes. Uma característica que dificulta lidar com esse conceito relativo e intermediário de conhecimento é o binarismo. Típico da modernidade, ele inunda amplos setores da pós-modernidade, inclusive alguns que lutam contra o próprio binarismo.

Se ainda estivermos estruturados de forma binária, ficamos navegando de forma errante entre posições contrárias, sem conseguir captar e integrar o que é válido em cada uma delas. Permanecemos oscilando entre a visão do conhecimento como uma cópia fiel e inquestionável do real ou o conhecimento como algo que na verdade não existe, que não capta características objetivas do real; conhecimento como completamente relativo, “que depende da interpretação de cada um ou de cada cultura.” A superação do binarismo é uma das qualidades mais importantes para desenvolvermos, juntos com os movimentos sociais, uma compreensão mais complexa e mais potente da realidade. Esta superação tem sido intensamente trabalhada no projeto de extensão aqui apresentado.

Um outro conceito trabalhado no projeto nestes últimos anos é o de realidade. A ontologia é a parte da filosofia que estuda o que é a realidade: o que é e o que não é real. A principal linha da ontologia moderna foi profundamente marcada pela ontologia grega na linha idealista. Esta abordagem nasce e se consolida no pensamento de Parmênides-Sócrates-Platão. Parmênides já havia paralisado o real: nada que se move é real, o real é imóvel, dizia este pensador. Este pensamento será interessante para as elites gregas, pois desestimula as pessoas a acreditar e trabalhar pela mudança social.

Depois Platão, especialmente em sua segunda fase, irá cindir, dividir profundamente o real: a ideia das coisas é que é real, e não as próprias coisas. Assim o real seria uma essência metafísica ideal, e não as coisas que vivemos com o nosso corpo na experiência cotidiana. Dois efeitos conservadores resultarão desta abordagem: desvalorização do corpo e da experiência sensível e o desprezo pela qualidade de

vida material, cotidiana. Afinal, o que realmente importa não está aqui, mas em um mundo transcendente, ideal, metafísico.

Esta idealização do real será habilidosa e perversamente utilizada pelos intelectuais orgânicos da igreja católica no início da idade média. Eles criaram a teoria teológica de que existem dois mundos, o mundo dos homens, inevitavelmente doloroso, opressivo e injusto, e um suposto mundo de deus, lugar de felicidade e justiça eternas. Esta ideia terá efeitos conservadores sobre as populações, desestimulando-as a acreditar e trabalhar pela mudança das sociedades e da qualidade da vida. Será, portanto, uma ideia bem conveniente para as elites.

No projeto de extensão, então, foi necessário desenvolver uma discussão ontológica que compreendesse o real como não-fragmentado, não disjuntivo, mas integrativo (que aliás é uma das características da educação popular). Nesta concepção integrativa, a diferença identificada não é entre o sensível e o real (ideal), mas entre a dimensão do real que nossos sentidos captam (sensível) e a dimensão do real que está além dos nossos sentidos (por exemplo, as estruturas sociais, culturais, políticas, econômicas e biológicas). À primeira dimensão, com auxílio de Marx, passamos a chamar real-empírico, e à segunda, real-concreto. Assim, não há uma separação no real, mas uma distinção provocada pelos limites de nossos sentidos corporais (todo ser vivo tem limites nos seus sentidos). O real-concreto só pode ser captado pela reflexão, pelo trabalho da consciência, que faz uma mediação entre o visível e o invisível.

Assim, a concepção integrativa de real que passamos a usar no projeto de extensão com os agentes sociais entende o real-empírico e o real-concreto como dois aspectos ou dimensões de uma mesma coisa: a realidade. Algumas vezes utilizamos como metáfora a imagem do iceberg: um nono do iceberg é captável pelos nossos sentidos por que está acima do nível do mar; oito nonos são invisíveis por que estão abaixo, mas são reais e não ideais. O real-concreto é invisível, mas não é ideal, embora só possa ser captado por ideação, ou seja, atividade mental (reflexiva, imaginativa ou compreensiva).

Um outro conceito desenvolvido no projeto foi a noção de espiritualidade, definida com as seguintes características: 1. A espiritualidade ou religiosidade não é religião; esta pode estimular a espiritualidade, que é uma capacidade natural do ser humano (outras práticas além das religiosas também podem estimular a experiência espiritual: relaxamento profundo; consciência corporal; meditação; danças; contato com o inusitado; viajar); 2. Espiritualidade não é uma crença, mas um tipo de experiência; 3. Espiritualidade é a experiência não-racional e não-verbal de união ou conexão do indivíduo com o todo: a humanidade, o planeta, a natureza, o cosmos; nesta experiência cósmica, os limites do eu se dissolvem temporariamente; 4. O espiritual ou divino não é um ser ou entidade: é uma dimensão do real, uma dimensão profunda, abissal, que nos escapa cotidianamente quando estamos focadas em outras dimensões (econômica, cultural, social, política natural); logo, a espiritualidade é uma dimensão da realidade e não outra realidade, transcendente ou paralela ou acima da realidade; 5. A experiência espiritual aumenta o fluxo de energia vital na pessoa (chi, prana, kundalīne, orgone): por isto esta experiência é tendencialmente terapêutica: desfaz os pontos de bloqueio interno no organismo e na psique, ao menos temporariamente.

Finalmente, o quarto conceito desenvolvido foi o de democracia participativa. No projeto, analisamos frequentemente a reconstrução da democracia no Brasil, para que ela volte pelo menos aos frágeis e precários níveis de cidadania anteriores ao governo Temer (2016-2018). Contudo, aos poucos, fomos tensionando a reflexão e projetamos uma radicalização da democracia representativa além dos níveis pré-2016. Este aprofundamento da democracia representativa, com mais intensa participação popular, levou ao conceito de democracia participativa. Dado o seu valor como norte para as lutas por cidadania e para a superação da democracia representativa, podemos aqui falar algo sobre ela.

Além disso, a democracia participativa seria

uma salvaguarda, um escudo parcial para enfraquecer futuras incursões da extrema-direita ao poder. Isto porque esta modalidade de democracia estabelece formas intensas de participação popular no poder. Inversamente, promove junto com a sociedade civil a efetivação de direitos na base da sociedade, com aqueles que há 500 anos vem sendo excluídos na América Latina. Isto enfraquece a base social da extrema-direita, que soube se nutrir das carências materiais, do desespero existencial e da falta de identificação com o bem comum que foram construídas em parte da população e da classe média durante estes séculos.

Estas carências foram produzidas pela escassez de políticas públicas nas áreas de educação crítica, cultura, habitação, geração de renda, segurança pública cidadã. A base subjetiva da extrema-direita, que o bolsonarismo sabe alimentar com maestria, foi construída socialmente: ninguém nasce fascista, como também ninguém nasce racista¹¹. Crianças pequenas, negras e brancas, de famílias não-racistas, brincam juntas na escola sem nenhum preconceito.

As características da democracia participativa seriam: estado forte, transparente, atuante e sob forte controle da sociedade civil organizada; cidadão com alta escolaridade, participativo e com forte noção do bem comum e da importância da esfera pública; escolaridade e cultura com viés crítico e conectadas à noção de cidadania; economia vigorosa, mas sob planejamento estatal; sistema tributário mais centrado na renda e no patrimônio do que no consumo, com tributação altamente progressiva; respeito à diversidade, seja étnico-racial, de gênero ou cultural; não são países com política externa belicista nem imperialista. A democracia participativa é um esforço de parte da população e da classe média mais engajada para retirar a democracia dos braços do capitalismo e mesmo da modernidade.

Contudo algumas questões se colocam à democracia participativa e seria importante analisá-las aqui. A primeira delas é a seguinte: é pos-

¹¹ Uma excelente análise das raízes psicológicas ou psico-políticas do fascismo como fenômeno social é a obra do psicólogo Wilhelm Reich. Ele mostra como pessoas reprimidas em alguns casos se tornam fascistas. Dois livros em especial mostram este fenômeno: *Psicologia de massas do fascismo* (2005) e *Escuta, Zé ninguém!* (2007) Outro autor que faz excelente análise desta questão é Theodor Adorno, a partir de outra linha teórica, a teoria crítica; pode-se consultar, por exemplo, o livro *Estudos sobre a personalidade autoritária* (2010).

sível a democracia participativa em sociedades com economia capitalista?

Países com social-democracia radicalizada, como Holanda ou Suécia, parecem já ter respondido isto. Lá a economia é capitalista... em termos. Pois embora exista a economia de mercado, este mercado sofre regulação estatal e os impostos pagos pelas empresas são rigorosamente cobrados, dificultando a sonegação. Isto ocorre devido a existência de um estado forte, sob um controle social expressivo da população. A sociedade civil é forte e mais organizada do que nos países que não tem democracia participativa. Por outro lado, parte expressiva da população tem uma noção de cidadania forte e participa de conselhos e fóruns de controle social.

Não podemos esquecer, por exemplo, que a Suécia já teve muitas desigualdades sociais e foi a partir delas que se construiu a democracia participativa. No fim do século 19 os trabalhadores suecos iam à Dinamarca ou ao norte da Alemanha para conseguir trabalho e escapar da fome. Além de textos científicos, isto pode ser bem visto no filme "Pelle, o conquistador", de Bille August, de 1987.

A segunda questão colocada à democracia participativa diz respeito ao fato deste regime aproximar o poder de estado ao cidadão, permitindo que o povo participe mais da gestão pública. Neste sentido supera um grande problema da democracia representativa. Contudo, como seria esta gestão compartilhada com o povo, se parte da nossa população tem valores machistas, racistas, homofóbicos, individualistas? Se desde o Brasil-colônia foi excluída do poder de estado e não está orientada para

atenção ao bem comum e à coisa pública? Se os direitos humanos não são valores que orientam suas condutas?

A democracia participativa é o regime onde o povo geralmente encontra as condições para seu desenvolvimento humano. O desenvolvimento humano da população é simultaneamente condição e consequência da democracia participativa. Este desenvolvimento é que permite à população exercer o controle coletivo efetivo, baseado nos direitos humanos, sobre o estado e a sociedade. Isto ocorre na democracia participativa de forma mais direta e horizontal; a representação continua existindo, pois é irreversível em sociedade com grandes populações como as contemporâneas. Contudo, na democracia participativa:

a) Parte das decisões políticas que na democracia representativa são exclusivas dos representantes (legislativos, prefeitos, governadores, etc.), passam a ser feitas diretamente pelos cidadãos através de conselhos populares, assembleias locais, plebiscitos, consultas populares com poder deliberativo e não apenas consultivo;

b) Há mais controle dos representados sobre os representantes, seja na forma de conselhos populares de controle constante, como conselhos fiscais que monitoram os tribunais de controle das contas públicas (TCU, TCE), seja na forma de *impeachment* de gestores, legisladores ou juízes que não estejam respeitando as leis ou não estejam trabalhando para o bem comum, para os direitos e para as necessidades básicas da população.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**: crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 2005.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Difel, 1985.

MOGILKA, Maurício. **Extrema-direita, campo progressista e reconstrução da democracia no Brasil.** (Em análise para publicação em breve). 2022.

MOGILKA, Maurício. Ascensão da extrema-direita e reconstrução do campo progressista no Brasil. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP.** Macapá, v. 13, n. 4, p. 373-474, jul./dez. 2020.

MOGILKA, Maurício. Governos progressistas na América Latina e seus impasses em contexto neo-liberal. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP.** Macapá, v. 12, n. 2, p. 75-87, jul./dez. 2019.

MOGILKA, Maurício. Repensar a democracia. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP.** Macapá, v.7 n. 1, p. 61-81, jan.-jun. 2014.

RESGATE VIRTUAL - ROBÓTICA EM AMBIENTE SIMULADO

VIRTUAL RESCUE - ROBOTICS IN SIMULATED ENVIRONMENT

Gabriel Marcolino Silva

Graduando em Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: gabrielmarkolinosilva14@gmail.com

Ivanoé João Rodowanski

Doutor em Mecatrônica, docente do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: ivano@ufrb.edu.br

Lívia Silva de Andrade

Graduanda em Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: livia.silva.andrade@gmail.com

Mirella de Oliveira Rebouças

Graduanda em Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: mirellaoliveira17@gmail.com

RESUMO

Em meio à pandemia do COVID-19, eventos tiveram de ser cancelados ou modificados, muitos deles, para se adequar à nova situação, migraram para ambientes virtuais, e os que já estavam neste formato receberam maior destaque. Com base nisso, este projeto foi desenvolvido, de forma a encontrar, no meio virtual, alguma plataforma em que fosse possível desenvolver competições de robótica e realizar estudos para elaborar um curso para ensino de robótica em ambiente simulado de modo remoto para jovens e adolescentes da Região do Recôncavo da Bahia. Após algumas pesquisas, o simulador *sBotics* foi adotado. Essa plataforma de competição simula a modalidade resgate utilizada na Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR) desde 2018. Para a realização do curso foram ofertadas 25 vagas para ensino médio e técnico e a partir do cronograma elaborado pelo coordenador do projeto, foram seguidas etapas para a execução do projeto. Durante as aulas, que se dividiam em síncronas e assíncronas, foram ensinados alguns fundamentos da robótica, programação e como utilizar a plataforma *sBotics* e contavam com auxílio do *Google Classroom*. Algumas dificuldades foram encontradas durante a execução do projeto, no entanto, os aprendizados adquiridos com elas, se mostraram bastante positivos e irão contribuir bastante na realização de projetos futuros similares. Espera-se que os estudantes participantes do curso se estimulem em competir da Olimpíada Brasileira de Robótica no ano seguinte, também espera-se realizar a oferta de novas turmas no futuro.

Palavras-chave: Competição, Acessibilidade, Ensino Remoto, Programação, *sBotics*.

ABSTRACT

In the midst of the covi-19 pandemic, events had to be canceled or modified, many of them, to adapt to the new situation, migrated to virtual environments, and those that were already in this format received greater prominence. Based on this, this project was developed in order to find, in the virtual environment, some platform in which it was possible to develop robotics competi-

tions and conduct studies to develop a course for teaching robotics in simulated environments remotely for young people and adolescents in the reconcavo region of bahia. After some research, the sbotics simulator was adopted. This competition platform simulates the rescue modality used in the Brazilian Robotics Olympics (OBR) since 2018. For the completion of the course 25 vacancies were offered for high school and technical education and from the schedule prepared by the coordinator of the project, steps were followed for the implementation of the project. During the classes, which were divided into synchronous and asynchronous, some basics of robotics, programming and how to use the sbotics platform were taught, with the help of Google classroom. Some difficulties were encountered during the execution of the project, however, the lessons learned from them, proved to be very positive and will contribute greatly in carrying out similar future projects. It is expected that students participating in the course will be encouraged to compete in the Brazilian Robotics Olympics the following year, and it is also expected to offer new classes in the future.

Keywords: Competition, Accessibility, Remote teaching, Programmation, sBotics.

INTRODUÇÃO

Com inspiração no movimento criado pelo Ramo Estudantil IEEE UFRB - entidade voltada para o desenvolvimento tecnológico e profissional de estudantes universitários, membros e voluntários dentro da organização - e pelo IEEE RAS UFRB, em difundir a robótica no Recôncavo da Bahia pela competição anual de robótica Recôncavo Robot Challenge (RRC), foi pensado na criação de um curso, ao qual fosse direcionado à jovens de ensino médio para o ensino de robótica e programação. Devido a pandemia do COVID-19, o meio virtual foi o meio utilizado para a realização do projeto, de modo a alcançar mais jovens, não limitando a uma pequena região geográfica ou cidade. Foi utilizada a plataforma virtual de simulação de competição chamada *sBotics*, como foco para o curso, pois a mesma teve destaque, durante a pandemia, na Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR) na modalidade resgate, que consiste em resgatar vítimas em um ambiente simulando algum desastre. Além deste ambiente, foram utilizadas outras ferramentas como e o *Google Classroom* que obteve grande destaque durante a pandemia e que contribuiu para a organização e execução do projeto. Ao final do curso, os alunos devem aprender como programar seus robôs para uma competição teste, a fim de demonstrarem os resultados decorrente do aprendizado do conteúdo que foi ensinado.

METODOLOGIA

Para a elaboração do curso, o projeto foi dividido em três partes, que consistiam em: pesquisa, realização do curso e elaboração da documentação final em formato de relatório à PROEXT e artigo científico. Em cada semana do projeto, seriam realizadas reuniões para distribuição de tarefas entre os membros do projeto, as quais deveriam ser realizadas durante a semana.

Na primeira parte, foram realizadas pesquisas para elaborar uma apostila que seria utilizada como base para serem realizadas as aulas, e depois ser destinada aos alunos como forma de conteúdo para que estes pudessem estudar para responderem as atividades propostas. Muitos dos dados utilizados para a confecção da apostila foram utilizados do manual de competição da OBR [1] e do manual de competição da ERBASE [2], nos quais foi possível compreender como funcionava corretamente a competição, como eram os sistemas de pontuação e principalmente, como operar os robôs. Para a redação e o armazenamento de dados foi utilizada a plataforma Google Docs, na qual foi elaborada a primeira versão da apostila, pois nesta plataforma era possível realizar as modificações e complementar ainda mais a mesma, além de possuir ferramentas que possibilitam a correção de ortografia, e de ser possível a edição simultânea.

Em cada semana foi desenvolvido um capítulo que corresponderia a uma aula que seria ministrada, na qual seriam realizadas 12 (doze)

aulas, que deveriam corresponder ao menos a duas páginas por capítulo, para que não houvesse pouco conteúdo e para melhor aproveitamento do tempo destinado à ministração das aulas. Conforme os capítulos iam sendo desenvolvidos, foi pensada na possibilidade de elaborar um *design* para a apostila que trouxesse uma visão mais dinâmica, atrativa aos discentes e direcionada para o projeto, e para isso foi utilizada a plataforma Canva, que dispõe de várias ferramentas de *design*, tornando possível estilizar toda apostila (Figura 01).

Como a apostila do Google Docs já estava mais elaborada, foi dividido entre os participantes do projeto um capítulo para que fosse modificado para o formato padronizado no Canva. Além de ser confeccionada, a apostila foi utilizada da plataforma do Canva para a elaboração de slides para as aulas que seriam ministradas aos alunos.

Figura 01 - Design da capa da apostila, versão inicial à esquerda e final à direita.



Fonte: Silva (2021)

No final da confecção da apostila, foi iniciada a segunda parte do projeto, que consistia em elaborar uma turma na plataforma do Google Classroom, que compunha de várias ferramentas que são utilizadas por instituições de ensino, além de acomodar os alunos em um meio ao qual fosse possível passar informações sobre o curso, e disponibilizar as atividades e as aulas. Nesta turma, todos os participantes do projeto, incluindo o orientador, foram adicionados como professores, para assim ser possível a utilização de todas as ferramentas que a plataforma dispõe.

A elaboração da turma foi realizada utilizando o e-mail institucional de um bolsista, discente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), isto foi necessário devido a mudanças que ocorreram na plataforma Google Meet, que limita a quantidade de horas em que uma conta normal do Gmail, pode ficar aberta. Assim, utilizando o e-mail institucional, que dispunha do pacote pago pela UFRB, foi possível a extensão do tempo de duração em que uma sala poderia ficar aberta, além de tornar disponível o uso de outras ferramentas, como gravação da aula e separação de turmas. Esta ação foi muito útil devido às aulas síncronas terem sido idealizadas com a duração mínima de 2h (duas horas), e a plataforma em que seriam realizadas as mesmas (Google meet) dispunha de apenas 1h (uma hora) de duração, sendo que ao chegar a este limite a sala era encerrada, tornando as aulas muito complicadas de serem realizadas.

As aulas foram planejadas para serem divididas em síncronas e assíncronas, na qual, as síncronas seriam realizadas nos dias de sábado às 10:00h com duração de 2h, em que os alunos deveriam estar presentes na sala do Google Meet. Já as aulas assíncronas, seriam realizadas nos dias de terça-feira, e seriam disponibilizadas aos alunos as atividades e conteúdos complementares para a realização dos exercícios. As aulas síncronas foram gravadas utilizando o OBS Studio, ferramenta que auxiliou nas gravações por não limitar a utilização de outras extensões como vídeos e áudios. Ao fim das gravações, às terças-feiras, era então realizado o upload das aulas na turma do Google Classroom para que os alunos pudessem assistir novamente às aulas e responder às atividades.

Ao final da organização da turma no Google Classroom, e da decisão de como seriam gravadas as aulas, da finalização da apostila e dos slides, foram elaborados os formulários utilizando outra extensão do Google Classroom, o Google Forms, ferramenta que foi utilizada para a elaboração das atividades dos alunos (Figura 2), que dispunham de no mínimo 5 (cinco) e no máximo 10 (dez) questões, sendo estas abertas (discursivas), fechadas (múltipla escolha) e em *uploads* de códigos. As questões fechadas geralmente continham informações

que exigiam a atenção dos estudantes, que tinham de identificar erros nas proposições ou saber diferenciar informações muito parecidas para obter sucesso. Já as questões abertas possibilitaram que os alunos descrevessem de maneira livre como entendiam os conceitos ou como resolver cada problema ou desafio. Quanto às questões do tipo uploads, era necessário o envio em anexo de um código capaz de resolver o problema proposto. Esses três tipos de questões proporcionaram a percepção pelos professores da eficácia do método de ensino-aprendizagem e objetivavam auxiliar os alunos no processo de fixação dos conteúdos discutidos durante as aulas síncronas.

Figura 02 - Questionário elaborado no Google Forms sobre rEduc: algumas perguntas.

O que o código abaixo fará?

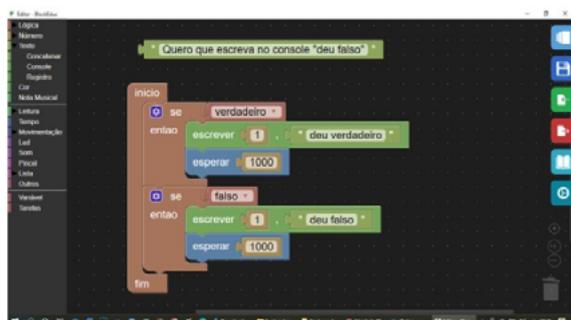
```

bool afirmacao = verdadeiro
inicio
  se (afirmacao == verdadeiro){
    escrever(2,"Gabriel é um bom professor")
  } senao{
    escrever(2,"Gabriel é um ótimo professor")
  }
fim
  
```

Escreverá "Gabriel é um bom professor" na linha 1;
 Escreverá "Gabriel é um ótimo professor" na linha 2;
 Escreverá "Gabriel é um ótimo professor" na linha 1
 Escreverá "verdadeiro" na linha 2;

...

Ajude Mateus a entender pq seu código não está funcionando



Fonte: Silva (2021)

Além de utilizar o Google Forms para atividades, este foi utilizado para a elaboração da ficha de inscrição dos alunos para o curso, onde foram ofertadas 25 (vinte e cinco) vagas, sendo 15 (quinze) para a rede pública e 10 (dez) para a rede particular. Como requisito, foram solicitados dados básicos como: nome, instituição

de ensino, comprovante de matrícula e histórico escolar. Os formulários também foram utilizados para a coleta de dados e para a certificação dos alunos, solicitando informações como nome completo e CPF. No fim do curso, foi enviado um último formulário com questionário de feedback sobre o desenvolvimento do mesmo, para que fosse informado o que poderia ser melhorado para os próximos cursos que poderiam vir a ser ofertados.

Para a certificação dos alunos, foi utilizada a plataforma de extensão do SIGAA da UFRB, na qual foi cadastrado o projeto como um curso, assim os alunos poderiam se inscrever, ou como foi o caso, possibilitando que os professores pudessem inscrever os alunos na plataforma, e para isto, foi utilizado o formulário de certificação disponibilizado aos alunos.

A plataforma sBotics [3] foi o meio virtual alvo do curso, foi necessário pesquisar sobre a sua utilização, e como ela é utilizada na OBR. Muitas informações, como as regras da OBR, já haviam sido estudadas e inseridas na apostila, mas a funcionalidade da plataforma teve que ser aprofundada [4], uma vez que, o robô não é controlado remotamente pelo usuário, e sim através de um código (algoritmo de computador) que deve ser desenvolvido de modo universal, para que o robô consiga percorrer a arena virtual que é gerada pela plataforma sBotics. Esse código é elaborado utilizando comandos como estruturas de repetição e estruturas de decisão, mas que necessitam ser construídas de forma lógica para que os robôs consigam "entender" e fazer os movimentos corretamente para concluir seu objetivo. A arena virtual gerada no simulador é dividida em três partes: percurso, rampa e área de resgate, na primeira parte do percurso é onde se encontram os elementos de pontuação (obstáculos, redutores de velocidade, gangorras, gaps, interseções e becos sem saídas, passagens e marcadores de percurso) que o robô deve superar. A segunda parte, consiste em uma rampa, onde o robô deve vencer a inclinação e subir até o topo. A terceira parte, consiste na "área de resgate", onde o robô deve procurar "vítimas" (bolas) dispostas aleatoriamente e resgatá-las, levando-as para um lugar seguro.

Durante as aulas síncronas, os conteúdos fo-

ram ensinados aos alunos utilizando aulas expositivas em slides e foi apresentado em exemplos práticos como utilizar os comandos básicos da programação do robô, focando principalmente na lógica, de modo que, os alunos pudessem ser capazes de escrever seus próprios algoritmos. Essa forma de ensino, tinha como objetivo que ao final do curso fosse realizada uma competição entre os alunos, seguindo as regras da modalidade resgate de acordo com o manual de competições da OBR, em uma arena diferente da utilizada durante as aulas, simulando assim, uma competição da OBR, para, estimular os alunos a competir na OBR em algum momento, e também para obterem experiência distinta na programação de robôs.

Essa competição, ao final do curso, e o formulário de feedback enviado pelos alunos, seriam utilizados para compor os resultados que o projeto obteve, e contribuiriam na elaboração do documento final do projeto.

RESULTADOS

Dentro do cronograma de execução do projeto, a primeira parte, que diz respeito à pesquisa e elaboração do material didático, e foi realizada sem nenhum problema, pois dentro do prazo estabelecido foi possível realizar as pesquisas para desenvolver a apostila no formato de PDF com 43 (quarenta e três) páginas, nas quais 39 (trinta e nove) são de conteúdo, divididas em capítulos aos quais foram baseadas para ministrar as aulas, em introdução à robótica, introdução à programação, introdução ao *sBotics* e em como utilizar o *sBotics*.

Mesmo seguindo o cronograma, no entanto, houve um descumprimento causado por atraso na customização da apostila, que resultou no adiamento (atraso de uma semana) de algumas partes previstas no cronograma, que consistiam na divulgação do curso e do processo de inscrição. Esta parte descumprida, resultou na baixa inscrição de alunos no curso, e ocasionou a diminuição da quantidade de aulas, que a princípio estavam previstas 13 (treze) aulas, e foram reduzidas para 12 (doze).

Mesmo com o pequeno período de divulgação

e inscrição, foram obtidas 10 (dez) inscrições, sendo 8 da rede particular e 2 da rede pública.

No decorrer do curso, foram ministradas 12 (doze) aulas, nas quais 9 (nove) foram destinadas ao ensino, e 3 (três) para os alunos testarem seus códigos e tirarem suas dúvidas. Vale destacar que 6 (seis), das 9 (nove) aulas, foram utilizadas se baseando na apostila, e as demais foram voltadas para o ensino e aprofundamento do que era discutido nas aulas, principalmente estratégias e lógicas em como ultrapassar e pontuar sobre os elementos de pontuação. Ou seja, logo após as aulas teóricas, as aulas práticas foram ministradas, e para isso foi utilizada uma mesma arena no ambiente virtual, em que eram realizadas modificações a depender do elemento de pontuação que era ensinado. Nas aulas práticas, eram ensinados como superar 2 (dois) elementos de pontuação por vez, deixando de lado os elementos simples, marcadores de percurso e passagem, pois a pontuação ocorre quando o robô ultrapassa estes elementos. Logo após, foi ensinado como fazer o reconhecimento da área de resgate, localizar vítimas e resgatá-las, totalizando as 9 (nove) aulas de ensino. Focando principalmente na lógica que deveria ser utilizada para alcançar o objetivo, nas aulas eram elaborados, primeiramente, algoritmos, mostrando aos alunos o que deveria ser feito primeiro, para depois estruturar o código conforme foi ensinado. Desse modo era possível pensar em várias possibilidades que o código poderia ser executado, incentivando, portanto, o desenvolvimento do raciocínio lógico dos estudantes. Destas 9 (nove) aulas, as 4 (quatro) finais tiveram que ser repensadas por causa do mau funcionamento de funções do *sBotics*, pois além do programa estar sendo executado, haviam outros programas, OBS Studio, e compartilhamento da tela para os alunos no Google Meet, que comprometeram a agilidade do simulador *sBotics* em responder aos comandos e ações do professor. Este problema resultou em ministrar estas últimas 4 (quatro) aulas apenas escrevendo o algoritmo e o código para os alunos, controlando o robô com as teclas interativas (uma das funções do programa) e mostrando o que ocorria quando certo comando era executado.

As aulas foram gravadas por 3 (três) ferramen-

tas, OBS Studio, gravação do Google Meet e a extensão existente no Windows 10: teclas 'Windows' + 'G', em que foram testados ao menos uma vez, para definir qual ferramenta seria utilizada em definitivo. A gravação pelo Google Meet se mostrou promissora, mas consumia muito da conexão com a internet e ocasionava na desconexão do professor em algum momento da aula, o que fez com que este meio fosse descartado. O atalho 'Windows' + 'G', em que dispunha na opção de gravar a tela, que disponibiliza 2h (duas horas) de gravação, mas a depender do navegador utilizado para assistir, ou ministrar a aula, ocasionava na não captação do áudio da gravação, esta opção em questão foi gravada por uma das monitoras que estavam auxiliando na aula, mas ocorreu o áudio não foi captado. Já o OBS Studio, a depender das configurações, ocasionava na parada repentina da gravação. Cada erro nas gravações resultava em gravar a aula novamente em outro momento. De todos os meios para gravar as aulas, o OBS Studio foi o escolhido, pois resolvendo o problema nas configurações, a gravação continuava, além de captar o áudio e não dar problemas na conexão da aula.

Nas aulas de testes e dúvidas houve uma baixa adesão de alunos, não havendo ninguém para sanar as dúvidas; o mesmo ocorreu na última aula, a qual seria finalizado o curso com a competição final, mas como não haviam competidores não houve disputa. Com isso, só foi possível medir a eficácia do curso pelos *feedbacks* enviados pelos alunos no formulário elaborado, mas assim como na competição, não trouxeram muitos resultados, pois só foi recebido um *feedback*.

Na certificação dos alunos foi utilizada a plataforma SIGAA de extensão, mas foi necessário a utilização de um formulário para coletar os dados dos alunos. O método para a certificação foi o que teve maiores tentativas, pois de início não foi pensado na possibilidade de criar o cadastro do curso pelo SIGAA de extensão, para que os alunos se inscrevessem diretamente pela plataforma. Como os dados requeridos para a inscrição dos alunos estavam insuficientes para o cadastro na plataforma, foi necessário ensinar aos alunos a se cadastrarem diretamente no curso pela plataforma, mas

eles tiveram dificuldades para realizar tal ato, o que exigiu do orientador realizar a inscrição dos alunos na turma. Para isso, foi necessário o envio de um novo formulário pedindo os últimos dados aos alunos, mas como a solicitação foi realizada após o final do curso, assim como os *feedbacks*, não houveram muitas respostas, certificando apenas 3 (três) alunos, que foram os que obtiveram maior frequência nas aulas.

CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento do projeto foi possível perceber o quão desafiador pode ser o desenvolvimento do ensino e extensão no formato não presencial. Por ter ocorrido o descumprimento de parte do cronograma, o resultado final do projeto foi prejudicado, por ter destinado pouco tempo para divulgação do curso, o que resultou em um número baixo de inscritos, além de prejudicar o cronograma do curso, pois a quantidade de aulas previstas teve de ser reduzida. Mas com a perseverança dos membros do projeto e da ajuda de membros e voluntários do RAMO IEEE UFRB, na divulgação, mesmo em um intervalo curto de tempo foi possível alcançar 10 (dez) estudantes inscritos. Além do pequeno período de divulgação, um dos motivos pensados sobre as poucas inscrições, acredita-se que é a cultura regional, que tende a ser voltada para as atividades agrícola/pecuária, o público em geral ainda não vê a robótica como algo acessível a todos. Estes paradigmas, precisam ser quebrados e servem de estímulo para que novas iniciativas deste gênero venham a ser desenvolvidas no futuro.

O *sBotics* se mostrou fácil de ser ensinado aos alunos, pois aprendendo a usar seus comandos e estruturar a lógica por trás de todo o código, é possível configurar o robô para alcançar seu objetivo. Porém, por causa das limitações de capacidade de processamento e conexão com internet dos equipamentos utilizados durante as ministrações de aulas, surgiram problemas que resultaram na extensão da aula, pois em muitas delas, havia somente o professor, responsável pela gravação da aula, transmissão do *sBotics* para os alunos e compartilhamento de tela. Isso ocasionou o mau funcionamento de algumas funções do pro-

grama *sBotics*, fazendo com que fosse mudada a metodologia das transmissões das aulas.

Mesmo havendo poucos concluintes do curso, não pode ser considerado que houve insucesso no projeto, pois um de seus objetivos era elaborar novos cursos utilizando plataformas de ensino remoto e a metodologia de ensino baseado em simulador virtual para ensinar robótica e programação, como

já foram elaborados materiais didáticos que podem ser utilizados, atualizados e melhorados, e foi identificados os erros que ocorreram durante o período de inscrição e execução do curso, o projeto pode ser considerado como concluído e responsável por melhorar as experiências dos futuros alunos e professores, servindo de base para novos cursos que certamente alcançarão resultados mais efetivos.

REFERÊNCIAS

OLÍMPIADA BRASILEIRA DE ROBÓTICA. **Manual de regras e instruções:** Modalidade Prática Virtual - Simulação/2021. 1.1. ed. <http://www.obr.org.br/>: Olimpíada Brasileira de Robótica, 2021. 32 p. Disponível em: http://www.obr.org.br/manuais/OBR2021_MP_ManualRegrasSIMEstadual.pdf. Acesso em: 1 jul. 2021.

RODOWANSKI, Ivanoé João. **ROBOBASE "O torneio de robótica da ERBASE":** Regras Robô Resgate. OLIVEIRA, Raphael (ed.). <http://erbase.sbc.org.br/>: ERBASE, 2018. 16 p. Disponível em: http://erbase.sbc.org.br/2018/Documentos/RoboBase_regras_resgate_v02.pdf. Acesso em: 3 jul. 2021.

SBOTICS. **sBotics:** sBotics, 2018. 1 p. Disponível em: https://sbotics.weduc.natalnet.br/functions/reduc_ptbr. Acesso em: 13 ago. 2021.

SBOTICS. **sBotics Tutorial:** sBotics, 2018. 1 p. Disponível em: https://sbotics.github.io/tutorial/content/index.html?lang=pt_BR. Acesso em: 27 ago. 2021.



Sarau de São João (Roda de histórias – Hall do bloco B – UEPG) | Foto: Autoria do relato de experiência - CONTOS CAUSOS, HISTÓRIAS... ENCANTAMENTO DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

CONTOS, CAUSOS, HISTÓRIAS...

ENCANTAMENTO DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

TALES, ANECDOTES, STORIES ...

ENCHANTMENT FROM GENERATION TO GENERATION

Daiana Camargo

Doutora em Ciências da Educação, Professora no Departamento de Pedagogia – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: camargo.daiana@hotmail.com

Rita de Cassia da Silva Oliveira

Doutora em Educação, Coordenadora da Universidade Aberta para a Terceira Idade na UEPG. E-mail: soliveira13@uol.com.br

Lucélia de Cássia Clarindo

Professora UATI-UEPG, Contadora de histórias, Coordenadora do Bando da leitura. E-mail: luceliclarindo@gmail.com

RESUMO

Objetiva-se, neste relato, trazer as experiências do Projeto de Extensão “Um conto, um caso, da carochinha à vovozinha: a gente conta e encanta”, nos anos de 2019 e 2020. Elaborar-se junto aos idosos, alunos da UATI – Universidade Aberta à Terceira Idade – (UATI-UEPG), espaços e maneiras de aprender diversas técnicas da contação de histórias, a produção de materiais e a possibilidade de ensinar através de experiências enquanto contadores de histórias. Em um movimento de articulação com a comunidade, criam-se espaços de interação, da prática e do compartilhamento acerca do que foi aprendido no projeto. As práticas de leitura e contação foram desenvolvidas nos encontros no espaço da Universidade em momentos de socialização de integração. Em outros adentram-se instituições educativas, espaços vinculados à saúde e assistência social visando experiências com crianças de diferentes idades e demais instituições sociais onde se possa levar histórias propiciando o bem-estar a quem executa, tanto quanto a quem participa enquanto ouvinte. Apresentam-se os desafios e as experiências vividas em 2020 em contexto pandêmico no qual o contar histórias ganhou novas características e as interações se deram em espaço virtual através das aprendizagens e da importância das relações entre idosos protagonistas, universidade e comunidade.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Idosos; Universidade Aberta para a Terceira Idade; Pandemia.

ABSTRACT

In this report, we bring the experiences lived from the extension project “A tale, a cause, from Icarochinha a to grandma: we tell and enchant”, in the years 2019 and 2020. We built together with the elderly, UATI students – Open University for Senior Citizens – (UATI - UEPG) spaces and ways to learn, different techniques for storytelling and the production of materials, as well as the possibility of teaching through experiences as storytellers. In a movement of articulation with the community, we created spaces for interaction, practice and sharing what was learned during the

project. The practices of reading and counting were developed in meetings held at the University in moments of integration socialization. At other times, we enter educational institutions, spaces linked to health and social assistance, aiming at experiences with children of different ages and other social institutions where we can take the enchantment of the stories providing the well-being of those who perform, as well as those who participate as listeners. We bring the challenges and experiences of 2020 in a pandemic context, in which storytelling gained new characteristics and interactions took place in a virtual space. We talk about learning and the importance of relationships between elderly protagonists, university and community.

Keywords: Storytelling. Seniors. Open University for Seniors. Pandemic.

UM CONTO, UM CAUSO, DA CAROCHINHA À VOVOZINHA: A GENTE CONTA E ENCANTA: DETALHAMENTO DO PROJETO DE EXTENSÃO

O contador de história habitava, por exemplo, na figura da avó que se sentava, tendo os netos ao redor, para contar-lhes “causos”. O idoso, desta forma, era concebido como aquele que detém o conhecimento, que guarda informações preciosas e grandes ensinamentos (MARTENS; QUADROS, s. d.)

O projeto “Um conto, um caso, da carochinha à vovozinha: a gente conta e encanta” tem início no ano de 2015, apresentando como justificativa a importância da contação de história enquanto prática artística e cultural.

Amparadas nos escritos de Busatto (2007, 2012), consideramos que a contação de histórias apresenta em sua ação diversos benefícios, dentre eles a prática da fala e da escuta; o acesso às memórias sejam elas antigas ou recentes; a interação e criatividade. Quanto às particularidades das ações extensionistas para e com idosos, Maddalena, Martins e Santos (2019) nos sustentam ao defender o potencial de aprimoramento da autoestima; resgate de experiências e histórias de vida; descoberta de potencialidades de fala e dramatização.

Dentre os objetivos do Projeto de Extensão, buscamos aproximar o idoso da arte da contação de histórias e a produção de materiais, bem como a possibilidade de ensinar por meio

de experiências enquanto contadores de histórias, colocando em prática o que foi aprendido no decorrer do projeto.

As práticas de leitura e contação serão desenvolvidas dentro da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, em momentos de socialização e integração, bem como em escolas visando a experiências com crianças de diferentes idades e demais instituições sociais onde possamos levar o encantamento das histórias propiciando o bem-estar a quem executa, tanto quanto a quem participa enquanto ouvinte. Nesse sentido, recorreremos aos escritos de Todaro (2009) e Ramos (2015) quanto à importância das relações intergeracionais. As autoras sinalizam o quão importante é o convívio da criança com os atores sociais de diferentes gerações.

A execução do projeto teve como ponto de partida as propostas de leitura e interpretação de diferentes textos literários (contos, fábulas, crônicas...); manuseio e avaliação de material produzido para crianças (literatura infantil); rodas de conversa; oficina de contação de histórias; inserção em instituições para vivência da contação de histórias para diferentes públicos (creches, escolas, abrigos, unidades de Saúde, entre outras). No decorrer dos anos, outras ações foram incorporadas, como a valorização da história oral e a construção de registros escritos e fotográficos, visando sempre atender às particularidades dos idosos, pois as turmas, ano a ano, se alteravam. Alguns participantes seguiam conosco, outros se desligavam das atividades e novos integrantes passavam a integrar o grupo.

A HISTÓRIA ORAL: CONTOS,

CAUSOS, TRADIÇÕES E ENCANTAMENTOS

Tendo como ponto de partida as experiências de leitura, contação e escuta de histórias relatadas pelos participantes do projeto, dedicamo-nos a abordar com maior ênfase a história oral, trazendo aos encontros as memórias de infância, os contos e causos que marcaram a constituição dos idosos enquanto sujeitos. Ao abordarem os causos na contação de histórias para idosos, Martens e Quadros (2012) comparam a vida a uma colcha de retalhos, os pedaços de história compõem a vida. Nesses retalhos, há diversas histórias preservadas sempre que contadas, integrando gerações.

Assim, envolvidos pelas memórias, partilhas e aprendizagens de contos e causos, durante o ano letivo de 2019, realizamos atividades que ampliaram a integração com a comunidade, levando diferentes tipos de histórias. Foram vários encontros realizados em diferentes espaços e para públicos diversos, que vão além do encontro semanal da turma de contação de histórias realizado no espaço da Universidade.

Entendemos que a contação de história integra as mais diferentes culturas, com valor inconteste ao longo da história, tendo em vista que, na ausência da escrita, foi oralmente que os ensinamentos seguiram repassados, geração a geração. Posteriormente à escrita, a contação-narração de histórias persiste nas práticas culturais, integrando práticas de oratória de filósofos. No âmbito religioso, ressaltamos as parábolas e registros bíblicos e demais práticas da população em geral contavam experiências, criavam histórias, narravam situações, reais ou folclóricas, exercitando o prazer do contar e o encanto do ouvir.

De acordo com Ramos (2009), a contação de história pode ser compreendida como prática oral de um patrimônio cultural capaz de proporcionar prazer e lazer. Visamos, assim, possibilitar experiências completas e significativas, o conhecimento de si e do outro, pois, segundo a autora, os instrumentos do narrador são sua voz e seu corpo, para transmitir as emoções do enredo do texto. As histórias encantam e esti-

mulam a autoestima,

[...] o contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiências [...] (MACHADO, 2004, p. 27).

É neste contexto que no Projeto de Extensão, a pessoa com mais de sessenta anos traz consigo uma bagagem de experiências e vivências, aventuras e desventuras que compõem seu rico e poético repertório. Chega disposta a oferecer esse presente em forma de histórias que precisam ser contadas e divulgadas. Querem contar. Ali ela vai encontrar seu lugar de fala e de escuta... De muitas escutas.

Desde as simples narrativas, histórias contadas com animações e objetos, como as narrativas cênicas nas quais utilizam os recursos do teatro para a preparação. Para isso, são propostas leituras de capítulos de diversos livros sobre a arte de contar histórias, concepções teóricas bem como suas vivências e reflexões.

Assim, reconhecendo a importância da contação de histórias, apresentamos as ações de inserção e interação dos alunos da UATI – UEPG na comunidade, para rodas de conversa e contação de história:

- a) Roda de causos "*Tem Mentira Nesse Causo*".
- b) *Festival de Contadores de Histórias – Oficina com a professora Lella Mayer*.
- c) *Semana do Brincar* – O evento é realizado anualmente pelo Departamento de Pedagogia e contou com a participação da turma de contação de histórias para a abertura da palestra. A ação atingiu estudantes de Pedagogia e professores participantes, os quais participaram interagindo nas histórias contadas.
- d) *Contação de histórias – Vivenciarte*.
- e) *Sarau de São João*.
- f) *As Lendas que me contaram*.
- g) *Mostra de Talentos* – O encontro é tradicional na programação da UATI – UEPG. Todos os ido-

os participantes podem apresentar as ações nas quais participam e assistem às apresentações dos demais. É uma tarde de integração e alegria que envolve anualmente mais de 300 pessoas. Apresentamos algumas das propostas desenvolvidas no ano, escolhidas pelos integrantes do grupo.

Figura 1 – Sarau de São João (Roda de histórias – Hall do bloco B – UEPG)



Fonte: da pesquisa (2022).

As imagens contribuem para documentarmos a trajetória do Projeto de Extensão e nos remetemos a Souza (2010), ao tratar do poder da fotografia em reacender emoções, “porque ela possui capacidade de eternizar sensações e sentimentos. Ela é inegavelmente uma extensão de nossas lembranças, de nossa memória, de instantes vividos que viraram apenas imagens” (SOUZA, 2010, p. 13).

Outro importante instrumento de registro do trabalho realizado com a contação de histórias é o diário, a este recurso, adicionamos experiências, aprendizagens e expectativas.

Figura 2 – Diário de histórias



Fonte: da pesquisa (2022).

Cunha (2013) considera os diários como espaço de subjetivação com características históricas, plurais e polifônicas, que tratam de desejos e sensibilidades.

O indivíduo, ao narrar seu cotidiano, sua passagem pela vida no tempo histórico, explicita, também, uma configuração de si mesmo a partir das múltiplas tensões socioculturais que designam a cultura da chamada contemporaneidade. (CUNHA, 2013, p. 139).

Nesse sentido, o diário passou a ser um elemento importante nos registros e reflexões, espaço de relatar conquistas, aprendizagens e desafios. O diário se constituiu também um objeto afetivo, de resgate ao registro a mão, da relação aluno-caderno.

NOVO ANO: OS DESAFIOS IMPOSTOS PELA PANDEMIA E AS PROPOSTAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Iniciamos o ano letivo de 2020 com diversas propostas para as ações externas e aulas de contação de histórias. Com o contato intensificado junto à comunidade, surgem novas demandas e novas ideias.

Fortalecemo-nos enquanto equipe, nos sentimos cada vez mais seguras para atender a novos convites, porém, logo após ao primeiro encontro presencial do grupo, as atividades foram suspensas devido à Pandemia de Covid-19 que atingiu todo o mundo, e como escrevem Tostes e Melo Filho (2020, p. 11) “eis que na cidade de Wuhan surge o coronavírus SARS-CoV-2 e a China anuncia um surto, em 31 de dezembro”. Ainda sobre a pandemia, os autores contextualizam:

A rapidez com que o vírus se espalha é impressionante. Muitos países não estão preparados para detê-lo, ou mesmo frear a propagação e evitar o colapso do sistema de saúde. Após as primeiras mortes, dezenas, centenas, milhares de pessoas morrem a cada dia. Instala-se a crise internacionalmente. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou a pandemia de Covid-19. (TOSTES; MELO FILHO, 2020, p. 11).

As orientações advindas da Organização Mundial da Saúde (2020) indicam o denominado isolamento social. Como destaca Cardoso (2020), a chamada crise do coronavírus nos traz a necessidade da quarentena, pois o grau e a velocidade do contágio do vírus nos levam a pensar sobre as necessidades humanas e a relativizar muitas delas. Passamos a pensar o quanto precisamos da saúde, o quanto precisamos uns dos outros, do convívio e dos encontros.

Bittencourt e Pereira (2020) nos diz que a situação de pandemia acaba sendo propícia para que os modos de viver, produzir e consumir sejam repensados, em busca de alternativas.

Em poucos meses, populações nas diferentes partes do mundo tiveram suas rotinas completamente alteradas em decorrência das políticas de isolamento e distanciamento social estabelecidas para diminuir o contágio pela COVID-19, algumas mais leves, outras mais duras, a depender da gravidade da situação. Sabemos que as experiências dos agentes variam a partir das diferentes condições e situações vivenciadas por estes. Desse modo, seria um equívoco afirmar que todos os grupos humanos estão socialmente e psicologicamente sendo impactados pelos mesmos problemas e da mesma forma. (BITTENCOURT; PEREIRA, 2020, p. 343).

Considerando o compromisso com a comunidade e com o bem-estar dos idosos, tendo em vista os impactos ainda desconhecidos do isolamento social nos âmbitos social e psíquico, fomos nos organizando e retomando as propostas de contação de história, pensando no estar “junto” de alguma forma, tendo agora o apoio de novos recursos. Assim, celulares e computadores nos ajudaram a ficar perto e a manter o encantamento com as histórias. Vivemos tempos de incerteza, medo e adaptações. Sobre as adaptações, recorreremos aos escritos de Alves, Paladini e Schlemmer (2021) e às importantes discussões das autoras sobre um novo habitar, um habitar contemporâneo, em um contexto que integra o meio digital e a conectividade, que agora se acentua no contexto pandêmico.

Buscando a proximidade, os vínculos, um habitar desta realidade digital imposta pelo isolamento social, fizemos o uso de transmissões ao vivo e vídeos de contação de histórias difundidos em nossas redes sociais¹, além de vídeos com sugestões e ideias para contação de histórias, elencados a seguir:

Quadro 1 – Histórias e mobilizações virtuais

Ação realizada	Data
Gravação do programa – Bando da Leitura	02-10-2020
Contação de histórias	29-08-2020
As diversas possibilidades de contar a mesma história	11-08-2020
Contação de histórias – Sobre pais	11-08-2020
Contação de histórias – A Ovelhinha Vermelha	05-08-2020
Live – <i>Instagram</i>	27-07-2020
Contação de histórias – Ser avó	26-07-2020
Contação de histórias – Dois pombos	15-07-2020
Live – <i>Instagram</i>	29-06-2020
Contação de histórias – Cadê as cores que estavam aqui?	26-06-2020
Contação de histórias – Marla e a Lua	10-06-2020
A Lenda da Cigana da Festa Junina	16-06-2020
Contação de histórias – O gato voador	25-05-2020
Contação de histórias – Diva conta...	21-05-2020
Marta Lagarta	20-04-2020

¹ Facebook: <https://www.facebook.com/Conta%C3%A7%C3%A3o-de-Hist%C3%B3rias-UATI-UEPG-44302222548794>

Nanã fornece a lama para a modelagem do homem	15-04-2020
Contação de histórias – diversos vídeos	01-04-2020
Manipulação de fantoches	30-03-2020
Vídeo de apresentação – tempo de isolamento	29-03-2020

Fonte: da pesquisa (2022).

Dentre as diversas ações realizadas, acima listadas, ressaltamos o protagonismo das idosas, alunas da UATI. Muitas das propostas se estruturaram em histórias de vida e possibilitaram a autoria de novas histórias. Consideramos que, no decorrer do ano, é de extrema importância que situações do cotidiano possam ser contadas, assim como algum episódio do dia a dia, as amizades, uma viagem, uma data significativa; por isso, a criação literária também é valorizada e estimulada na medida que vão contando suas histórias de vida.

Foram várias as histórias escritas pelas próprias alunas que fazem parte do seu repertório, bem como compartilhado com quem se interessasse em contar ou mesmo contar juntas e, assim, conhecendo as diversas culturas. A fim de dar visibilidade e reconhecimento ao processo vivido pelas alunas, apresentamos imagens e suas reflexões sobre o processo vivido:

O principal desafio foi a comunicação virtual. A falta do olhar e da expressão do ouvinte exigiu do Contador um esforço a mais. Foram muitas aprendizagens, como lidar com as redes sociais, manter empatia com a história, mesmo contando para uma câmera, criar comunicação e laços afetivos com o ouvinte virtual. (Relato – Aluna UATI 1).

Sobre a apropriação dos recursos tecnológicos para a contação de histórias, Maddalena, Martins e Santos (2019) abordam a utilização destes elementos em redes sociais e outras plataformas, trazendo o contar história para o audiovisual, como marca da contemporaneidade. Para as autoras, “a potencialidade da expressão, no criar, narrar e dramatizar ganha corpo com as audiovisualidades, com a possibilidade de produzir imagens em movimento, na escolha da fotografia, dos sons e dos textos” (MADDALENA; MARTINS; SANTOS, 2019 p. 7). Assim, essa forma de expressão se tornou recurso para estar perto, manter o vínculo e

cativar aos idosos participantes do projeto e a comunidade que nos acompanha ao longo dos anos e se inteira de nossas ações por meio de redes sociais, com planejamento e cuidado para a execução de cada proposta ou encontro (*live*).

A cada história contada, tanto das histórias de vida, histórias criadas, da oralidade e autoral, são vivenciadas as diferentes técnicas que melhor se adapte ao público que será feita a apresentação. Segundo Busatto, (2012, p.30) “[...] muitas vezes a narração oral está ligada ao contexto pedagógico, como o estímulo a leitura ou uma data especial [...]”. Quanto às datas festivas, a aluna da UATI brindou aos colegas e ao público das redes sociais com a história “Sobre pais”, de autoria de Marlei:

Figura 3 – Sobre pais!



Fonte: acervo das autoras, 2022.

Ressaltamos a delicadeza da fala de Marlei, seu tom envolvente e carinhoso ao contar a história². Um eixo importante nas propostas desenvolvidas é a manutenção do vínculo entre os participantes e participantes-ouvintes. A contadora e aluna UATI nos conta que:

² A história pode ser acessada em: <https://fb.watch/cV-vMp-Qtx/>

Com auxílio da Prof. Lucélia, tivemos nossos encontros toda segunda, como se estivéssemos na UATI e sempre contamos nossas histórias. Fazíamos lives, sendo 'Só por Causa do Saci', que foi encantadora. Nos oportunizou participação em grupos de contadores do Espírito Santo. Graças a essa generosidade, estivemos ativas de uma forma diferente, mas também muito prazerosa. Afinal estamos vivenciando algo único e que em breve estaremos contando aos futuros sonhadores. (Relato – Marlei).

A importância de se manter ativo, integrado e esperando, aparece na fala da aluna da UATI, que relata o prazer e o gosto pelas ações desenvolvidas. Trazemos aqui as reflexões de Burgo e Cordeiro (2019) quanto à contação de histórias por meio virtual, apontada como um espaço de exaltação da criança interior e agora vivenciada nos lares, destacando a necessidade de momentos de bem-estar.

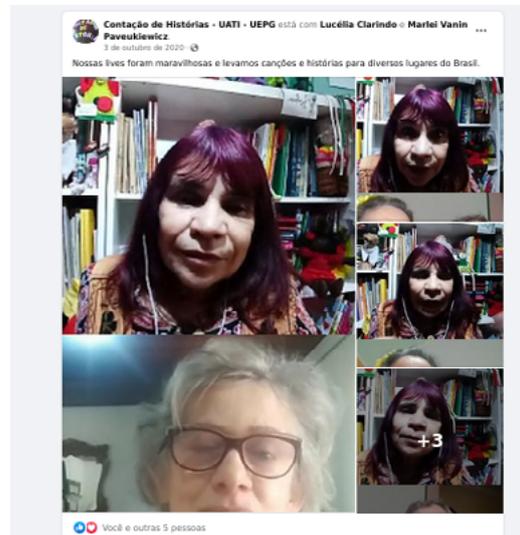
Prazer, bem-estar, identificação com questões sociais são alguns pontos que merecem destaque, pois as imagens nos mostram os idosos contadores de história felizes, engajados com temas que falam de si e tocam os outros, como as histórias de raízes africanas ou de identidade de raça contadas por Divanir, a sanfona que completa a proposta de uma história contada e cantada por Marlei, que mobilizam outros sentidos, que agregam recursos diferenciados ao ato de contar uma história.

Figura 4 – Histórias e redes sociais (I)



Fonte: acervo das autoras, 2022.

Figura 5 – Histórias e redes sociais (II)



Fonte: acervo das autoras, 2022.

A mobilização dos sentidos, das sensibilidades se potencializou pela diversidade das histórias trabalhadas, dentre contos, causos, histórias africanas e outros elementos da literatura, propiciando a aproximação dos colegas e da comunidade, que interagiram pelas redes sociais.

CONTANDO E CANTANDO NOSSAS APRENDIZAGENS E DESAFIOS, TECEMOS ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Destacamos como resultados da ação do projeto de extensão "Um conto, um caso, da cachorrinha à vovozinha: a gente conta e encanta" o envolvimento das alunas com a comunidade, atendendo aos princípios da extensão. Mesmo com um longo período de ações realizadas em âmbito virtual, atingimos um número importante de pessoas. Assim, a ampliação do público atendido por ações nas redes sociais ou pelas rodas de causo e demais práticas diferenciadas, levaram histórias a diversos espaços para crianças, idosos e adultos.

Ressaltamos a colaboração com a formação de professores, em ação desenvolvida em parceria

com o curso de Pedagogia no evento Semana do Brincar, pois, a presença do idoso protagonista mobiliza outras reflexões nos professores em formação.

As intervenções realizadas na Associação Pontagrossense de Assistência à Criança com Deficiência (APADEV) e no Centro de Convivência do Idoso, representaram uma valorosa experiência de empatia, valorização de vida e as potencialidades de cada indivíduo, pois todas as ações foram estruturadas pensando em atingir um público diverso, atento, sensível e com a aprendizagem marcada pelo corporal, pelo cinestésico.

As ações desenvolvidas ao longo destes úl-

timos dois anos de execução do projeto ampliaram o contato com a comunidade, possibilitando novas experiências, valorizando o idoso como protagonista, resgatando a história oral, os clássicos da literatura, contos e causos, folclore e temas contemporâneos.

Registramos como fundamental a conquista pessoal de cada idoso, o movimento de superação, a alegria e a disposição na realização das propostas, além da mobilização para o novo, a descoberta dos recursos tecnológicos para a elaboração de vídeos e a participação em *lives* que oferecem outro espaço de atuação para os idosos, desenvolvendo suas capacidades e propondo desafios.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, J. B. M.; PEREIRA A.B. Isolamento e distanciamento social: o impacto do coronavírus na vida dos jovens brasileiros. In: GROSSI, M.P.; TONIOL, R. (org.). **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

BURGO, R.; CORDEIRO, M. T. X. Vamos contar e viver histórias infantis: práticas a partir do Facebook. In: MONTEIRO, S. A. S. **Educação a distância na era COVID-19**: possibilidades, limitações, desafios e perspectivas. Ponta Grossa: Atena, 2020.

BUSATTO, C. **A contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis, Vozes, 2007.

BUSATTO, C. **Contar e Encantar**: Pequenos Segredos da narrativa. Petrópolis RJ. Vozes, 2012.

CARDOSO, W. Crise é oportunidade. In: TOSTES, A.; MELO FILHO, H. **Quarentena**: reflexões sobre a pandemia e depois. Bauru: Canal 6, 2020.

COELHO, B. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

CUNHA, M. T. S. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido... **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013.

LACOMBE, A. L. **Quantas histórias numa história**: relatos das experiências de uma contadora de histórias. São Paulo: É Realizações, 2015.

MACHADO, R. **Fundamentos Teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MADDALENA, T. L.; MARTINS V.; SANTOS E. Criar histórias, narrar a vida e produzir audiovisuais: Digital Storytelling na formação docente. **Em Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 10, n. 1, 2019.

MADDALENA, T. L.; MARTINS, V.; SANTOS, E. Criar histórias, narrar a vida e produzir audiovisuais: Digital Storytelling na formação docente. **Em Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 10, n. 1, 2019.

MARTENS, A; QUADROS, D. de. Em cada casa, um causo. **Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil** Porto Alegre: PUC, 2012. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/>

anais/IICILLIJ/7/Emcadacasa,umcauso-PUCRS.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

RAMOS, A. C. Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar. 2015. <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/45343/32244>. Acesso em: 20 jan. 2022.

RAMOS, A. N. **Contaçon de histórias**: um caminho para a formação de leitores? 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

SCHLEMMER, E.; OLIVEIRA, L. C.; MENEZES, J. O habitar do ensinar e do aprender em tempos de pandemia e a virtualidade de uma educação OnLIFE. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 45, p. 137-161, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i45.8339. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8339>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SCHLEMMER, E; BACKES, L.; BITTENCOURT, J. R.; PALAGI, A. M. M. **O habitar do ensinar e do aprender onlife**: vivências na educação contemporânea. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021.

SOUSA, F. A. de. Fotografia e memória em Marcel Proust. **I Encontro de História da Mídia da Região Norte**, 2010.

TIERNO, G. (org.) **A Arte de Contar histórias**: abordagens poéticas, literárias e performáticas. São Paulo: Ícone, 2010.

TODARO, M. **Vovô vai à escola**: A velhice como tema transversal no ensino fundamental. Campinas: Papirus, 2009.

TOSTES, A.; MELO FILHO, H. **Quarentena**: reflexões sobre a pandemia e depois. Bauru: Canal 6, 2020.

GRUPO DE APOIO PSICOSSOCIAL À PESSOAS TRANS NA PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE AJUDA MÚTUA

PSYCHOSOCIAL SUPPORT GROUP FOR TRANS PEOPLE IN THE PANDEMIC: A MUTUAL HELP EXPERIENCE

Helena Moraes Cortes

Doutora em Ciências pela EEUSP. Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: helena.cortes@ufsc.br

Lorena Moura Pontes Araújo

Bacharela em Saúde e acadêmica do curso de Medicina. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: lorenamparaju@gmail.com

Paula Hayasi Pinho

Doutora em Ciências com Pós-Doutorado pela EEUSP. Curso de Medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: paulahpinho@gmail.com

RESUMO

Em fevereiro de 2020, no Brasil, a pandemia do Coronavírus mudou a vida de todos os brasileiros. Nesse contexto pandêmico, a população trans, que já tem uma rede social escassa, encontra-se ainda mais isolada, invisibilizada e negligenciada. Em tempos de distanciamento físico, percebe-se a importância das ferramentas on-line para consolidar redes de apoio. O objetivo deste relato de experiência foi descrever a vivência de uma discente de uma Universidade Federal baiana como proponente de um grupo virtual de ajuda mútua a pessoas trans na pandemia, realizado no período de outubro a dezembro de 2020. Formou-se um grupo virtual de ajuda mútua, utilizando o *Instagram*, o *WhatsApp* e o *Google Meet*. No período pandêmico, os contextos de exclusão da população trans se cruzam. Notou-se a importância do “Papo Trans” para mitigar o sofrimento psíquico dos participantes, uma vez que este espaço, mesmo com o distanciamento social, proporcionava-lhes um sentimento de alívio. Os integrantes alcançaram, no grupo, apoio mútuo e amizade e debateram temas pessoais relevantes à vivência trans. A experiência estimulou a discente a compreender os diversos contextos que os participantes estavam inseridos, entendendo melhor as demandas sociais e de saúde da população trans, com um olhar mais sensível.

Palavras-chave: Pessoas transgênero. Sistemas de apoio psicossocial. COVID-19. Saúde mental. Redes sociais *on-line*.

ABSTRACT

In February 2020, in Brazil, the Coronavirus pandemic changed the lives of all Brazilians. In this pandemic context, the trans population, which already has a scarce social network, is even more isolated, invisible and neglected. In times of physical distance, the importance of on-line tools to consolidate support networks is perceived. The aim of this experience report was to describe the experience of a student at a Federal University of Bahia as a proponent of a virtual group of mutual help for trans people in the pandemic, held from October to December 2020. A virtual

group of mutual help using instagram, whatsapp and google meet was created. During the pandemic period, the contexts of exclusion for the trans population intersect. The “Papo Trans” was importante to mitigate the psychological suffering of the participants, since this space, even with the social distance, provided them with a feeling of relief. The members reached mutual support and friendships in the group and debated personal topics relevant to trans living. The experience encouraged the student to understand the different contexts in which the participants were inserted, better understanding the social and health demands of the trans population, with a more sensitive look.

Keywords: Transgender people. Psychosocial support systems. COVID-19. Mental health. Online Social Networks.

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2020, no Brasil, a pandemia do Coronavírus, causada pela Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2), mudou a vida de todos os brasileiros. As autoridades governamentais foram obrigadas a adotar meios de impedir a expansão do vírus, devido ao grande potencial de contágio da doença (KRA-EMER *et al.*, 2020). Uma das estratégias mais importantes é o distanciamento social, que visa a evitar aglomerações, mantendo no mínimo um metro e meio de distância entre as pessoas, além da proibição de eventos com grande número de pessoas.

Com a restrição do contato entre as pessoas e a reclusão domiciliar, a saúde mental de muitos indivíduos foi afetada. Uma das consequências é um sentimento misto de angústia, insegurança e medo, sobretudo para a população LGBTQIA+, pois o indivíduo, integrante deste grupo, não é acolhido em casa e tem contato com seu grupo de apoio cessado devido ao isolamento social (LINHARES *et al.*, 2021).

De modo geral, a quarentena sempre é mais árdua para certas populações do que para outras (SANTOS, 2020). Assim, no contexto pandêmico, a população trans, que já possui uma rede social escassa em decorrência dos preconceitos, encontra-se ainda mais isolada, invisibilizada e negligenciada (OLIVEIRA; OLIVEIRA-CARDOSO; SANTOS, 2020) devido às questões culturais e imposições sociais quanto a um padrão heterocisnormativo (CORTES *et al.*, 2019).

Nesse cenário de distanciamento social, a tecnologia é uma ferramenta muito importante para conectar as pessoas, a Internet permite

a interação entre pessoas em diferentes contextos e regiões e a união em prol de um mesmo objetivo (COSTA, 2018). Este instrumento também possibilita a ampliação da visibilidade e das relações sociais das pessoas trans, uma vez que viabiliza um espaço de discussões e de representatividade (PANTE; FERNANDES, 2019).

Além disso, as redes sociais virtuais e o ciberativismo facilitam a obtenção de apoio psicossocial às pessoas trans, conferindo-lhes sentimentos de pertencimento, reciprocidade e formação de laços sociais (PANTE; FERNANDES, 2019). Em tempos de distanciamento físico, percebe-se a importância de utilizar as ferramentas on-line para consolidar redes de apoio. Assim, os grupos de ajuda mútua também se fazem essenciais, pois são compostos por pessoas que têm questões e demandas semelhantes, permitindo o seu reconhecimento nas vivências de outros participantes e o compartilhamento de apoio mútuo (MENDONÇA, 2014).

O objetivo do presente relato de experiência foi descrever a vivência de uma discente de uma Universidade Federal baiana como proponente de um grupo de ajuda mútua a pessoas trans na pandemia, realizado de forma *on-line* no período de outubro a dezembro de 2020.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA – O CAMINHO PERCORRIDO

O caminho percorrido será apresentado por meio de duas categorias temáticas denominadas: Idealização do “Papo Trans” e “Vivenciando o Papo Trans”. Nesta segunda categoria,

são apresentados os temas discutidos nas sessões virtuais dos encontros grupais. As categorias temáticas foram eleitas intencionalmente na perspectiva de descrever o caminho percorrido e à medida que os temas são apresentados, eles foram discutidos com a literatura científica pertinente.

1. Idealização do “Papo Trans”

A primeira edição do “Papo Trans” foi um projeto de extensão desenvolvido em uma Universidade Federal baiana, constituído como resultado de dois projetos de pesquisa, a saber: “Caracterização sociodemográfica de pessoas transgêneras moradoras de um município do Recôncavo da Bahia”, aprovado no Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) sob o CAAE 88518718.0.0000.0056, e “Itinerário terapêutico de homens transgêneros em dois espaços de cuidado e acolhimento trans no nordeste brasileiro”, aprovado junto ao CEP da UFRB, sob o parecer nº 3.126.843/19, e junto ao CEP da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob parecer 3.462.650/19.

A partir destas pesquisas e do momento pandêmico, como forma de atender às demandas de saúde mental da população trans, as pesquisadoras do Grupo de Pesquisas Saúde Mental, Políticas Públicas de Saúde e Populações em Situações de Vulnerabilidades – MentalPop CNPq/UFRB, elaboraram o Projeto de Extensão “Papo Trans”. O “Papo Trans” foi pensado para atender às demandas de apoio psicossocial à população trans, uma vez que aquelas que foram entrevistadas nos projetos de pesquisas originários, representavam apenas uma parte deste grupo que é excluído socialmente e tem sua rede social e de apoio bastante reduzida.

Criou-se um grupo virtual com a perspectiva de ajuda mútua, utilizando três redes sociais on-line: o *Instagram*, o *WhatsApp* e o *Google Meet*. O *Instagram* foi uma ferramenta importante para a captar participantes e para a divulgar as reuniões semanais do grupo. Já o *WhatsApp* foi utilizado no intuito de facilitar a comunicação entre os participantes e a extensionista. Por fim, o *Google Meet* foi a plataforma utilizada para realizar as reuniões do Grupo

“Papo Trans”, por meio de videochamadas.

Para a captação de participantes para o grupo, utilizou-se a metodologia “bola de neve”, que se inicia por uma pessoa ou um grupo com as características de interesse da pesquisa e, após a coleta de dados, os participantes indicam outras pessoas da população alvo para serem contactadas (COSTA, 2018).

Como primeiro passo da técnica bola de neve, criou-se a conta no *Instagram* denominada @grupopapotrans para entrar em contato com pessoas e coletivos trans através do *direct*, onde foi explicado os objetivos do grupo e como seria a sua dinâmica de funcionamento. Após esse primeiro contato, sondava-se quem possuía interesse de participar do grupo e era solicitado que essas pessoas enviassem, se possível, o contato de outras pessoas trans que pudessem se beneficiar das atividades propostas.

O segundo passo foi implementar um grupo no *WhatsApp*, nomeado “Papo Trans”, com as pessoas que manifestaram interesse em participar das sessões virtuais e que tivessem no mínimo 18 anos. Neste grupo, as decisões quanto às sessões virtuais e às temáticas eram tomadas em conjunto, de modo que o grupo fosse constituído **com** as pessoas trans, e não apenas **para** elas. Também, através do grupo do *WhatsApp*, eram enviados os convites semanais das reuniões (Figura 1) e, em seguida, também eram postados no *Instagram*. Inicialmente, foi acordado que as reuniões aconteceriam semanalmente, às terças-feiras, às 19 horas, na plataforma *Google Meet*.

Figura 1 – Convite às pessoas trans para participarem dos encontros do grupo



Fonte: elaboração das autoras

2. Vivenciando o Papo Trans

No período de outubro a dezembro de 2020, foram realizados 11 encontros virtuais, com aproximadamente uma hora de duração, e compareceram integrantes dos mais variados estados do Brasil como Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Durante a vigência total do grupo, compareceram 20 pessoas: quatro mulheres trans, treze homens trans e três mulheres cisgêneras, incluindo a discente extensionista, de acordo com seus autorreconhecimentos. A construção do Grupo “Papo Trans” foi atravessada pela transgeneridade

inerente ao que a primeira autora deste artigo fomentou, a partir de sua vivência subjetiva, os estudos científicos e a extensão relativos à transgeneridade e saúde mental. As demais autoras deste manuscrito são mulheres cisgêneras que têm sido TRANSformadas em seus processos formativos e vivenciais pelo estudo e contato sensível com a riqueza da transgeneridade.

A Tabela 1 resume os temas trazidos a cada encontro do grupo, focados em como a pandemia agravava os problemas ventilados inicialmente.

Tabela 1 – Temas abordados nas reuniões e seu agravamento na pandemia

Temas gerais das reuniões	Repercussão da pandemia no tema
Processo Transexualizador (no âmbito do SUS ou particular) Retificação de nome e gênero	Maior dificuldade de acesso pela alteração de funcionamento dos serviços
Família (principalmente os pais) como causadora de sofrimento psíquico Relacionamentos abusivos (com cônjuges, familiares ou “amigos”)	O confinamento agravando a convivência com a família e potencializando alguns relacionamentos abusivos
Desemprego	Dificuldades financeiras agravadas pela pandemia pela falta de ofertas de trabalho ou por demissão

Fonte: elaboração das autoras

Diante destas temáticas, em um dos encontros, foi realizada uma sessão de psicologia positiva com a condução de uma docente psicóloga (especialista em Ciência do Bem-estar e Psicologia Positiva) e uma discente do curso de Psicologia da referida Universidade, todas integrantes do “MentalPop”. A psicologia positiva procura promover o desenvolvimento das virtudes e das potencialidades humanas (PETERSON; SELIGMAN, 2004) por meio de intervenções baseadas em evidências científicas (SMIRNOVA; PARKS, 2018).

Jogar luz nos aspectos positivos das pessoas possibilita melhorar a qualidade de vida e prevenir o adoecimento psíquico advindos de limitações e de uma vida sem sentido (IVTZAN *et al.*, 2016). Técnicas como práticas de gratidão, de generosidade e de apoio social podem contribuir para o aumento do bem-estar, aumentando as emoções positivas (LAYOUS; NELSON; LYUBOMIRSKY, 2013).

Nessa sessão de psicologia positiva, inicialmente, a discente do curso de Psicologia apresentou o cerne da temática por meio de slides e abordou as mais variadas técnicas que podem ser utilizadas para o aumento do bem-estar. Em seguida, a docente especialista trabalhou a parte prática, utilizando a técnica da Carta de Gratidão. Essa técnica consiste em escrever cartas de agradecimento a alguém especial e traz benefícios como: aumento do afeto e das emoções, manutenção do humor e diminuição de estímulos negativos no indivíduo (STONE *et al.*, 2021).

Por fim, com o decorrer do projeto, notou-se que em dezembro houve um esvaziamento no *Google Meet*, visto que o fim de ano trazia muitas demandas aos participantes e começariam os períodos festivos. Assim, acordou-se em grupo pelo *WhatsApp*, que a data de encerramento do grupo seria dia 22 de dezembro de 2020.

DISCUSSÃO

Levando-se em conta a potencialidade do momento da pandemia de agravar várias situações de vulnerabilidades, percebe-se que estas são ainda mais esmagadoras para a população trans (SANTOS; OLIVEIRA; OLIVEIRA-CARDOSO, 2020). As condutas de prevenção e contenção, que deveriam ser universais, acabam privilegiando grupos sociais mais prestigiados, deixando de lado as populações que, normalmente, já são desvalorizadas na sociedade (SANTOS, 2020).

No período da pandemia, os vários contextos de exclusão da população trans se cruzaram. As dificuldades financeiras, por exemplo, se relacionam com um atraso no Processo Transsexualizador no âmbito do SUS, pois muitas pessoas trans necessitam se locomover para outros municípios a fim de realizar suas modificações corporais, o que tem sido inviabilizado por causa do confinamento (SANTOS; OLIVEIRA; OLIVEIRA-CARDOSO, 2020).

Ademais, a pandemia também aumentou o tempo de espera da população trans para conseguir acessar ao Processo Transsexualizador e a retificação de nome e gênero nos documentos civis, gerando ansiedade e considerável desconforto para essa população. Esse tempo de espera traz consigo uma angústia às pessoas trans, pois estas têm urgência em efetivar suas modificações corporais e de nome e, muitas vezes, as instituições não conseguem suprir esta demanda (BRAZ; ALMEIDA, 2020).

Uma vez que a pandemia pode reaproximar vínculos tóxicos (SANTOS; OLIVEIRA; OLIVEIRA-CARDOSO, 2020), outro fator apontado como causador de sofrimento psíquico à população trans foi a convivência constante com familiares, cônjuges e “amigos” que tinham dificuldade em conceber a transgeneridade, por causa do confinamento. Essa dificuldade em muitos momentos se materializou nos participantes pela impossibilidade de ligarem as *webcams* ou os microfones, participando apenas de forma escrita pelo *chat*. Isso era comum para evitar confrontos com os familiares, por estarem debatendo assuntos inerentes à sua transge-

neridade, e muitos não podiam performar no gênero em que se entendiam pertencer sob a ameaça de serem violentados ou expulsos de casa, muitos pela segunda ou terceira vez. Em muitos casos, as pessoas trans já possuem conflitos com alguns parentes e, com a associação ao desemprego, principalmente na pandemia, elas se tornam forçadas a viver com suas famílias por não possuírem um meio de subsistência, deixando-as ainda mais aflitas (SANTOS; OLIVEIRA; OLIVEIRA-CARDOSO, 2020).

Assim, percebe-se a importância da apropriação das redes sociais virtuais pela população trans como forma de possibilitar discussões sobre seus direitos e promover uma fonte de apoio e fortalecimento de vínculos (IVTZAN *et al.*, 2016). Com isso, notou-se a importância do Grupo “Papo Trans” para mitigar o sofrimento psíquico dos participantes, uma vez que este espaço de escuta e de troca de experiências mútua, mesmo com o distanciamento social, proporcionava-lhes um sentimento de alívio. Ao perguntar-lhes, por meio de um formulário on-line, sobre o que achavam das reuniões, os participantes relataram que os encontros eram agradáveis e proveitosos, dando prazer em dias que consideravam tristes e sentiam prazer em se comunicar durante as sessões virtuais.

Entretanto, alguns fatores limitaram a participação de mais pessoas trans ao grupo, como: instabilidades na rede de *Internet*, questões de trabalho, falta de espaço na memória do celular para realizar o *download* do *Google Meet* e de computador para acessar a reunião pelo *link*.

A vivência no “Papo Trans” trouxe um grande crescimento acadêmico e pessoal à discente extensionista. Primeiramente, a estudante contou com a supervisão da orientadora para aprender como conduzir um grupo de ajuda mútua e, com o passar dos encontros, o sentimento de insegurança se transformou em confiança, gerando fluidez e mais dinamicidade na condução das reuniões.

Ademais, percebeu-se a necessidade de trazer à tona discussões sobre a população trans na universidade, que ainda continua invisibilizada,

também, nesse local. Frequentemente, a população trans se afasta dos serviços de saúde por não encontrarem profissionais que possuem conhecimento, ou disponibilidade para aprender, sobre a transgeneridade e, por vezes, acabam sendo tratados com preconceito e discriminação (CORTES *et al.*, 2020). Um dos fatores que contribui para esse desconhecimento dos profissionais é a falha existente nas matrizes curriculares de cursos da saúde, onde, apesar da maioria das universidades federais brasileiras apresentarem componentes curriculares sobre gênero e sexualidade, tais temas, muitas vezes, se apresentam de forma tecnicista e com abordagem patologizante (CORTES *et al.*, 2020; RAIMONDI *et al.*, 2020).

Diante disso, com a vivência, a extensionista compreendeu a relevância de se tornar uma futura profissional de saúde cada vez mais transcompetente e cis-aliada, sendo sensível às demandas específicas desta população, de modo a promover um atendimento mais humanizado e integral.

CONCLUSÃO

Os participantes do Grupo “Papo Trans” encontraram um momento e um espaço de troca de experiências sobre suas vivências não-cisgêneras, compartilhando fatos cotidianos que os levaram a algum nível de sofrimento psíquico em tempos de pandemia. Ademais, os integrantes alcançaram no grupo um apoio mútuo, fizeram amizades e puderam debater temas pessoais relevantes à vivência trans.

O grupo também reafirmou a autonomia dos participantes, uma vez que eles possuíam voz ativa, escolhendo temas para serem compartilhados tanto nas reuniões como no *Instagram*. Além disso, a proposta, desde o início, não teve a intenção de se limitar ao período abrangido pelo projeto, mas de atuar como um grupo permanente, onde as próprias pessoas do Grupo “Papo Trans” poderiam continuar desenvolvendo as atividades mesmo depois da finalização oficial do projeto na universidade.

Por fim, a vivência estimulou a discente a compreender os diversos contextos que os participantes estavam inseridos, entendendo melhor, também, as demandas sociais e de saúde da população trans, com um olhar mais sensível.

REFERÊNCIAS

BRAZ, C; ALMEIDA, A. S. Espera, Paciência e Resistência: reflexões antropológicas sobre transexualidades, curso da vida e itinerários de acesso à saúde. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 63, n. 2, p.1-17, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/170813/163354>. Acesso em: 08 jun. 2021.

CORTES, H. M. et al. O (Des)Acesso de Pessoas Transgêneras aos Serviços de Saúde no Recôncavo Baiano. **Cadernos De Gênero E Diversidade**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 159-180, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/36104>. Acesso em: 12 jun. 2021.

CORTES, H. M. et al. Vivências de mulheres transgêneras de um município do recôncavo da Bahia. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 1, p. e1871, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/1871/922>. Acesso em 15 jun. 2021.

COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 16-37, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 12 jun. 2021.

DE MENDONÇA, M. J. S. **Abordagem em Grupo e Mútua Ajuda**. Curitiba: Instituto Federal do

Paraná para o Sistema Escola Técnica Aberta do Brasil – e-Tec Brasil. 2014. Disponível em: <http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/1402/Abordagem%20em%20Grupo%20e%20Mutua%20Ajuda.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 jun. 2021

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Boitempo Editorial, 2020.

IVTZAN, I. et al. **Second wave positive psychology embracing the dark side of life**. Abingdon: Routledge. 2016.

KRAEMER, M. U. G. et al. The effect of human mobility and control measures on the COVID-19 epidemic in China. **Science**, vol. 368, n. 6490, p. 493–497, 2020. Disponível em: <http://www.science.org/doi/epdf/10.1126/science.abb4218>. Acesso em: 15 jun. 2021.

LAYOUS, K.; NELSON, S. K.; LYUBOMIRSKY, S. What is the optimal way to deliver a positive activity intervention? The case of writing about one's best possible selves. **Journal of Happiness Studies**, vol. 14, n. 2, p. 635-654, 2013. Disponível em: <http://sonjalyubomirsky.com/wp-content/themes/sonjalyubomirsky/papers/LNlinpress.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.

LINHARES, E. M. et al. Angústia, insegurança e medo na população LGBTQIA +: Comprometimento da saúde mental na pandemia de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/17136/15656/221690>. Acesso em: 03 jun. 2021.

PANTE, A. L.; FERNANDES, E. R. Novas demandas, novos espaços: pessoas trans e ativismos on line como estratégia de visibilidade. **Revista de Direito da Cidade**, vol. 11, n. 3, p. 617-635, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/43726/32526>. Acesso em 08 jun. 2021.

PETERSON, C.; SELIGMAN, M. E. P. **Character strengths and virtues: a handbook and classification**. Washington: American Psychological Association. 2004.

RAIMONDI, G. A. et al. Gender and Sexuality in the Federal Medical Schools in Brazil: an Analysis of the Curricular Pedagogical Projects. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/4wpRHd3jTB6YNn7nQGbx7FQ>. Acesso em 12 jun. 2021.

SANTOS, M. A. D.; OLIVEIRA, W. A. D.; OLIVEIRA-CARDOSO, É. A. D. Inconfidências de abril: impacto do isolamento social na comunidade trans em tempos de pandemia de COVID-19. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VTPmcVsbjJpxGWLsCjz-V5DS>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SMIRNOVA, M.; PARKS, A. C. Positive psychology interventions: clinical applications. In: Dunn DS, editors. **Positive psychology: established and emerging issues**. Abingdon: Routledge. 2018. pp.276-297

STONE, B. M. et al. Effects of the Gratitude Letter and Positive Attention Bias Modification on Attentional Deployment and Emotional States. **Journal Happiness Studies: An Interdisciplinary Forum on Subjective Well-Being**. 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-021-00377-2>. Acesso em 15 jun. 2021.

I BALCÃO DE ORIENTAÇÃO JURÍDICA: JUSTIÇA SOCIAL E CIDADANIA EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS, BAHIA

I THE LEGAL ORIENTATION DESK:

SOCIAL JUSTICE AND CITIZENSHIP IN SANTO ANTÔNIO DE JESUS, BAHIA

Luciana de Castro Nunes Novaes

Docente do Departamento de Arqueologia, UFS. Doutora e Mestre em Arqueologia, UFS. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos, UFBA. lucianadcn@academico.ufs.br

Gustavo Santos Silva Junior

Mestrando em Arqueologia e Patrimônio Cultural, UFRB. Advogado. Membro da Comissão de Educação Jurídica OAB/BA. gustavossjr@gmail.com

Heverton Luis Barros Reis

Mestrando em Estudos Étnicos e Africanos, UFBA. Especialista em História e Cultura do Brasil, Faculdade dos Vales Gerais. Licenciado em História UNEB. hevertonbarrosreis@gmail.com

RESUMO

O I Balcão de Orientação Jurídica objetivou promover a justiça social e noções de cidadania em Santo Antônio de Jesus, Bahia, com o interesse principal de sanar dúvidas, definir a especificidade da questão e orientar a sociedade mais ampla, quanto à documentação inicial para resolução de problemas apresentados pelo público. O projeto foi implementado no segundo semestre de 2019 e reformulado para execução no ano de 2020, em decorrência da pandemia do Covid-19. Relações entre o universo do Direito e da História são fundamentais para criar um ambiente de reflexões e propor contribuições que reverberem no corpus teórico-metodológico de pesquisas que envolvem a teoria do direito e o fazer historiográfico. Constituído como projeto de extensão, contou com bolsista de extensão e parceria com núcleo de advogados que disponibilizou atendimento gratuito à comunidade externa e interna do Campus V da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Por fim, o projeto abordou a condição de cada indivíduo como produto do presente histórico, incluindo as intersecções do mundo contemporâneo, como classe, raça, gênero e geração.

Palavras-chave: Participação Social. Educação Jurídica. Ofício. Documentação.

ABSTRACT

The I Legal Orientation Desk aimed to promote social justice and notions of citizenship in Santo Antônio de Jesus, Bahia, with the main interest of clarifying doubts, defining the specifics of the issue and guiding the wider Society, as to the initial documentation to be submitted to solve problems presented by the public. The project was implemented in the second half of 2019 and reformulated to be implemented in the year 2020, as a result of the Covid_19 pandemic. Relations between the universe of Law and History are fundamental to create an environment of reflections and propose contributions that reverberate in the theoretical-methodological corpus of research

involving the theory of law and the historiographical making. Constituted as an extension project, it had an extension scholarship holder and partnership with a lawyers' group that provided free services to the external and internal community of Bahia State University, Campus V. Finally, the project addressed the condition of each individual as a product of the historical present, including intersections of the contemporary world, such as class, race, gender and generation.

Keywords: Community Participation; citizenship; craft; documentation.

INTRODUÇÃO

As camadas mais carentes da comunidade deixam de acessar seus direitos garantidos por Lei e o próprio exercício da cidadania, devido à inexistência de conhecimentos básicos sobre a legislação vigente e suas implicações na vida privada e pública. Nesse sentido, o presente projeto de extensão busca contribuir com o estabelecimento de um mecanismo facilitador de educação jurídica, pautado na legislação, doutrina jurídica e em precedentes de julgados do judiciário brasileiro.

O Projeto de Extensão atualmente nomeado: I Balcão de Educação Jurídica da UNEB Campus V objetiva disponibilizar à comunidade do município de Santo Antônio de Jesus, Bahia. Para tanto, buscou-se contribuir, a partir da interface entre Direito e História, na resolução de conflitos e impasses jurídicos à comunidade externa e interna, instrumentaliza-la a comunidade na busca de órgãos competentes específicos à sua causa e, por fim, educa-la quanto a organização documental necessária.

Na confluência entre Ciência Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, o projeto procura reunir ideias, pensamentos e analisar fatos e acontecimentos, para alargar a perspectiva teórica e prática do ofício do historiador e da historiadora, a partir da conversação com áreas do conhecimento outras, nesse caso, o Direito. A Universidade atua positivamente ao transformar a realidade de comunidades, a partir da comunicação e educação de valores de cidadania e justiça social.

DIREITOS FUNDAMENTAIS E ONDAS DE ACESSO À JUSTIÇA

Para o desenvolvimento deste projeto, que buscou integrar conhecimentos de Direito e de História, para oferecer orientação jurídica - o I Balcão de Orientação Jurídica - compreendeu etapas de problematização, instrução/orientação e conscientização.

Cappeletti e Garth (1988), em diálogo com a teoria historiográfica, estrutura o projeto de extensão no que se refere ao interesse futuro como um mapeamento dos obstáculos, a influência do tempo, dos comportamentos expresso pelo público que requer orientação jurídica, os problemas específicos, além dos fatores externos.

A partir dessa obra publicada em 1988, ficou corriqueiro o uso da denominação “ondas de acesso à Justiça” nas doutrinas jurídicas, devido à preocupação dos autores com a agenda de acesso aos indivíduos mais pobres ao Poder Judiciário e o incentivo da criação de políticas públicas para atendê-los.

A interface disciplinar permite que novos processos e conteúdos sejam criados para atender às necessidades dispostas. logo, a História Oral e a produção de dados que compõem o ofício do historiador formaram a base metodológica para a aquisição das informações do público, seja para análise do perfil, seja para mapeamento dos problemas trazidos.

A influência da Nova História Cultural (BLOCH, 2001; CHARTIER, 1990) para as áreas de estudos, como a oralidade e memória, contribuíram muito para a construção de novos historiadores com visões para além das análises historicizantes.

A memória também é um fator constitutivo para as narrativas, sendo assim “a memória é a chave que permite ao pesquisador apropriar-

-se do acontecimento, pela via interpretativa de quem o viveu e que, ao narrar, reconstrói o vivido à sua maneira e torna o fato imortal” (ESQUINSANI, 2012, p. 225). O Balcão Jurídico munido dessa premissa não busca uma verdade do acontecido, mas detalhes que possibilitem ao advogado atuar como educador jurídico.

Ao estudar sobre a memória, abre-se um leque de possibilidades, pois reviver lembranças produz atualização do acontecimento, além de proporcionar versões distintas da experiência. Como Walter Benjamin (1985) argumenta; “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1985, p.45).

Ainda sobre a memória e os estudos nesse campo, vale refletir sobre Maurice Halbwachs (2004), no livro “A Memória Coletiva”. Entre outras formas de ver a sociedade, Halbwachs determina que seja impossível conceber o problema “evocação e da localização” das lembranças se não for tomado o ponto de aplicabilidade na sociedade real da qual serve de referência para a reconstrução do que chamamos de memória.

A seguir, será apresentada a metodologia do estudo desenvolvido, integrando os princípios de direitos fundamentais e fazer historiográfico, na prática.

ESCREVENDO ALGUMAS LINHAS SOBRE JUSTIÇA SOCIAL

Contemplando, necessariamente, os pressupostos teóricos da política nacional de extensão universitária, o I Balcão de Orientação Jurídica da UNEB Campus V reafirmou a tríade - Ensino, Pesquisa e Extensão - necessária para a formação do estudante e o intercâmbio com a sociedade, na medida em que descentraliza a ciência histórica dos postulados bases.

Desse modo, a proposta avança na dimensão da Justiça Social e na formação cidadã, tanto para a comunidade acadêmica, quanto para a comunidade externa, ao trazer para a instância universitária a responsabilidade em transfor-

mar a realidade da comunidade do entorno e a implementação de medidas que mitiguem os problemas sociais e geracionais.

O projeto extensionista foi dividido em duas etapas, sendo a primeira fase ocorrida entre os meses de agosto e setembro de 2019, com atendimentos sempre das 14h às 16h no pavilhão I da UNEB em Santo Antônio de Jesus/BA.

O balcão foi montado no espaço cedido pelo Colegiado de História, com o apoio do Diretor do Departamento de Ciências Humanas, Prof. Dr. João Evangelista, bem como da colaboração do Diretor de Colegiado de História, Dr. Edinaldo Oliveira.

O I Balcão de Orientação Jurídica atuou de forma significativa no ano de 2019 com mais de 20 atendimentos. A educação e a comunicação foram marcadoras da política extensionista proposta, sendo atualizado para o ano de 2020, por meio das problemáticas sociais aprofundadas com a pandemia da Covid-19 e a garantia de direitos em tempo de segregação.

A motivação desde o princípio até a sua atualização, atentou para o estabelecimento de diálogos mais substanciais entre Direito e História, conectando reflexões históricas com a autoridade do ofício jurídico. Para tanto, uma conversa direta com o núcleo de advocacia SANJUS com gestão do advogado Gustavo Santos Silva fora acionada, confluindo múltiplas relações disciplinas.

O espaço possibilitou um local no qual as pessoas tinham a privacidade mínima para narrar suas dúvidas sem serem interrompidos e ou terem/sofrerem qualquer tipo de constrangimento. Silva (2006) nos informa que educar para a Justiça está diretamente relacionado a refletir sobre noções de ética, política e interação social junto aos educandos.

[...] as leis não nascem de um berço metafísico, são obras dos homens no tempo e no espaço, permite[m] renovar o compromisso pela construção de uma sociedade mais democrática, na qual a pluralidade seja respeitada, cada um possa contribuir originalmente da forma que queira e possa participar e onde a lei não seja meramente o escudo de direitos particularizados, mas efetivamente expressão da vontade popular (SILVA, 2006, p. 544).

Diante da inserção das tecnologias no ofício da historiadora e do historiador, percebe-se que ainda é tímido o uso desses aparatos técnicos e midiáticos no trato formativo dos licenciados em História. A inserção do instrumental atuou na capacitação do estudante bolsista do projeto Heverton Luís Barros Reis, no que tange às competências de registro e documentação, além de acionar a História Oral e a Memória. Então, o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem mais significativo e criativo é fomentado nas conexões entre teoria histórica e metodologias de pesquisa e ensino.

Através do surgimento da “Escola dos Annales” em 1930 na França e a sua difusão formativa para o Ocidente ao longo do século XX, o conceito de interdisciplinaridade possibilitou a comunicação entre História e outras disciplinas, com o intuito de ampliar a abordagem acerca dos “aspectos do mental” e da produção concatenada à transmissão de conhecimento.

Portanto, laboratórios, computadores, gravadores de voz, vídeos e fotografias constituem parte integrante do desenvolvimento das atividades de monitoria e de execução do projeto, proporcionando tanto ao educando e aos demais participantes do projeto, quanto ao público, um espaço de interação, comunicação e conhecimento.

Entre as habilidades acionadas consta a realização de entrevistas, a digitalização da documentação e, em seguida, a análise das fontes primárias coletadas, a transcrição e a escrita de relatório. O instrumental utilizado é composto por gravadores com o objetivo de registrar na íntegra a fala do requerente, o telefone para sanar dúvidas com o advogado e comunicação interna da equipe, além da *Internet* como rede que sustenta a circulação de dados e atividades síncronas. Portanto, é uma metodologia pensada para auxiliar na construção do conhecimento acadêmico, tanto no cerne da formação como na atuação profissional futura.

A segunda fase, desenvolvida ao longo dos meses de outubro e dezembro de 2019, contou com palestras nos espaços da UNEB e/ou outros departamentos, além do processamento de dados e na confecção de artigo científico com o intuito de divulgar o projeto para os pa-

res e comunidade acadêmica mais ampla.

A primeira palestra temática, com o tema “O silêncio ensurdecedor do privilégio branco: por uma branquitude crítica e antirracista”, foi conferida pela professora coordenadora do projeto Dr^a Luciana de Castro Nunes Novaes, no auditório Milton Santos no dia 08 de outubro de 2019 às 19h. A apresentação buscou problematizar as principais obstruções para uma difusão e popularidade dos estudos jurídicos, assim como refletir sobre a construção de uma educação antirracista no cerne do Ensino Superior.

O projeto I Balcão de Orientação Jurídica continua no ano de 2020, agora intitulado Balcão de Educação Jurídica: Garantia de Direitos em tempo de Covid-19, pensado para atender às necessidades e vulnerabilidades da comunidade externa, e também foi desenvolvido em duas etapas.

O primeiro momento se concentra em receptionar e documentar dados de participantes, características dos fatos narrados e principais dúvidas apresentadas. O grupo de participantes englobou discentes, técnicos e comunidade externa. Não foi acionado o Comitê de Ética por não se tratar de um Projeto de Pesquisa com seres humanos com o objetivo de divulgar as informações pessoais, mas de caráter extensionista, voltada para educação e conscientização da população a partir de sua própria prática.

De forma simplificada, a cadeia operatória foi produzida pela distribuição de fichas semanais pelo monitor para atendimento e não produção de dados com o objetivo de quantificar ou qualificar os resultados. Para ser entregue a ficha semanal que autoriza o contato com o advogado, o requerente narra a questão ao monitor que de forma técnica registra sua fala no gravador, preenche uma ficha cadastral com os principais dados e em seguida envia o e-mail com o conjunto de informações. O advogado levanta a questão, situa no campo do Direito e relaciona os documentos desejáveis e os encaminhamentos a serem seguidos, seja para realizar de forma administrativa ou se requer medida judicial.

No segundo momento, através de transmis-

sões ao vivo realizadas por meio das redes sociais *Instagram* e *YouTube*, são construídos diálogos entre Educação, História e Direito visando elucidar os questionamentos destacados pela comunidade e participantes. Quanto aos temas objetos de cada encontro, serão definidos a partir da tipificação jurídica dos fatos descritos pelos participantes e suas principais dúvidas.

Colaborando para mitigar problemas enfrentados pela ampla sociedade e participantes do Balcão nesse momento de pandemia, a educação jurídica por meio das tecnologias de informação e comunicação digitais reforçam a proteção de direitos fundamentais e aproxima a comunidade acadêmica e externa do acesso à informação.

No primeiro encontro, foi destacado o interesse da comunidade externa sobre o acesso ao auxílio emergencial de R\$ 600,00 (seiscentos reais), benefício previsto na Lei nº 13.982/2020 e Decreto nº 10.316/2020, como uma das medidas do Estado durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19), justificando assim, a escolha do benefício como tema inicial.

Por essa razão, a primeira *live* transmitida no dia 27 de abril buscou apresentar o projeto Balcão de Educação Jurídica, mas também refletir quanto às principais características do benefício auxílio emergencial e garantir o melhor entendimento conforme o texto legal que regulamenta a prestação deste benefício.

Questões como quais cidadãos estão aptos a receber o valor de seiscentos reais e quais os principais impedimentos ao recebimento foram destacadas como as principais dúvidas. O calendário de encontros transmitidos *online* também contempla a realização do I Seminário Virtual de Educação Jurídica 2020.1 e 2020.2, que consiste na reunião de advogados e professores para comunicar a importância, conteúdos e perspectivas oriundas do contraste entre o Direito e a História.

RESULTADOS DO PROJETO

Como já introduzido no início dessa escrita, o I Balcão de Orientação Jurídica da Universidade do Estado da Bahia – UNEB tem por objetivo oferecer orientação jurídica. Como temas que emergem do desenvolvimento do balcão, enumera-se a separação judicial (bens e imóveis), o divórcio, a fixação de alimentos, a regulamentação de visitas e a união estável.

O processo de mapeamento dos casos identificados no projeto esteve atrelado a pensar as dúvidas apresentadas como fontes históricas. As principais áreas do Direito que aparecem nos casos de conscientização foi Direito de Família e Direito do Consumidor. Contudo, também apareceu casos envolvendo habitação, produção de alimentos, geração de emprego, redistribuição de renda e direitos em tempo de Covid-19 no ano de 2020. Desse modo, como forma de exemplificar a problematização histórica realizada, tomemos como exemplo o tema do divórcio.

As dúvidas sobre separação judicial estavam diretamente associadas aos modos de distribuição da propriedade acumulada pelo casal no tempo da união. Boaventura de Sousa Santos (1986) compreende que “o tema do acesso à justiça é aquele que mais diretamente equaciona as relações entre o processo civil e a justiça social, entre igualdade jurídico-formal e desigualdade socioeconômica. No âmbito da justiça penal, pode falar-se de procura, real ou potencial, da justiça” (SANTOS, 1986, p.18).

O que observamos, porém, é que as pessoas estão pouco ou nada informadas sobre a legislação atual no que tange ao divórcio, principalmente, considerando que a lei nos últimos anos mudou muito, na tentativa de facilitar os processos de separação. Observamos que as dúvidas, sobretudo de mulheres, são sobre a possibilidade de ter ou não algum direito sobre os bens construídos em um casamento de duas décadas.

De modo geral, acabam acreditando no senso comum. Essa perspectiva se agrava se pensarmos em como muitas mulheres precisam recomeçar as suas vidas do zero ao saírem dos casamentos, muitas vezes de forma rápida, dado que seus companheiros são agressores

contendentes. Nesse contexto, essas mulheres acabam abrindo mão de seus direitos devido à morosidade da burocracia.

Quanto à temática que seguiu com maior procura, foi a herança, envolvendo casos de famílias inteiras e entre irmãos. De modo geral, as pessoas estavam preocupadas se perderiam seus direitos de herança caso os pais viessem a casar-se novamente com outras pessoas; e qual o caminho para resolver uma partilha de bem entre familiares. Quanto à partilha de bens, trata-se de algo que precisamos pensar sobre as variadas possibilidades, tendo em vista que essa partilha pode ocorrer em vida, judicial ou extrajudicialmente.

A legislação brasileira traz algumas limitações quanto a percentuais que podem ser destinados aos herdeiros. Seja em testamento, seja na realização da partilha em vida, a pessoa pode dispor de metade de seu patrimônio da forma como quiser. A outra metade é distribuída de forma igualitária entre seus herdeiros necessários. Caso isso não ocorra, os herdeiros podem ir à Justiça pedir que seja decretada a invalidade da partilha.

E, por fim, a temática que queremos destacar dentre os casos e fatos narrados é a nulidade do casamento. Esse caso chamou a atenção tendo em vista que não é muito comum, bem como as especificidades do caso narrado pela pessoa que trataremos aqui por um nome fictício de X, para preservar sua identidade.

A dúvida narrada nas linhas a seguir foi editada para usarmos aqui apenas como exemplo na totalidade dos casos registrados pelo projeto. A narrativa está repleta de categorias, conceitos e termos que aludem a dinâmicas sociais de longo e curto prazo.

[...] eu casei há x anos atrás, porém logo em seguida descobri algumas coisas referente a pessoa que casei e aí fui procurar um advogado para saber o que poderia fazer. Segundo o advogado poderia anular o casamento e dei entrada na anulação no ministério público, onde já teve uma primeira audiência. Porém a outra parte não foi encontrada no endereço informado. A promotoria então informou que será necessária outra audiência e solicitou novo endereço para encontrar a pessoa. Passei esse outro endereço, mas até o momento não tive mais respostas [...].

A pessoa requerente deseja saber do advogado se, mesmo em andamento o processo de nulidade do casamento, poderia começar um novo processo solicitando a separação, devido à demora da Defensoria em se pronunciar.

Segundo a pessoa requerente, a Defensoria solicitou provas (documentos, testemunhas, laudos) que subsidiem o pedido de nulidade, concluindo ser uma burocracia desnecessária caso optasse pelo cancelamento ao invés da anulação.

Dessa forma, os casos arrastam-se por longos períodos, e questões que poderiam ser resolvidas de forma simples acabam gerando um acúmulo cada vez maior de casos nas mesas dos juízes, que, por sua vez, não dão conta, e isso gera um desconforto para quem vivencia uma situação e deseja resolvê-la o quanto antes.

O projeto de extensão, além de criar propostas de interferência de modo prático na sociedade, ativa a reflexão crítica da equipe acadêmica diante de lacunas para equidade e os modos de concepção de mundos diversos. As circunstâncias reflexivas problematizam os moldes estabelecidos socialmente, a construção linear e a negação de implementação de políticas públicas que formem cidadãos munidos do conhecimento não só sobre suas obrigações, mas da garantia de seus direitos fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto expõe o modo como as pessoas lidam com a Justiça. Para além de sanar dúvidas e prover aconselhamentos jurídicos, o I Balcão da UNEB possibilita educar para transformar a realidade das pessoas que não compreendem a obrigatoriedade, por parte do poder público, de atender às prerrogativas básicas de direitos ao cidadão.

O objetivo da educação jurídica perpassa o ofício da História. Nesse sentido, educa-se para transmitir à população a mentalidade de que direitos existem e não podem ser violados.

Para tanto, além das técnicas utilizadas na extração de dados e na catalogação, o corpus reflexivo da historiografia indicou modos de interação entre as pessoas e a Justiça, como uma ótica analítica particular de pensar essas interações.

Fundamentar um projeto de extensão que tem por grande área o Direito e ainda ser baseado na gratuidade, descentralização, informalidade, padronização de procedimentos, sistema de parcerias, emprego da mediação como meio de solução de conflitos é contribuir para que as atividades da Universidade estejam concatenadas com a mitigação de problemas sociais e econômicos da comunidade local.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Prof. Dr. João Evangelista, Diretor do Campus V UNEB, Santo Antônio de Jesus, Bahia, pela viabilização da atividade extensionista. Aos pareceristas, pela leitura atenciosa e importantes contribuições.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política** - ensaios sobre literatura história da cultura. Obras escolhida, volume I, tradução: Sergio Paulo Rouanet, 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 257p.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Apresentação à edição brasileira Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CAPPELLETTI, Mauro; GARTH, Bryant G. **Acesso à justiça**. Tradução e revisão Ellen Gracie Northfleet. Porto Alegre: Sergio Antônio Fabris, 1988. 168 p.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 38, n.1, p. 217-228, 2012.

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Apresentado no XXVI Encontro Nacional FORPRO-EX, Rio de Janeiro, 2009, 74 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. 197 p.

LIPPMANN, Ernesto. **Os Direitos fundamentais da Constituição de 1988**. São Paulo: Editora LTR, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução à sociologia da administração da justiça. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 21, São Paulo, p. 11-44, 1986.

SILVA, Jeanne. **Sob o Jugo/Jogo da Lei: Confronto histórico entre Direito e Justiça**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

A (RE)SIGNIFICAÇÃO DAS AÇÕES EXTENSIONISTAS NO CAMPO DA ALIMENTAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE DOIS PROJETOS DE EXTENSÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

THE (RE-)SIGNIFICATION OF EXTENSION ACTIONS IN THE FIELD OF INFANT FEEDING: EXPERIENCE REPORT OF TWO EXTENSION PROJECTS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Beatriz Grazielle Thomaz Alves

Graduanda do Curso de Nutrição do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé. E-mail: beatrizthomaz@id.uff.br

Millena Alves Fernandes

Graduanda do Curso de Nutrição do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé. E-mail: fernandess.millena@gmail.com

Rafaela Perni dos Santos Leonardo

Graduanda do Curso de Enfermagem do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé. E-mail: rafaperni@gmail.com

Fernanda Amorim de Moraes Nascimento Braga

Docente do Curso de Nutrição do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé. E-mail: fernanda.amorim@gmail.com

Jane de Carlos Santana Capelli

Docente do Curso de Nutrição do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé. E-mail: jcscapelli@gmail.com

RESUMO

Introdução: Durante a pandemia da COVID-19, projetos de extensão universitária ressignificaram o diálogo com a população, passando a utilizar ferramentas digitais. Assim, oficinas e cursos passaram a ser ofertados de forma virtual sem deixar de atender às normas e regras exigidas pelas Diretrizes de Extensão Universitária. Objetivo: Apresentar as experiências das equipes de dois projetos de extensão no planejamento, organização e execução de minicursos virtuais voltados aos professores e profissionais da educação infantil e fundamental I e II sobre a alimentação e nutrição nos primeiros mil dias de vida. Métodos: Realizou-se um estudo do tipo relato de experiências com as equipes dos projetos para o planejamento e organização de três minicursos remotos (entre 2020 e 2021). Resultados: As experiências obtidas na primeira edição foram exitosas e, a partir das avaliações dos participantes, permitiu que as demais edições fossem ajustadas. Nos relatos foram identificadas três ideias centrais: “desafio na interação dialógica com os educandos”, “adaptação do formato presencial para o remoto” e “formação profissional das educadoras”. Conclusão: As edições dos minicursos foram positivas, permitindo firmar novas parcerias e atender às diretrizes da extensão, mesmo sendo desafiadora a interação dialógica com o público-alvo dos minicursos.

Palavras-chave: Capacitação de professores. Gestação. Nutrição da criança. Relações Comunidade-Instituição. Saúde materno-infantil.

Financiamento: Bolsa de extensão do Programa Institucional de Fomento  nico de Ações de Extensão (PROFAEX-UFRJ).

ABSTRACT

Introduction: During the pandemic of COVID-19, university extension projects resigned the dialogue with the population, starting to use digital tools. Thus, workshops and courses began to be offered in a virtual way while still meeting the standards and rules required by the University Extension Guidelines. **Objective:** To present the experiences of the teams from two extension projects in the planning, organization, and execution of virtual minicourses aimed at teachers and professionals in early childhood education and elementary school on food and nutrition in the first thousand days of life. **Methods:** An experience report type study was conducted with the project teams for the planning and organization of three remote minicourses (between 2020 and 2021). **Results:** The experiences obtained in the first edition were successful and, from the evaluations of the participants, allowed the other editions to be adjusted. Three central ideas were identified in the reports: "challenge in the dialogical interaction with the students", "adaptation in both person and virtual formats", and "educator's professional training". **Conclusion:** The editions of the minicourses were positive, allowing the establishment of new partnerships and meeting the extension guidelines, even though the dialogical interaction with the target audience of the minicourses was challenging.

Keywords: Teacher Training. Pregnancy. Child Nutrition. Maternal and Child Health. Community-Institutional Relations.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária é uma comunicação entre a Universidade e a sociedade mediante atividades como cursos, programas, projetos e eventos, que proporcionem a interação dialógica entre as partes e possibilitem o desenvolvimento de ações educativas capazes de beneficiar tanto a Universidade quanto a população (SANTOS; ROCHA; PASSAGLIO, 2016).

O projeto de extensão universitária denominado "Incentivo a alimentação complementar adequada voltada aos lactentes assistidos na Rede Básica de Saúde de Macaé" (projeto IACOL), do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé (CM UFRJ-Macaé), vinculado ao Núcleo de Ações e Estudos em Materno-Infantil (NAE-MI), visa incentivar a alimentação saudável de crianças menores de dois anos, com ênfase na alimentação complementar na Atenção Básica do município de Macaé, uma vez que a alimentação nos dois primeiros anos de vida é fundamental para a saúde e nutrição do ser humano (CALDERONI *et al.*, 2020; MELLO *et al.*, 2021).

O Núcleo de Estudos da Saúde e Alimentação Materna e da Mulher (NESAM), também do CM UFRJ-Macaé, com o projeto de extensão universitária "Estratégias na promoção e atenção à saúde e alimentação de gestantes e nutrízes

atendidas no município de Macaé, RJ", objetiva promover práticas saudáveis, principalmente com o foco da saúde integral de mulheres, com escuta ativa, acolhedora e humanizada. Assim, a parceria entre os projetos se tornou relevante por estar em consonância com as políticas e programas em saúde e nutrição de crianças brasileiras, de modo a garantir a qualidade de vida delas (BRASIL, 2019; 2018; 2009).

A literatura indica que a alimentação saudável nos primeiros dois anos de vida compreende um passo importante na formação dos hábitos alimentares da criança, que se refletirá na vida adulta, e é contemplada a partir de princípios e recomendações presentes no Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de Dois Anos (BRASIL, 2019). Nesse contexto, espaços que lidam com a educação infantil são reconhecidos como um lugar de grande valor para a promoção da alimentação saudável a partir de ações no campo da educação alimentar e nutricional. Dessa forma, sensibilizar e incentivar professores e profissionais da educação sobre assuntos relacionados à alimentação e nutrição é de extrema importância para que eles se tornem multiplicadores de práticas alimentares saudáveis no ambiente escolar (RAMOS *et al.*, 2019).

Em decorrência da pandemia da COVID-19 e

da necessidade do distanciamento social, houve a paralização das atividades presenciais no CM UFRJ-Macaé, do mês de março de 2020 a abril de 2022, dando lugar às atividades remotas. Desta forma, os projetos adequaram as suas ações, a fim de manter as práticas de promoção da saúde, mas, desta vez, nas redes sociais, mantendo assim o vínculo com a população. Estas mesmas adaptações foram bem-sucedidas por outros projetos de extensão, como os de Azevedo e Souza (2021), Costa *et al.* (2021) e Diniz *et al.* (2020).

Nessa perspectiva o presente trabalho visa apresentar as experiências das equipes de dois projetos de extensão durante o planejamento, organização e execução de minicursos virtuais, pensados após a (re)significação de oficinas e minicursos ofertados anteriormente de forma presencial e adaptados para o formato remoto, voltados aos professores e profissionais da educação infantil e fundamental I e II sobre a alimentação e nutrição nos primeiros mil dias de vida.

PERCURSO METODOLÓGICO

Realizou-se um estudo do tipo relato de experiências pelas equipes do projeto IACOL e do NESAM, constituídas por graduandas e docentes dos cursos de Nutrição, Enfermagem e Medicina do CM UFRJ-Macaé, que planejaram o minicurso intitulado “Alimentação e nutrição: gestação, primeiros 1000 dias de vida e escolar”. Este minicurso foi oferecido em dezembro de 2020 e abril de 2021 para professores e profissionais da educação, como merendeiras, secretárias, diretores, coordenadores, entre outros, da Rede Básica de Ensino de Macaé e outros municípios, denominados educandos. Cabe ressaltar que todos os integrantes das equipes, denominados educadores, participaram do planejamento, da organização, da execução da ação e da avaliação das atividades.

O conteúdo programático do minicurso foi elaborado visando a importância de ambientes que promovem a educação dialogar sobre a alimentação. Dessa maneira, o minicurso abordou sobre diferentes fases da vida, como exemplo: a alimentação na gestação; aspectos

ligados a introdução alimentar e como esta deve ser realizada; sinais de fome e saciedade que devem ser respeitados; a importância do Guia Alimentar para Crianças Menores de Dois Anos; alimentação na escola; como lidar com as alergias e intolerâncias.

O minicurso foi planejado a partir da experiência exitosa obtida na primeira edição oferecida em setembro de 2020, com o tema “Nutrição nos primeiros mil dias: da gestação aos dois anos de vida”, o que permitiu iniciar e efetivar a parceria com o Centro de Formação Professora Carolina Garcia (CFCG), da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) do município de Macaé. Nesta primeira edição, foi possível identificar as necessidades e lacunas observadas no campo da saúde, alimentação e nutrição dos educandos, e, a partir de avaliação posterior, reformular os temas e as atividades, de modo a permitir maior interação dialógica e troca de saberes entre os educadores e os educandos.

O modelo teórico de Promoção da Saúde foi escolhido e adaptado para viabilização da segunda edição do minicurso remoto e considerou como protagonista o sujeito da ação que, a partir do seu conhecimento e de múltiplos saberes, viabilizou a interação dialógica (MASETTO, 2003).

A elaboração deste relato foi realizada a partir de duas reuniões virtuais com seis integrantes das equipes, sendo graduandas da nutrição, enfermagem e medicina envolvidas no minicurso, denominadas educadoras, nas quais houve: (a) resgate das memórias e arquivos; (b) análise dos planejamentos e ementas das três edições dos minicursos; (c) análise de listas de presença e depoimentos dos educandos.

Os encontros com as educadoras aconteceram por meio da plataforma *Google Meet*, adaptando-se a roda de conversa, considerada uma estratégia bastante utilizada para a construção da prática dialógica (MOURA; LIMA, 2014), para a realização dos relatos de experiências. Definiu-se uma professora como mediadora, que apresentou uma questão norteadora às educadoras: Como vocês perceberam as ações das equipes no planejamento e na oferta das três edições dos minicursos?

Cada educadora se posicionou sobre as experiências e a professora mediadora anotou os pontos mais relevantes em um bloco de notas, consolidando posteriormente as informações em um documento do *Word for Windows 97-2004 (.doc)*, e disponibilizou aos demais participantes do relato, que revisaram criticamente o texto.

PLANEJAMENTO E ESTRUTURAÇÃO DOS MINICURSOS

1º MINICURSO: NUTRIÇÃO NOS PRIMEIROS MIL DIAS: DA GESTAÇÃO AOS DOIS ANOS DE VIDA.

O minicurso remoto objetivou sensibilizar os profissionais de saúde, acadêmicos dos cursos de graduação de enfermagem, medicina e nutrição, pais, cuidadores e profissionais da educação sobre a importância da alimentação adequada e saudável de gestantes e crianças.

A carga horária (CH) total foi de 10h, oferecida no formato síncrono. Os encontros aconteceram na plataforma *Zoom.us*, no período de 21 a 25 de setembro de 2020, no turno vespertino, abordando-se os temas: (a) Gestante: Aspectos fisiológicos, alimentação e importância do pré-natal; (b) Aleitamento materno; (c) Aspectos fisiológicos do lactente; (d) Panorama do aleitamento materno e alimentação complementar no Brasil e em Macaé; (e) Comida de pacote é comida de verdade?; (f) Introdução da alimentação complementar; (g) Alimentação das crianças entre um e dois anos; (h) Sinais de fome e saciedade; (i) Introdução da alimentação complementar e desenvolvimento infantil; (j) Situação da COVID-19 no Brasil, Rio de Janeiro e em Macaé; (k) Cuidados com a saúde do lactente em tempos de COVID-19; (l) Alergias e intolerâncias alimentares.

Para a organização dos temas, as equipes realizaram reuniões virtuais para definir os recursos a serem utilizados. Para tal, determinou-se que os temas seriam apresentados

em slides curtos, elaborados no aplicativo de *design* Canva®, e as exposições não passariam de 20 minutos. Os membros da equipe foram treinados para abordar de forma lúdica, prezando a interação entre os educandos. Assim, além das apresentações em *slides*, foram utilizados QUIZ, nuvem de palavras digital, vídeos, bate-papo (*chat*) e câmera e microfone abertos para as trocas de saberes.

Para facilitar a comunicação entre as equipes dos projetos e os educandos, criou-se um grupo do *WhatsApp*®, permitindo esclarecer dúvidas e enviar o *link* da sala virtual, bem como as apresentações em slides no formato PDF.

Cabe ressaltar que, para a certificação, os educandos teriam que ter 100% de frequência e participar das atividades solicitadas no decorrer do minicurso. Nesta edição, o minicurso teve 50 participantes, que avaliaram a atividade como boa. Por isso, o minicurso passou por uma revisão e foi novamente oferecido, tendo como público principal professores e profissionais da educação do município de Macaé, mantendo-se, no entanto, as inscrições de outras categorias interessadas em participar do minicurso.

2º MINICURSO: ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO: GESTAÇÃO, PRIMEIROS 1000 DIAS DE VIDA E ESCOLAR.

Para atender à demanda dos professores e profissionais da educação, houve a necessidade de redefinir os temas a serem abordados nessa nova proposta. Com a mudança do público-alvo, houve também o ajuste do horário para o turno noturno e da carga horária total, que passou para 20h com a introdução do formato assíncrono (CH 10h).

Deste modo, foram realizados novos encontros remotos pelas equipes dos projetos, tendo como proposta orientar professores e profissionais da educação da Rede Básica de Ensino sobre a importância da alimentação adequada e saudável de gestantes e crianças, bem como apresentar temas relevantes no campo da alimentação e nutrição voltados ao

grupo materno-infantil.

Durante a elaboração da ementa desta edição, sentiu-se a necessidade de focar nas questões gerais da saúde e alimentação da criança, por isso, alguns temas foram retirados (ex. “Panorama do aleitamento materno e alimentação complementar no Brasil e em Macaé” e “Situação da Covid-19 no Brasil, Rio de Janeiro e em Macaé”), enquanto outros foram acrescentados (ex. “Aspectos fisiológicos do pré-escolar e escolar” e “alimentação do pré-escolar e escolar”). Ainda, esta edição contou com a colaboração do Núcleo de Estudos em Saúde e Nutrição na Escola (NESANE), do CM UFRJ-Macaé.

No formato assíncrono, propôs-se a leitura de textos complementares aos temas abordados e a realização de um questionário elaborado no *Google Forms* contendo 20 afirmativas de verdadeiro ou falso, para testar os conhecimentos dos educandos, que deveria ser respondido em até 48h após o envio. Assim como na primeira edição, um grupo do *WhatsApp*® foi criado, e o *link* do questionário foi enviado por esse aplicativo de mensagens aos educandos e à equipe do projeto, que esteve a disposição para esclarecer as dúvidas no decorrer da atividade proposta.

De forma complementar, esta edição contou com a produção de um material didático, contendo informações e orientações gerais. A proposta final do minicurso foi revisada, avaliada e finalizada em uma reunião virtual, tendo uma relatora para anotar as principais falas da equipe. A segunda edição aconteceu entre os dias 7 e 11 de dezembro de 2020, com a participação de 40 educandos, que também foram submetidos aos mesmos critérios metodológicos, de avaliação e regras para certificação.

3º MINICURSO: ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO: GESTAÇÃO, PRIMEIROS 1000 DIAS DE VIDA E ESCOLAR.

A segunda edição do minicurso foi exitosa e avaliada como muito boa, tanto pelas educadoras, quanto pelos educandos, culminando na oferta da terceira edição, que aconteceu

nos moldes da anterior, com exceção da utilização do aplicativo *WhatsApp*®, optando-se pelo uso do e-mail como meio oficial de comunicação com os educandos. Nesta edição, o minicurso teve 25 participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências obtidas na primeira edição do minicurso foram positivas e propiciaram a parceria com o CFCG, a alteração do público-alvo, o (re)planejamento do conteúdo programático e a oferta de duas edições do minicurso reformulado.

Nos relatos foram identificadas três ideias centrais: “desafio na interação dialógica com os educandos”, “adaptação do formato presencial para o remoto” e “formação profissional das educadoras”.

Essas ideias remetem às diretrizes da Extensão Universitária, que, segundo Nogueira (2000), são elas: interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade de ensino – pesquisa – extensão, impacto na formação do estudante e impacto na transformação social. Sendo assim, é importante que projetos de extensão universitária viabilizem espaços e ambientes (salas de videoconferências, fóruns de discussão virtuais, dentre outros) (COSTA *et al.*, 2021), mesmo que no formato remoto, de modo a dar continuidade ao seu papel social com a comunidade (FREIRE, 1969).

Com a pandemia da COVID-19 e a necessidade do distanciamento social, as Universidades tiveram que se ajustar para manter ativo o tripé ensino-pesquisa-extensão. No âmbito da extensão universitária, projetos tiveram que adequar suas ações para darem continuidade ao diálogo com a sociedade. Para tal, passaram a utilizar como estratégia principal a ampliação do uso de tecnologias e mídias digitais (COSTA *et al.*, 2021; CALDERONI *et al.*, 2020).

No entanto, segundo os relatos, foi consenso que, mesmo diante de recursos digitais amplamente utilizados, a plena interação dialógica, uma importante diretriz da extensão universitária, ainda se mostrou um desafio a ser supe-

rado, mas não impossível. Isso, porque a troca dos saberes foi observada pelas educadoras quando as câmeras e microfones eram abertos para esclarecer as dúvidas dos educandos, como descrito abaixo.

(...) nos minicursos remotos, a exposição de situações cotidianas vivenciadas pelos educandos como, por exemplo, a recente proibição do consumo da refeição na escola pelos professores, a dificuldade em lidar com crianças com alergias, como em momentos de festas, e a venda de produtos alimentícios ultraprocessados dentro e ao redor da escola, foi discutida e permitiu que a equipe ampliasse o conhecimento teórico e compreendesse a realidade dos educandos. (Trecho do consolidado realizado pela professora mediadora).

Dessa forma, foi possível perceber, no diálogo com os educandos, que eles conseguiram apreender os temas abordados no minicurso (importância da alimentação saudável para o público materno-infantil, como lidar em determinadas situações adversas em ambiente escolar e na vida pessoal, dentre outros), identificando-se a interação dialógica nesse momento.

Cabe salientar que, ao estreitar laços com a sociedade, a Universidade deve considerar a conjuntura social, como a realidade do território, a sua dinâmica e como se dão as relações sob diferentes óticas, dentre elas, interpessoal, econômica, política e epidemiológica, de modo a contribuir para o fortalecimento das ações desenvolvidas, principalmente diante da pandemia da COVID-19. Dessa forma, o uso das redes sociais propiciou a continuidade das ações desenvolvidas pelos projetos de extensão, que não podiam atuar no território e nos locais de atuação no formato presencial (MELLO *et al.*, 2021).

Além disso, a comunicação é uma habilidade a ser conquistada pelo profissional da saúde. Por isso, práticas que envolvem criatividade, produção de conteúdo, contato com o público e ações de extensão universitária podem auxiliar o graduando extensionista nesta oportunidade. Foi unânime entre as educadoras que a experiência com os minicursos permi-

tiu a construção desta importante habilidade profissional, apesar da literatura ainda ser escassa, no que tange as experiências de ensino-aprendizagem, que costuma ocorrer em ações extensionistas, para os graduandos da área da saúde (MAGALHÃES, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação das oficinas e cursos oferecidos no formato presencial para o remoto, a partir do planejamento e execução dos minicursos, manteve os projetos de extensão ativos durante a pandemia. As três edições dos minicursos foram consideradas positivas, e permitiram firmar novas parcerias e atender às diretrizes da extensão, mesmo sendo desafiadora a interação dialógica com o público-alvo.

Foi possível observar que, apesar dos obstáculos enfrentados neste período, essas atividades foram relevantes tanto para educadoras, uma vez que possibilitaram troca de saberes, estreitamento de laços com a comunidade e desenvolvimento de habilidades de comunicação, quanto para educandos, pelas instruções quanto à saúde e nutrição de crianças menores de dois anos e trocas de vivências e experiências adquiridas em sala de aula e em casa.

Assim, a (re)significação dos projetos, o planejamento e a oferta de minicursos remotos, a inclusão de novos públicos como sujeitos de ação e a utilização de mídias e recursos digitais foram as principais estratégias utilizadas para manter ativa a interação entre Universidade e sociedade, mesmo diante de um cenário tão desolador e desafiador como o da pandemia da COVID-19.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. P. Z.; SOUZA, E. M. Uma experiência interdisciplinar a partir da realização de um projeto de extensão denominado Vivências em Cidadania. **Revista Extensão**, UFRB, ed. 20, v. 1, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança: orientações para implementação** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 180p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde na escola**/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 96 p.: il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Cadernos de Atenção Básica; n. 24).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Guia Alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos**/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019. 265p.
- CALDERONI, T. L. et al. O uso do Instagram para divulgação das informações de um projeto de extensão sobre alimentação e nutrição de crianças menores de dois anos: o antes e durante a COVID-19. **Raízes e Rumos**, v. 8, n. 2, p. 314-324, 2020.
- COSTA, A. C. S. et al. Do presencial ao remoto: promoção da saúde auditiva em Macaé, estado do Rio de Janeiro. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.4, p. 40636-40651, 2021.
- DINIZ, E. G. M. et al. A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 72999-73010, 2020.
- MAGALHÃES, C. R. O jogo como pretexto educativo: educar e educar-se em curso de formação em saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, n. 23, p. 647-654, 2007.
- MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.
- MELLO, I. R. et al. Agosto dourado e o uso do instagram como ferramenta de divulgação de um projeto de extensão universitária. **Boletim Ciência Macaé**, v. 2, n. 1, p. 1-266, 2021.
- MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 98-106, 2014.
- NOGUEIRA, M. D. P. (org.) **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; O Fórum, 2000.
- RAMOS, B. C. V. et al. Educação alimenta e nutricional com professores de uma escola privada da zona sul de São Paulo. **Revista Saúde**, v. 45, n. 2, p. 1-12, 2019.
- SANTOS, J. H. S.; ROCHA, B. F.; PASSAGLIO, K. T. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, 2016.

REFLEXÕES SOBRE SEGURANÇA PÚBLICA E CORPOS NEGROS: QUANDO UM CORPO NEGRO TOMBA, NÓS TOMBAMOS JUNTOS

REFLECTION ABOUT PUBLIC SECURITY AND BLACK BODIES: WHEN A BLACK BODY FALLS, WE FALL TOGETHER

Marcos Oliveira de Jesus

Bacharel em Serviço Social – UFRB
Mestrando em Política Social e Territórios – UFRB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
marcos.oliveira@aluno.ufrb.edu.br

Wagner Souza da Encarnação

Bacharel em Serviço Social – UFRB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
wagner.souza@aluno.ufrb.edu.br

RESUMO

O presente produto parte do relato de experiência extensionista proporcionado pelo Centro Acadêmico de Serviço Social Marielle Franco (CASSMAF-UFRB), com objetivo de fomentar a formação política e pedagógica dos estudantes de Serviço Social, abrindo o diálogo a respeito de temas importantes para refletirmos a respeito da formação do Brasil contemporâneo. Como resultado destacamos a participação dos estudantes da graduação em Serviço Social, da comunidade externa e de outras universidades para somar neste espaço.

Palavras-chave: Negritude. Racismo. Proibicionismo.

ABSTRACT

The present product starts to report of extensionist experience provide by Academic Center of Social Service Marielle Franco (CASSMAF-UFRB), with aims of promote the politic and pedagogic formation of the Social Service students, opening a dialogue about important themes to reflecting the formation of contemporaneous Brazil. As result we highlight the participation os undergraduate students in Social Service, the external community and other Universities to add to this space.

Keywords: Blackness. Racism. Prohibitionism.

INTRODUÇÃO

Pensando na formação pessoal e profissional que a universidade proporciona ao seu corpo estudantil, as ações extensionistas corroboraram significativamente para esta formação, sendo um dos tripés dentro da universidade

(ensino, pesquisa e extensão). Desta maneira, o presente trabalho é fruto de uma ação extensionista organizado pelo Centro Acadêmico de Serviço Social Marielle Franco – gestão 2020-2021 – (CASSMAF-UFRB), justificando-se na discussão das vivências estudantis, sendo elas: extensão, projeto de pesquisa, iniciação

científica, monografia, relato de experiência, centro acadêmico, monitoria remunerada ou voluntária, por exemplo.

Os ciclos de debates buscavam uma reflexão por parte dos estudantes e demais públicos, essas reflexões traziam questões ligadas a resistência e permanência na universidade, sua inserção e formação, uma vez que conhecer a realidade do outro é um exercício de aprendizado para o estudante de Serviço Social. Foram debatidos as perspectivas e desafios dos estudantes nesse período atípico, sendo o ciclo de debate um espaço para discussão, reflexão e união, onde os ouvintes tinham abertura para opinar e expor a sua realidade caso se sentissem à vontade. Dentre os ciclos houve uma sensibilidade em temas pouco discutidos e presentes na sociedade, como a hiper sexualização do corpo da mulher negra e a criminalização do aborto – um assunto tão delicado e que poucos se sentem à vontade em dialogar –, a arte para jovens negros, a trajetória e narrativas de indígenas e quilombolas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), segurança pública, corpos prestos e LGBTQIA+ e tantas outras pautas que foram abordadas nesses momentos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma produção descritiva, construída através do relato de experiência do ciclo de debates proporcionado pelo CASSMAF-UFRB, intitulado "VAMOS DEBATER IDEIAS: o protagonismo das/os estudantes de serviço social", que convida os/as estudantes de Serviço Social para narrar a respeito das suas pesquisas, relatos de experiências em movimentos estudantis, movimentos sociais, dentre outros.

O ciclo de debates teve a duração de 4 (quatro) meses, sendo realizada em sua totalidade 6 (seis) debates, apresentando diversos temas e discussões que atravessaram e atravessam de alguma forma os estudantes de Serviço Social, havendo debates sobre os desafios e

perspectivas dos estudantes, hiper sexualização do corpo da mulher negra e criminalização do aborto, impactos da arte na vida jovens negros, permanência de indígenas e quilombolas na Universidade e, por fim, os desafios da segurança pública: corpos pretos e corpos LGBTQIA+.

O trabalho desenvolvido pelo CASSMAF-UFRB é aplicado pelo *Google Meet*, devido às condições pandêmicas causadas pela COVID-19 que o mundo ainda está vivenciando. O grupo alvo deste trabalho foram os estudantes de Serviço Social, os demais estudantes da UFRB e a comunidade externa da UFRB, incluindo também alguns territórios do Recôncavo da Bahia. O foco deste relato de experiência se desdobrá sobre o debate dos desafios da segurança pública: corpos pretos, sendo uma discussão importante e que não se esgota neste relato de experiência.

"NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE"¹

Esse ensaio objetiva fazer algumas reflexões sobre a relação entre a segurança pública, a população negra e o racismo no Brasil, e como ponto de partida apresentamos elementos dessa relação complexa e estrutural, além de apontarmos o projeto da branquitude iniciado a centenas de anos atrás, um projeto de embranquecimento que segue em curso com parâmetros contemporâneos de controle e opressão aos corpos negros.

As relações sociorraciais sofreram modificações históricas, assim como a sociabilidade brasileira. Autores como Florestan Fernandes, Sérgio Guimarães, Octavio Ianni, entre outros, vão fazer debates importantes sobre o período da escravização e como esse processo subsidiou e estruturou as relações contemporâneas da nossa sociedade, não à toa, Ianni (2004) aponta que a questão racial continua de forma modificada, ou seja, o racismo com uma nova roupagem, talvez uma *Gucci*².

¹Dada toda história da população negra e da luta dos movimentos negros no Brasil, entendemos que autores e autoras brasileiros(as) já deram conta de introduzir esse debate, desta forma, optamos por trazer a frase supracitada da autora Jurema Werneck (2000), dando início as reflexões sobre o objeto proposto.

² Após ser acusada de racismo, a grife italiana Gucci cria o departamento de diversidade e nomeia Renée Tirado como chefe global do departamento. Ver mais em: <https://economia.ig.com.br/empresas/2019-07-31/apos-lancamento-de-sueter-racista-gucci-cria-departamento-de-diversidade.html> Acesso em: 11 de março de 2021.

A invasão portuguesa inicia o processo de expropriação e exploração das terras brasileiras, dos corpos nativos, e depois, dos corpos negros desde a África até o Brasil. Esse processo condicionou as relações estritamente opressoras nos dias atuais. O processo de abolição não foi sobre a piedade da coroa portuguesa, elementos internos e externos pressionaram para que houvesse a abolição. O que vai mostrar essa falsa piedade que a branquitude tentou nos empurrar goela abaixo é justamente a falta de políticas de inserção e reparação para a população negra, na verdade, acontece um processo contrário, são implementadas políticas de apagamento da história e da identidade da população negra, principalmente pelo processo de embranquecimento.

Por vez, a negação do racismo tem origem nas políticas de apagamento do rastro destrutivo que foi deixado pela escravização da população negra e todas essas determinações sócio-históricas nos alienam e nos distanciam das nossas identidades, um processo violento e por vezes, invisível. As perpetuações de práticas violentas são reflexos das falhas do nosso passado recente, a criação de estereótipos e a subversão da negritude nos trouxe para um Brasil em que a morte da população negra é naturalizada e justificável. Contudo, ainda que a morte seja aos olhos de muitos a concretização da violência, ela se apresenta mais extensa, de forma geracional e que se renova dentro de um sistema de opressões.

Todo o sistema de opressões ao qual a sociedade brasileira está imersa carrega mistificações sobre a população negra, o que dificulta ainda mais discutir relações raciais, primeiro pelo apagamento da identidade, segundo pela criação de mitos e percepções tortuosas, racistas. Nesse sentido, cabe um adendo para que não caiamos no conto do Vigário, ou melhor, no conto de Gilberto Freyre. A obra “Casa Grande Senzala” de Freyre recebeu críticas por apontar a existência da democracia racial no Brasil, entretanto, no país de mitos folclóricos, esse posicionamento impacta negativamente as relações sociorraciais. O mito da democracia racial desencadeia justificativas da miscigenação para negar o racismo estrutural

e estruturante fazendo dissimulações sobre as relações contemporâneas brasileiras.

De encontro ao processo de branqueamento, Kabengele Munanga (2019) na versão atualizada do seu livro “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil”, elucida posicionamentos coesos de como tal processo é continuado e repercute disfunções sociorraciais na identidade do povo brasileiro. O primeiro elemento apontado por Munanga sobre o embranquecimento tem relação ao objetivo primário, ou seja, tornar a sociedade brasileira fisicamente uma extensão europeia, contudo, esse objetivo não se concretizou e a nossa sociedade se forma pluralmente por negros – pretos e mestiços –, brancos, indígenas e asiáticos. O segundo elemento está mais vinculado a subjetividade que esse processo desencadeou, pois, se de um lado o objetivo de branquear o Brasil não se deu como o planejado, do outro a ideologia do embranquecer nos distanciou das nossas identidades e isso reverbera em obstáculos para nos reconhecermos enquanto sujeitos de lutas coletivas.

Os elementos analíticos apontados nos permitem mergulhar sobre a realidade brasileira e como os embates sobre a questão racial se instalam na agenda dos movimentos negros e movimentos que se aproximam da luta antirracista. A organização negra aparece como ferramenta de luta desde o período da escravização, um dos elementos internos para a conquista da abolição ao qual citamos acima é justamente essa movimentação que pressionava a coroa em busca da libertação da população escravizada. Na atualidade os movimentos negros se inserem ainda como ferramentas de luta organizada, porém, enfrenta os obstáculos das alienações provocadas pelo embranquecimento³. O combate ao discurso de redução do racismo e outras opressões a expressão composta trissílaba “mi-mi-mi” gesta-se na necessidade de contrapor ideologias de apagamento da realidade da população marginalizada.

Nesse sentido, o resgate da construção sócio-histórica do Brasil traz elementos basilares e que não podem ser dissociadas das análises sobre as políticas implementadas, principal-

³ Ver mais em: FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*, 2008.

mente a política de segurança pública que tem o seu princípio nas formas de controle e recondução dos escravizados que fugiam do sistema escravocrata altamente violento e sangrento.

SEGURANÇA PÚBLICA E A GUERRA RACIALIZADA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A sistematização do pensamento marginalizador da branquitude encabeça e hierarquiza as relações sociorraciais cotidianas dentro do Estado brasileiro e das suas instituições. De tal modo, não é de se espantar que as instituições vinculadas à segurança pública, principalmente a polícia militar, reproduzam o pensamento da branquitude, já que as polícias são o braço armado do Estado.

A leitura sobre a realidade concreta do Brasil nos dias atuais nos apontam caminhos para refletir as determinações das opressões que se estruturam no Estado de formas conectadas. Nesse sentido, as interlocuções com elementos do racismo e dos debates de classe, gênero e geração são essenciais para compreendermos as ações das polícias nos territórios periféricos aproximando-as da barbárie. São ações truculentas que desumanizam a população negra, muitas dessas terminam em mortes de jovens negros. Alguns estudos vão trazer dados que comprovam essa violência sistemática do Estado contra a população negra, destacamos as contribuições de Ferrugem (2019) e Saad (2019).

Outros dados podem ser encontrados nos relatórios vinculados a política de segurança pública, porém, alertamos que tais indicadores podem sofrer com a subnotificação, principalmente, em delegacias do interior e sobre essa questão apontamos um dos nossos estudos (JESUS, 2019), ao qual fazemos uma contribuição ao debate da guerra às drogas e o racismo estrutural e estruturante no Estado brasileiro. Destacamos também a importância de coletivos como a “rede de observatórios da segurança” que fazem acompanhamento e difundem informações sobre segurança pública. Dessa forma, com base nas nossas indicações optamos por não trazer dados empíricos so-

bre violência e segurança pública, pois entendemos que as obras citadas dão conta de ampliar o debate.

A partir desse ponto, podemos explorar a indústria de fazer guerra mundialmente difundida e que movimenta cifras na casa dos trilhões, tal indústria se relaciona com o Brasil, principalmente, através da política sobre drogas e segurança pública. O Brasil é um país declaradamente proibicionista, se alinha à ordem mundial de combate às drogas encabeçada pelos Estados Unidos. A relação com o proibicionismo internacional se desdobra em questões complexas das relações hierarquizadas do Brasil contemporâneo. A ideologia do proibicionismo cria a guerra às drogas e por consequência se relaciona intrinsecamente com a política de segurança pública, pois são os agentes dessa política que assumem a linha de frente do combate às drogas.

A relação do proibicionismo com a política sobre drogas e a política de segurança pública, gera o clima de guerra e violência contra populações específicas. Através da justificativa do combate às drogas, a polícia brasileira invade os territórios periféricos e, como se fosse um jogo de tiro ao alvo, exprimem a matança de jovens negros, alimentando os dados estatísticos do genocídio da juventude negra e demonstrando o poder de fazer morrer.

O conceito de necropolítica (ACHILLE MBEMBE, 2018), encaixa-se nas nossas análises, por entendermos que as ações das polícias contra populações específicas – leia majoritariamente de homens negros e jovens – evidenciam uma tentativa dissimulada de higienizar e embranquecer o Brasil. A forma de gerir a morte em territórios majoritariamente negros podem nos mostrar que a guerra às drogas é na verdade uma guerra racializada, na qual, a grande maioria das vítimas são negras, sejam eles/as os/as jovens ou os/as agentes de segurança pública. Quando só um lado sangra não é guerra, é massacre.

Além de fazer morrer, a dobradinha das políticas – drogas e segurança pública – são efetivamente políticas de encarceramento em massa, nesse sentido promovem a morte social de indivíduos negros/as, sendo esses/as em gran-

de maioria, a população carcerária. Contudo, não nos esqueçamos de apontar outras relações que a princípio não aparecem com tanta clareza nos debates de segurança pública e racismo, mas que engendram o sistema de opressões.

As relações capitalistas compõem papel fundamental na lógica das novas formas de embranquecimento e no projeto de gestão da morte na periferia do capitalismo. O primeiro ponto a ser destacado sobre as relações capitalistas e o proibicionismo é o caráter contraditório e ambíguo da guerra às drogas, de um lado, os capitalistas fabricantes de armas que lucram com a guerra e sucessivamente com a morte, do outro, o Estado que justifica a proteção dos cidadãos e impulsionam os discursos de erradicação das drogas, o mesmo discurso que gera a guerra às drogas e o sistema cíclico ao qual discutimos nos parágrafos anteriores. O segundo ponto é tão contraditório quanto o anterior. O Estado que justifica a erradicação das drogas para “proteger” os cidadãos é o mesmo Estado que ataca as políticas sociais através da lógica neoliberal fazendo, com isso, a desregulação do sistema de proteção social. Ataques no campo da saúde coletiva, da saúde mental e das principais estratégias de reduzir os riscos e danos do consumo abusivo de substâncias psicoativas, nos colocam frente a frente com a face da morte e da insegurança, a (in)segurança é pública⁴.

PARA CONTINUARMOS CAMINHANDO

Esse escrito de forma alguma busca responder todas as questões que atravessam a sociedade contemporânea brasileira, ao tempo que os apontamentos percorridos buscaram refletir as hierarquizações das relações socioraciais no Brasil de ontem e hoje, bem como, o embranquecimento em curso na nossa sociedade via novas faces de opressões aos corpos negros. Tentamos nos aproximar do debate a partir das lutas antirracistas e do movimento negro entendendo esses movimentos como ferramentas importantes no cenário de corre-

lações de forças com o Estado Burguês racista brasileiro.

Entender as relações entre o Estado, branquitude, capitalismo e racismo a partir da formação do Brasil é reconhecer relações de marginalização de populações específicas, pois quando um corpo negro é tombado na periferia por agentes da política de segurança pública, toda a carga de anos de sofrimento da população negra é evidenciada novamente, uma ferida aberta que o Estado insiste em colocar o dedo. Criticar o Estado de forma contundente é, nesse sentido, apontar não apenas o culpado, mas entender a batalha a partir de como se movimentam as peças no jogo de vida e morte no Brasil, mais ainda, é buscar respostas e disputar posições dentro do próprio Estado para estabelecer um processo que Gramsci aponta como “contra hegemônico” (COUTINHO, 1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta atividade obtivemos resultados significativos e importantes, como a promoção de debates ricos e informativos, articulando linhas de pesquisas dos estudantes de Serviço Social e de outros cursos, sendo estudante ou egresso, tivemos participantes de outras universidades e de membros da comunidade do Recôncavo, além da participação dos estudantes que se sentiram à vontade em está questionando e contribuindo no ciclo de debates, que vimos como um espaço político, pedagógico e formativo.

A realização dos debates corrobora a perspectiva de educação continuada, considerando o momento que estamos passando e as adversidades que estamos enfrentando. Nesse sentido, foi possível notar um ensino diferenciado, utilizando um modelo de palestra, mas com abertura para debates, inserindo pautas que poderiam passar despercebidas e jamais seriam discutidas novamente por esse público devido ao andamento de suas vidas acadêmicas. Essas e mais propostas de aprendizados são de extrema importância, não só para o curso de Serviço Social, mas, para todos os estudantes de ensino superior e demais.

⁴ Ver mais em: JESUS, Marcos Oliveira de. **Política sobre drogas e racismo: da periferia ao asfalto – ser preto é estar na mira do Estado.** 2019.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FERRUGEM, Daniela. **Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. **Estudos Avançados**. São Paulo v. 18, n. 50, p. 21-30, jan-abr 2004.

JESUS, Marcos Oliveira de. **Política sobre drogas e racismo: da periferia ao asfalto – ser preto é estar na mira do Estado**. 2019. 69 f. TCC (Graduação) – Curso de Serviço Social, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2020. Disponível em: <http://www.repositoriodigital.ufrb.edu.br/handle/123456789/2313?mode=full>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5.ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SAAD, Luísa. **“Fumo de negro”**: a criminalização da maconha no pós-abolição. Salvador: EDUFBA, 2018.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM COMUNIDADE INDÍGENA: DIÁLOGOS E SABERES ANCESTRAIS, UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM TEMPO DE PANDEMIA, MANAUS- AMAZONAS

UNIVERSITY EXTENSION IN INDIGENOUS COMMUNITY: DIALOGUES AND ANCESTRAL KNOWLEDGE, AN ACCOUNT OF EXPERIENCES IN A TIME OF PANDEMIC, MANAUS-AMAZONAS

Zilmara Rocha da Silva

Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
E-mail: zrds.geo19@uea.edu.br

Vitor Cesar Cardoso da Silva

Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
E-mail: Vccds.geo19@uea.edu.br

Rucian da Silva Vilácio

Acadêmico do Curso de Engenharia de Produção da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
E-mail: ruciands@gmail.com

Joelma Monteiro de Carvalho

Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
E-mail: jcarvalho@uea.edu.br

Danielle Marian Araújo dos Santos

Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas UEA.
E-mail: dmsantos@uea.edu.br

RESUMO

Este relato apresenta experiência de uma prática extensionista vivenciada no período da pandemia, em uma comunidade indígena na região metropolitana de Manaus. Trata-se de um estudo de abordagem etnográfica, de cunho bibliográfico e participativa, em período de Covid-19, realizado nos meses de janeiro a maio de 2021. A inquietação nasceu de uma líder comunitária indígena da comunidade Sahu-Apé, aflita pela queda da arrecadação do turismo na comunidade, atingindo financeiramente toda a comunidade em decorrência da pandemia. Neste relato descrevemos que o papel da extensão universitária foi relevante, a partir de escuta sensível, para criação de estratégias, na garantia de novos saberes e fazeres em tempo de pandemia. O estudo contou com 10 participantes indígenas na faixa etária de 20 até 45 anos. Para realizar o levantamento dos dados usamos ambiente virtual, com uso de questionário via *Google forms*, *Whatsapp*, *Google meeting* e captura de imagens por meio do celular. Os resultados apontam que o setor do turismo foi o mais atingidos e como estratégias realizamos oficinas para inserção de atividades agrícolas e de elaboração coletiva de um folheto informativo, com dados da comunidade para prospectar as atividades culturais, por meio das redes sociais. Como função social, a atividade extensionista possibilitou contribuições para os professores, estudantes, extensionistas e para os comunitários, participantes do projeto.

Palavras- chave: Extensão Universitária. Amazonas. Comunidades indígenas. Pandemia.

ABSTRACT

This report presents the experience of an extension practice experienced during the pandemic period, in an indigenous community in the metropolitan region of Manaus. It is a study of a qualitative approach, of bibliographic and participatory nature, with a netnographic and ethnographic strategy, in a period of Covid-19, held from January to May 2021. The concern was born of an indigenous community leader from the Sahu-Apé community, who is distressed by the drop in tourism revenue in the community, reaching the entire community financially as a result of the pandemic. In this report, we describe that the role of university extension was relevant, based on sensitive listening, for the creation of a strategy, in guaranteeing new knowledge and actions in a time of pandemic. The study included 10 indigenous participants in the 20- to 45-year-old age group. To carry out the survey of accessible data in a virtual environment, using a questionnaire via Google forms, Whatsapp, Google meeting and image capture using the cell phone. The results show that the tourism sector was the most affected and as strategies we held workshops for the insertion of agricultural activities and the collective elaboration of an information folheto, with data from the community to prospect cultural activities, through social networks. As a social function, the extension activity enabled contributions for teachers, students, extension workers and for those responsible, participating in the project.

Keywords: University Extension. Amazonas. Indigenous Communities. Pandemic.

INTRODUÇÃO

Este relato tem como objetivo desvelar o espaço territorial da comunidade indígena Sahu-Apé, na região metropolitana de Manaus Amazonas – como local de atrativo turístico por meio da cultura do povo Sateré-Mawé. Bem como auxiliar os comunitários na elaboração de estratégias no período da pandemia. Assim, nasceu essa prática de extensão em 2021, por ocasião do fechamento de projeto de iniciação científica da Universidade do Estado do Amazonas.

No processo cultural e científico da extensão universitária permeiam no leito do rio Amazonas, comunidades indígenas que praticam atividades culturais e turísticas como geração de renda, por meio da produção dos saberes e fazeres ancestrais, com material da floresta como: bijuterias de sementes dos frutos amazônicos, remédios com ervas nativas e produção artísticas culturais, apreciação de rituais indígenas, como o ritual da tucandeira (CARVALHO, 2019). Todas essas atividades são desenvolvidas, constantemente, na comunidade Sahu-Apé, região metropolitana de Manaus-Amazonas.

Na perspectiva de uma universidade multi-campi, no estado do Amazonas, que dialoga com a comunidade, nasceu o interesse de se

aproximar dos povos indígenas, sendo estes tão ameaçados, no contexto contemporâneo. Consideramos que a experiência do turismo étnico em comunidades indígenas é um meio de fortalecer, tanto o desenvolvimento econômico do local, quanto a educação, a cultura, como a valorização da tradição cultural indígena. (DOS SANTOS *et al.*, 2019)

Destacamos que as comunidades indígenas que vivem do turismo no estado do Amazonas, com a pandemia, no início do ano de 2020, foram afetadas diretamente por ocasião da covid-19, o qual até o atual momento o mundo traça uma batalha para contê-lo e combatê-lo. Nesse cenário, diagnosticamos que o turismo, objeto deste relato, foi uma das áreas mais afetadas, incluindo as atividades desenvolvidas pela comunidade Sahu-Apé.

Este estudo, nos permitiu compreender a necessidade da comunidade, efetivar a implementação do turismo étnico, com interface nas atividades agrícolas, por meio de conhecimentos da tradição cultural. Bem como descrever os impactos, relacionados à crise financeira entre os comunitários, possibilitando uma reflexão sobre a importância das políticas públicas voltadas para as comunidades indígenas, no período pandêmico e pós-Covid-19.

A Comunidade Sahu-Apé está ancorada nos

pilares da Educação e do Turismo étnico. Segundo Grūnewald (2003, p. 151), o turismo étnico “tende a funcionar na perspectiva em que o visitante irá vivenciar a rotina do comunitário, participando de suas atividades em que são praticadas no espaço objeto de visitaçāo e a visitaçāo a partir da percepçāo do visitante”.

Com a crise da pandemia, afetando o turismo, os indígenas sentiram a necessidade de voltar às atividades agrícolas. Com o suporte da Universidade do Estado do Amazonas, foi possível planejar e buscar novas parcerias com o IDAM (Instituto de Desenvolvimento da Amazonia), a fim de prestar assessoria para a comunidade. Sendo assim, dentro das estratégias de formação e inclusão na vida acadêmica social e profissional dos estudantes dos cursos de Geografia e Engenharia de Produção, foi possível elaborar material de marketing para aproximar o turista da comunidade, cumprindo o papel social, articulado com o ensino e a extensão universitária (NOGUEIRA, 2005). Destarte, preparar os cidadãos indígenas para exercerem a cidadania e usufruir dos seus direitos constitucionais, por meio da inserçāo e inclusāo social a partir de ações extensionistas.

DESENVOLVIMENTO

PELOS CAMINHOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Segundo Arroyo e Rocha (2010) o papel da extensão está relacionado às discussões e reflexões acerca da propagaçāo e difusāo do conhecimento com possibilidades de incluir grupos externos à universidade. O trabalho é orientado pelas propostas de pedagogia social com ênfase na educaçāo libertadora de Paulo Freire. O estudo trilhou pela dialogicidade entre comunidade e Universidade, de acordo com Freire (2014). O cenário pandêmico causado por um vírus respiratório, o coronavírus (covid-19), foi necessário estabelecer novas rotinas para o projeto extensionista. Adotamos o uso do ambiente virtual, utilizando compu-

tador, smartphone e rede de internet *wi-fi* e móvel, com a finalidade de desenvolver este estudo.

O distanciamento social impossibilitou as pesquisas de campo, sendo substituída pela pesquisa participante, a qual é caracterizada pela relaçāo pesquisador e objeto, e a diferençā entre empírico e científico. “Esta última tende a ser vista como uma atividade que privilegia a manutençāo do sistema vigente e a primeira como o próprio conhecimento derivado do senso comum, que permitiu ao homem criar, trabalhar e interpretar” (GIL, 2002, p. 56). Além do que, na pesquisa participante o componente político possibilita discutir o processo de investigaçāo tendo por perspectiva a intervençāo na realidade social. (ROCHA, 2002)

Para o levantamento dos dados usamos os recursos digitais como aplicativos de comunicaçāo: *Google Meet, Whatsapp e Google Forms*. Por via das ferramentas Google Meeting e Forms, respeitando as normas estabelecidas pelos órgãos de Saúde, sem afetar os comunitários e os pesquisadores em funçāo da pandemia. Neste sentido, usamos estratégias netnográficas¹ e etnográficas. Como recurso da coleta dos dados aplicamos os instrumentos do formulário *Google Forms*, com perguntas diagnósticas, as quais possibilitaram o desenvolvimento das reflexões pertinentes à problemática ora apresentada.

A partir de uma escuta sensível, com dez (10) comunitários, ao final construímos coletivamente, por meio de ferramenta digital Canva, um folheto informativo, contendo vocabulário, formas de saudações e a localizaçāo da comunidade, em língua Mawé e Portuguesa. Nesse folheto informativo nomeado Guia CSA, foi inserido um *QR CODE* gerado pela plataforma Google Earth, sobre acesso e local em estudo. O estudo foi submetido ao comitê de ética em pesquisa sob parecer de nº 5.154.759.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS: NO DESVELAR DA

¹ “Netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicaçōes mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensāo e à representaçāo etnográfica de um fenômeno cultural na Internet. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc”. (KOZINETS, 2014, p. 01)

COMUNIDADE

O projeto de extensão desvelou que o artesanato é uma fonte de renda, que fortalece a independência financeira e sendo uma modalidade onde pode ser exposto traços de uma cultura, essa situação é aplicada à realidade da Comunidade Sahu-Apé. (CARVALHO, 2020)

Por meio do google meet a professora indígena Kiã Sateré, nos relatou que “na comunidade, a subsistência dos comunitários ocorre em função da produção de adereços e bijuterias oriundos de material da floresta”. Esses artigos são majoritariamente elaborados com sementes, que são coloridas e preparadas para exposição e compra dos visitantes na comunidade. Para Santos (2010) a popularização de um artesanato de origem da Comunidade Sahu-Apé, ganhou popularidade com valor afetivo e financeiro a exemplo o anel de tucumã, popularizado desde o ano 2000, por jovens da cidade de Manaus.

Com a crise sanitária, diante do contexto pandêmico, foram aplicadas medidas de contenção à proliferação da Covid-19, mediante decretos governamentais, como restrição de circulação, isolamento social obrigatório, popularmente conhecido pelo termo em inglês lockdown, fechamento de atividades econômicas, educacionais e turísticas entre outras.

Nesse período foi necessária adaptação desses setores para que não houvesse total estagnação do desenvolvimento, tendo uma forte migração para universo digital, essa ferramenta foi o principal aliado na manutenção da economia e educação, escolas tiveram que utilizar as mídias digitais e novas metodologias para dar continuidade ao ano letivo e deter o impacto da paralisia na educação, o mesmo ocorreu com setor econômico (PALUDO, 2020). Essa nova realidade não diferenciou povos, crenças, etnias ou classe econômica, expôs antigas e novas mazelas brasileiras, e a Comunidade Sahu-Apé não foi uma exceção nesse cenário, tendo sua atividade de turismo étnico e educacional estagnada, acarretando profundos impactos. (CARVALHO, 2020)

Na interlocução, detectamos as principais difi-

culdades para disseminação do turismo e do ensino, no período da pandemia, foram a falta de recurso tecnológico, falta de acesso à internet, desconhecimento das ferramentas digitais adequadas e a falta de recursos financeiros para inserir créditos no celular. Na educação, podemos perceber, reflexo negativo, as absenças e desistências de estudantes, tanto da sede do município de Iranduba, quanto na comunidade Sahu-Apé. Assim, conforme dados da UNICEF (2021), nesse período, a desistência dos estudantes ficou por volta de 25% a 50%.

O turismo étnico realizado em comunidades em muitos casos acontece por intermédio de agências de turismo local. Logo, a participação acontece de maneira igualitária em relação aos lucros arrecadados nas visitas e na Comunidade Sahu-Apé nos anos anteriores, porém diante da redução dos recursos, há a necessidade de organização por parte da comunidade na prática do turismo (CARVALHO, 2020). Como aspecto negativo, diante das narrativas dos entrevistados, a queda na arrecadação gerada por falta de turistas e visitantes, afetou na venda do artesanato, nas apresentações artísticas e culturais.

Nesse sentido, a professora Kiã Silva relatou que, em função das paralisações das atividades turísticas na comunidade, tiveram que buscar alternativas para sobrevivência das famílias que residem na comunidade. O grupo realizou uma assembleia e decidiram realizar a prática da agricultura familiar.

Com o apoio de projeto extensionistas foi possível estabelecer diálogos com o IDAM- Instituto de Desenvolvimento da Amazônia, para orientações sobre horta comunitária, segundo o morador Sateré-Mawé, João Silva (2021) “[...] a terra se encontra com solo fértil, apropriada para agricultura”. Essa agricultura, da ecologia dos saberes indígenas, está voltada para plantação de tubérculos e frutas como melancia, feijão e outros alimentos, tendo parcerias com projetos sociais como Mesa Brasil, ancorado na segurança alimentar e financeira, com a venda desses alimentos, até o fim da pandemia. (SANTOS, 2004)

Os comunitários apostam que este novo ciclo ocorrerá até o retorno do setor turístico na re-

gião. Para Cardozo (2020), os benefícios atrelados às boas práticas de conservação e desenvolvimento sustentável gera a valorização da comunidade remanescente dessas localidades e desenvolve o sentimento de pertencimento do lugar aos comunitários, semelhante às atividades realizadas na comunidade.

A partir da tessitura dos conhecimentos acadêmicos com os conhecimentos tradicionais dos indígenas, tecemos diálogos sobre a real necessidade dos comunitários durante a pandemia. Sob o viés da “[...] indissociabilidade e de articulação entre os pares, dentro de um eixo transversal e de articulação entre a teoria e prática, promovemos a integração entre a universidade e a comunidade” (SÍVERES, 2013, p. 23), foi possível construir estratégias aliando variados saberes.

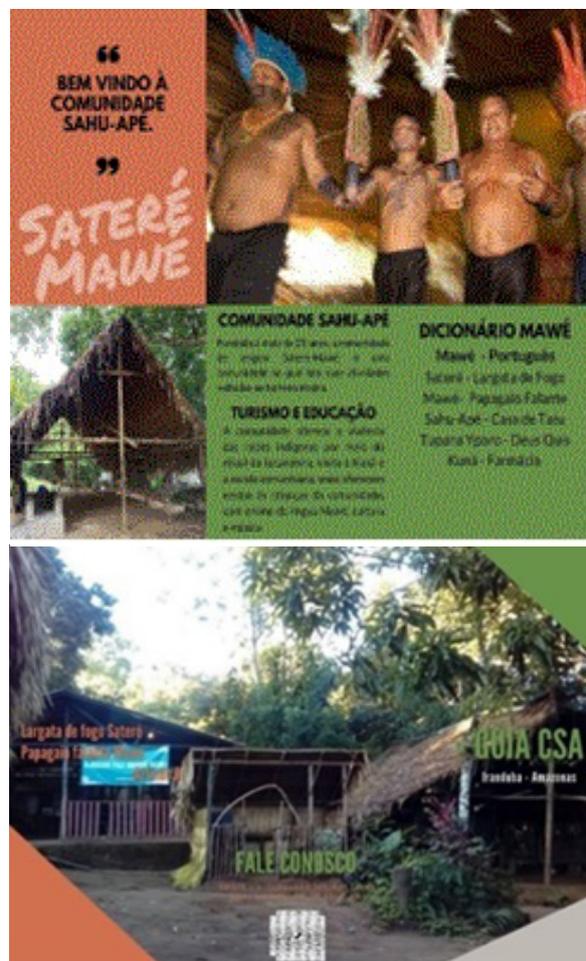
O cenário de investimentos turísticos e educacional, com a covid-19 mereceu outros olhares para atender os clientes. Neste viés, em atendimento a solicitação da liderança comunitária foi elaborado um folheto informativo fixo, intitulado Guia CSA, (Comunidade Sahu-Apé), com os dados sobre a comunidade, endereço e informações, com vocabulário de palavras nativas, bilíngue, além de uma forma de interação partindo da perspectiva de conhecer a cultura, a ser divulgado pelas redes sociais da comunidade e dos estudantes envolvidos no processo. Para a acadêmica do curso de Engenharia de Produção “realizar uma ação de extensão junto aos povos indígenas nos leva a compreender e respeitar a cultura e as tradições culturais, possibilitando aprendizagens, sobre conhecimentos tradicionais, oralizados os quais refletem o planejamento da comunidade” (Vanessa P. Damasceno, 2021). A assertiva da estudante nos possibilita reverberar, que a extensão promove novos saberes aos participantes, numa relação harmoniosa coletiva ou em grupo. (SÍVERES, 2013)

O guia consta com recurso de QR CODE, possibilitará ao visitante visualizar um mapa no Google Earth, em que constará cada ponto da comunidade, a exemplo o espaço da farmácia, da escola, do barracão de reunião dos rituais, dentre outros. Assim, a visitação facilitará o acesso dos turistas até o destino. É uma estratégia a ser usada na pandemia, a fim evitar

a proliferação da covid-19 e proporcionar a divulgação da cultura Sateré-Mawé, no contexto pandêmico.

O guia foi elaborado, objetivando prospectar as ações da comunidade indígena e a disseminação de conhecimento tradicional aos turistas. Por meio do ambiente virtual google meet e do whatsapp, os comunitários e estudantes extensionistas trocaram saberes e articulados com o ensino e com a demanda da sociedade (FORPROEX, 2012). A seguir figura 1 capa do guia - da Comunidade Sahu Apé (CSA).

Figura 1 - Capa Guia CSA e QR CODE



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2021).

Perante a complexidade cultural, no processo da escuta sensível, o material construído possibilitará a prospecção das atividades turísticas, a expansão das atividades econômicas e o fortalecimento da tradição cultural (CARVALHO, 2020). Essas ferramentas permitirão expandir a cultura e a experiência, que a comunidade

pode proporcionar aos turistas da região metropolitana ou de demais localidades mundo afora, numa troca de saberes por meio da relação dialógica. (FORPROEX, 2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências interdisciplinares, acenadas neste relato, realizadas pelos estudantes durante a imersão na comunidade Sahu-Apé, foi possível perceber que, ela preza pela tradição cultural, tecendo interfaces com o turismo realizado no local. As atividades de valorização da cultura Sateré-Mawé são realizadas na escola da comunidade Sahu-Apé e integradas às atividades turísticas, aliando a educação formal e informal. Ao mesmo tempo que a escola cumpre o papel de ensinar, também se insere nas atividades e ações voltadas para atender os turistas.

O impacto do projeto beneficiou aos comunitários, por meio das atividades da agricultura e com o guia informativo. As atividades culturais, como apresentação do ritual, das narrativas históricas, lenda do guaraná, pinturas

corporais e os grafismos ganharam destaques no cenário turístico, com o desejo em fazer a imersão na cultura, conforme acenou Carvalho (2020). No entanto, o processo ainda está na fase inicial, merecendo acompanhamento e monitoramento das ações na comunidade.

Como limitações detectamos a falta de tecnologia e inovação, sendo uma ameaça que impacta os negócios educacionais e turísticos. Neste viés, sugerimos aos órgãos governamentais, que possam traçar novas estratégias de inclusão com investimentos em tecnologias, com ferramentas que possam desenvolver as atividades escolares, além de fomentar as atividades turísticas, a fim de fortalecer a cultura e a garantia de fontes de renda para os residentes na comunidade indígena Sahu-Apé.

Sendo assim, neste estudo, também foi possível perceber, que a interação dialógica entre a comunidade e os estudantes, possibilitou criar relações e troca de saberes, promovendo o relacionamento com a comunidade indígena, construindo a interpessoalidade. O compromisso social buscou estabelecer relações com outras instituições governamentais, frente ao contexto pandêmico, garantindo à saúde, à educação e à subsistência para a inclusão dos indígenas em políticas públicas do estado.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Daniela Munerato Piccolo; ROCHA, Maria Silvia Pinto De Moura Librandi Da. Meta-avaliação de uma extensão universitária: estudo de caso. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 15, n. 2, p. 131-157, 2010.

BREVES, Valéria da Rocha. **Identidade Sateré-Mawé no contexto urbano: língua, sentido, e fronteiras da diferença**. 2019. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

CARDOZO, Jasmine; LEITON, Carlos Merizalde. **Mesa redonda: Geoturismo e as comunidades**. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UE1IVGKwgRU&list=PLvAu_cGwf16hReStgBk4Pkt1jLzMTWR1&index=6. Acesso em: 19 ago. 2020.

CARVALHO, Joelma Monteiro de. **Ritual de passagem: das terras indígenas às áreas urbanas dos Sateré-Mawé / Joelma Monteiro de Carvalho**. – Manaus (AM): Editora UEA, 2019.

CARVALHO, Joelma Monteiro de. **Sateré-Mawé e Sámi: Culturas Indígenas Ancestrais Sob o Olhar do Turismo Étnico**. 2020. Tese (Doutorado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2020.

FORPROEX. Fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, AM, mai. 2012. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-%20Nacional-de-Extensao.pdf> . Acesso em: 10 abril. 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - Atlas, São Paulo, 2002.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Turismo e Etnicidade**. Horizontes e Antropológicos, Porto Alegre, n.20, p.141-159, out. 2003.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de extensão universitária brasileira**. Editora UFMG, 2005.

PALUDO, Elias Festa. **Os desafios da docência em tempos de pandemia**. Em Tese, v. 17, n. 2, p. 44-53, 2020.

ROCHA, Eliza Emília Rezende Bernardo. A pesquisa participante e seus desdobramentos - experiências em organizações populares. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, Belo Horizonte, set. 2004.

ROCHA, Karol. Luto na Educação: perda de educadores para a Covid-19 é danos irreparável aos amazonenses. **Acritica.com**. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/luto-na-educacao-perda-de-educadores-para-a-covid-19-e-dano-irreparavel-amazonenses>. Acesso em: 14 de abr. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Danielle Mariam Araujo; CARVALHO, Joelma Monteiro de; TRICÁRICO, Luciano Torres. Patrimônio imaterial e o turismo étnico em comunidade indígena, Iranduba, Amazonas. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 16-35, set-dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/69779>. Acesso em: 16 de out. 2020.

SANTOS, Luciano Cardenes. **Sahu-apé e o turismo em terras e comunidades indígenas**. 2010. 257 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

SÍVERES, Luiz. **O princípio da aprendizagem na extensão universitária**. A extensão universitária como um princípio de aprendizagem. Brasília: Liber Livro, p. 19-31, 2013.

UNICEF. **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar**. UNICEF no Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/enfrentamento-da-cultura-do-fracasso-escolar>. Acesso em: 6 de abr. 2021.

LIGA ACADÊMICA DE ANÁLISE DE DADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS - LAADCS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

ACADEMIC LEAGUE OF DATA ANALYSIS IN SOCIAL SCIENCES - ALDASS:
AN EXPERIENCE REPORT

Núbia dos Reis Ramos

Doutoranda em Ciências Sociais, Professora Assistente da UNEB,
nramos@uneb.br

Mailson Santos Pereira

Doutorando em Ciências Sociais, UFBA,
pereiramailson@msn.com

Deise Gabriela Carmo de Souza

Graduanda em Ciências Sociais, UNEB,
gabrielacientistasocial@gmail.com

Franciele de Jesus Santos

Graduanda em Ciências Sociais, UNEB,
francielesantos.ciso@gmail.com

Brigitte da Silva Barreiro

Graduanda em Ciências Sociais, UNEB,
brigittebarreiro3@gmail.com

RESUMO

Este relato de experiência tem por objetivo descrever as etapas de criação e desenvolvimento da Liga Acadêmica de Análise de Dados em Ciências Sociais - LAADCS, vinculada ao Colegiado de Ciências Sociais do Departamento de Educação, Campus I, da UNEB, que surgiu com o intuito de proporcionar a ampliação do repertório acadêmico das/os discentes do curso de Ciências Sociais na formação em pesquisa com uso de *softwares* qualitativos e quantitativos. Apresenta-se a contextualização de estruturação da Liga, a metodologia de trabalho adotada e um breve relato das principais atividades realizadas ao longo do ano de 2021, que estiveram relacionadas aos seguintes eixos: (a) cursos de formação continuada para as/os ligantes; (b) cursos de formação para a comunidade acadêmica e; (c) produção e difusão de conhecimento para a comunidade em geral via redes sociais (*Instagram, Facebook, site e Plataforma Microsoft Teams*). Estima-se a importância desta atividade extensionista no processo formativo da profissão de cientista social, tendo cumprido seu papel e ofertado à comunidade interna e externa conhecimentos úteis que possam subsidiar demandas por políticas públicas para uma melhor qualidade de vida para a população.

Palavras-chave: Liga Acadêmica. Ação Extensionista. Formação Discente.

¹ Projeto de Extensão contemplado pelo Edital 012/2021, da Pró-reitoria de Extensão da Universidade do Estado da Bahia.

ABSTRACT

This experience report aims to describe the stages of creation and development of the Academic League of Data Analysis in Social Sciences - ALDASS, linked to the Collegiate of Social Sciences of the Department of Education, Campus I, of UNEB, which emerged with the aim of to provide the expansion of the academic repertoire of students of the Social Sciences course in research training with the use of qualitative and quantitative softwares. The contextualization of the League's structuring, the adopted work methodology and a brief report of the main activities carried out throughout 2021, are presented, which were related to the following axes: (a) continuing education courses for binders; (b) training courses for the academic community and; (c) production and dissemination of knowledge to the community in general via social networks (Instagram, Facebook, website and Microsoft Teams Platform). It is estimated the importance of this extension activity in the training process of the social scientist profession, having fulfilled its role and offering the internal and external community useful knowledge that can subsidize demands for public policies for a better quality of life for the population.

Keywords: Academic League. Extension Action. Student Training.

INTRODUÇÃO

No século XXI, as características da cultura e da sociedade foram profundamente modificadas pelas novas tecnologias digitais de informação e comunicação. Essas mudanças impõem desafios às diferentes áreas do conhecimento na forma de apreensão teórico-metodológica dos temas e objetos de pesquisa, coleta, sistematização, análise e apresentação dos dados. Na área das ciências sociais esses desafios são ainda maiores por conta das vicissitudes de seu "objeto" de estudo; pelo engessamento epistemológico e metodológico que dificultam a apreensão adequada das mudanças comportamentais com uso das redes sociais/internet, bem como o baixo investimento governamental em pesquisas e formação de pesquisadores nessas ferramentas "tecnológicas" (NASCIMENTO, 2017).

A todos esses aspectos ainda podemos acrescentar quais são os impactos dessas tecnologias para/na imaginação sociológica; como são produzidos, isto é, quais os mecanismos de controle dos dados (*check-balance*); como assegurar objetividade e validade dos dados, assim como a necessidade de criação de novos protocolos que assegurem a ética na pesquisa na modalidade de coleta digital (NASCIMENTO,

2020).

Em nossa contemporaneidade, a era digital formada pelas conexões em rede influencia diretamente as relações sociais (MISKOLCI, 2016). Plataformas como *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, com seus diversos conteúdos categóricos, moldam os pensamentos e atitudes dos atores sociais. Através da Sociologia Digital os cientistas sociais estão interessados em investigar como o mundo digital molda as relações sociais. Sendo assim, o método qualitativo é explorado juntamente ao quantitativo por conta da emergência de novos métodos de criação de variáveis de pesquisa e na análise de dados (MISKOLCI, 2016).

Desse modo, atentas/os a esses desafios e à necessidade de compreender a profusão de dados epidemiológicos e socioeconômicos produzidos pela pandemia da COVID-19 no Brasil e no mundo, foi criado o projeto de extensão Liga Acadêmica de Análise de Dados em Ciências Sociais - LAADCS, que é vinculado ao Colegiado de Ciências Sociais do Departamento de Educação, Campus I, Salvador, na Universidade do Estado da Bahia.

De acordo com Silva e Flores (2015), as Ligas Acadêmicas (LAs) surgem nas universidades brasileiras no início do século XX, como estratégias e atividades extracurriculares alicerçadas

no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, sendo suas ações de natureza teórica e prática. Constituem-se em espaços potencialmente frutíferos para o estímulo da autonomia, da criticidade, da criatividade e do comprometimento, em detrimento de práticas isoladas que induzem ao risco de especialização precoce.

Na UNEB, as ligas acadêmicas são classificadas como atividades de extensão universitária. A extensão universitária, enquanto um dos tripés da universidade, tem por objetivo articular o ensino e a pesquisa (a universidade) com demais setores da sociedade, gerando transformações mútuas em ambos os pólos dessa relação (FORPROEX, 2012). Verifica-se ainda que as ações extensionistas permitem “[...] o fortalecimento do aprendizado e aprimoramento das habilidades profissionais e humanitárias” (SANTOS; ROCHA; PASSAGLIO, 2016, p. 28) das/os discentes nelas envolvidas/os.

Deste modo, a iniciativa de criação de uma Liga na área de análise de dados em ciências sociais em um contexto de emergência sanitária por causa da pandemia da COVID-19 é, ao mesmo tempo, necessária e urgente tanto do ponto de vista de produção de conhecimento quanto de subsidiar com dados a comunidade acadêmica e externa.

A Liga Acadêmica de Análise de Dados em Ciências Sociais – LAADCS surgiu com o intuito de proporcionar a ampliação do repertório acadêmico das/os discentes do curso de Ciências Sociais com a formação de pesquisa com uso de *software* qualitativos e quantitativos. São pilares dessa atividade: (a) o incentivo a um maior protagonismo estudantil na construção do próprio conhecimento; (b) a compreensão da graduação como um espaço formativo crucial para a construção de novas práticas, que articulem ensino, pesquisa e extensão; (c) a possibilidade de oferecer às/aos discentes uma formação profissional e acadêmica de excelência na área de produção e análise de dados sociais que possam contribuir para o desenvolvimento da comunidade geral; (d) a formação ética e cidadã das/os discentes,

comprometidas/os com valores democráticos, inclusivos e de responsabilidade social. Nesse sentido, o objetivo do presente relato é descrever as etapas e desenvolvimento desta ação extensionista.

LAADCS - BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde o processo de redemocratização do Brasil e elaboração da Constituição Cidadã, o compromisso da produção acadêmica com a acessibilidade do conhecimento científico, bem como o retorno de resultados que beneficiem a sociedade, são as principais responsabilidades da universidade, baseando-se na indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão (BRASIL, 1988). A criação de uma Liga Acadêmica se apresenta, dessa forma, como uma iniciativa de protagonismo discente para colocar em prática os princípios do tripé que sustenta o ensino superior.

A Liga Acadêmica de Análise de Dados em Ciências Sociais – LAADCS² é uma iniciativa discente, pensada para melhoria na curricularização do curso. Conforme apontado acima, esta encontra-se vinculada ao Departamento de Educação, Campus I – DEDC – I, do Colegiado de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – que, excepcionalmente em virtude da pandemia e do necessário distanciamento social, funcionou no formato online, com desenvolvimento das atividades nas plataformas digitais (*Microsoft Teams, Instagram, Facebook e website*).

A Liga tem como objetivo principal promover a consolidação da formação discente na área de metodologia da pesquisa, produção e análise de dados sociais nas áreas da Sociologia, Antropologia e Ciência Política, estimulando e promovendo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Busca promover experiências pedagógicas e profissionais colaborativas articuladas às demandas da comunidade na produção de dados sociais que possam subsidiar ações que beneficiem o desenvolvimento

² Equipe de construção e execução do projeto: Profa. Núbia dos Reis Ramos (Coordenadora) e Prof. Cleber Lázaro Julião (Colaborador); discentes Deise Gabriela Carmo; Igor Rafael Mata; Franciele de Jesus Santos; Isabela de Menezes Braga; José Vinícius Sousa Santos; Bianca Santos Fernandes; Mailson Santos Pereira; Brigitte da Silva Barreiro; Leticia Santana Souza; Felipe Lopes Di Natale Guimarães; Hanna Vieira Assunção; Nayara Sousa Silva Vieira; Larissa Sousa Silva de Jesus.

local em um cenário de emergência sanitária causada pela pandemia da COVID-19.

METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida neste projeto compreende dois eixos formativos: (a) endógeno, que envolveu a formação das/os ligantes e; (b) interativo, que visou o diálogo com a comunidade. Ambos são interrelacionados e voltados à produção e difusão de conteúdos sobre análise de dados quantitativos, qualitativos e mistos. As atividades executadas correspondem às três áreas que compõem as Ciências Sociais: Antropologia, Ciência Política e Sociologia.

As atividades empreendidas pela LAADCS atenderam ao que foi estabelecido pelo governo do Estado da Bahia, em 16 de março de 2020, os Decretos nº 19.528 e nº 19.529, que tratam de medidas de prevenção, controle e contenção de riscos à saúde pública, a fim de evitar a disseminação da COVID-19 (BAHIA, 2021a; 2021b). Sendo assim, todas as atividades foram desenvolvidas na modalidade à distância, exclusivamente por meios digitais, com supervisão e orientação da professora coordenadora. Para difusão dos conteúdos dos trabalhos elaborados pelas/os integrantes da Liga foram utilizadas as redes sociais (*Facebook, Instagram, Whatsapp, E-mails*) e *site* próprio.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A dinâmica da atividade extensionista foi estruturada e desenvolvida a partir de três linhas de ação: (a) cursos de formação continuada para as/os ligantes; (b) cursos de formação para a comunidade acadêmica e; (c) produção e difusão de conhecimento para a comunidade em geral via redes sociais (*Instagram, Facebook, site e Plataforma Microsoft Teams*).

Como atividades de autoformação da Liga, foram desenvolvidos o curso *Microsoft Excel* para aprimoramento do uso da ferramenta, que foi uma das primeiras atividades desenvolvidas individualmente. Utilizando suas diversas versões, buscou-se introduzir e aperfeiçoar as habilidades das/os ligantes na construção de planilhas eletrônicas operacionalizadas por cálculos e construções de tabelas e gráficos. A importância do conhecimento prévio deste programa computacional foi indispensável para o amadurecimento das atividades futuras envolvendo *software* de análise de dados quantitativos (*SPSS*).

O *Workshop - Usos do SPSS na Pesquisa Social*³ foi uma atividade que teve por objetivo fomentar a apropriação prática do uso do *software* quantitativo *SPSS* em pesquisa social e em atividades de ensino, pesquisa e extensão na área das ciências sociais e afins. O *Workshop Atlas.ti*⁴ teve por finalidade fomentar a apropriação prática do *software Atlas.ti* em pesquisa social qualitativa com o uso de textos, documentos, vídeos, fotografias, etc. Todos esses cursos visaram a formação discente-ligantes na área de novas tecnologias em pesquisas voltadas à compreensão da realidade social. No âmbito do ensino, visou dar suporte aos componentes curriculares da área das metodologias⁵. No campo prático da pesquisa, buscou operacionalizar a análise de diferentes tipos de dados qualitativos e quantitativos. Na extensão, disseminar conhecimento em cursos de curta duração.

Entre as ações formativas desenvolvidas especificamente para a comunidade externa, a LAADCS realizou o Minicurso "*Leitura e Produção de Texto na Universidade*"⁶ que teve como objetivo contribuir para o desenvolvimento de competências de leitura, compreensão e produção de textos acadêmicos das/os discentes do curso de Ciências Sociais da UNEB por meio da realização de atividades formativas que contribuíssem para minorar as deficiências e promover as mencionadas competências.

³ Ministrado pela docente Núbia dos Reis Ramos, coordenadora da LAADCS e professora do Curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus I.

⁴ Ministrado pelo docente Me. José Bonifácio do Amparo Sobrinho - Professor do curso de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus I.

⁵ Disciplinas da área de metodologias no curso de Ciências Sociais da UNEB: Análise de Dados Quantitativos; Pesquisa, Práticas e Contemporâneas de Ciência Política; Pesquisa, Práticas e Contemporâneas em Sociologia; Pesquisa, Práticas e Contemporâneas em Antropologia; Pesquisa e Metodologia com Software Aplicados às Ciências Sociais e Metodologia da Pesquisa.

⁶ Ministrado pela profa. Ma. Andréia Araújo, licenciada em Letras Vernáculas, mestre em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS) e responsável pela Lazulli Assessoria Acadêmica.

O Workshop "Se Liga no Lattes"⁷ teve como propósito orientar discentes do curso de Ciências Sociais e de outros cursos da UNEB, além de discentes de outras Instituições de Ensino Superior no preenchimento do Currículo Lattes, documento fundamental para a atividade acadêmica e profissional no ambiente universitário e em ambientes de trabalho ligados à pesquisa, ensino e extensão. Foi uma ação voltada às/aos discentes dos semestres iniciais que ainda não estavam familiarizadas/os com a Plataforma Lattes ou que não possuíam currículo cadastrado e às/aos discentes já cadastrados e com dúvidas sobre o seu preenchimento. Buscou-se, dessa forma, oferecer suporte para preenchimento desse instrumento necessário para concorrer aos editais de iniciação científica e demais modalidades de bolsas, além de ser o lócus primordial de registro da trajetória acadêmica de estudantes e pesquisadoras/es.

A Liga desenvolveu atividades de produção e difusão de conhecimento com pesquisa e a criação de um site, contendo uma biblioteca virtual. As pesquisas e publicações foram postadas nas redes sociais com conteúdo de análise e/ou interpretação de dados extraídos de diferentes fontes para produção de conhecimentos que possam contribuir para o desenvolvimento da comunidade acadêmica e da comunidade externa. Foram produzidos textos com diferentes temas, distribuídos por eixos temáticos: (i) macropolítica, instituições e políticas públicas; (ii) sociedade civil, movimentos sociais, educação e direitos humanos e; (iii) desigualdades, raça, classe, gênero e sexualidade.

No total, foram elaborados e postados cerca de 53 (cinquenta e três) postagens com conteúdos que tratavam de discussões sobre análise e métodos nas ciências sociais; ética na pesquisa; dados sobre armas de fogo na Bahia; violência contra a mulher; violência contra população LGBTQI+; saúde mental dos rodoviários de Salvador na pandemia; mortes de ativistas políticos no Brasil; impacto da pandemia na população negra, dentre outros temas. Em novembro, tivemos duas publicações especiais durante o "Novembro Negro".

Em uma, foram postados os dados analisados do Atlas da Violência 2021 com foco na população negra. Na outra, foram homenageadas/os determinadas/os intelectuais negras/os das ciências sociais da Bahia, do Brasil e do mundo, com destaque para as/os professoras/es negras/os do Colegiado de Ciências Sociais da UNEB. Produziu-se também o total de 33 (trinta e três) postagens com atualização semanal sobre dados da vacinação na Bahia e no Brasil.

A montagem de um site próprio fez parte da estratégia de apresentação da proposta e publicação das produções científicas, desde produções autorais geradas por integrantes da Liga até referências importantes para a temática de análise de dados e metodologias de pesquisa. Na plataforma é possível encontrar uma breve apresentação da LAADCS com exposição dos objetivos e motivações. Há também a apresentação das/os integrantes do projeto e os canais de contato.

Ainda dentro da proposta de divulgação do conhecimento científico, o site possui uma biblioteca virtual. A biblioteca LAADCS é uma seleção entre livros e artigos no formato digitalizado, que podem ser visualizados em qualquer tipo de leitor de documentos: celular, computador, leitor de e-book, dentre outros. A seleção das obras foi feita pela própria Liga, levando em consideração a relevância delas dentro da temática de produção de pesquisa. Ao todo, até este momento, a biblioteca conta com um total de 100 (cem) títulos organizados por seções, de acordo com a temática específica. É possível encontrar então uma "prateleira virtual" para títulos relacionados à estatística, ética da pesquisa, análise de dados quantitativos, qualitativos ou mistos, análise de dados com *softwares* aplicados às ciências sociais e metodologia da pesquisa.

A divulgação científica deve ser enxergada como uma responsabilidade de toda comunidade acadêmica. É da sociedade que são colhidas as informações e os dados necessários para produção científica. Após o processamento desses dados é necessário que eles retornem para a sociedade. Os resultados divulgados de forma objetiva tornam-se acessí-

⁷ Ibidem.

veis, favorecem a democratização do conhecimento e exercício da criticidade. A criação do site da LAADCS amplia o formato da divulgação desse conhecimento.

A divulgação das produções acadêmicas e atividades desempenhadas não se deu apenas pensando na divulgação científica a nível externo. Para além das redes sociais, a participação em eventos na modalidade à distância foi essencial na construção do cronograma da Liga. Nesse sentido, as rodas de conversas e outras atividades abriram espaço para o diálogo junto à própria comunidade acadêmica e através delas foi possível estabelecer pontes que possibilitaram a busca por transversalidade dos conteúdos em diferentes áreas, mapeamento de possíveis parcerias e validação entre os pares.

A Liga esteve representada no ano de 2021 nas duas semanas de integração do DEDC - I, evento tradicional do Departamento de Educação na semana que antecedeu o início das aulas de cada semestre para dar as boas-vindas a ingressantes e veteranas/os. Esses dois eventos foram excelentes oportunidades de apresentar a Liga ao Departamento, corpo docente e discente, uma vez que sem aulas presenciais, foi o evento com maior concentração de estudantes de diferentes semestres. Nesses eventos, representantes da Liga falaram sobre as atividades desenvolvidas e foi possível mobilizar estudantes para a importância de buscar alternativas para complementar a formação, seja para aperfeiçoamento da pesquisa ou buscando diferenciais para apresentar ao mercado de trabalho.

Em novembro, através da II Jornada Integrada de Pesquisa e Extensão (JIPE), a LAADCS pode ser apresentada a um público mais abrangente em um evento não só direcionado ao Departamento, mas abrangendo toda a Universidade e convidadas/os. Na II JIPE foi possível compartilhar relatos de experiência do ponto de vista docente e discente. Dentre os relatos, contou-se com a monitora de extensão⁸ discorrendo sobre os impactos da Liga na sua formação.

Por fim, o último evento da Liga no ano de

2021 foi o Conexão Proex. Nesse evento, através das apresentações das atividades formativas e produções realizadas ao decorrer do ano, junto com o relato da monitora de extensão, compartilhou-se a relevância da ação extensionista da Liga Acadêmica junto às outras ações de extensão que ali se apresentaram. A troca de experiências foi essencial para identificar os pontos fortes e necessidades de aprimoramento, captar novas ideias e identificar pontos de intersecção com outros projetos da Universidade (FORPROEX, 2012).

A participação em eventos é uma atividade de grande importância para qualquer cientista. Através da LAADCS as/os ligantes tiveram a oportunidade de exercitar a oralidade, a capacidade de síntese e apresentação de resultados. Receberam o importante feedback de diferentes setores, uma vez que a ação extensionista teve oportunidade de ser apresentada em diferentes perspectivas de acordo com o público alvo dos eventos. Isto corrobora para a afirmação de Silva e Flores (2015) que apontam as Ligas Acadêmicas como espaços propícios para o aprendizado e para a aproximação da/o discente com a comunidade, possibilitando o surgimento de transformações sociais importantes.

O formato da Liga Acadêmica contribui para desenvolvimento da autonomia na pesquisa e de habilidades voltadas para resolução de conflitos e trabalho em equipe, o que contribui para o amadurecimento das/os ligantes e criou um ambiente propício para troca de saberes (DANTAS; SANTOS; GÓIS, 2017). Além disso, as atividades desenvolvidas pela Liga incluíram leitura de artigos, apresentação de resultados para o público interno e externo, organização e apresentação em eventos, elaboração de textos acadêmicos e incentivo à submissão de artigos, gerando impactos positivos tanto para as/os ligantes e comunidade acadêmica, quanto gerando frutos para sociedade civil em geral, mediante as atividades e produções.

⁸ Isabela de Menezes Braga – discente do 5º período do curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste relato, procurou-se refletir sobre a ação extensionista da Liga Acadêmica de Análise de Dados em Ciências Sociais - LAAD-CS, cuja centralidade foi contribuir para a formação em pesquisa social das/os discentes do curso de Ciências Sociais, do DEDC-I, UNEB; propiciar às/aos discentes o contato com diversos sistemas e aplicativos (*softwares*) de produção, mineração e análise de dados para ampliação do conhecimento e qualificação para o mercado de trabalho; promover formação ética e cidadã às/aos discentes, articulando atividades ensino, pesquisa e extensão e; produzir conhecimento empírico e análise de dados que possam melhorar a qualidade de vida da comunidade local.

Dado o contexto pandêmico, as atividades foram desenvolvidas utilizando ferramentas do ensino remoto com mediação tecnológica e redes sociais. As/os discentes envolvidas/os no projeto produziram conteúdos e temas a partir de diferentes fontes de dados, difundiram conhecimento e participaram ativamente de eventos acadêmicos. Daí, a partir do relato das atividades, pode-se afirmar que a ação extensionista proposta cumpriu seu papel formativo, bem como pôde oferecer à comunidade acadêmica interna, externa e ao público em

geral conhecimentos úteis que possam subsidiar demandas por políticas públicas para uma melhor qualidade de vida para a população.

Considerando que as Ligas Acadêmicas funcionam “[...] como espaço de autonomia, de liberdade, de criação e de protagonismo estudantil, com grande potencial de experimentação e reflexão na gestão das práticas pedagógicas no âmbito da universidade” (SILVA; FLORES, 2015, p. 416), verifica-se que na experiência da LAADCS, as/os ligantes puderam exercitar essas competências, colaborando para o seu processo de formação enquanto cientistas sociais.

Como ponto de reflexão, aponta-se que as atividades por mediação tecnológica foram a forma possível de manter e estimular as/os discentes a permanecerem vinculadas/os à universidade, produzindo e difundindo conhecimento. Além disso, possibilitou a interação com a comunidade interna e externa, criando pontes, fortalecendo o papel social da universidade. Entretanto, dado o empobrecimento da população na pandemia, com desemprego e perda de renda, além das desigualdades estruturais históricas da sociedade brasileira, parcelas significativas da comunidade interna e externa da UNEB foram alijadas desse processo por causa da exclusão digital.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Casa Civil. **Decreto nº 19.528**, de 16 de março de 2020. 2020a. Disponível em: <<http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/decreto-no-19528-de-16-de-marco-de-2020>>. Acesso: 13 dez. 2021.

BAHIA. Casa Civil. **Decreto nº 19.529**, de 16 de março de 2020. 2020b. Disponível em: <<http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/decreto-no-19528-de-16-de-marco-de-2020>>. Acesso: 13 dez. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 06 maio 2022.

DANTAS, Ana Celma de Oliveira; SANTOS, Marcelle Araújo; GÓIS, Maria Betânia Trindade Carvalho. Importância da liga acadêmica para a formação profissional: aprendendo a trabalhar em equipe. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENFERMAGEM, Maceió, 2017. **Anais** [...], Maceió: UNIT. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/cie/article/view/6154>>. Acesso em: 07 maio 2022.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, p. 275-297, jul.-dez. 2016. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/525/211> Acesso em 06 maio 2022.

NASCIMENTO, Leonardo. **Sociologia Digital: uma introdução**. Salvador: Edufba, 2020 (e-book).

NASCIMENTO, Leonardo. A Sociologia Digital: um desafio para o século XXI. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 41, p. 216-241, jan-abr 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/15174522-018004111>>. Acesso: 06 ago. 2017.

NUNES, Juliane V. et al. A pesquisa qualitativa apoiada por software de análise de dados: uma investigação a partir de exemplos. **Revista Fronteiras - Estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 19, n. 2, p. 233-244, mai-ago 2017. Disponível: <<http://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/fem>>. Acesso: 08 agosto 2018.

SANTOS, João Henrique de Sousa; ROCHA, Bianca Ferreira; PASSAGLIO, Kátia Tomagnini. Extensão Universitária e Formação no Ensino Superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 23-28, jan-jun 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uuffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087>>. Acesso em 06 maio 2022.

SILVA, Simone Alves da; FLORES, Oviromar. Ligas Acadêmicas no Processo de Formação dos Estudantes. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 410-425, jul-set 2015. Disponível:<<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n3e02592013>>. Acesso: 18 fevereiro 2021.

CICLO DE LEITURA “LEIA PARA VIVER!” (2021)

READING CIRCUIT “READING TO LIVE!” (2021)

Mônica Gomes da Silva

Professora Adjunta de Literatura Brasileira no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: mgs@ufrb.edu.br

Magnólia Oliveira de Sousa

Licencianda no Curso de Letras no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Ex-bolsista PIBEX-UFRB. E-mail: sousamagy94@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência desenvolvido, conjuntamente, pela bolsista e a docente orientadora acerca do Projeto de Extensão Ciclo de Leitura “*LEIA para viver!*”, vinculado ao Grupo de Pesquisa e Extensão LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes). O Ciclo realizou, no ano de 2021, a homenagem a alguns marcos da Literatura Brasileira como os 120 anos de Antônio de Alcântara Machado e Cecília Meireles, os 140 anos de Lima Barreto e os 190 anos de Manuel Antônio Álvares de Azevedo. A fim de relatar a experiência do Ciclo, o trabalho está dividido em três tópicos: discussão teórica, descrição da metodologia adotada e a participação do bolsista e os resultados alcançados. Para a fundamentação teórica, foram utilizados, principalmente, os estudos de Antonio Candido (2011), Magda Soares (1995), Leyla Perrone-Moisés (2016), Roland Barthes (2013), Tzvetan Todorov (2009) e Vincent Jouve (2002), entre outros, além de trabalhos que tratam da produção dos escritores homenageados. Ao fim, descrevem-se os procedimentos adotados para a realização das atividades de leitura, bem como a recepção do público participante da proposta.

Palavras-chave: Leitura literária; Fruição estética; Literatura Brasileira.

ABSTRACT

This paper is an experience report developed by both the scholar and the advisor, concerning to the extension program project Reading Circuit “Reading to live!”, associated with the Research and Extension Group LEIA (in portuguese, an abbreviation for Reading, Writing, Identity and Arts). In 2021 the circuit paid tribute to some milestones of the Brazilian literature, such as the 120th anniversary of Antônio de Alcântara Machado and Cecília Meireles’ birthday, the 140th anniversary of Lima Barreto’s birthday and the 190th anniversary of the birth of Manuel Antônio Álvares de Azevedo. In order to describe the experience of the circuit, this article is divided into three topics, namely: theoretical discussion, methodology description, and the scholar’s participation and the results. The studies of Antonio Candido (2011), Magda Soares (1995), Leyla Perrone-Moisés (2016), Roland Barthes (2013), Tzvetan Todorov (2009), and Vincent Jouve (2002) among others, were included as theoretical background, in addition to works regarding the production of the honored writers. At last, they were described the proceedings adopted in the reading activities, as well the acceptance of the participants in this proposal.

Keywords: Literary Reading. Aesthetic Fruition. Brazilian Literature.

INTRODUÇÃO

Somos criaturas leitoras, ingerimos palavras, somos feitos de palavras, sabemos que palavras são nosso meio de estar no mundo, e é através das palavras que identificamos nossa realidade e por meio de palavras somos, nós mesmos, identificados. (MANGUEL, 2017, p. 140).

O Projeto de Extensão Ciclo de Leitura "*LEIA para viver!*" integra o Programa do GPE LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes), vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O projeto se propõe a realizar, regularmente, encontros para a promoção da leitura literária, investindo em um variado repertório textual, seja através da diversidade de gêneros literários, seja por meio da abordagem das relações com outras artes, explorando o caráter polissêmico da linguagem literária numa perspectiva inter e multidisciplinar.

Entre os objetivos previstos no Ciclo, almeja-se, ainda, apresentar aspectos da obra de escritores brasileiros, bem como investigar e debater o legado das obras dos escritores selecionados em nossa literatura e suas ressonâncias na contemporaneidade. Desse modo, o projeto busca ampliar o repertório artístico e cultural dos participantes, ofertando de modo qualificado o acesso às obras de autores fundamentais em nossa literatura.

O projeto é uma continuidade das ações realizadas em ciclos de leitura anteriores como o *Ciclo de Leitura "Um obsceno na porta da Academia"* (2017) e o Ciclo de leitura "HH (Informe-se)": *a sedutora provocação de Hilda Hilst* (2018). Ambos contaram com financiamento PIBEX, além da publicação de artigo, capítulo de livro e relato de experiência e apresentações de trabalhos em eventos.

De acordo com as atividades previstas e desenvolvidas pelo Projeto de Extensão, foi realizado, no segundo semestre de 2021, o evento do Ciclo de Leitura em homenagem a autores em suas efemérides de nascimento: 120 anos de Antônio de Alcântara Machado (1901-1935) e Cecília Meireles (1901-1964), 140 anos de Lima Barreto (1881-1922) e 190 anos de Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-

1852). As obras dos autores, de reconhecida importância em nossa literatura, perpassam por temas e formas que seguem instigando e inspirando nos dias atuais. Desse modo, para narrar a experiência dos encontros realizados em 2021, o presente relato se divide em três tópicos: breve discussão teórica; metodologia do projeto e participação da bolsista e, por fim, os resultados alcançados.

BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA

"Se a leitura literária tem uma especificidade, é, portanto, por meio de seus efeitos que se deve tentar apreendê-la." (JOUVE, 2002, p. 137).

Dentro dos marcos conceituais que norteiam o GPE LEIA, em especial, a lição de Antonio Candido sobre a relação entre ensino e literatura com o ensaio "O direito à literatura" (2011) e o potencial dos textos literários para o enriquecimento da formação subjetiva de cada indivíduo, conforme defende Tzvetan Todorov (2009), o Projeto de Extensão se propõe a observar e interagir com o contexto do ensino literário no Ensino Superior do Centro de Formação de Professores (CFP-UFRB), em Amargosa.

Conforme essa proposta e o trabalho desenvolvido pelas linhas de pesquisa do GPE LEIA, desde 2016, constataram-se duas questões essenciais, no que diz respeito à relação desse público com a leitura literária: o problema do acesso e a esquematização no ensino de literatura.

Sobre a primeira questão, destacamos que a dificuldade de acesso à Literatura é tanto de ordem material, por exemplo, através da inexistência de livrarias na cidade ou de espaços de leitura com acervo literário diversificado; quanto da formação de base desses alunos, que pouco contato tiveram, durante o período de escolarização básica, com os textos literários, segundo os relatos feitos em sala de aula.

Conforme recorda Magda Soares (1995), a leitura se realiza a partir de processos interativos, seja do leitor com o próprio texto, seja do leitor com o seu entorno social. Longe de

ser um ato que afasta e isola o leitor, a leitura: "É um processo de natureza social, não individual, vinculado às condições de comunicação que, por sua vez, vinculam-se às estruturas sociais — o social determinando a leitura e constituindo seu significado" (SOARES, 1995, p. 18). Faz-se essencial analisar tanto as condições sociais de acesso à leitura, quanto as condições sociais da produção de leitura (*Idem*, p. 19) que acabam contribuindo ou impedindo a formação do leitor.

Magda Soares se volta, ainda, para o valor que a leitura adquire, conforme a classe social. Nas classes dominantes, ela é "fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências" (*Ibidem*, p. 22); nas classes populares é "instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida" (*Ibidem*, p. 22). Assim, a valorização do aprendizado da leitura e de sua apropriação compreendida como um "rito de passagem" para a sociedade letrada e de maiores oportunidades culturais e profissionais não se dá da mesma forma para todas as classes. A orientação pragmática do acesso da leitura para as classes populares:

Pode destituí-las de seu próprio discurso, e não as conduz mais além que ao limiar de um novo mundo discursivo, que é o mundo da escrita. E isso porque o acesso a esse mundo, para as camadas populares, não vai, em geral, além daquele primeiro e fundamental passo, que é a alfabetização; após esta, dificulta-se (impossibilita-se?) o acesso à leitura: Onde as bibliotecas públicas? Onde as bibliotecas escolares? Nas instituições de ensino que servem às camadas populares (no entanto, presentes e ricas nas que servem às classes dominantes)? Onde o livro a preço acessível? (SOARES, 1995, p. 24).

Compreensão semelhante se depreende do ensaio de Antonio Candido (2011) que classificava a situação do Brasil como dramática e iníqua face à alienação de direitos fundamentais para as classes menos favorecidas. A noção que as camadas mais pobres só deveriam ser destinados textos mais "úteis" para sua formação profissional é vista como um preconceito e uma forma de exclusão de um direito humano, dado o poder de fabulação e organização que o texto literário propicia, ajudando e formando nossa subjetividade:

Neste contexto, é revoltante o preconceito segundo o qual as minorias que podem participar das formas requintadas de cultura são sempre capazes de apreciá-las, o que não é verdade. As classes dominantes são frequentemente desprovidas de percepção e interesse real pela arte e a literatura ao seu dispor, e muitos dos seus segmentos as fruem por mero esnobismo, porque este ou aquele autor está na moda, porque dá prestígio gostar deste ou daquele pintor. Os exemplos que vimos há pouco sobre a sofreguidão comovente com que os pobres e mesmo analfabetos recebem os bens culturais mais altos mostram que o que há é mesmo espoliação, privação de bens espirituais que fazem falta e deveriam estar ao alcance como um direito. (CANDIDO, 2011, p. 193).

Portanto, prover as condições é o grande desafio quando se trata da leitura literária, reconhecendo que as camadas populares devem ter acesso a todos os níveis de cultura, desvinculando a leitura como algo exclusivo do campo utilitário, mas permitindo a humanização através da literatura (CANDIDO, 2011, p. 182).

No que se referem às condições de acesso, outro aspecto fundamental para se pensar as ações aqui propostas, constata-se que o ensino de literatura tem enfrentado um dos cenários mais difíceis dentro dos ambientes escolares e acadêmicos (COSSON, 2019). Após as reformulações curriculares da década de 1990, que lhe retiraram a condição de disciplina autônoma, há, também, a perda do espaço do texto literário como uma fonte de conhecimento.

O principal efeito notado é um progressivo distanciamento da Literatura, inclusive em um ambiente de intensa prática leitora, como costuma ser o meio acadêmico. Nesse sentido, o projeto ratifica a dimensão humana do texto literário no processo de formação do sujeito e, também, se propõe criar estratégias para reduzir o crescente desinteresse pela Literatura, notadamente, na Universidade.

Para promover uma leitura em prol da fruição estética, buscou-se explorar as chamadas três "forças" da Literatura (*Mathesis, Mimesis e Semiosis*) nas ações realizadas. Conforme destaca Leyla Perrone-Moisés, ao retomar Roland Barthes (2013), buscou-se abordar a capaci-

dade de mobilização de saberes, o "fulgor do real" (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 79) e o jogo entre forma e conteúdo, recordando a "fusão inextricável", por Antonio Candido, nos quais o "conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere" (CANDIDO, 2011, p. 180). É a associação dessas forças, em que as diversas formas de conhecimento obtidos através da Literatura, sejam de ordem sociológica, filosófica, psicanalítica ou histórica, conjugadas à potência da Literatura em "desautomatiza[r] e valoriza[r] os usos da linguagem verbal" (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 80), ressaltando-se, destarte, como a Literatura permite "viver dialeticamente os problemas" (CANDIDO, 2011, p. 177).

Nesse sentido, o Ciclo de Leitura "LEIA para viver!" objetiva articular melhor as ações em torno da leitura literária, uma das propostas do grupo, conferindo uma periodicidade regular às atividades a serem desenvolvidas. Almeja-se ampliar a reflexão sobre os dois problemas relativos à leitura literária, seu acesso e esquematização. Busca-se, igualmente, o prosseguimento das ações de acesso qualificado à Literatura pelo público acadêmico alvo da proposta — discentes dos Cursos de Letras, Filosofia e Pedagogia — que, após licenciados, serão, prioritariamente, os responsáveis pela formação de novos leitores, diversificando suas práticas de leitura e projetando, desse modo, uma nova relação para com o texto literário.

METODOLOGIA E PARTICIPAÇÃO DA BOLSISTA

"Mas o que é estudar a leitura?" (JOUVE, 2002, p. 123).

O projeto possui dois procedimentos metodológicos fundamentais. O primeiro refere-se ao levantamento bibliográfico e participativo, com investigação de material impresso e de meio eletrônico e de eventos que se reportem, de alguma forma, às questões analisadas. Desse

modo, foi realizado um levantamento bibliográfico e uma análise que pudessem contemplar os assuntos pertinentes à proposta apresentada: a concepção de leitura; o processo de constituição do sujeito leitor, em especial, a importância da leitura na formação de futuros professores; a Universidade como local de formação do leitor e como ambiente de oferta de bens culturais; a noção de fruição estética; a vinculação entre Artes e Direitos Humanos; a metodologia de pesquisa e artigos científicos, bem como bibliografia específica dos escritores homenageados.

A elaboração das ações pertinentes à construção e a discussão do referencial teórico ocorreu entre os meses de junho e agosto de 2021. Ao longo do projeto, a bolsista foi orientada no processo de leitura de textos teóricos e das obras literárias selecionadas.

O segundo procedimento metodológico diz respeito à elaboração e aplicação das ações que fomentem e estimulem a leitura literária, priorizando a fruição estética e a capacidade de formação humana. Para isto, houve um período para o planejamento e a organização dos encontros, via remota, pela coordenadora do projeto e a bolsista. Coube, também, à bolsista a submissão de resumo e de apresentação de vídeo-pôster no VII RECONCITEC – 2021 com os resultados parciais do projeto. Dentre as atividades previstas para a bolsista, destacam-se a redação dos relatórios e a elaboração do produto final — este relato de experiência — como parte dos requisitos do Programa Institucional de Bolsa de Extensão Universitária (PIBEX).

O projeto apresentou a leitura das obras de Antônio de Alcântara Machado, Cecília Meireles, Lima Barreto e Manuel Antônio Álvares de Azevedo para a comunidade acadêmica do CFP, especialmente, o público-leitor das Licenciaturas de Letras, Filosofia e Pedagogia, bem como a comunidade externa formada, em grande parte, por estudantes universitários de outras IEs, tanto da Bahia, quanto de outros estados do Nordeste e da região Sudeste. A ação atendeu, ao todo, 47 (quarenta e sete) participantes.

O ciclo de leitura foi organizado em duas eta-

pas através de sete encontros via remota, devido à pandemia de Covid-19, contabilizando a carga horária total de 20 horas, entre atividades síncronas (14h) e assíncronas (6h). Os encontros ocorreram entre setembro e dezembro de 2021 e foram divididos em duas etapas: a primeira etapa ocorrida no mês de setembro e a segunda etapa realizada entre os meses de novembro e dezembro.

Os encontros foram estruturados em dois momentos: apresentação da temática e da produção do autor escolhido, acontecendo uma leitura coletiva, depois a discussão sobre a recepção de cada texto entre os participantes. O público-alvo pode, também, acompanhar as atividades através do material encaminhado, previamente, por e-mail, sendo possível formular questões sobre o tema a ser debatido ao longo do encontro.

Os dois primeiros encontros centraram-se na leitura e discussão das obras de Álvares de Azevedo. O primeiro encontro, realizado em 1º de setembro de 2021, foi conduzido pela Prof.^a Flávia Amparo (UFF/CPII). O segundo encontro, realizado em oito de setembro de 2021, contou com a palestrante Prof.^a Cilaine Alves Cunha (USP). Desse modo, ambas abordaram, principalmente, a obra *Lira dos Vinte Anos* (1853), além dos discursos do poeta e as obras *Macário e Noite na Taverna* (1855).

O terceiro encontro, realizado em quinze de setembro de 2021, concentrou-se na comemoração dos 120 anos de nascimento de Cecília Meireles, com mediação da Prof.^a Erica Bastos (UFRB), enfatizando sua atuação na área da Literatura Infantil, tendo como centro das discussões as obras *Ou isto ou aquilo* (1964) e *Giroflê, Giroflá* (1956), recordando seu potencial poético e lúdico que, até hoje, segue encantando as crianças. Também foi abordada a sua produção como educadora com a obra *Problemas da literatura infantil* (1951). Por fim, retomou-se a face memorialista da poeta com o livro *Olhinhos de gato* (1940).

O último encontro da primeira etapa do ciclo, realizado em vinte e dois de setembro de 2021, relembrou os 120 anos de nascimento de Antônio de Alcântara Machado e foi mediado pela Prof.^a Dr.^a Mônica Gomes da Silva (UFRB).

Foram lidos e debatidos no encontro contos e crônicas dos livros *Pathé-Baby* (1926), *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), *Contos Avulsos* (1956) e *Prosa Preparatória: Cavaquinho & Saxofone* (1983).

A segunda etapa do ciclo de leitura foi direcionada, exclusivamente, à apreciação à homenagem aos 140 anos de Lima Barreto. No quinto encontro, realizado em dezessete de novembro de 2021, houve a realização da palestra *Lima Barreto em dois pontos de leitura*. Ficcionalização da autoria e as narrativas de nação foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Carmem Lúcia Negreiros (UERJ). Nela, foram lidos e discutidos trechos dos romances *Memórias do escrivo Isaiás Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919).

O sexto encontro, realizado em vinte e quatro de setembro de 2021, contou com a discussão sobre os contos de Lima Barreto pela Prof.^a Ângela Vilma Santos Bispo (UFRB). Foram lidos e analisados os contos *Sua Excelência, Ele e suas ideias* e *A cartomante*, publicados na obra *Histórias e sonhos* (1916). Finalizando o ciclo de leitura, o sétimo encontro, realizado em 1º de dezembro de 2021, foi composto pela palestra *Crônicas insubmissas, Lima Barreto na Belle Époque* da Prof.^a Matildes Demetrio dos Santos (UFF). Foram lidas e debatidas as seguintes crônicas: *De Cascadura ao Garnier, A biblioteca, A lei, A volta, e Coisas de mafuá*.

RESULTADOS ALCANÇADOS

“Se a leitura é uma experiência, é porque, de um modo ou de outro, o texto age sobre o leitor.” (JOUVE, 2002, p. 123).

O Ciclo de Leitura “*LEIA para viver!*”, dentro da proposta delineada, anteriormente, na fundamentação teórica e na metodologia do projeto, alcançou o principal resultado esperado: o fomento à leitura literária, tanto no público acadêmico alvo (Cursos de Licenciatura em Letras, Filosofia e Pedagogia), quanto com a comunidade externa do Centro de Formação de Professores. Promoveu-se, assim, uma am-

pliação das práticas de leitura de licenciandos que, futuramente, serão os responsáveis pela formação de novos leitores.

Foram realizadas a leitura e a interação crítica com as obras literárias de Antônio de Alcântara Machado, Cecília Meireles, Afonso Henrique de Lima Barreto e Manuel Antônio Álvares de Azevedo, estimulando a elaboração e a validação de hipóteses interpretativas, tendo em perspectiva questões de ordem cultural e histórica, bem como contribuindo para a área do ensino de literatura.

A poética de Álvares de Azevedo é precursora de traços da poética moderna através do sentido de teatralidade e o uso da máscara poética, a reflexão metapoética, o humor e o erotismo, a dessacralização da poesia através da binomia entre sublime e grotesco. Destaca-se, assim, como a poesia azevediana, pioneira na sua dramatização do cotidiano e no registro prosaico e coloquial, ainda se faz presente na contemporaneidade.

Cecília Meireles, de obra múltipla e vasta, cujas poesia e prosa recobrem temas como a solidão, o fluir do tempo, a viagem como matéria da memória e a morte, bem como questões educacionais. Destacou-se a importância da obra cecilianiana para a formação leitora de gerações de brasileiros, seja através da ficção, dos textos memorialistas ou o estudo sobre literatura infantil.

Antônio de Alcântara Machado, leitor de Álvares de Azevedo e Lima Barreto, participa ativamente do Movimento Modernista, defendendo a necessidade de renovação da prosa brasileira. Jornalista, editor de revistas e jornais, também utilizava da ironia para apontar os aspectos ufanistas e alienados do discurso em torno do crescimento da Pauliceia e do conceito de "brasilidade". O experimentalismo

da prosa, incorporando elementos extraliterários, como as notícias de jornal e os recursos cinematográficos, é uma das marcas autorais retomadas em obras contemporâneas.

Lima Barreto, um dos "paladinos malogrados" (SEVCENKO, 1989) de nossa Primeira República, é um fino analista de nossa "modernidade periférica" (SARLO, 2010), voltando-se para o lado abandonado de nossa Belle Époque tropical, bem como denunciando os discursos positivista e eugenista que dominavam o pensamento nacional ao início do século XX. A ironia de Lima Barreto é uma das lentes lúcidas que vêm sendo retomadas para compreender os nossos descaminhos republicanos, entre gerais golpistas e especuladores arrivistas.

Cabe ressaltar, como segundo resultado alcançado, a participação com outras Instituições de Ensino Superior através do trabalho da professora Cilaine Cunha (USP) e as docentes do Grupo de Pesquisa *Caminhos da Literatura Brasileira* (UFF) e do *Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque* (LABELLE – UERJ), criando, portanto, parcerias interinstitucionais a fim de contar tanto com a colaboração técnica, quanto para ampliar o raio de ação da proposta.

O terceiro resultado se remete à formação da estudante bolsista, aprimorando as habilidades concernentes ao desenvolvimento de um Programa de Extensão, entre as quais: realização de levantamento bibliográfico; análise crítica das fontes consultadas; formulação de hipóteses em relação ao tema estudado e redação de trabalhos científicos.

Por fim, além das atividades do próprio Ciclo de Leitura, com o total de sete encontros realizados, foram gerados, ademais, os seguintes produtos: resumo, vídeo-pôster e a elaboração deste relato de experiência.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. e Pref. de Leyla Perrone-Moisés. 16. reimpr. da 1. ed. 1980. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. Vários escritos. 5. ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 9. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora**. O viajante, a torre e a traça. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. In: _____. **Mutações da literatura no século XXI**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 70-84.

SARLO, Beatriz. **Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930**. Trad. e posfácio de Júlio Pimentel Pinto. Prólogo de Sérgio Miceli. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: reflexões em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 18-29.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

SOLIDÃO, ESTRATÉGIAS DE CUIDADO À SAÚDE DO IDOSO E O ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL EM TEMPOS DE PANDEMIA

SOLITUDE, HEALTH CARE STRATEGIES FOR THE ELDERLY AND HEALTHY AGING IN PANDEMIC TIMES

Marianna Gil de Farias Morais

Discente do curso de medicina da Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN). E-mail: mariannagilfm@hotmail.com

Larissa de Menezes Albuquerque Coelho

Discente do curso de medicina da Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN). E-mail: larissa.albuquerque.119@ufrn.edu.br

Anna Santana Pereira Rolim de Araújo

Discente do curso de medicina da Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN). E-mail: annarolim08@gmail.com

Breno Vinícius Dias de Souza

Discente do curso de medicina da Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN). E-mail: brenodias.parelhas@gmail.com

Túlia Fernanda Meira Garcia

Fonoaudióloga pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Doutora em Gerontologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Título de Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), Docente do curso de medicina da Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN). E-mail: tulia.garcia@ufrn.br

RESUMO

Introdução: O desenvolvimento de estratégias de cuidado à saúde do idoso em tempos de pandemia inclui mediação por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TICs) em redes sociais, educação digital, entre outras. Objetivo: Relatar a experiência de projeto de extensão para o desenvolvimento de educação em saúde sobre COVID-19, utilizando TICs no cuidado à saúde do idoso, promoção do envelhecimento saudável e prevenção dos impactos da solidão durante a pandemia da COVID-19. Método: Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, tipo relato de experiência, sobre o projeto de extensão “Brasil sem Corona”, desenvolvido por discentes e docentes de medicina, em Caicó-RN, de março a outubro de 2020, integrando resultados institucionais de pesquisa, inovação tecnológica e extensão em contexto pandêmico. Resultados: O projeto cumpriu seus objetivos, como promoção da saúde do idoso de forma qualificada e humanizada, utilizando meio de comunicação popularizado em tempos de distanciamento social. Acrescenta-se aspecto formativo para os estudantes, com desenvolvimento de habilidades de comunicação, pesquisa, levantamento de evidências e engajamento estudantil. Conclusão: As redes sociais se tornaram importantes ferramentas de comunicação e informação durante a pandemia. Movimentos como o “Brasil sem corona” constituíram uma estratégia potente capaz de ajudar a pessoa idosa no enfrentamento de tempos de crise.

Palavras-chave: Educação médica. Extensão. Saúde do idoso. Envelhecimento saudável. Pandemia.

ABSTRACT

Introduction: The development of health care strategies for the elderly in times of a pandemic includes mediation by Digital Information Technologies and Communication (DITCs) in social media, digital education, among others. **Objective:** To report the experience of an extension project for development of health education on COVID-19, using DITCs in the health care of the elderly, promoting healthy aging and preventing the impacts of loneliness during the COVID-19 pandemic. **Method:** This is an exploratory-descriptive study, experience report type, on the extension project "Brasil sem Corona", developed by students and professors of a medicine school, in Caicó-RN, from March to October 2020, integrating results institutional research, technological innovation and extension in a pandemic context. **Results:** The project fulfilled its objectives, such as promoting health of the elderly in a qualified and humanized way, using a means of communication popularized in times of social distancing. A formative aspect is added for students, with development of communication skills, research, evidence gathering and student engagement. **Conclusion:** Social media have become important communication and information tools during the pandemic. Movements such as "Brasil sem corona" constituted a powerful strategy capable of helping elderly in facing times of crisis.

Keywords: Medical education. Extension. Elderly health. Healthy aging. Pandemic.

INTRODUÇÃO

Isolamento social e rede de suporte social frágil podem ser condições recorrentes na velhice e, embora identificadas como fator de risco para problemas de saúde, maior mortalidade, diminuição da resistência às infecções, declínio cognitivo e pior saúde mental, ainda são circunstâncias significativas frequentemente negligenciadas (ROMERO et al, 2021; DE FARIAS MOREIRA; DE SOUSA, 2021; LIMA-COSTA et al., 2018; LANDEIRO, 2017).

A demanda por atenção à saúde mental aumentou exponencialmente com a emergência da pandemia do novo Coronavírus e com a adoção do distanciamento, isolamento social e quarentena. Tais medidas, apesar de serem necessárias para preservar a saúde física, exigem atenção para a manutenção da saúde mental e do bem-estar, principalmente de populações mais vulneráveis, como os idosos (VASCONCELOS, 2020).

Para estes indivíduos, os desfechos implicam em piora na qualidade de vida e, por isso, medidas de mitigação de risco devem ser adotadas com a devida monitorização de benefícios e impactos a longo prazo, com estratégias para promoção de qualidade de vida e do envelhecimento saudável. (AQUINO et al., 2020;

KALACHE et al., 2020)

Se por um lado os serviços de atenção à saúde foram demandados a incentivar o isolamento e distanciamento social para preservar a saúde física dos idosos cabe agora, com ampliação da cobertura vacinal, manter a orientação sobre cuidados e direcionar esforços para acompanhar os impactos deste isolamento em sua saúde física e mental, além de incluir a oferta de estratégias para promover capacidade funcional, estimular autonomia e independência, reduzir solidão e evitar maior esgarçamento da rede de suporte social (HAMMERSCHMIDT e SANTANA, 2020; LOPES e GARCIA, 2018).

O desenvolvimento de estratégias de cuidado à saúde do idoso em tempos de pandemia inclui a mediação por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TICs) em redes sociais, comunidades virtuais, educação digital, atividades para ocupação significativa do tempo livre, orientações para o autocuidado apoiado, telessaúde, entre outras (ABDI, 2010; SZWARCOWALD et al, 2021). Dessa forma, barreiras sociais e espaciais podem ser superadas, estimulando as atividades mentais e favorecendo a comunicação, interação, socialização e sentimento de pertencimento (FERREIRA e TEIXEIRA, 2017; ROMERO et al, 2021).

Assim, este estudo tem como objetivo relatar

a experiência de um projeto de extensão de uma iniciativa de educação em saúde sobre COVID-19, utilizando as TICs para construção de estratégias de cuidado à saúde do idoso, espaços de promoção do envelhecimento saudável e prevenção dos impactos negativos da solidão durante a pandemia do novo coronavírus que contou com a participação de 35 discentes e 15 docentes de curso de medicina no nordeste brasileiro.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo exploratório-descritivo, tipo relato de experiência, sobre o projeto de extensão “Brasil sem corona” desenvolvido por discentes do 4º, 6º, 8º e 10º período do curso de medicina e docentes da Escola Multicampi de Ciências Médicas - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN), entre esses, médicos, enfermeiros, fonoaudiólogos e psicólogos. O trabalho foi empenhado de março a outubro de 2020, advindo da necessidade localregional de acesso a informações cientificamente respaldadas para minimizar os riscos associados à pandemia da COVID-19.

Redes sociais foram escolhidas como recurso de suporte por serem ferramentas potentes para a disseminação de informação. Foi criado o perfil no *Instagram*®, com criação dos conteúdos pelos estudantes. Além disso, frentes de trabalho foram definidas para discutir diversos temas e dúvidas que emergiram com a pan-

demia.

Foram criadas seis frentes de trabalho para discutir acerca das seguintes temáticas: saúde do idoso; informações para profissionais e populações vulneráveis; centro de estudos COVID-19 e reforço das medidas preventivas; higiene, autocuidado e uso de máscaras; auxílio com propostas para saúde mental e reforço da solidariedade e empatia para quem está em quarentena; caça fake-news.

Uma das frentes, com foco na saúde do idoso, surgiu do reconhecimento dos impactos sofridos por essa população no período da quarentena e da necessidade de levar até ela orientações capazes de promover um melhor enfrentamento de tais repercussões com aporte da geriatria e gerontologia.

Após embasamento científico e estudo em grupos, as publicações eram pensadas para maior acessibilidade possível, com cronograma regular de postagem, como apresentado no quadro 1. O conteúdo trabalhado era exposto na forma de imagens ou vídeos elaborados pelos discentes e avaliados pelos docentes antes de serem publicados na rede social.

Posteriormente, a interação com o público foi avaliada a partir do alcance das publicações, número de curtidas e comentários, bem como, pela abertura de espaço para diálogo e para sanar dúvidas frequentes através de caixas de comentários pelos stories.

Quadro 1. Exemplo de cronograma de postagens semanais do BR sem Corona

Cronograma de Postagens
FEED: Não esqueça outras doenças! – Cuidados prática exercícios
STORY: Denúncia: violência contra o idoso
STORY: Reforço constante das medidas de distanciamento social
STORY: Reforço do reconhecimento de sinais e sintomas de quando ir ao hospital e quando ficar em isolamento social
FEED: Ansiedade na quarentena
STORY: Reforço adoção de famílias de idosos, que não devem sair de casa, na forma de campanha
STORY: Repostagens de onde buscar ajuda na Pandemia
STORY: Dia 26/07 - Dia da Vovó/ Dia dos Avós - mantenha contato com os idosos
FEED: Comentários Discriminatórios contra Idosos na pandemia

Fonte: Autoria própria

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudantes envolvidos no movimento foram instigados a manter pesquisa contínua acerca do tema para criar conteúdo capaz de sanar dúvidas e publicar orientações importantes para idosos, priorizando linguagem acessível e com informações atualizadas. Além do aspecto formativo com a leitura do conteúdo para elaboração das postagens, foi realizada a orientação e revisão do material junto aos docentes antes da publicação.

Nas publicações, buscou-se estimular hábitos de vida saudáveis, como a prática de atividades físicas para os idosos, ressaltando a importância desse hábito para a prevenção e tratamento de doenças crônicas, bem como para a saúde mental. Publicou-se imagens com exemplos de exercícios físicos e alongamentos simples que podem ser realizados em casa sem a necessidade de equipamentos específicos

Além do estímulo físico, foram feitos pôsteres sobre a importância dos estímulos cognitivos, com sugestões de algumas atividades simples para serem desempenhadas pela terceira idade, como assistir filmes, ler livros, jogar jogos de memória, entre outros, e estímulo social, incentivando a utilização das redes sociais como forma de promover a reaproximação dos laços pessoais que foram distanciados com a pandemia, com ligações de voz e videochamadas com familiares e amigos.

Visando tentar equilibrar a carga de notícias tristes que estiveram em circulação e intensificaram o medo e a ansiedade no contexto pandêmico, o projeto foi também um canal para disseminação de boas notícias, iniciativas de solidariedade e casos de recuperação da COVID-19, capazes de alimentar a esperança e reduzir o adoecimento psicológico da pessoa idosa.

Ademais, diante das preocupações que emergiram com a situação de pandemia, a COVID-19 assumiu o centro das atenções e deliberações. Com isso, os cuidados necessários com algumas doenças foram, por vezes, deixados em segundo plano. Negligenciou-se, assim, os cuidados com doenças crônicas muito

comuns entre os idosos, o que estimulou a elaboração de publicações acerca de temáticas como recomendações para pessoas com diabetes em tempos de pandemia, COVID-19 e dislipidemia, doença renal crônica, obesidade e doenças cardíacas.

Além dos contextos e problemáticas supracitadas, o movimento se dedicou ainda a outras frentes de combate e à discussão de temas como medidas de proteção e prevenção, cuidados com higiene, uso de máscaras e medidas de distanciamento social. Buscou-se ainda orientar essa população sobre quando e qual serviço de saúde procurar, facilitando sua busca e evitando contatos desnecessários com ambientes potencialmente contaminados, com vistas a minimizar os impactos da transmissibilidade da COVID-19.

Entre as diversas redes sociais, a escolha pelo Instagram se deu por este possibilitar formas acessíveis, personalizadas e criativas para conectar os alunos com os usuários. Os estudantes participaram ativamente da experiência desenvolvendo multicompetências e multi-habilidades, com aproximação à medicina baseada em evidências, mediação digital da informação médica, educação em saúde e educação, solidariedade intergeracional, formação geriátrico-gerontológica e trabalho colaborativo.

A análise das métricas apontam melhor alcance e desempenho nos temas que envolveram estratégias para evitar a solidão com dicas sobre plataformas para contato virtual, entretenimento, ações solidárias locais, canais de denúncias contra violência, alimentação saudável, exercício físico, entre outros. Referidas postagens coadunam-se ao paradigma da velhice ativa com a realização do potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso de vida e a participação na sociedade, de acordo com as necessidades, os desejos e as capacidades de cada um, ao mesmo tempo em que são oferecidas adequada proteção, segurança e cuidado, na medida das necessidades (WHO, 2002).

A conta apresentou 655 seguidores ao final do projeto, alcançando, principalmente, cidades do estado do Rio Grande do Norte, com

249 postagens de caráter informativo. Pode-se notar um positivo impacto formativo com os relatos apresentados pelos estudantes, uma vez que, ao passo que o domínio técnico dos temas foi conquistado, o aprendizado em relação à comunicação, atitudes e habilidades de trabalho em grupos foram também aperfeiçoadas.

Ademais, a representação docente do projeto se mostrou satisfeita com os resultados vistos não apenas nas estatísticas de alcance das postagens, como também nas reflexões advindas do movimento, que aprofundou saberes da saúde do idoso e aprimorou o vínculo da academia com a comunidade. O público-alvo, por sua vez, manteve contato e interação por meio da rede social, com espaço para diálogo e para sanar dúvidas frequentes. O projeto teve suas atividades encerradas no final de 2020, com utilização do perfil para um novo projeto iniciado em 2021, com foco no incentivo à vacinação e seguimento por outros discentes.

O objetivo de fomentar conexões e solidariedade intergeracionais foi alcançado, pois a análise de comentários e interações no conteúdo publicado estimulou a inclusão digital e solidariedade intergeracional, com famílias compartilhando situações e comentários sobre apoio para essa inclusão e de troca de informações entre jovens, adultos e idosos. O movimento “Brasil sem corona” também teve o potencial de contribuir com a formação pessoal e profissional dos estudantes envolvidos, promovendo o desenvolvimento de habilidades de comunicação, de linguagem acessível e de fácil entendimento, a apropriação de discussões de relevância para a saúde e o desenvolvimento social. Por meio do movimento, os alunos tiveram a oportunidade de contribuir com a promoção da saúde para a comunidade de forma qualificada e, sobretudo, humanizada, utilizando meio de comunicação popularizado e ainda mais evidente em tempos de distanciamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19 descortinou um cenário de desconhecimento e medo cujos impactos se mostraram multifacetados. Os idosos, além de representarem um dos principais grupos de risco para a doença, encaixam-se ainda como uma das populações mais suscetíveis a sofrer os impactos do distanciamento social e da solidão. A pessoa idosa precisou vivenciar o distanciamento social e todas as consequências que ele impõe, como o distanciamento familiar e a perda de hábitos de vida saudáveis, como prática de exercícios físicos e de lazer.

Nesse cenário, movimentos como o “Brasil sem corona” constituíram uma estratégia potente capaz de ajudar a pessoa idosa no enfrentamento de tempos de crise. As redes sociais se tornaram, progressivamente, uma importante ferramenta de aproximação dos laços distanciados pela quarentena e uma fonte para a disseminação de informações verdadeiras, atualizações e orientações acerca da COVID-19, bem como de outros temas importantes para a manutenção da saúde e do bem-estar.

Destarte, estudantes têm a possibilidade de inovar na busca de meios com o potencial de estabelecer uma comunicação eficaz com o público idoso diante da impossibilidade do contato social, incentivando a inclusão digital desses, bem como a conexão intergeracional. Assim, contribui-se também com o fortalecimento da responsabilidade social de jovens que, apesar de terem suas atividades acadêmicas interrompidas, utilizam os meios possíveis para contribuir com a promoção da saúde e a busca pela oferta de um retorno para a comunidade.

REFERÊNCIAS

ABDI. Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial. Cadernos Temáticos – Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC: Sistemas Aplicados a Saúde Humana. Brasília: **ABDI**, 2010.

AQUINO, E.M.L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2423-2446, jun. 2020.

BRASIL. **Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS)**. Protocolo de manejo clínico do coronavírus (COVID-19) na Atenção Primária à Saúde. Versão 8. Brasília, 2020.

DE FARIAS MOREIRA, E.M.; DE SOUSA, M.N.A. Olhares sobre o impacto do isolamento social à saúde mental do idoso. **Journal of Medicine and Health Promotion**, v. 6, p. 234-244, 2021.

FERREIRA, M.C.; TEIXEIRA, K.M.D. O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 153-167, 2017.

GARCIA, T.F.M. **Significados de velhice bem-sucedida segundo idosos: associações com déficit cognitivo, fragilidade e condições de saúde**. 2019. 141 f. Tese (Doutorado em Gerontologia) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2019.

HAMMERSCHMIDT, K.S.A.; SANTANA, R.F. Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19. **Cogitare enfermagem**, [S.1.], v. 25, apr. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/72849>>. Acesso em: 26 de jul. 2020.

KALACHE, A. et al. Envelhecimento e desigualdades: políticas de proteção social aos idosos em função da Pandemia Covid-19 no Brasil. **Rev Bras Geriatr Gerontol**, v. 23, n. 6, e200122, 2020.

LANDEIRO, F. et al. Reducing social isolation and loneliness in older people: a systematic review protocol. **BMJ Open**, v. 7, n. 5, may. 2017.

LIMA-COSTA, M.F. et al. The Brazilian longitudinal study of aging (ELSI-BRAZIL): objectives and design. **American journal of epidemiology**, v. 187, n. 7, p. 1345-1353, 2018.

LOPES, L.M.V.; GARCIA, T.F.M. Diálogos de vida na Tenda do Conto: cuidado, bem-estar e qualidade de vida no envelhecimento. In: Ensino, Saúde e Envelhecimento: inter(ações) dialógicas. 1 ed. Curitiba: **CRV**, v. 1, p. 99-117, 2018.

ROMERO, D.E. et al. Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cadernos de Saúde Pública** v. 37, n. 3, e00216620. Available from: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00216620>>. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00216620>.

SZWARCWALD CL, Souza Júnior PRB, Damacena GN, Malta DC, Barros MBA, Romero DE, Almeida WDS, Azevedo LO, Machado ÍE, Lima MG, Werneck AO, Silva DRPD, Gomes CS, Ferreira APS, Gracie R, Pina MF. ConVid - Behavior Survey by the Internet during the COVID-19 pandemic in Brazil: conception and application methodology. **Cad Saude Publica**. 2021 Apr 30;37(3):e00268320. English, Portuguese. doi: 10.1590/0102-311X00268320. PMID: 33950078.

VASCONCELOS, C.S.S.; et al. O novo coronavírus e os impactos psicológicos da quarentena. **DESAFIOS-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 7, n. Especial-3, p. 75-80, 2020.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Active ageing: a policy framework. Geneva: **World Health Organization**; 2002.

Revista
extensão

Pró-Reitoria de
Extensão

UF^{BA}B
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

ISSN (online): 2764-5878
ISSN (impresso): 2236-6784

ISSN 2236-6784



9772236678001 00001